



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

***A ESTUDANTE NOS* GUIA PARA A “GUERRA DOS CINCO DIAS”:  
VESTIBULARES DA UFS ENTRE 1970-1980**

**DANIELLE VIRGINIE SANTOS GUIMARÃES MARINHO**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**A *ESTUDANTE* NOS GUIA PARA A “GUERRA DOS CINCO DIAS”:  
VESTIBULARES DA UFS ENTRE 1970-1980**

**DANIELLE VIRGINIE SANTOS GUIMARÃES MARINHO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

**Área de Concentração:** História, Sociedade e Pensamento Educacional.

**Linha de Pesquisa:** História da Educação.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Josefa Eliana Souza.

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M338e Marinho, Danielle Virginie Santos Guimarães  
A *Estudante* nos guias para a "Guerra dos Cinco Dias" :  
vestibulares da UFS entre 1970-1980 / Danelle Virginie Santos  
Guimarães Marinho ; orientadora Josefa Eliana Souza. – São  
Cristóvão, SE, 2023.  
217 f. : il.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de  
Sergipe, 2023.

1. Ensino superior - História - Sergipe. 2. Universidade e  
faculdades – Vestibular – Sergipe. 3. Educação - História - Sergipe.  
4. História na arte. 5. Pintura de painéis. I. Augusto, Jenner, 1924-  
2003. II. Universidade Federal de Sergipe - História. III. Souza,  
Josefa Eliana, orient. IV. Título.

CDU 378.091.212.2:75.04(813.7)(091)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

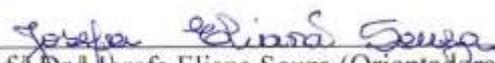


DANIELLE VIRGINIE SANTOS GUIMARAES MARINHO

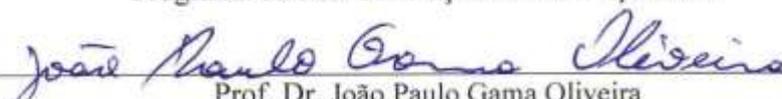
“A ESTUDANTE NOS GUIA PARA A “GUERRA DOS CINCO DIAS”: VESTIBULARES DA  
UFS ENTRE 1970-1980”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Universidade Federal de Sergipe e  
aprovada pela Banca Examinadora.

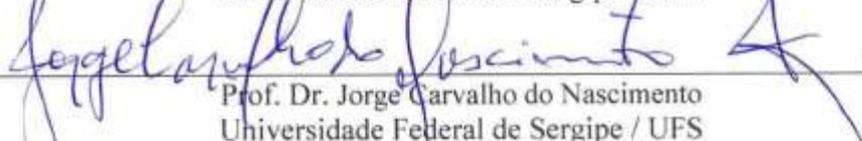
Aprovada em 27.02.2023

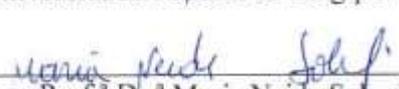
  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Josefa Eliana Souza (Orientadora)  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

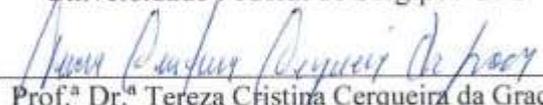
  
Prof. Dr. Luiz Eduardo Meneses de Oliveira  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

  
Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

  
Prof. Dr. Vladimir de Oliva Mota  
Universidade Federal de Sergipe / UFS

  
Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento  
Universidade Federal de Sergipe / UFS

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Neide Sobral  
Universidade Federal de Sergipe / UFS

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tereza Cristina Cerqueira da Graça  
Universidade Tiradentes / UNIT

## AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa acadêmica se encerra, e penso ser de extrema importância agradecer a quem comigo dançou no tempo. Afinal, são quatro anos.

Tornei-me mãe na noite seguinte ao meu primeiro dia de aula no Doutorado do PPGED, em 14/03/2019. Estava de volta à pós-graduação depois de sete anos, um dos motivos pelo qual decidi não me afastar novamente. Por isso, 15 dias após me submeter a um trabalho de parto de 20 horas que culminou em uma cesárea para trazer Adeline ao mundo, eu estava de volta à sala de aula do PPGED para ouvir Josefa Eliana, Marizete Lucini, Neide Sobral, Silvana Bretas, essas incríveis mulheres professoras que tanto inspiram gerações de outras mulheres professoras, como eu.

Mas, se pude retornar tranquila à UFS mesmo com uma recém-nascida de 15 dias de vida, é porque a minha “rede de apoio” não falhou. Adlenio, meu amado esposo, companheiro de 21 anos compartilhando os dissabores e as maiores doçuras, saiba que esse doutorado só foi possível graças a você. Muito obrigada!

Maternar, trabalhar, pesquisar, escrever e viver precisaram caber nas minhas 24 horas nos últimos anos. Se, na minha jornada diária (oficialmente) de oito horas de trabalho eu não pudesse contar com Darina, João Paulo e “Mainha” Fátima no suporte a Adeline durante as tardes, tudo seria muito mais complicado. Poder confiar uma filha aos cuidados e carinhos de pessoas tão íntegras e amorosas é um privilégio.

E, por falar em maternar, entrego cada linha deste trabalho àquela que me gerou, que lutou para me manter nas melhores escolas de Sergipe, que possibilitou que eu estudasse com mestres gigantes, que me forjaram enquanto aprendiz. Dona Fátima, a ciência permite a vida. Muito obrigada!

Meu pai me viu mestre, mas não me viu doutora. Certamente estaria muito orgulhoso se aqui estivesse. Mas a parte dele que permanece neste mundo sou eu, e, por isso, vibro todo seu desejo, que era visível, de me ver sempre bem e feliz.

Voltei para a pós-graduação da UFS após sete anos pelas mãos acolhedoras de Prof<sup>ra</sup>. Josefa Eliana. Grande Orientadora, firme e doce, presente e vigilante. Um farol!

Agradeço ao Professor Jorge Carvalho do Nascimento, a quem sou grata desde 2004, por quem nutro imensa admiração e muito respeito.

Agradeço à banca examinadora desta tese, composta por docentes/pesquisadores referências na educação sergipana: Prof. João Paulo Gama Oliveira, Prof. Vladimir de Oliva

Mota, Prof<sup>ª</sup>. Tereza Cristina Cerqueira da Graça, Prof<sup>ª</sup>. Neide Sobral, Prof. Luiz Eduardo de Oliveira.

O GREPHES é um grupo em que todos estão por todos. Um ambiente extremamente colaborativo e de compartilhamento. Deixo para todos o meu “muito obrigada”, mas nomino Wênia e Danilo (grupo do socorro), pois dividimos horas de angústias e de celebração de maneira mais intensa.

Uma pesquisa somente é possível com o apoio dos servidores dos espaços que salvaguardam documentos. A todos os meus mais sinceros agradecimentos. Estes também vão para os entrevistados para esta tese, que tanto contribuíram com suas memórias.

A Wesley pelo apoio amigo; a Edidelson pela mediação e pelo incentivo.

Ao sempre querido Cléber Santana.

## RESUMO

Em junho de 1980, o pintor Jenner Augusto entregou à Universidade Federal de Sergipe o painel *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, afixado no hall da reitoria desde então. Ao considerar a potência histórica que impregna a narrativa ilustrada no painel, esta tese dedica-se ao conhecimento de um dos temas emergentes a partir da análise da imagem em questão: o acesso à UFS por meio do vestibular entre os anos de 1970 e 1980. A periodização se refere ao ano de 1970, quando a UFS adaptou seu vestibular às determinações da Reforma Universitária de 1968, e à aposição do painel em 1980, uma vez que o objeto delimitado decorre da interpretação da figura da *estudante* que compõe o painel criado naquele ano. Esta é uma pesquisa em História da Educação e, como tal, se valeu de procedimentos metodológicos marcadamente relacionados ao campo. Destarte, apresenta-se como o resultado de uma investigação qualitativa, histórica, derivada de análise documental e crítica de fontes, bem como de levantamentos bibliográficos e biográficos, além de entrevistas e estudos iconográficos. Para atingir o objetivo central, que é o de analisar histórias do acesso à UFS (1970-1980) a partir das questões suscitadas pela narrativa visual “A estudante”, por meio da apreciação de publicações sobre os vestibulares da UFS na mídia impressa, foram traçados os seguintes objetivos específicos: apresentar histórias que emergem da análise semiótica da cena denominada “A estudante”, que compõe o painel *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*; dimensionar a repercussão do vestibular da UFS a partir da cobertura realizada pelos jornais sergipanos; conhecer o ambiente de preparação de vestibulandos por meio de depoimentos de professores fundadores de cursinhos pré-vestibulares privados de Aracaju. Outrossim, parte-se do entendimento de que “A estudante” é a representação pictórica de uma vestibulanda – personagem central da questão do acesso ao Ensino Superior –, e sua presença na narrativa visual de Jenner Augusto significa que o painel concebe a UFS em seu sentido universal (ensino, pesquisa e extensão) ao considerar o vestibular como parte original do ciclo acadêmico. Investiga-se, portanto, a hipótese de que, na década de 1970, a cobertura da mobilização em torno da “Guerra dos Cinco Dias”, como era chamado o vestibular da UFS pelos jornais impressos de Sergipe, produziu um volume de informações que possibilita mensurar historicamente a expectativa e as representações geradas pelo concurso. Por fim, esta tese é construída a partir da elaboração do significado da cena analisada por meio da semiótica, tendo Peirce (2015) como referencial, cujos princípios metodológicos adotam o confronto das percepções iniciais com os significados atribuídos a partir dos repertórios individuais dos analistas; do diálogo com o conceito de Representação, de Chartier (1991), de intelectual, de Bourdieu (1996), de geração, de Mannheim (1982), de História Oral, de Alberti (1990) e de vestibulares e Ensino Superior, de Franco (1985) e Souza (2015).

**Palavras-chave:** História do Ensino Superior. Jenner Augusto. Universidade Federal de Sergipe. Vestibular.

## ABSTRACT

In June 1980 the painter Jenner Augusto delivered to the Federal University of Sergipe a panel titled *Instrução, Cultura, Ciência e Arte* (Instruction, Culture, Science and Art), set at the rectory entrance hall since then. Considering the high historic potential that impregnates the narrative illustrated by the panel, this thesis dedicates itself to the knowledge of one of the themes that emerge from the analysis of the images at hand: the access to the Federal University of Sergipe (UFS) through the entrance exam then known as vestibular, between 1970 and 1980. The periodization refers to the year of 1970, when the UFS adapted its vestibular to the determinations of the University Reform on 1968, and also to the publication of the Ministerial Decree 321/1980, that determined substantial changes to vestibular across the country. The installation of the panel in 1980, is also remarkable because the depicted object derives from the interpretation of the figure of the student that composes the panel created in that same year. This is a research in the fields of History and Education and, as such, the methodological procedures employed were markedly related to these fields. Therefore, it arises as the result of a qualitative, historic, stemmed from critical and documentary analysis of sources, as well as bibliographic and biographical searches, in addition to interviews and iconographic studies. To achieve the main objective, which is to analyze stories of access to the UFS (1970-1980) from issues aroused by the visual narrative in “A estudante” (The Student), by means of the appreciation of publications about the UFS’s vestibular in print media, the following specific objective were drafted: to present stories that emerge from the semiotic analysis of the scene called “A estudante”, which integrates the panel *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*; to measure the impacts of UFS’s vestibular based upon Sergipe’s print media coverage; to know the environment of preparation courses for vestibulandos (students in preparation for the vestibular exam), through the statements of the teachers and founders of private vestibular exam preparation courses in Aracaju. Likewise, it is understood that “A estudante” is a pictorial representation of a vestibulanda — central character on the issue of the access to higher education — and her presence in Jenner Augusto’s visual narrative means that the panel conceives UFS in its universal meaning (teaching, research and extension) when considering the vestibular as the point of origin of the academic cycle. This work investigates the hypothesis that during the decade of the 1970’s, the press coverage about the “Guerra dos Cinco Dias” (Five Days’ War), as the print media in Sergipe called the UFS’s vestibular period, produced a volume of information that makes it possible to historically gauge the expectations created by the exam. Finally, this thesis is built upon the elaboration of the meaning of the scene through the perspective of semiotic analysis, taking for reference Peirce (2015), whose methodological principles embrace the confrontation of initial perceptions with meanings attributed according to the analysts’ individual repertoire; the debate of the concepts of Representation, Chartier (1991), intellectual, from Bourdieu (1996), generation, from Mannheim (1982); vestibulares and higher education, Franco (1985) and Souza (2015).

**Keywords:** History of Higher Education. Jenner Augusto. Federal University of Sergipe. Vestibular.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Reprodução fotográfica do painel de Jenner Augusto localizado no hall da reitoria da UFS.....	11
<b>Figura 2:</b> Índice do livro de Roberto Pontual sobre Jenner Augusto.....	42
<b>Figura 3:</b> Painel do Cacique Chá.....	48
<b>Figura 4:</b> Ilustração de Jenner Augusto em <i>Revista Época</i> – A.....	50
<b>Figura 5:</b> Ilustração de Jenner Augusto em <i>Revista Época</i> – B.....	50
<b>Figura 6:</b> Tobias Barreto de Meneses.....	61
<b>Figura 7:</b> Antônio Tavares de Bragança.....	62
<b>Figura 8:</b> Augusto César Leite.....	62
<b>Figura 9:</b> Cena “A formatura”.....	63
<b>Figura 10:</b> Missa solene de formatura.....	66
<b>Figura 11:</b> Excerto do Painel – “A estudante”.....	84
<b>Figura 12:</b> Vestibular realizado no Estádio Estadual Lourival Baptista.....	98
<b>Figura 13:</b> Capa do jornal <i>Gazeta de Sergipe</i> de 20 de janeiro de 1971.....	100
<b>Figura 14:</b> Normas Gerais para o vestibular da UFS de 1973.....	106
<b>Figura 15:</b> Aprovados no vestibular de 1973.....	109
<b>Figura 16:</b> Charge sobre o vestibular publicada no <i>Jornal da Cidade</i> (12/01/1973).....	110
<b>Figura 17:</b> Aprovados no vestibular de 1973.....	115
<b>Figura 18:</b> “A Guerra dos Cinco Dias”.....	118
<b>Figura 19:</b> Detalhes das provas objetivas do vestibular realizado no Estádio Estadual Lourival Baptista.....	121
<b>Figura 20:</b> Destaque dado ao vestibular pelo JC de 8/01/1974.....	122
<b>Figura 21:</b> Destaque dado ao vestibular na capa do JC de 8/01/1974.....	123
<b>Figura 22:</b> Reprodução do caderno de normas contendo informações sobre o vestibular da UFS de 1975.....	124
<b>Figura 23:</b> O corte – capa do JC de 9/01/1975.....	127
<b>Figura 24:</b> Cobertura do vestibular UFS/1976 pelo JC.....	130
<b>Figura 25:</b> É guerra!.....	131
<b>Figura 26:</b> Reprodução de ficha de inscrição no vestibular da UFS de 1977.....	133
<b>Figura 27:</b> Normas gerais e programas para o concurso vestibular 1972-1975.....	147
<b>Figura 28:</b> Parte interna de um caderno de normas do ano de 1975.....	149
<b>Figura 29:</b> Normas gerais e programas para o concurso vestibular 1976-1979.....	150

<b>Figura 30:</b> Programa de Biologia do vestibular de 1973.....	151
<b>Figura 31:</b> Reprodução de questionário social, parte do manual do candidato, 1980.....	152
<b>Figura 32:</b> Cadernos de provas do vestibular da UFS 1974.....	153
<b>Figura 33:</b> Cadernos de provas de 1979.....	155
<b>Figura 34:</b> Cadernos de provas de 1977.....	156
<b>Figura 35:</b> <i>A Estudante</i> .....	159
<b>Figura 36:</b> Propaganda do Curso Abril vestibular no ano de 1977.....	178
<b>Figura 37:</b> Propaganda do Curso Abril vestibular nos anos de 1976-1977.....	179
<b>Figura 38:</b> Reprodução da prova de História do Vestibular de 1974.....	196

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Dissertações e teses produzidas pelo GREPHES sobre a história da UFS e temas afins.....	14
<b>Quadro 2:</b> Temas recorrentes nas pinturas de Jenner Augusto.....	45
<b>Quadro 3:</b> Lista de artigos da <i>Revista Época</i> .....	52
<b>Quadro 4:</b> Diplomas expedidos pela UFS entre 1968 e 1972.....	116
<b>Quadro 5:</b> Gerações de professores de cursos pré-vestibulares (anos 1970).....	172

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1 <i>CORPUS</i> CONCEITUAL.....	17
1.2 <i>CORPUS</i> DOCUMENTAL.....	28
1.3 AS SEÇÕES DESTA TESE.....	31
<b>SEÇÃO 2 – INSTRUÇÃO, CULTURA, CIÊNCIA E ARTE: UM PERCURSO PELO PAINEL DE JENNER AUGUSTO</b> .....	33
2.1 JENNER AUGUSTO DA SILVEIRA: UM MODERNISTA BRASILEIRO.....	43
2.1.1 <i>A Revista Época</i> e o encontro de Jenner Augusto com o Modernismo.....	46
2.1.2 Jenner Augusto na Bahia.....	55
2.2 DESCRIÇÃO DO PAINEL.....	58
<b>SEÇÃO 3 – OS VESTIBULARES DA UFS ENTRE 1970-1980</b> .....	72
3.1 SITUANDO O OBJETO: O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR (1970-1980).....	72
3.2 O VESTIBULAR NA HISTORIOGRAFIA EDUCACIONAL SERGIPANA: NOTAS SOBRE VESTIBULARES DAS ESCOLAS SUPERIORES DE SERGIPE.....	78
3.3 O ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES E O QUE “A ESTUDANTE” COMUNICA..	84
3.4 O VESTIBULAR DA UFS NAS PÁGINAS DOS JORNAIS SERGIPANOS.....	91
3.4.1 Dez anos de “guerra”.....	93
3.5 A MATERIALIDADE DOS VESTIBULARES DA UFS.....	145
3.5.1 Os cadernos de normas e de provas do vestibular.....	146
3.6 CONDIÇÕES HISTÓRICAS SUBJACENTES À ANÁLISE DA ESTUDANTE.....	159
<b>SEÇÃO 4 – DA PREPARAÇÃO AO RESULTADO: O PROTAGONISMO DOS CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES</b> .....	168
4.1 PRÁTICAS DOCENTES: A LIBERDADE PARA OUSAR.....	1
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	201
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	206

## 1 INTRODUÇÃO

**Figura 1:** Reprodução fotográfica do painel de Jenner Augusto localizado no hall da reitoria da UFS



Fonte: Acervo da Prof<sup>ª</sup>. Josefa Eliana Souza.

Paro diante de *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, um painel composto pela junção de três telas afixado no hall do prédio da reitoria da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Mais do que observá-lo, busco lê-lo. E ler, além de decodificar, é interpretar. E interpretar exige ativar o processo mental de percepção. Esse processo, que lida com a forma em si e com sua elaboração, além da obra, evoca seu entorno, suas condições subjacentes.

A placa ao lado do painel informa que a autoria é do pintor sergipano Jenner Augusto da Silveira (1924-2003) e que foi encomendado pelo professor José Aloísio de Campos, à época reitor da UFS. Inaugurado em 10 de junho de 1980, o painel dá imagem a uma representação da UFS planejada por Aloísio de Campos e executada por Jenner Augusto.

Com uma narrativa polissêmica, devido a uma profusão de signos e ao próprio conceito de universidade, que é universal e múltiplo em sua essência, nele – o painel –, Jenner Augusto explorou a relação entre a Arte e a Ciência, referindo-se à UFS como o *locus* da produção e do encontro entre ambas. Apesar da grandiosidade física do painel, infiro que, com o passar dos anos, sua existência passou a compor de maneira orgânica o espaço em que se encontra, fazendo com que seja pouco percebido enquanto obra de arte, passível de contemplação, tornando-se

um adorno decorativo naquele espaço. Suponho, porém, que poucos notam que ali está representada a UFS em todo seu *fluendo crescit*<sup>1</sup>.

Considero que do painel emerge a representação de uma UFS gloriosa, centrada nos pilares que a compõem: ensino, pesquisa e extensão. Interpreto que o painel foi encomendado para dar imagem à UFS planejada por Aloísio de Campos, cumprindo, assim, o papel de ilustrar uma narrativa histórica sobre a UFS idealizada por seus personagens. Pergunto e exclamo: quantas histórias este painel tem a contar?!

Percebo, de imediato, a projeção de “cenar” naquela pintura. São passagens com representações simbólicas do que poderiam ser ou se tornarem fragmentos históricos da UFS. Concluo que o painel possui uma grande carga simbólica e que, se olhá-lo com cuidado, posso trazer à tona processos relativos à configuração da UFS que certamente subjazem à narrativa visual pintada por Jenner Augusto.

Essa narrativa traz uma estudante como arauto. Com o corpo projetado para a direita do observador, ela me guiou na direção, no trajeto da leitura daquela imagem. A sua figura é intrigante: carrega certa androginia, é firme em seu aparente caminhar e faz a transição entre a estudante ginásial e a acadêmica. Sua figura, nessa primeira impressão pessoal, simboliza rito, passagem, acesso. E a forma de acesso à academia, rito pelo qual inevitavelmente aquela estudante precisou passar para se tornar acadêmica, foi o **vestibular**. É sobre esse tema que esta pesquisa versa.

Aguçada a curiosidade, uma questão emergiu: a figura da estudante pintada no painel simboliza uma **vestibulanda**? Ao estabelecer a relação entre a personagem e sua condição, e considerando a hipótese de que sua presença na imagem se deu por meio da escolha de Jenner Augusto em retratar a UFS à luz dos pilares da universidade, ensino – pesquisa – extensão, avalei que teria um **problema** a ser resolvido a partir de então: como se dava o acesso à UFS “naquele tempo”? O que eu precisava conhecer, portanto, eram as histórias dos concursos vestibulares para a admissão naquela instituição.

Destarte, o **objetivo geral** estabelecido foi analisar histórias do acesso à UFS (1970-1980) a partir das questões suscitadas pela narrativa visual “A estudante” por meio da apreciação de publicações sobre os vestibulares da UFS na mídia impressa. Além da literatura afinada à temática, para atingi-lo, tracei os seguintes **objetivos específicos**: apresentar histórias

---

<sup>1</sup> *Fluendo Crescit* é o lema do brasão da UFS, criado em 1970 por Irmão Paulo Lachenmayer, que “enobrece tanto a cátedra docente como o corpo de alunos da jovem Universidade sergipana: ‘Flutuando cresce’”. Cf.: SOUZA, Eliana. **História e Memória da Universidade Federal de Sergipe**: 1968-2012. São Cristóvão: Editora UFS, 2015. p. 412-415.

que emergem da análise semiótica da cena denominada “A estudante”, que compõe o painel *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*; dimensionar a repercussão do vestibular da UFS a partir da cobertura realizada pelos jornais sergipanos; conhecer o ambiente de preparação de vestibulandos por meio de depoimentos de professores fundadores de cursinhos pré-vestibulares privados de Aracaju.

Ao percorrer o painel com os olhos, percebo que a associação ao vestibular não está restrita à interpretação da cena da estudante. Estão representados, naquela narrativa visual, profissionais de diversas áreas, cujas formações eram ofertadas pela UFS, exceto, naquele momento (1980), as ligadas ao campo da Arte. Retomarei essa discussão mais adiante, pois neste primeiro momento é preciso compreender a construção do objeto de pesquisa desta tese.

Ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior – GREPHES em 2017 com a intenção de estudar o acervo artístico da UFS, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josefa Eliana Souza. A UFS possui duas galerias de Arte que funcionam como espaços de exposição: “Jordão de Oliveira”, na Biblioteca do campus de São Cristóvão, e “Florival Santos”, no Centro de Cultura e Arte – CULTART. Atualmente, o CULTART abriga grande parte desse acervo em uma reserva técnica que foi organizada sob coordenação do Prof. Dr. Otávio Luiz Cabral, do Departamento de Artes Visuais e Design.

Sou licenciada em Artes Visuais pela UFS. Por isso, desde 2004, quando iniciei no campo da pesquisa em História da Educação, sob orientação do Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, alio as duas áreas de pesquisa. Durante o mestrado, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eva Maria Siqueira Alves, pesquisei sobre a História da Disciplina Escolar Desenho, buscando entender a concepção e o caráter artístico da matéria lecionada no Atheneu Sergipense no início do século XX.

O GREPHES tem produzido e publicado pesquisas referentes à história da UFS (quadro 1) desde 2010. Além de se dedicar ao estudo da história da criação, da implantação e do funcionamento daquela universidade, desenvolve estudos sobre: trajetórias de intelectuais da educação, representações, práticas pedagógicas, processo de ingresso do aluno na instituição, criação, circulação e difusão de impressos da UFS e lugares de memória. O quadro a seguir demonstra a atuação do GREPHES no campo dos estudos sobre a história do Ensino Superior em Sergipe.

**Quadro 1:** Dissertações e teses produzidas pelo GREPHES sobre a história da UFS e temas afins

<b>Autor/Área de formação</b>	<b>Categoria/Ano</b>	<b>Título da Produção</b>
Kátia de Araujo Carmo/ Licenciatura em Ciências Biológicas	Dissertação – 2011	Uma História do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Sergipe: Para quê? O quê? Para quem? Como?
Anna Karla de Melo Silva/ Pedagogia	Dissertação – 2014	Felte Bezerra: um quartel de atividades lítero-científicas.
Ane Rose de Jesus Santos Maciel/ Licenciatura em História	Dissertação – 2016	Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos.
Danilo Mota de Jesus/ Odontologia	Dissertação – 2018	Uma História da Odontologia em Sergipe: do ensino à estruturação do “campo” (1925-1975).
Salim Silva Souza/ Biblioteconomia	Dissertação – 2018	O curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe (2008-2017): criação, implantação e funcionamento.
Andréia Bispo dos Santos/ Pedagogia	Dissertação – 2018	Preservando memórias, escrevendo histórias: um olhar sobre o arquivo central da Universidade Federal de Sergipe (1998-2016)
Patrícia de Souza Nunes/ Educação Física	Tese – 2018	Memória e biografia coletiva de médicos docentes sergipanos: intelectualidade, política, cultura e sociabilidade.
Ane Rose de Jesus Santos Maciel/Pedagogia	Tese – 2020	Sob a tutela da moral e os auspícios da ordem: a trajetória de Dom Luciano Cabral Duarte no Conselho Federal de Educação – 1968-1986.
Ricardo Costa	Tese – 2020	Ecos de um Brasil Francófono: a Língua Francesa no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1960-2013).
Elizabete Farias	Tese – 2022	O Curso de Enfermagem da UFS e a trajetória histórica das Práticas do Cuidado: da criação do Departamento de Saúde Pública à consolidação do campo em Sergipe (1931-1979).
Danilo Mota de Jesus	Tese – 2022	Docência em Odontologia: do consultório para as salas de aula da Universidade Federal de Sergipe (1972-1979).

Fonte: Diretório CNPq, 2022.

A produção exposta no quadro consolida o GREPHES como uma referência para o estudo da História do Ensino Superior em Sergipe, bem como para o estudo da História da UFS.

Nesse sentido, esta pesquisa está afinada com a produção do Grupo por se tratar de mais uma contribuição ofertada à comunidade sobre a história de uma instituição que há décadas forma sergipanos em diversos campos e níveis, desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

Nos momentos de discussões sobre a produção do grupo e possíveis temas para esta tese, lapidei internamente a proposta inicial, pois o painel de Jenner Augusto, que faz parte do acervo de obras de arte da UFS, já me chamava atenção há algum tempo. Lancei a proposta de estudá-lo como peça desse acervo, mas fui surpreendida pela provocação de minha orientadora, que, ao saber que eu atuava como professora substituta da disciplina “Introdução à produção e análise da imagem”, me perguntou: “Por que você não analisa o painel?” Amadurecemos a ideia, escrevi o projeto submetido à banca avaliadora do Doutorado em Educação do PPGED/UFS e aqui estou.

Iniciadas a atividade de pesquisa e a localização das fontes, ocorreu o que desconfiávamos, e o painel revelou a profusão de potenciais teses. Cada uma das cenas pintadas por Jenner Augusto apresenta indícios, sugere temas, desperta questões que, para interpretá-las, o restrito tempo do doutoramento seria insuficiente, ao menos para os limites desta pesquisadora. Àquela altura da investigação, a enigmática *estudante* foi a cena escolhida para ser lida e interpretada em sua profundidade comunicativa por representar a história do acesso ao Ensino Superior por meio do vestibular, tema inédito nos estudos sergipanos e brasileiros no que se refere à abordagem realizada por esta tese.

Esse ineditismo, quanto à forma definida para tratar do tema, comprovou-se a partir de pesquisas em diretórios e repositórios virtuais de estudos científicos. As buscas realizadas no Repositório Institucional da UFS exibiram como resultados para as palavras-chave “vestibular”, “vestibulares”, “concurso vestibular” e “exames de admissão” trabalhos acadêmicos que abordavam o tema de forma transversal, sem tê-lo como prioridade. Nesses estudos, o vestibular aparece como parte integrante da história de instituições ou cursos específicos ou como políticas de acesso ao Ensino Superior sob o viés sociológico, o que não impediu esses estudos de serem analisados para a elaboração de um estado da arte.

No Diretório de Dissertações e Teses da Capes, a pesquisa pelo termo “vestibular” resultou na indicação de 2.705 (dois mil, setecentos e cinco) resultados. Considerando que “vestibular” também denomina o “aparelho ou sistema vestibular” e que os estudos correspondentes se encontram, portanto, na área de Saúde, refinei a busca por grande área do conhecimento: Ciências Humanas/Educação/Linguística, Letras e Artes. O resultado caiu significativamente para 86 (oitenta e seis) trabalhos.

Durante o levantamento, identifiquei que o vestibular era estudado à luz de questões referentes ao acesso ao Ensino Superior nos anos 1990; aos estudos de caso regionais a partir do histórico de universidades específicas em períodos distintos do delimitado por esta tese; à oralidade e prova de redação; à associação entre sucesso escolar e aprovação no vestibular; ao perfil socioeconômico de candidatos (também situados nos anos 1990 e 2000); aos cursos preparatórios e ao Ensino Médio; à medição de qualidade do Ensino Médio, entre outros temas não relacionados a esta proposta.

Esta tese adota a postura analítica de refletir sobre os discursos, sobretudo os veiculados nos jornais impressos, e as representações sobre o acesso à UFS na década de 1970, marco temporal correspondente à adequação dos vestibulares da UFS às determinações da Reforma Universitária de 1968, até a origem da *estudante*, em 1980, data da concepção do painel por Jenner Augusto.

A Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, fixa normas de organização e funcionamento do Ensino Superior e sua articulação com a escola média, além de outros temas. O objetivo do Ensino Superior, segundo o Art. 1º da Lei de 1968, é a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissional de nível universitário. O Art. 17, ao dispor sobre o acesso, determina que este se dê mediante a classificação no concurso vestibular. Mais adiante traz:

Art. 21. O concurso vestibular, referido na letra *a* do artigo 17, abrangerá os conhecimentos comuns as diversas formas de educação do segundo grau sem ultrapassar este nível de complexidade para avaliar a formação recebida pelos candidatos e sua aptidão intelectual para estudos superiores.

A Lei de 1968 dispõe ainda sobre a questão do vestibular unificado, com provas idênticas para todos os cursos na mesma universidade e que na UFS viria a acontecer dessa forma a partir de 1970. Em 1968 e 1969, o vestibular foi realizado separadamente. A unificação foi acatada pela UFS para o concurso de 1970, após a criação da comissão no prazo estipulado pela Lei. O primeiro vestibular unificado da UFS foi em 1970.

A partir da unificação, percebi as alterações na abordagem do assunto pelos jornais impressos, que até então destacavam os vestibulares das faculdades, anteriormente denominadas isoladas, com uma cobertura menos intensa do que a iniciada em 1970. Trabalhei, a partir de então, com a hipótese de que, na década de 1970, a cobertura da mobilização em torno da “Guerra dos Cinco Dias”, como era chamado o vestibular da UFS pelos jornais impressos de Sergipe, produziu um volume de informações que possibilita mensurar

historicamente a expectativa gerada pelo concurso. Para abranger tal fenômeno, precisei perceber o vestibular em sua amplitude, embora seja complexo dimensionar o quanto concursos dessa natureza podem promover de alteração nas rotinas dos grupos e locais envolvidos. Para se pensar em vestibular, é preciso ir além do momento de realização das provas.

Desde a formação das comissões de seleção – às quais competem a contratação da banca e a organização do certame –, passando pela elaboração das questões, a atuação e as disputas entre os cursos preparatórios, a importância atribuída aos professores dos pré-vestibulares, as escolas onde os concorrentes cursavam as séries finais, as expectativas dos candidatos, familiares e amigos, a reorganização do comércio no entorno dos locais de aplicação das provas, o aumento no número de canetas esferográficas azuis ou pretas vendidas, a mobilização e o domínio das pautas nos meios de comunicação, as alterações de rotas de trânsito, as comemorações, as decepções, todos esses acontecimentos estão relacionados ou são afetados direta ou indiretamente pelo vestibular.

### 1.1 *CORPUS* CONCEITUAL

Entendo que ler uma imagem é um ato de tamanha seriedade que exige método específico para tal intento. Observo a recorrência do uso da imagem nos estudos históricos majoritariamente com a finalidade ilustrativa, o que desperdiça grande parte do potencial de significação que a imagem pode ter para a construção de uma interpretação histórica.

Peter Burke (2017, p. 19), ao discorrer acerca do relacionamento entre historiador e imagem, aponta que é menor o número de historiadores que optam pelo uso da imagem como evidência histórica. Afirmo ainda que,

Quando utilizam imagens, os historiadores tendem a tratá-las como meras ilustrações, reproduzindo-as nos livros sem comentários. Nos casos em que as imagens são discutidas no texto, essa evidência é frequentemente utilizada para ilustrar conclusões a que o autor havia chegado por outros meios, em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões.

Essa resistência pode ser explicada pelo domínio da análise fundamentada em rigor metodológico por parte do pesquisador. O estudo de uma imagem não se faz de maneira aleatória. É necessário determinar previamente o diálogo com o método e conhecer os códigos culturais que a circundam. Para tanto, o conhecimento acerca do referencial inerente aos processos de atribuição de significação é fundamental. Ressalto que apenas esse procedimento resultará em uma interpretação que se aproxime da verdade ou das reais intenções dos autores

das imagens. O tratamento dado à imagem como fonte é o mesmo dado a qualquer outra fonte. Ressalte-se que a *estudante* é representação, e seu poder comunicativo implica todo um entorno de informações que em dado momento a qualificam como fonte.

Para utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente de suas fragilidades. A “crítica da fonte” de documentos escritos há muito tempo tornou-se parte essencial da qualificação dos historiadores. Em comparação, a crítica da evidência visual permanece pouco desenvolvida, embora o testemunho de imagens, como o dos textos, suscite problemas de contexto, função, retórica, recordação [...]. (BURKE, 2017, p. 26).

Para experimentar a crítica à evidência visual, ao estabelecer o diálogo sobre o método, optei pela semiótica tratada por Charles Sanders Peirce (2015) para a análise da *estudante* pintada por Jenner Augusto. Essa opção consiste na intenção de tornar a interpretação da imagem mais racional e relacioná-la de forma mais próxima aos fatos que ela representa. Parte da inferência à comprovação ou ao esforço para tal.

Na teoria semiótica, a condição de *primeiridade* está relacionada à *originalidade*, que para Peirce (2015, p. 27) consiste em “algo que é aquilo que é, sem referência a qualquer outra coisa dentro dele ou fora dele, independentemente de toda a força e de toda a razão”. Na qualidade de **ser**, a coisa ou o fato original **são** porque **são**, e **são** assim por simplesmente **serem**.

Segundo Peirce (2015, p. 25-26), o mundo está repleto de coisas assim: que são porque são, fenômenos que acontecem porque acontecem, e geralmente não nos atentamos para isso.

Ora, o mundo está cheio deste elemento de originalidade irresponsável, livre. Por que a parte central do espectro deve parecer verde e não violeta? Não há razão concebível para isso, nem existe qualquer compulsão. Por que nasci eu na Terra, no século XIX e não em Marte há mil anos? Por que espirrei hoje exatamente cinco horas, quarenta e três minutos e vinte e um segundos depois que um certo homem na China assobiou (supondo-se que isto realmente aconteceu)? [...] Todos estes são fatos que são o que são, simplesmente porque acontece que são assim. Na maior parte das vezes, negligenciamos tais fatos, mas há casos, como nas qualidades do sentir, autoconsciência, etc., nos quais esses lampejos isolados vêm para o primeiro plano.

Sendo o que são, os elementos visuais ou *ícones* que aparecem dispostos no espaço do painel, que promovem a experiência sensorial posteriormente denominada “cena da estudante”, requerem do observador um mínimo esforço perceptivo. O *ícone* estabelece uma comunicação. Nesse sentido, os elementos sugestivos/referentes ao corpo feminino (figura 1), à sua indumentária e aos acessórios levam à relação dos elementos visuais à representação de uma

jovem estudante. Essa consequência do pensamento, ou ideia segunda, se constitui uma relação e é denominada por Peirce (2015) de *secundidade*.

A *secundidade* é indiciária. Nela, o signo não é exatamente o que é, mas o que a *primeiridade* suscita. A *primeiridade* é a primeira percepção. A *secundidade* é a relação. E dessa relação surge uma condição terceira ou *terceiridade*, que é “a mediação ou a modificação da primeiridade e da secundidade pela terceiridade. [...] a mediação genuína é o caráter de um signo e um signo é tudo aquilo que está relacionado a uma segunda coisa: seu objeto” (PEIRCE, 2015, p. 31).

A semiótica, enquanto método, requer a adoção de operações tricotômicas. Daí surge o exercício de ver – relacionar – mediar. A segunda tricotomia dos signos tratada por Peirce (2015) denomina o signo por *ícone*, *índice* e *símbolo*.

Focados em formas convencionais de comunicação, subestimamos muitas vezes a nossa capacidade de produção de linguagem por outros meios. A supremacia da linguagem escrita foi objeto de provocação de Santaella (2012, p. 14), que expõe:

[...] na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar no mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também por meio da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos por meio de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Por meio de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir, do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem.

Essa consequência do condicionamento histórico, que aqui chamo de “supremacia da linguagem escrita”, ainda na década de 20 do século XXI, pôs em questão inúmeras vezes a existência desse tipo de pesquisa. Não que houvesse dúvida quanto ao seu potencial científico e de produção de resultados, mas quanto aos procedimentos. Porém, parto da concepção peirciana (2015, p. 75) de que “o lógico não se importa com qual possa ser o resultado; o seu desejo é o de compreender a natureza do processo pelo qual se alcança o resultado”.

Conhecidas as trilhas que conduzem o processo de significação, o percurso de análise do painel e de todas as cenas isoladas e conectadas foi: ver o painel ▶ identificar os ícones ▶ estabelecer a relação dos ícones com o que representam ▶ formular a representação a partir da relação estabelecida. Esse procedimento de atribuição de significado é possível a partir de um

quarto movimento: o diálogo entre o que está pintado enquanto narrativa visual e o que está registrado em outras e diversas fontes históricas.

Peirce (2015) esmiúça suas categorias e em diferentes tempos aprofunda o conceito de cada uma delas. O *signo*, por exemplo, é objeto de incontáveis inflexões. Em uma delas, quando reflete sobre a divisão dos signos, expõe: “[...] não é uma tarefa fácil quando se parte de uma noção não muito clara do que seja um signo – e o leitor seguramente terá observado que minha definição de signo não é convincentemente clara [...]” (PEIRCE, 2015, p. 176).

A noção de *signo* em Peirce (2015, p. 74) pode ser simplesmente definida por “qualquer coisa que conduz a outra coisa (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu objeto) de modo idêntico, transformando-se o interpretante em signo e assim sucessivamente *ad infinitum*”, num processo denominado semiose. Concluo, portanto, que o painel é um objeto, um signo, e esta tese consiste na narrativa do processo de busca de seu significado, a fim de confirmar a hipótese de que a sua feitura envolve diversas tramas subjacentes, nele expostas, que contam a história da UFS no momento de sua produção.

Conforme Peirce (2015), inferências, numa aproximação com a ciência, devem partir de induções, deduções ou hipóteses e, conseqüentemente, originar respostas afirmativas, negativas ou incertas. É uma inferência, por exemplo, a interpretação de qual era a relação de Jenner Augusto com o mundo, a partir do artista que se revela no painel, de acordo com a minha leitura. O que interpreto e concluo não necessariamente é. Contudo, como esse também foi um exercício desta tese, procurei perceber o que fundamentava essa relação, entendendo – seguindo Umberto Eco (2016) – essa como uma relação dinâmica na qual o olhar do artista, ou seja, sua forma de interpretar e compor, é o ditado de seu pensamento.

A semiótica estuda os fenômenos que produzem significado e sentido e se refere a todas as linguagens, podendo ser definida como a doutrina dos signos. Assim explica Peirce (2015, p. 46):

Um signo ou *representâmen* é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto.

Para exemplificar, pensemos em uma maçã: o desenho de uma maçã, embora represente uma maçã, não é uma maçã (fruto). E é dessa ilusão que busco dar conta. Estar diante de uma imagem pode pressupor, em um primeiro momento, o conhecimento do seu significado. Uma imagem que se oferta pronta pode ser um perigo interpretativo para o pretense historiador. Por

isso, volto à reflexão inicial deste texto: ler é interpretar e, neste caso, investigar os meandros da construção da imagem em questão. Peirce (2015, p. 10) explica que

Há três tipos de signos indispensáveis ao raciocínio; o primeiro é o signo diagramático ou ícone, que ostenta uma semelhança ou analogia com o sujeito do discurso; o segundo é o índice que, tal como um pronome demonstrativo ou relativo, atrai a atenção para o objeto particular que estamos visando sem descrevê-lo; o terceiro (ou símbolo) é o nome geral ou descrição que significa seu objeto por meio de uma associação de ideias ou conexão habitual entre o nome e o caráter significado.

Essa definição traduz o espírito desta tese, que analisa a *estudante* como cena do painel desde sua concepção icônica até a elaboração particular de seu significado (a representação do acesso à UFS, que se dava após a aprovação no vestibular). Quanto ao método, adoto um modelo tricotômico, que, ao seguir a proposta peirciana (ícone, índice e símbolo), me possibilitou a identificação e o estabelecimento das relações necessárias para, por fim, chegar ao conhecimento da história dos vestibulares realizados pela UFS na década de 1970. Ressalto que o painel, em sua totalidade, não deixa de ser objeto de análise nesta tese, mas o aprofundamento da pesquisa se deu na sua primeira cena, “A estudante”. Consideraria a exérese da cena do restante do painel um equívoco se eu desconsiderasse o restante da narrativa que ela apresenta. Assim sendo, o painel será apresentado na Seção 2 desta tese.

Questionar a imagem, entender seus problemas estéticos e narrativos, estabelecer uma relação crítica com a fonte é o percurso tomado por esta pesquisa. “Imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece” (JOLY, 1994, p. 13). Durante o estudo do painel, inúmeras inquietações surgiram, o que poderá ser percebido ao longo desta leitura. Para resolvê-las, busco abranger o processo de produção de sentido atribuído por Jenner Augusto, sua representação acerca da UFS, bem como a contribuição do painel na consolidação da imagem que a gestão da UFS, naquele momento, quis passar para a sociedade sergipana. Então, “[...] abordar ou estudar certos fenômenos sob seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações” (JOLY, 1994, p. 43).

Trato a *estudante* como representação, e tal entendimento significa dizer que a imagem foi integralmente trabalhada como um signo, que em determinado momento também se deu a ler/ser percebido como fonte histórica, uma vez calibradas as suas possibilidades circundantes a partir das interpretações que suscitou.

É preciso não esquecer, com efeito, que se toda imagem é representação, tal implica que ela utilize necessariamente regras de construção. Se estas representações são compreendidas por outros que não aqueles que as fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convenção sociocultural, por outras palavras, que elas devem grande parte de sua significação ao seu aspecto de símbolo, segundo a definição de Peirce. É ao permitir-nos estudar esta articulação da imagem entre semelhança, vestígio e convenção, isto é, entre ícone, índice e símbolo, que a teoria semiótica nos permite perceber não apenas a complexidade, mas também a força da comunicação pela imagem. (JOLY, 1994, p. 44).

Jenner Augusto atendeu a uma encomenda. Aloísio de Campos o incumbiu da elaboração de um painel artístico e “lhe sugeriu que a obra tivesse como tema, Sergipe. Após algumas conversas, entretanto, Jenner preferiu escolher o tema Universidade [...]” (SANTANA, apud SOUZA, 2015, p. 383). O motivo dessa mudança se revelou uma questão sobre a intenção do autor.

Julgo ser necessário reconhecer que esse problema não é exclusivo da produção de uma imagem. A relação autor-obra-público é discutida em amplos campos, e a compreensão da intenção requer igual esforço em qualquer um desses espaços.

Mas se persistirmos no impedimento de interpretar uma obra sob o pretexto de não termos a certeza de que o que compreendemos corresponde às intenções do autor, melhor seria deixar imediatamente de ler ou de observar todas e quaisquer imagens. Acerca do que o autor quis dizer, ninguém sabe nada; **o próprio autor não domina toda a significação da mensagem que produziu; não é também o outro, não viveu na mesma época, nem no mesmo país, não tem as mesmas expectativas...** Interpretar e analisar uma mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca aqui e agora, tentando destrinçar o que é pessoal do que é coletivo. (JOLY, 1994, p. 48, grifo meu).

O trecho selecionado do pensamento de Martine Joly (1994) é fundamental para o reforço do que esta tese propõe. Para que não restem dúvidas sobre o poder comunicador de uma imagem, é imprescindível que o leitor tenha a percepção de que a expressão artística pode partir de áreas que, inclusive, o próprio artista é incapaz de acessar. E isso tem a ver com a subjetividade existente no processo criativo, mas também com os acontecimentos objetivos do cotidiano, que são decisivos para forjar pessoas e suas percepções.

Mas a questão metodológica central desta tese é o estabelecimento da relação entre Semiótica e História a partir do uso da análise semiótica de uma imagem como meio para a construção de uma interpretação que teorize sobre a historicidade provocada a partir dessa imagem. Retomo neste ponto as condições centrais para a provocação sugerida anteriormente: “A *primeiridade* é imediata. A *primeiridade* conduz. Lapso de um instante ‘pura qualidade de

sentir’. (Santaella, 2012, p. 70). Mas é livre. A secundidade é a ‘experiência fática do existir’” (QUADROS; AGUIAR, 2012, p. 28).

Uma imagem produzida por alguém é uma expressão de seu pensamento. Ao considerarem a fotografia e a semiótica, Quadros e Aguiar (2014, p. 92) assinalam que “as imagens fotográficas são produzidas para atingir determinadas finalidades. Na fotografia estão registrados o assunto e a visão de mundo do fotógrafo. É assim, um filtro cultural”.

Pintura e fotografia, embora sejam manifestações de produção imagéticas completamente opostas em relação ao que origina seus objetos (processo manual x processo mecânico), estão mais próximas no aspecto de geração de um produto ficcional do que imediatamente possa parecer. Nesse sentido, tanto uma quanto a outra podem enquadrar cenas inventadas que correspondam ou não a determinadas realidades, a fatos, a paisagens, à vida.

Seus derivados materiais – quadros, painéis, retratos, enfim – não são os fenômenos, mas representações deles ou objetos ficcionais carregados de significação atribuídos por quem os produziu, por aquilo que representam e por quem os lê/interpreta. O painel de Jenner Augusto, por exemplo, é uma paisagem ficcional que sobrepõe signos em características formais que se projetam reconhecíveis, dispostos em cenas independentes, porém sequenciadas, que evocam a experiência do seu autor e a sua condição intelectual de projetar seu conhecimento sobre a UFS em todos os temas retratados na tela. Porém, não é a representação de um fato específico, como a captura do exato momento de um acontecimento natural, de algo que não se possa falsear ou editar.

Embora a pintura formal realista tenha a capacidade de representar a natureza com precisão, a máquina fotográfica o fará com mais precisão ainda, tradução do exato instante riscado pela luz. No entanto, ainda que possua essa capacidade, a máquina é manipulada por humanos, e a “qualidade de manipulador” implica a imposição pessoal de concepções estéticas ou percepções sociais e intenções, o que significa dizer que nem sempre, e na contemporaneidade e com seus avançadíssimos recursos de edição, a fotografia revela uma representação da realidade. Filtros, e não somente os culturais, têm tido o poder de transformar realidade em ficção.

Analisar por meio da semiótica uma representação ficcional que alude à realidade é, portanto, possível uma vez que o objeto em questão é linguagem, e a semiótica é a ciência de todas as linguagens (SANTAELLA, 2012, p. 10). Em determinado momento, a análise lança, media, imagem-história.

De acordo com Ming (2017, p. 1), os signos estéticos possuem ao menos dois objetos: um ficcional e criado, mas que, por aludir à realidade ou a aspectos dela, termina por se referir,

principalmente por iconicidade ou simbologia, também a aspectos do mundo consensual, da realidade física ou social. Devido à capacidade de representação que o signo de algo real possui, não há questionamento quanto a esse poder de representar. Porém, quando a representação parte de signos ficcionais, se estabelece a indagação sobre o que aquele signo representa, ao que ele alude ou se há, de fato, algum objeto ligado àquele signo.

[...] signos estéticos nem sempre são ensimesmados, frequentemente fazendo alusão ou referência a elementos do mundo fenomênico consensual físico ou social, como é o caso de grandes obras de arte que problematizam relações sociais ou que diretamente referenciam elementos do mundo. (MING, 2017, p. 89).

Nesse âmbito, cria-se a personagem da *vestibulanda* a partir do ícone da estudante, que é a forma que alude à narrativa da trajetória acadêmica representada em *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, empreendida nesta análise. Ao fazer referência à vestibulanda e, conseqüentemente, agregar à sua existência naquela imagem questionamentos sobre seu significado, a *estudante* passa a evocar contextos que podem ser conhecidos a partir da projeção interpretativa para fora da área da tela, visto que ela indica, é índice do que ela representa ou simboliza, bem como da história que a envolve – e aqui não cabe supor uma história ficcional, uma vez estabelecida a sua conexão com significações reais: “O signo ficcional refere-se à realidade que o inspirou” (MING, 2017, p. 89). O signo refere-se ao objeto. De acordo com Santaella (2000, p. 56), o signo resguarda **sempre** uma relação com seu objeto.

Na progressão dessa reflexão, após inúmeras voltas à condição de modelação do objeto de pesquisa desta tese, uma questão emergiu: por que não estudar a pessoa? Por que não estudar o artista Jenner Augusto, mergulhar em sua alma e especular parte da história da UFS insinuada em *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*? Porque a obra de arte é a personificação de seu autor, a tradução do seu conjunto de apreensões de mundo, interpretações do cotidiano e da construção pessoal do artista.

Assim sendo, Jenner Augusto também foi estudado enquanto investiguei sua criação. Porque julgo que não há como dissociar a arte do seu produtor, o artista, que, a partir do conjunto de suas aquisições mentais, traduz na sua obra a sua relação com a estética do mundo. Considero, portanto, que, ao ler o painel, leio percepções de Jenner Augusto sobre o Ensino Superior, sobre a intelectualidade e sobre suas ligações com seu estado de origem, por exemplo. Além disso, leio seu discurso dinâmico, encomendado e ajustado às intenções de Aloísio de Campos. E, por causa desse alinhamento entre ambos, Aloísio de Campos também está

projetado no painel. E é a partir dessas percepções que apresento outro conceito fundamental para esta pesquisa: *representação*.

Roger Chartier (1991, p. 184) define que a representação pode tornar visível o que está ausente. A partir da relação entre “imagem presente – objeto ausente”, apresenta o conceito tratando-o como elemento sólido da teoria do signo<sup>2</sup>. Em seguida, trata das relações de representação recorrendo ao seu campo de pesquisa quando se refere às formas de “teatralização da vida social na sociedade do Antigo Regime” (CHARTIER, 1991, p. 185), grupo ao qual atribui um caráter perverso no uso da representação, uma vez que para eles só existia o que fosse exibido por meio de uma cenografia elaborada para a formação de uma imagem sobre tal coisa.

O autor adota a expressão “vitrina” para reforçar a ideia de como uma sociedade que manipula signos pode produzir uma ilusão (CHARTIER, 1991, p. 135). Considero, portanto, que, ao pintar a UFS, uma ilusão foi produzida, e essa ilusão varia de acordo com a apropriação que emerge a partir de cada relação estabelecida com a obra. A mesma percepção aplico aos jornais, que, ao selecionarem as informações que veiculariam, direcionaram a percepção dos leitores sobre a UFS e seus vestibulares.

Os signos, cuidadosamente selecionados pelo experiente e referendado pintor, atuam, por exemplo, na perpetuação de percepções sobre a importância dos graus conferidos pela UFS àqueles que nela ingressam ou reforçam o destaque dado a determinadas profissões em detrimento de outras ou à presença de intelectuais de renome, de médicos operando à beca dos formandos. Essa forja descarta questões essenciais, problemáticas de seu tempo, mas que podem ser facilmente explicadas pela opção estética do artista, afinal, estética é o ramo da filosofia que tem o belo como objeto. O que deve ser elaborado, portanto, é a aproximação com o sentido dessa opção.

Considero, nesse contexto, fundamental a compreensão do painel como uma estrutura viva cujas interpretações a partir de leituras distintas, ao gerarem um novo signo, produzem uma nova obra a partir de uma nova interpretação histórica. Esta tese, que interpreta apenas uma cena do painel, é uma delas.

Recorro, neste ponto, por conseguinte, ao estudo de Norbert Elias (2005) sobre o quadro de Antoine Watteau<sup>3</sup> (1684-1721) *O Embarque para a Ilha de Citera* (1718) para reafirmar a

---

<sup>2</sup> A teoria do signo, que compreende o estudo da semiótica, ocupa-se do que comunica e produz sentido. Chartier (1991) considera que os lógicos de Port-Royal, Antonin Artaud e Pierre Nicole (1662), foram aqueles que elaboraram essa teoria com mais complexidade.

<sup>3</sup> Antoine Watteau foi um pintor do movimento Rococó francês.

ideia de que o estudo de uma obra revela muito de seu autor e de seu tempo histórico, bem como da artisticidade inerente às ações humanas, como proposto por Eco (2016)<sup>4</sup>. Hermman Korte<sup>5</sup> (1949-2020), por exemplo, ao apresentar a obra em questão à edição brasileira e ao refletir sobre o intelectual Norbert Elias, afirmou que este considerava as belas-artes como parte do desenvolvimento geral da sociedade humana.

Reforço que essa é a concepção fundamental de arte para mim. Inseparáveis, artista e sua produção artística provocam leituras distintas a cada fruição. Lemos obras de arte impregnados por nossos repertórios de conhecimento e por nossa utensilagem histórica. No caso desta tese, a leitura da *estudante* se dá no terreno da História da Educação. E, por se tratar de um viés interpretativo que relaciona a figura da estudante uniformizada, pintada por Jenner Augusto, à questão do acesso ao Ensino Superior, por compreender de forma primeira que a mais jovem figura do quadro representa a “futura caloura” que acabou de se submeter ou que se submeterá à seleção do vestibular, é que afirmo que esta tese dá conta de apenas uma possibilidade diante de tantas que se projetam do painel *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*.

Um dos motivos da escolha de uma imagem como fonte de pesquisa e marco temporal final (embora eu interprete o painel como um marco temporal simbólico e subjetivo, visto que se configura como uma obra de arte atemporal) está traduzido na exposição a seguir, da passagem de Elias (2005, p. 19), que, ao analisar Watteau, tratou do que considerou ser uma “utopia secular”: “O quadro de Watteau é reflexo disso. Há inúmeras evidências de uma singular continuidade ligando a antiguidade remota ao nosso tempo. O quadro de Watteau é reflexo disso, dessa continuidade e, ao mesmo tempo, de sua transformação”.

Ao optar por dedicar metade da tela à cultura e à arte, Jenner Augusto trouxe para o painel a UFS de 2007<sup>6</sup>, ano em que foram fundados os cursos de Teatro, Dança e Música. Assim como Elias (2005) viu em Watteau (1718) continuidade e transformação, vejo com nitidez essas duas condições no painel de Jenner Augusto: continuidade porque o conteúdo da narrativa visual composta pelo pintor atualiza-se com a expansão da UFS e o surgimento dos cursos de Arte nos anos 1990 e 2000; transformação porque a cada fruição um novo painel surge aos olhos de quem o contempla.

Elias (2005) descreveu *O Embarque para a Ilha de Citera* em três páginas (p. 20-22), textualizando imagem e conjecturas, ou produzindo inferências (PEIRCE, 2015). “Não

---

<sup>4</sup> Cf. Eco (2016).

<sup>5</sup> Hermman Korte foi um sociólogo, linguista e literato alemão que dirigiu a Fundação Norbert Elias.

<sup>6</sup> A licenciatura em Artes Visuais havia sido implementada na UFS em 1992, inicialmente como Arte-Educação, mas, como o foco é a licenciatura, não a considereei nesta reflexão.

possuímos nenhum relato preciso das ideias do próprio Watteau sobre o que pode ser visto nesse quadro” (ELIAS, 2005, p. 21). No caso de Jenner Augusto, há uma correspondência escrita para Aloísio de Campos. Elias (2005) analisa o quadro descrevendo ícones e índices, partindo em seguida para um perfil biográfico de Watteau. Após isso, insere elementos que contextualizam a feitura do quadro, sendo eles históricos ou características técnicas e visuais.

Watteau pintou *O Embarque para a Ilha de Citera* em 1717 e outras duas versões do primeiro em 1718 e 1719. Em um dado momento de seu ensaio, Elias (2005, p. 32) lança a questão: terá Watteau retocado seu projeto para corresponder ao clima de mudança do país no período que se refere à transição do reinado de Luís XIV para Luís XV? Inspirada por Elias (2005), volto ao painel e apresento outra questão de pesquisa: teria Jenner Augusto repensado sua criação para atender à necessidade da encomenda?

Há diferenças entre as três versões do quadro estudado por Elias (2005). Já Jenner Augusto revelou que a intenção inicial de sua pintura era falar sobre Sergipe, porém, após conversas com Aloísio de Campos, decidiu que pintaria a UFS. Uma versão do painel foi pintada, como estudo, em menor escala, e hoje se encontra no gabinete da reitoria da UFS – versão restaurada e entregue de presente para a UFS em 2015.

Quando Jenner Augusto foi convidado para pintar o painel, muito se falava na imprensa sergipana sobre a construção do campus de São Cristóvão, e, ainda que existisse proximidade entre o pintor e o reitor, levanto outra hipótese: a de que, durante o processo de pesquisa de Jenner Augusto para a criação de sua narrativa visual, ele tenha adquirido informações sobre a UFS a partir de várias fontes e de que a mídia impressa pode ter tido um papel relevante durante a concepção da obra.

Naquele momento histórico, os jornais impressos foram importantes veículos de difusão de ideias e posicionamentos sobre inúmeros temas ligados ao Ensino Superior no Brasil e em Sergipe. Destaco que, no período compreendido por esta tese, todos os temas, desde o principal, o vestibular, aos transversais envolvidos nesta pesquisa, foram discutidos em algum momento nos impressos sergipanos. Destarte, esta pesquisa adotou os jornais impressos como relevantes fontes históricas.

Acompanhar a movimentação em torno do período de provas do vestibular da UFS, sobretudo pela mídia impressa da época ou pelo rádio, era parte da rotina dos sergipanos

anualmente. Segundo o radialista Eron Ribeiro<sup>7</sup>, “a cidade toda era envolvida pelo concurso, na verdade, o Estado, e todos tinham um parente, um amigo ou um conhecido fazendo vestibular”.

## 1.2 *CORPUS* DOCUMENTAL

Indícios nos levam aos significados. O desenrolar do processo de uma pesquisa no campo da História da Educação envolve a consideração de todas as pistas que possam indicar os procedimentos para a confirmação de nossas teorias ou hipóteses. A partir do ícone da *estudante*, existente no painel de Jenner Augusto, comecei a montar o quebra-cabeça com a imagem da história do acesso à UFS por meio dos vestibulares realizados entre 1968 e 1980, bem como o das percepções do social referentes ao concurso durante o período delimitado.

Os jornais – os que foram usados como fontes para a escrita desta tese – tiveram sua escolha definida pelo volume de conteúdos relacionados aos vestibulares, além do foco direcionado ao assunto na precedência e na pós-prova. Outro fator relevante para essa escolha foi a disponibilidade desses jornais no repositório on-line da UFS.

Esta pesquisa, em sua configuração inicial, apresentava em seu plano metodológico a ida aos acervos pré-definidos: Biblioteca Pública Epifânio Dória, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e Arquivo Público do Estado de Sergipe. Porém, durante o segundo ano de meu doutoramento, em março de 2020, o Brasil foi atingido pela pandemia ocasionada pela difusão do vírus SARS-Cov-2 e, conseqüentemente, pela explosão de casos de COVID-19. Com a definição das medidas de distanciamento social para a contenção do contágio, a pesquisa em acervos foi comprometida. Dessa forma, precisei adaptar esta pesquisa às condições impostas, priorizando a documentação disponível on-line.

Do repositório de jornais de Sergipe sediado no site da UFS em parceria com o IHGS, selecionei *Jornal da Cidade*, *Jornal de Sergipe* e *Gazeta de Sergipe* (1970-1980) para análise, uma vez que eles circularam durante o período abrangido por esta tese. Outras fontes foram consultadas com a finalidade do estabelecimento do cruzamento de informações a fim de comprovar ou descartar distorções. As principais mapeadas para a realização desta pesquisa foram: imagéticas – o painel de Jenner Augusto, as fotografias de diferentes vestibulares existentes nos acervos da Prof<sup>a</sup>. Eliana Souza e no Arquivo da UFS; documentais – provas e normas dos vestibulares dos anos 1970 e 1980, documentação administrativa da UFS; orais –

---

<sup>7</sup> Eron Ribeiro é um jornalista sergipano que atuou por anos consecutivos como o “repórter do vestibular”. Sua contribuição, obtida a partir de entrevista concedida a esta autora em novembro de 2020, está exposta na quarta seção desta tese.

por meio de entrevistas. Ainda na UFS, mas em seu espaço físico, o Arquivo Central abriga uma grande gama de documentos administrativos, discursos, entre outros, imprescindíveis para esta análise<sup>8</sup>.

As fontes imagéticas e documentais e as narrativas orais constituem a alma desta tese. A análise de quaisquer tipos de fonte requer muita perícia por parte do pesquisador, que deve se atentar a cada indício que se mostra. Cada um deles carrega um poderoso discurso, que, ao ser interpretado, revelará as posturas, também, do pesquisador. Parte do cuidado com as fontes, sejam elas de qualquer natureza, exige do pretense historiador o conhecimento de suas origens. No caso dos jornais, por reconhecer a potência informativa das narrativas veiculadas para a pesquisa em História da Educação, observei com atenção os discursos implícitos (por vezes explícitos) em suas linhas e qual a função social de suas publicações. Ou seja: quem estava por trás daquelas redações, para quem e com quais objetivos eles escreviam? Mais especificamente: que tipo de leitor eles queriam forjar?

Impressos em geral devem ser percebidos como poderosos espaços de circulação de ideias de determinados grupos e de seus interesses. De acordo com Bastos e Catani (2007, p. 167),

A imprensa é um *corpus* documental de vastas dimensões, pois se constitui em um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional. É um excelente *observatório*, uma *fotografia* da ideologia que preside. Nessa perspectiva, é um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar.

Embora o emprego da palavra “fotografia” na citação anterior prediga que a imagem apresenta a realidade sobre o fato – e neste ponto da tese já apresentei argumentos que desmontam essa concepção –, considero os jornais fontes indispensáveis para a compreensão do pensamento sobre a educação de um período, uma vez que são meios de comunicação e expressão das ideologias que os presidem. Nesse sentido, tomei um dos jornais que circulavam em Sergipe na década de 1970 para encorpar a argumentação trabalhada na Seção 3 desta tese.

Para entender a imagem, o diálogo com outras fontes foi essencial. Assim sendo, além dos impressos, entrevistas são fundamentais para o conhecimento dos códigos culturais que circundam o objeto. Segundo Alberti (1990), na investigação do passado, os pesquisadores se

---

<sup>8</sup> Sobre o Arquivo Central da UFS, cf.: SANTOS, Andréia Bispo dos. **Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe: um “guardião” para a história da educação (1998-2016)**. Dissertação. São Cristóvão, SE, 2019.

servem de vários recursos em busca da memória do que aconteceu em tempos distantes ou recentes. Dentre esses recursos, a entrevista tem sido recorrentemente utilizada. Rememorar o passado produz um movimento em busca de lembranças agradáveis, desagradáveis, tristes ou alegres, afetivas ou violentas.

De acordo com Thompson (1998, p. 255), “[...] naturalmente, não há razão alguma para fazermos uma entrevista, a menos que o informante seja, de algum modo, mais bem informado do que o entrevistador”. Nesse contexto, ouvimos e aprendemos sobre as histórias postas, embora tenhamos previamente localizado as prováveis informações, antecipando-nos às fontes históricas que nos permitiram situar “exatamente dentro dos acontecimentos a atuação do informante” (THOMPSON, 1998, p. 255).

O trabalho com as narrativas na História Oral, pontuado por Alberti (2003, p. 1), deve ser percebido como um “trabalho de linguagem”. Isso implica entender que, ao “contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido” (ALBERTI, 2003, p. 1). De fato, essa condição se evidencia quando confrontados depoimentos de professores que deram versões diferentes sobre um mesmo fato, por exemplo, ou que trouxeram questões que estavam impregnadas por sentimentos, os mais distintos, em relação a como sofreram ou executaram determinada ação.

A partir disso, o que coube a esta pesquisa foi o cuidado para não tomar essas narrativas como relatos absolutos do passado, mas tratá-las, como ressalta Alberti (2003), como possibilidades. Além disso, é preciso que aprendamos com narrativas do passado, principalmente “quando a narrativa vai além do caso particular e nos fornece uma chave para a compreensão da realidade” (ALBERTI, 2003, p. 1). E é aí que a atuação do pesquisador deve ser aplicada com o rigor de se perceber o trabalho da linguagem, esse trabalho de descrição de imagens do passado, inclusive de imagens projetadas de lembranças que nem sempre são próprias dos entrevistados, mas foram adquiridas a partir das representações de outrem.

As lembranças guardadas por pessoas que viveram o período descrito na perspectiva desta tese são fundamentais para o conhecimento de acontecimentos referentes ao objeto, que, a partir do diálogo estabelecido com outras fontes, possam revelar situações que poderiam facilmente ter escapado à percepção desta autora. Dessa forma, com o intuito de conhecer aspectos da preparação dos vestibulandos para as provas e recriar o clima dos dias de concurso, professores de cursinhos pré-vestibulares e radialistas especialistas em cobertura do vestibular foram ouvidos.

A definição dos nomes de professores que foram contactados para esta pesquisa se deu a partir da recorrência da aparição dos cursinhos pré-vestibulares em propagandas de jornais dos anos 1970 e também pela observação da noção de gerações empreendida por Mannheim (1982), que aponta ser possível compreender esse fenômeno a partir da observação do espaço ocupado por determinados indivíduos ou da situação similar a “vários indivíduos dentro de um todo social” (MANNHEIM, 1952, p. 71).

A fim de operacionalizar o método, defini um roteiro utilizando a técnica de entrevistas semiestruturadas, considerando a orientação de Thompson (1998) acerca do estabelecimento de conhecimentos prévios sobre o tema e da participação do entrevistado no fato. Thompson (1998, p. 254) afirma que

Ser bem sucedido ao entrevistar, exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal, até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade.

Essa harmonia foi estabelecida com o objeto desta pesquisa, e, por isso, as entrevistas realizadas partiram da visualização/descrição da reprodução da cena da *estudante* e da seguinte pergunta: essa cena remete ao acesso à UFS por meio do vestibular. Você tem recordações acerca dos vestibulares da UFS na década de 1970? A partir de então, tudo foi registrado para posterior comprovação e uso por esta tese.

### 1.3 AS SEÇÕES DESTA TESE

Esta pesquisa se desenrolou a partir da análise semiótica do painel de Jenner Augusto, *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, presente no hall da reitoria da UFS. Parte desta tese é dedicada à leitura da enigmática figura da *estudante*, cujo significado defendido por esta pesquisa é o de que se trata da representação de uma vestibulanda, e sua existência na obra suscita discussões acerca do acesso ao Ensino Superior.

De modo a permitir uma composição que abarcasse histórias do acesso à UFS a partir do estudo dos concursos vestibulares na década de 1970, diante da concepção de vestibular adotada por esta investigação, que busca entendê-lo em sentido amplo, optei pelo seguinte desenrolar narrativo:

**Introdução** ou Seção 1: nela, apresento o objeto desta tese, os objetivos e as questões de pesquisa, aspectos teóricos e metodológicos, além de iniciar a leitura da imagem da *estudante*, a fim de situar o leitor nas discussões que se seguirão nas seções seguintes.

Abre o desenvolvimento desta tese a Seção 2, **Instrução, Cultura, Ciência e Arte: um percurso pelo painel de Jenner Augusto**. Nela, apresento uma leitura prévia do painel, relacionando as interpretações a histórias da UFS; apresento Jenner Augusto em um ensaio biográfico e a sua atuação na *Revista Época* (1948); situo o objeto a partir da configuração política e histórica do período, lastreada por Carvalho (2005) e Motta (2014); trato da questão da semiótica enquanto método analítico a partir dos escritos de Peirce (2015).

Na Seção 3, **Os vestibulares da UFS entre 1970-1980**, desenvolvo a análise semiótica da cena da estudante e estabeleço as relações entre a interpretação da imagem e a cobertura dos vestibulares da UFS nos jornais *Gazeta de Sergipe*, *Jornal da Cidade* e *Jornal de Sergipe* entre 1970-1980. No tópico “Os vestibulares da UFS em sua materialidade”, trato de informações referentes ao processo em si, buscando apresentar o formato das provas, o papel/atuação da UFS na organização do vestibular, os rituais durante os dias de inscrições, provas e divulgação de resultados.

Na Seção 4, **Da preparação ao resultado: o protagonismo dos cursinhos pré-vestibulares**, abordo o processo que envolvia desde a preparação do vestibulando, realizada pelos cursinhos pré-vestibulares de Aracaju, passando por narrativas sobre os dias de provas e a expectativa pelos resultados, até a divulgação das listas de aprovados nos vestibulares da UFS via radiodifusão, a partir das memórias de professores e radialistas que viveram aquela experiência.

Em seguida, são apresentadas as **Considerações Finais** da pesquisa, acompanhadas da lista de referências.

## SEÇÃO 2 – INSTRUÇÃO, CULTURA, CIÊNCIA E ARTE: UM PERCURSO PELO PAINEL DE JENNER AUGUSTO

Nesta seção, leio o painel tomado como fonte de pesquisa por esta tese. Busco caracterizá-lo enquanto obra de arte, atribuindo-lhe significado no campo da História da Educação. Sem pretensão de esgotar sua narrativa visual elaborando uma relação total com os fatos suscitados por ela, aponto possibilidades que emergem a partir de uma fragmentação da imagem em partes menores. Busco entender o que circunda sua criação por Jenner Augusto e para isso recorro ao estudo da trajetória do artista. A finalidade aqui é a de atender ao objetivo de **fundamentar os conhecimentos prévios sobre as histórias que emergem da análise semiótica da cena denominada “A estudante”**.

A obra de arte é objeto representativo de seu tempo. Comunicação do que compôs seu produtor. Exprime posturas pessoais de forma estetizada e se dá a ler com a exigência de cuidado e zelo interpretativo de qualquer outro registro histórico. Ouso dizer até que talvez exija mais cuidado pela sua capacidade de traição do olhar. O espírito afirmativo contundente de uma obra de arte pode levar a interpretações apressadas e conclusões incompletas de fatos que muitas vezes necessitam de uma investigação mais acurada.

Para compreender o painel tomado por esta tese, fragmentei-o em sete quadros isolados, que, muito embora formem cenas independentes, possuem uma narrativa visual que pode ser lida da esquerda para a direita, assim disposta (visualizar na p. 35): 1. A estudante (vermelho); 2. Os Intelectuais Sergipanos (amarelo); 3. A formatura (laranja); 4. Os cirurgiões (verde); 5. O Teatro (rosa); 6. A Dança (roxo); 7. O Coral (azul).

“A estudante” é a representação figurativa de uma jovem do sexo feminino trajando um uniforme escolar, segurando um bambolê que envolve três homens. Eles são os *intelectuais* Tobias Barreto, Antônio Tavares Bragança e Augusto Leite. Para além de representar a intelectualidade sergipana, os homens escolhidos por Jenner Augusto simbolizam o ápice do conhecimento, um status alcançado por quem constrói sua trajetória trilhando os caminhos dos estudos superiores. Eles não estão na composição por motivos aleatórios: “Sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas performances especiais” (BURKE, 2017, p. 44).

O posicionamento da *estudante* sugere que ela caminha em direção ao auge da vida acadêmica, o momento da *formatura*, mas também guia a visão do público na leitura do painel. Além dos elementos que compõem aspectos na cultura, no patrimônio e na paisagem sergipanos e dos geometrismos, a figura da *estudante* não remete de imediato à vida acadêmica por

elementos que compõem sua indumentária (uniforme) e seus acessórios (mochila). É neste ponto que nasce a associação de que a *estudante* que guia a narrativa é uma jovem que se submeterá ao vestibular da UFS para seguir uma das carreiras ofertadas na instituição, que estão representadas nas cenas distribuídas no painel.

Por essa interpretação, estabeleço a relação entre a cena da *estudante*, o concurso vestibular e todas as outras cenas do painel, uma vez que, sendo o vestibular o meio de acesso ao Ensino Superior, naquela configuração da UFS, para se tornar qualquer um dos profissionais representados na pintura, ela teria de ser aprovada naquela seleção.



A *formatura* é uma cena trabalhada quase no centro do painel, na qual figuram duas fileiras de formandos, sentados, vestindo as habituais becas<sup>9</sup>. No quadro retratado, já graduados, profissionais da saúde, enfermeiros e *cirurgiões* aparecem operando. No lado esquerdo do painel, dedicado à ciência, o fundo que traz o tema “Sergipe” exhibe a interpretação de Jenner Augusto acerca do que considerou como progresso e crescimento econômico vivido pelo estado. Essa afirmativa pode ser comprovada pela reprodução da indústria com a chaminé fumegante e dos “cavalos”, como são conhecidas as torres extratoras de petróleo, que aparecem logo atrás dos intelectuais; o pastoril e o céu, de acordo com Santana (In: SOUZA, 2015, p. 384), representam o lirismo sergipano.

Uma predominância geométrica une toda a narrativa visual. Do acabamento das roupas às linhas que direcionam o quadro, existe uma delimitação proposital do espaço, ritmando o olhar do espectador, que percorre uma espécie de labirinto, metaforicamente falando, tal como o percorrido para se atingir o conhecimento acadêmico.

Na segunda metade do painel, arte e cultura se fazem presentes, representadas pela personagem em traje que sugere alguma manifestação religiosa ou de cultura popular, simbolizando, segundo Jenner Augusto<sup>10</sup>, o *Teatro*, que estende seu braço azulado em direção à dupla que se apresenta em uma espécie de balé moderno, à frente do *coro*, que forma a última cena do percurso. Na parte dedicada à cultura, Jenner Augusto trata da arte produto da atuação da UFS como espaço de debate, extensão e impulsionamento de artistas e grupos, a exemplo do Teatro Universitário, do Coral Expressionista e do Grupo Parafolclórico.

Ao fundo das representações, aparece uma igreja, similar aos exemplos arquitetônicos encontrados pelo interior sergipano, referência também ao Festival de Arte de São Cristóvão, além da linha que reproduz a vista da “Rua da Frente”, direcionando à interpretação simbólica de que aponta para a Barra dos Coqueiros, bem como elementos geométricos espalhados por toda a área. A aplicação formal que encerra o quadro difere da inicial, evocando desproporções propositalmente e descontinuidades visuais explicadas pelo próprio artista como uma opção que moderniza sua composição. Porém, de antemão, cabe a defesa: “Independente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica” (BURKE, 2017, p. 28).

A inauguração do painel repercutiu na grande imprensa do período. O *Jornal de Sergipe* de 11 de junho de 1980 publicou uma matéria intitulada “Campus Universitário tem painel de Augusto”. De acordo com o JS, a solenidade organizada para dependurar o painel foi concorrida e contou com a presença de membros da comunidade acadêmica, assim como de diversos

<sup>9</sup> Trajes acadêmicos usados pelos formandos durante suas formaturas.

<sup>10</sup> Na carta já mencionada.

setores da sociedade. A nota traz ainda aquelas que teriam sido as palavras do artista no momento da inauguração:

“Para tão grandioso empreendimento selecionei os melhores e adequados materiais importados” declarou Jenner Augusto, esclarecendo que “o tema foi discutido, aceito e elaborado contando com plena liberdade de criação, sem qualquer imposição”. (JS, 11/06/1980, p. 7).

Naquela época, a imprensa difundia intensamente a movimentação para a mudança das faculdades isoladas para o campus universitário de São Cristóvão. Esses registros, disponíveis nos jornais do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, dão a dimensão da expectativa vivida pela sociedade sergipana para, finalmente, ver uma cidade universitária em suas terras. São inúmeras matérias, notas, entrevistas que trazem informações fundamentais para o entendimento da projeção social da UFS naquele momento.

Volto a uma das constatações de Elias (2005) sobre a continuidade de uma obra de arte que liga o tempo representado ao nosso tempo para considerar uma interpretação primeira ou uma das minhas mais primitivas impressões a respeito da narrativa do painel. Ao dedicar metade da área pintada à arte, Jenner Augusto não limitou a sua representação ao momento em que a UFS se projetava como fomentadora da arte sergipana com reconhecimento social de espaço de projeção artística e cultural. Nele, o painel, podemos perceber a UFS em sua configuração atual.

O painel de Jenner Augusto foi objeto de análise de Cléber Santana (In: SOUZA, 2015, p. 383-385) num ensaio intitulado “Educação do Olhar: o painel de Jenner Augusto”, derivado de um trabalho de maior complexidade, a monografia *O que a cegueira do tempo fez desaparecer: fotografia e história da UFS (1968-1998)*. Santana (2015) teve acesso à correspondência enviada por Jenner Augusto a Aloísio de Campos<sup>11</sup>. Outrossim, leu a narrativa visual do painel relacionando-a ao conhecimento histórico do processo de concepção da obra e ao conteúdo da carta. Destarte afirma:

Durante a construção do campus universitário, o reitor José Aloísio de Campos convidou o artista plástico Jenner Augusto para elaborar um painel artístico e lhe sugeriu que a obra tivesse como tema Sergipe. Após alguma conversa, entretanto, Jenner preferiu escolher o tema universidade, congregando, segundo o próprio artista, ‘os pilares do conhecimento: instrução, ciência, cultura e arte’. A obra foi concluída em Salvador, onde já residia, contando com plena liberdade de criação. (SANTANA, 2015, p. 383).

---

<sup>11</sup> Correspondência atualmente não encontrada no acervo do Arquivo Central da UFS.

Retomo a questão provocada pela leitura de Elias (2005) para inferir sobre a adaptação feita por Jenner Augusto na proposta inicial de Aloísio de Campos quanto a um painel que retratasse Sergipe. A interpretação do discurso de Jenner Augusto na ocasião da inauguração do painel permite a crença na alteração do escopo inicial da obra, como apontado por Santana (2015), uma vez que o próprio artista destacou que “o tema foi discutido, aceito e elaborado, contando com plena liberdade de criação, sem qualquer imposição” (JS, 11/06/1980, p. 7).

Já a leitura do painel revela intenções além da figurativa. Sobre isso, Jacques Aumont (1993, p. 78) afirma:

A produção de imagens jamais é gratuita, e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos. Uma das primeiras respostas à nossa questão passa, pois, por outra questão: para que servem as imagens (para que queremos que elas sirvam)? É claro que, em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida para certos fins (de propaganda, de informação, religiosos, ideológicos em geral) [...].

A reflexão acerca do que diz Aumont (1993) no trecho supracitado leva à percepção de que o painel representa, entre suas finalidades, as intenções de seus produtores e que sua existência não se configura como mera necessidade decorativa. Aliás, se o objetivo de sua encomenda fosse que ela desempenhasse o papel de objeto de arte decorativa, não precisaria conter todos os elementos nela representados, que estabelecem um evidente diálogo com o tema universidade. Não seria um painel figurativo e com um encadeamento de cenas visualmente tão explicativas, tampouco seria encomendado a um artista tão reconhecido no campo modernista brasileiro. O painel é também uma demonstração de poder, sobretudo do poder de Aloísio de Campos no estabelecimento de suas relações sociais.

A associação “arte – cultura – política – poder” provoca sequencialmente a sensação de distinção. Segundo Bourdieu (2007), a arte é instrumento de distinção, visto que a cultura não é um privilégio natural, ou seja, depende de um processo de aquisição. Atento-me, portanto, à perspicácia de Aloísio de Campos<sup>12</sup>: trata-se de um intelectual com plena dimensão do ambiente e do momento histórico em que estava inserido.

Entra em questão o que Bourdieu (2004) denomina *capital científico*. Para o estudioso, esse capital apresenta duas espécies (que podem coexistir). A saber: o *capital científico “puro”* e o *capital científico institucional*. O primeiro refere-se ao reconhecimento, pelos pares, das

---

<sup>12</sup> José Aloísio de Campos foi o terceiro reitor da UFS, com reitorado entre 1976 e 1980.

contribuições oferecidas ao progresso das ciências; o segundo, a estratégias políticas de permanência e ocupação dos espaços de poder. Ao primeiro tipo de capital podemos relacionar o conceito de *intelectual* empreendido por Bourdieu, que assinala o seguinte:

O intelectual constitui-se como tal intervindo no campo político em nome da autonomia e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto grau de independência em relação aos poderes (e não como o político com forte capital cultural, com base em uma autoridade propriamente política, adquirida à custa de uma renúncia à carreira e aos valores intelectuais). (1996, p. 147).

Os aspectos acima descritos por Bourdieu (1996) podem ser percebidos na trajetória de Aloísio de Campos, sobretudo pela sua grande capacidade de transitar por espaços de poder graças a uma evidente capacidade de se adaptar aos contextos políticos vigentes, capacidade essa que também pode ser observada em Jenner Augusto. De acordo com Nascimento,

Aloísio transitou bem antes do golpe, num momento de debates extremamente tenso, transitou bem com a UDN, que se aliaria aos militares para dar o golpe e transitou bem com Celso Furtado que foi perseguido pelo golpe militar e teve que se exilar. Aloísio foi de uma habilidade extraordinária. Claro que na época era acusado de ter se vendido à ditadura. Agora, olhando à distância, você vê a habilidade e a importância de ter pessoas com o perfil dele, até para amparar outras pessoas, intelectuais e técnicos, que se posicionaram mais à esquerda, que não teriam oportunidade de opinar, nem de participar.

Nascido em Frei Paulo/SE, em 1914, Aloísio de Campos graduou-se em Economia na Universidade da Bahia em 1943. Antes de ser reitor, ocupou cargos de relevância na política de Sergipe e nacional. Foi prefeito de Aracaju (1968-1970), nomeado pelo Governador Lourival Baptista (1967-1970) após a renúncia de José Teixeira Machado (1967-1968). É unânime entre seus biógrafos que Aloísio de Campos “marcou sua atuação no cenário sergipano como intelectual e homem público pela probidade com que desempenhou as funções que lhe foram atribuídas” (SANTOS, 2015, p. 19).

E não foram poucas essas funções. Aloísio de Campos soube transitar, trânsito esse permitido a partir de seu perfil de domínio técnico e dos meandros políticos pela administração pública desde os anos 1930 até próximo do fim de sua vida, em 1986. Politicamente, segundo Santos (2015, p. 30), Aloísio de Campos soube conciliar autonomia e submissão ao regime político, e essa solução “permitiu-lhe assegurar as implantações que se faziam necessárias”.

Essa percepção de Aloísio de Campos como um intelectual com mobilidade para se adaptar aos diferentes cenários postos foi a questão central da entrevista realizada com o Professor Jorge Carvalho do Nascimento, que ponderou:

Aloísio está no centro de um momento importante para o desenvolvimento de Sergipe, que é o desenvolvimento da exploração dos recursos minerais e da Petrobrás, assim como da busca de solução para o problema do Porto de Sergipe. Coisas que às vezes demoram anos, às vezes uma ou duas décadas para maturar. Mas é preciso que no ponto de partida existam homens esperançosos, otimistas, ousados, corajosos, empreendedores e capazes de desafiar a opinião geral. Aloísio foi um homem com essas características. (NASCIMENTO, 2020).

A atuação de Aloísio de Campos mencionada por Nascimento (2020) e escrita por Barreto (2015) referente ao período em que esteve à frente do Conselho do Desenvolvimento Econômico de Sergipe – CONDESE, como o responsável pela sua estruturação, contribuiu para a formação de “uma escola de pensamento econômico, uma escola de pensamento desenvolvimentista. Aloísio foi um nacional desenvolvimentista<sup>13</sup> ao pé-da-letra” (NASCIMENTO, 2020).

Para Souza (2015), dentre as ações da gestão de Aloísio de Campos na UFS, a construção da Cidade Universitária homônima era a maior delas. Contudo, no ano final de seu reitorado, Aloísio de Campos criou estratégias para inaugurá-lo ainda em sua gestão. Embora o término das obras estivesse previsto para ocorrer até o fim de seu mandato, era evidente que serviços fundamentais para o funcionamento da UFS estavam inacabados. Com o tempo se esgotando, Aloísio de Campos precisou inaugurar a obra antes da data-limite, 9 de agosto de 1980.

De acordo com Passos Subrinho (2012 apud SOUZA, 2015), o novo campus foi inaugurado simbolicamente por Aloísio de Campos em 8 de agosto de 1980, um dia antes do término de seu reitorado, em uma solenidade no hall da reitoria. Porém, as obras continuaram, uma vez que a construção estava longe de ser concluída. Por esse motivo, houve a inauguração, mas não a instalação/mudança de todos os cursos para a nova estrutura. Isso só aconteceu de fato em 1981, já durante o mandato do Reitor Gilson Cajueiro de Hollanda. Apesar dessa movimentação, o painel foi inaugurado em junho de 1980, ainda na gestão de Aloísio de Campos.

---

<sup>13</sup> Adepto ao pensamento de políticas econômicas que objetivam o crescimento industrial e de infraestrutura, tendo como fundamento a participação ativa do Estado na economia. Cf.: Pereira (2003).

Se ao painel, hoje, não é creditado o posto que deveria ser atribuído pelo público que passa por aquela reitoria, naquele momento, quando fora depenurado no hall, entre seus pares, infiro que simbolizava a coroação das ações do então reitor. Por isso, afirmo que o convite feito por Aloísio de Campos a Jenner Augusto simbolizou algo além da aparente amizade (apontada na carta e no discurso do artista no dia da inauguração do painel) entre eles. Dimensiono então a projeção do artista para entender que o convite feito a Jenner Augusto pode ter outros significados, dentre eles o da demonstração do capital cultural de Aloísio de Campos, uma vez que foi produzida a memória de sua relação com um dos maiores artistas modernos do circuito Sergipe/Bahia e com considerável projeção nacional.

Em 1974, Roberto Pontual<sup>14</sup> já havia publicado seu *Dicionário de Artes Plásticas no Brasil* e era considerado um dos mais relevantes nomes da crítica de Arte Moderna do país. Naquele ano, Jenner Augusto fora tema de Pontual em *Jenner: a Arte Moderna da Bahia*, livro no qual o autor o considera “como um dos principais artífices do modernismo, seja em Sergipe, onde sua obra principia e continua mantendo raízes, seja na Bahia, onde toda sua vivência em Artes se prolonga” (PONTUAL, 1974, p. 14).

Para perceber algo do capital simbólico<sup>15</sup> de Jenner Augusto, Pontual (1974, p. 14) agradece a Jorge Amado por, segundo ele, “abraçar o projeto” graças à amizade que existia entre o escritor e Jenner Augusto. Destaco que Jenner Augusto havia partido para morar em Salvador em 1949. Em 28 de setembro de 1971, teve seu nome aprovado para receber o título de Cidadão da Cidade de Salvador, concedido pela Câmara de Vereadores da cidade. Note-se que, ao próprio Jorge Amado, esse título foi concedido em 16 de junho de 1981, dez anos depois.

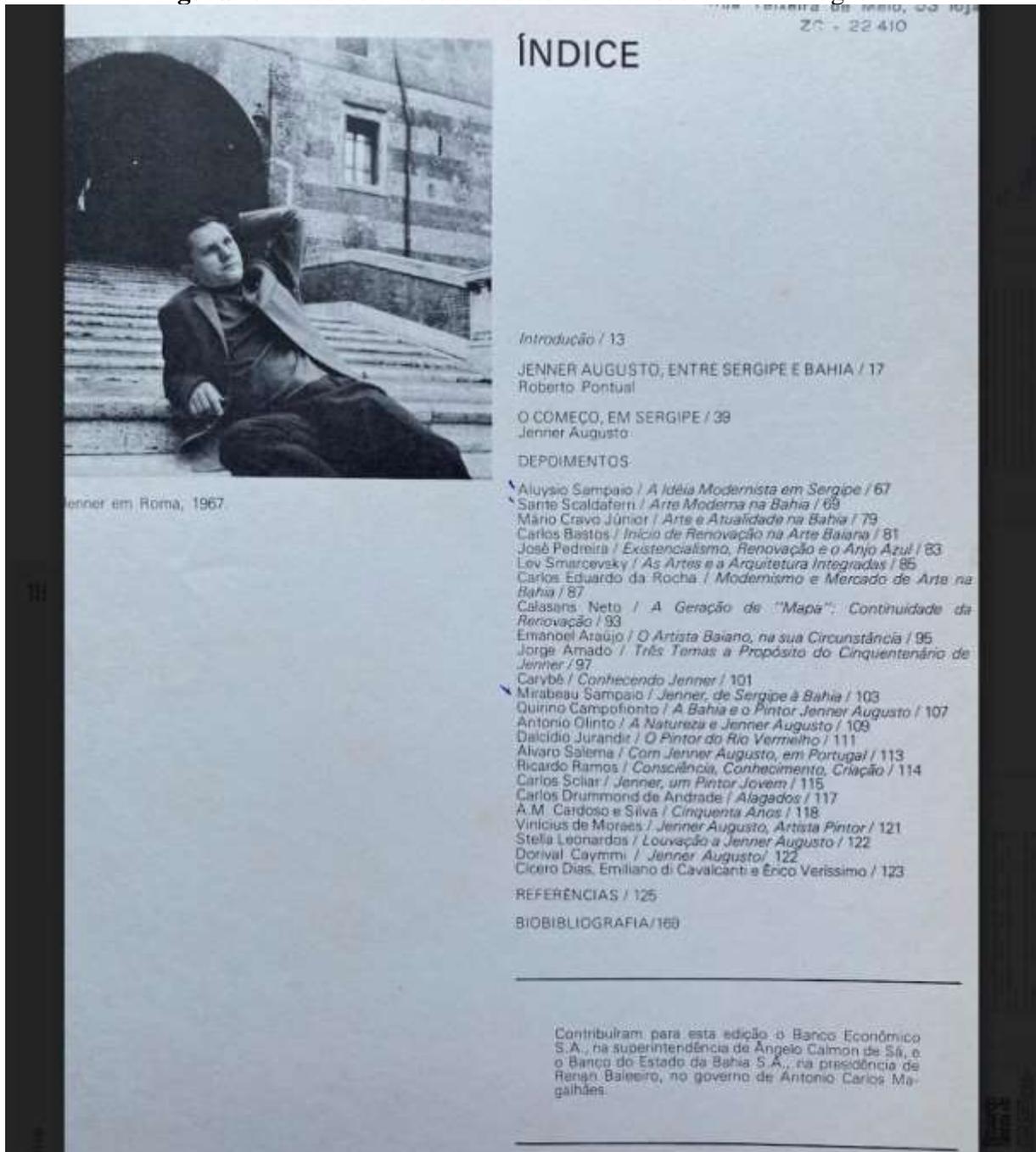
Ainda no livro mencionado, escrevem depoimentos sobre Jenner Augusto: Carybé, Quirino Campofiorito, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Dorival Caymmi, entre outros artistas e intelectuais ligados ao Modernismo brasileiro.

---

<sup>14</sup> Curador, crítico de Arte e crítico literário que nasceu em Pernambuco em 1939 e morreu em Paris em 1994. Escreveu, dentre outros títulos, o célebre *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*, publicado em 1969.

<sup>15</sup> “Symbolic capital, that is to say, capital — in whatever form — insofar as it is represented, i.e., apprehended symbolically, in a relationship of knowledge or, more precisely, of misrecognition and recognition, presupposes the intervention of the habitus, as a socially constituted cognitive capacity” (BOURDIEU In: RICHARDSON, 1986, p. 27).

**Figura 2:** Índice do livro de Roberto Pontual sobre Jenner Augusto



Fonte: Reprodução fotográfica de Pontual, 1974, s/p.

O índice reproduzido acima ilustra a evidente mobilidade de Jenner Augusto no campo da Arte. Sua atuação no campo era perceptivelmente referendada, afinal, não é qualquer artista que tem sua trajetória registrada por Pontual (1974) ou debatida pelo pintor Di Cavalcanti e pelo escritor Érico Veríssimo. Também por esse motivo o seu painel funcionou naquele momento como o reforço de uma construção imagética da universidade e de seus produtores, constituindo-se um endosso da Arte para a Ciência, para a Política e para a História. Hoje afirmo também que ele é a figuração da representação do artista acerca de expectativas sobre a UFS.

E, para que representação não seja aqui entendida como sinônimo de reprodução, cabe estar atento ao sentido atribuído por Chartier (1990, p. 17):

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Isso significa dizer que as escolhas formais de Jenner Augusto, somadas às orientações, às sugestões e aos anseios do Reitor José Aloísio de Campos, resultaram em uma obra que representa a UFS sob suas perspectivas, uma vez que, ao aceitar a encomenda da forma que fora cumprida, o reitor consente sobre a narrativa criada por Jenner Augusto, impregnada de sua interpretação pessoal sobre as passagens retratadas, mas convergente com o que pensava o reitor. O ensaio biográfico a seguir contribui para o entendimento de algo sobre as percepções de Jenner Augusto e como sua artisticidade foi forjada.

## 2.1 JENNER AUGUSTO DA SILVEIRA: UM MODERNISTA BRASILEIRO

Sergipano de Aracaju, nasceu em 11 de novembro de 1924 e morreu em Salvador no ano de 2003. Seus biógrafos e ensaístas afirmam que desde cedo Jenner Augusto manifestou aptidões artísticas. Perdeu o pai, Augusto Esteves da Silva, aos seis meses de vida, o que fez com que fosse criado por sua mãe, Maria Catarina Mendes da Silveira. Segundo Britto (2010, p. 21),

Em razão do pensamento político vanguardista de sua mãe, professora pública primária, perseguida pela prepotência da época, o que a obrigava, constantemente, a mudar de cidade com seus filhos, morou em Rosário, São Cristóvão, Itabaianinha, Lagarto, Laranjeiras e Aracaju, todas em Sergipe.

O excerto acima faz parte do livro *Jenner Augusto: vida e obra*, publicado em 2010, de autoria de Mário Britto e Zeca Fernandes, com amplo apoio e participação da família do artista, que cedeu materiais fundamentais para o conhecimento de sua obra imagética. Trata-se de uma impactante compilação visual de reproduções fotográficas de telas e painéis de Jenner Augusto, com imagens feitas, em sua maioria, por Guto Silveira, acompanhadas de textos laudatórios escritos por amigos e entusiastas do artista e de sua produção. Contém ainda a reedição de textos

publicados em outras ocasiões, a exemplo de ensaios do livro de Roberto Pontual, datado de 1974.

Assim como em *Jenner: a Arte Moderna da Bahia*, de Roberto Pontual (1974), percebo em Britto e Fernandes (2012) a potência da atuação de Jenner Augusto como um dos principais agentes do Modernismo baiano pela sua obra, dotada de uma estética que dialoga com os principais elementos do movimento e que referencia o estilo, sendo eles: representação de temas nacionais, posicionamento, denúncia e crítica social, exploração de temas do cotidiano, influência das vanguardas europeias, entre outros. Além de sua produção artística, as relações por ele estabelecidas nos diversos campos demonstram seu lugar na Arte Brasileira do século XX.

Longe de ser, e sem a pretensão de ser, um trabalho acadêmico, o livro em questão tornou-se uma obra de referência para o conhecimento das fases da pintura de Jenner Augusto, sobretudo pela qualidade técnica de suas reproduções e por torná-las acessíveis às pessoas que não teriam acesso às coleções de pinturas do autor. O painel da UFS está reproduzido nas páginas 117, 118 e 119, acompanhado do extrato da correspondência enviada pelo artista a Aloísio de Campos, em 6 de julho<sup>16</sup> de 1980, na qual explica o painel.

De acordo com Britto e Fernandes (2012), Jenner Augusto foi exigido, desde a infância, a lutar contra as dificuldades financeiras de sua família. Assim sendo, precisou trabalhar em diversas oportunidades antes de se dedicar à arte:

Dentre outras profissões que denunciam as dificuldades vivenciadas pela sua família, foi: engraxate de sapatos, pintor de parede e de letreiros de propaganda para filmes, empregado de loja, condutor de asnos, vendedor de lenha, oficial de alfaiate, cantor de cabaré e, em tempos melhores, revisor do jornal “Correio de Aracaju”, onde seu irmão Junot Silveira trabalhava como redator chefe. Como acertadamente observou Jorge Amado: “Jenner tinha o caráter temperado na pobreza de seu Sergipe”. (BRITTO; FERNANDES, 2012, p. 21).

Observadas essas condições, retomo neste ponto a discussão de Eco (2016) sobre a interpretação de uma obra de arte e amplio essa compreensão da palavra obra (no caso de Eco (2016) relacionada à unidade, obra única) para o conjunto das pinturas de Jenner Augusto – sua obra, seu legado. Não afirmo aqui um sentido unicamente sociológico da produção de Jenner Augusto, mas busco na sociologia da arte as bases para afirmar que condições históricas, econômicas, culturais, entre todas as circunstâncias que forjaram Jenner Augusto, orientaram

---

<sup>16</sup> De acordo com a informação existente no livro de Brito e Fernandes, a carta estaria datada de 6 de julho de 1980. Porém, registros indicam que a obra foi inaugurada em 10 de junho de 1980.

suas escolhas formais, mas não tiram de sua obra as suas potencialidades estéticas. Ao contrário: fortalecem-na. Conferem-lhe autonomia. Dotam-na de uma polissemia de fatores de contemplação na qual o belo é o mais evidente, ou seja, é a sua essência. E neste ponto afirmo ser indiscutível a capacidade de Jenner Augusto de converter em arte o peso da vida.

**Quadro 2:** Temas recorrentes nas pinturas de Jenner Augusto

TEMAS	SUBTEMAS
Paisagens (naturais e sociais)	Pastos, Alagados, Cidade de Salvador, Feiras, Cidade de Laranjeiras, Marinhas, Lagoa do Abaeté, Cheias.
Cenas do cotidiano	Cavalos pastando; barcos; a estação.
Mulheres	As tias; rendeiras; Maternidade; Retratos.
Trabalhadores	Pescadores; soldados; vaqueiro; sanfoneiros; feirantes;
Retirantes	Flagelados; pau de arara.
Arquitetura	Igrejas; composições; casarios e fachadas.
Abstrações	-
Animais	-
Religiosos	Santa ceia; São Francisco; coroinhas.

Quadro construído a partir do levantamento das reproduções existentes em *Jenner Augusto: vida e obra*.

Fonte: BRITTO, Mário; FERNANDES, Zeca. *Jenner Augusto: vida e obra*. 2012.

Os temas recorrentes na produção de Jenner Augusto reforçam a concepção de que, dentre outras expressões, as obras de um artista exprimem seu “eu”. E, ainda que ele esteja atendendo a uma encomenda, a um pedido, como no caso do painel da UFS, esse trabalho estará impregnado de si na escolha dos elementos visuais e na escolha do discurso. Ao analisar o poder de comunicação exercido pelas artes visuais, Dondis (2015, p. 51) esquematiza:

Primeiro se faz uma série de esboços a partir do natural ou do imaginário, para investigar o material visual que vai fazer parte do quadro. Em seguida se desenvolve uma estrutura compositiva que adapte o material visual à **intenção** [grifo meu] elementar e abstrata do artista. Quase todos os elementos visuais estão presentes numa pintura – linha, forma, tom, cor, textura, escala e, por sugestão e implicação, o movimento e a dimensão. A composição incorpora o processo de uso de técnicas que tem por objetivo obter um efeito específico. O controle de tudo isso se encontra na capacidade do pintor de projetar e pré-visualizar, tanto quanto de representar e de realizar.

Na citação, Dondis (2015, p. 51) expõe aqueles que são os elementos básicos da comunicação visual e que, agrupados, geram formas. Esses elementos são a estrutura daquilo que vemos: “[...] o ponto, a linha a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento”. Todos esses elementos compõem o conjunto de ícones do painel estudado por esta tese, mas alguns deles evidentemente sobressaem em cada uma de suas cenas.

Na *estudante*, a vestibulanda que almeja ingressar na UFS por meio da aprovação no concurso vestibular, essa predominância se dá nas linhas de maior ou menor espessura, nas formas geométricas, nas formas abstratas, no movimento, no tom e na cor. Esses elementos, aplicados da forma que foram por Jenner Augusto, conferem à obra algum aspecto do muralismo modernista brasileiro. Mas, para dominar a técnica de pinturas em grandes proporções, a trajetória percorrida por Jenner Augusto é caracterizada por constante aperfeiçoamento no estudo das formas, assim como orientou Cândido Portinari: “Você precisa estudar, estudar desenho” (In: PONTUAL, 1974, p. 23).

### 2.1.1 A *Revista Época* e o encontro de Jenner Augusto com o Modernismo

De acordo com Britto e Fernandes (2012), desde pequeno a arte já interessava a Jenner Augusto, mas foi ao descobrir o trabalho de Horácio Hora<sup>17</sup> que passou a ver a carreira artística como uma possibilidade. Exemplo de ousadia, Horácio Hora sai de Sergipe e estuda arte em Paris, alcançando certa projeção na capital francesa nos anos 1880.

Horácio Hora nasceu em 17 de setembro de 1853 em Laranjeiras. O filho de Antônio Esteves de Souza e D. Maria Augusta da Hora desde criança apresentou forte inclinação para as artes. Ao analisar a trajetória de Horácio Hora, torna-se evidente que, como no caso de outros pintores, a observação do ambiente foi um dos aspectos estimulantes ao desenvolvimento de seus trabalhos em artes.

A cidade de Laranjeiras, palco das percepções primárias de Horácio Hora, exibia, além da paisagem natural, uma arquitetura secular que até hoje revela a sua singularidade. Laranjeiras obteve sua elevação à categoria de cidade no ano de 1848 e, devido à sua localização privilegiada às margens do rio Cotinguiba, o que favorecia a prática açucareira e facilitava a prática mercantil, tornou-se um importante centro comercial e cultural de Sergipe na segunda metade do século XIX.

O perímetro arquitetônico urbano atualmente tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN permite ao visitante compreender bem aquele cenário econômico e cultural. São teatros, casas residenciais da aristocracia oitocentista, igrejas, o

---

<sup>17</sup> Durante as comemorações do sesquicentenário de nascimento de Horácio Hora, foi lançado o álbum *Horácio Hora*, contendo textos de autoria de Luiz Antônio Barreto, Ana Conceição Sobral de Carvalho, Maria Thétis Nunes, Jordão de Oliveira, Leonardo Alencar e Lauro Barreto Fontes. Trata-se de uma das publicações mais relevantes sobre Horácio Hora. Cf.: Conceição; Rocha (2004).

quarteirão dos trapiches que hoje abriga o campus de Laranjeiras da UFS, o mercado, a Ponte Nova, entre outros monumentos que fazem parte de um significativo acervo edificado.

Concebendo a sua arte de maneira autodidata, porém com notável habilidade, Horácio Hora permaneceu por algum tempo durante sua juventude atuando em Sergipe, até que a Assembleia Legislativa aprovasse o pedido do governo da própria província de uma subvenção para que ele estudasse Desenho em qualquer escola do território nacional ou internacional. De acordo com a Resolução nº 983, de 06 de maio de 1874:

Art.1º. O presidente da província é autorizado a conceder a Horácio Pereira da Hora a subvenção anual de 2:000\$000 por espaço de 3 a 5 anos para estudar dentro ou fora do país a arte do desenho em todos os seus diferentes ramos. Art.2º. O subvencionado é obrigado a indenizar a tesouraria provincial, depois que concluir os seus estudos, de toda a quantia que houver recebido. Art. 3º. Revogam-se assim as disposições em contrário. (FRANCO, 1880, p. 92).

A falta de uma escola apta à formação de artistas em Sergipe, bem como de professores especialistas e de mercado estruturado de Arte, fez com que, no ano de 1875, Horácio Hora partisse para a Europa a fim de estudar Arte em Paris. Lá, matriculou-se na Escola de Belas Artes, além de ter frequentado a Escola Municipal de Desenho. Concluiu seus estudos e foi considerado destaque após receber prêmios em exposições.

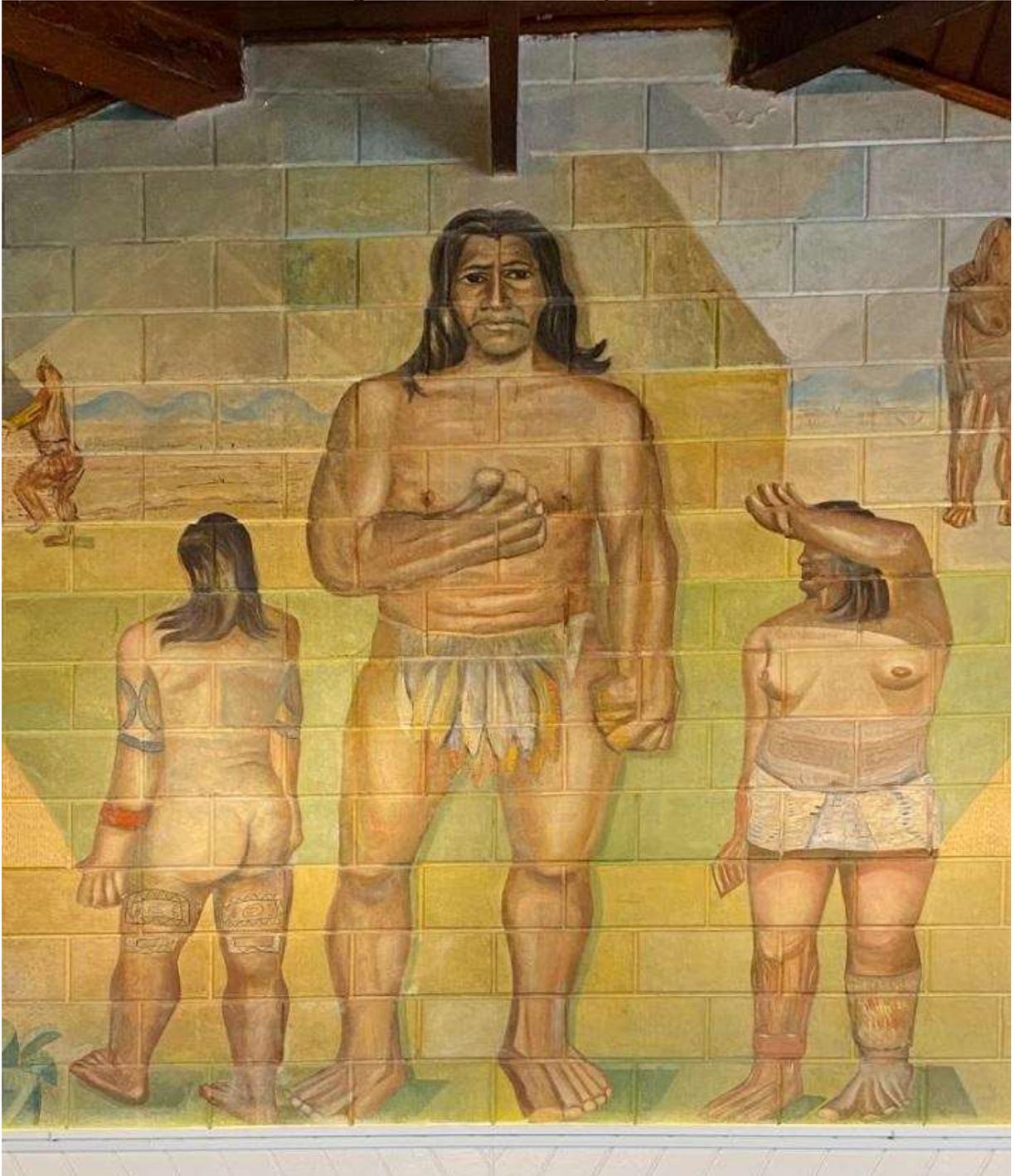
Em 1881, retornou a Sergipe na esperança de ter em sua terra condições financeiras para o sustento de seu trabalho. Infeliz em suas aspirações, no ano de 1884 partiu para a Bahia e logo depois retornou a Paris, daquela vez de forma definitiva. Morreu pobre, naquela cidade<sup>18</sup>, de pneumonia, no ano de 1890.

O entusiasmo pela biografia de Horácio Hora, afirma Britto (2013), levou Jenner Augusto a dar o nome de Horácio ao filho mais novo. Inspirado, também, por Hora, iniciou sua atuação no campo artístico ao pintar os painéis do Bar Cacique Chá, em Aracaju, no ano de 1947.

---

<sup>18</sup> Seus restos mortais encontram-se atualmente na cidade de Laranjeiras/SE, para onde foram trasladados e enterrados em praça pública onde uma herma foi erguida em sua homenagem.

**Figura 3:** Pannel do Cacique Chá



Fonte: Fotografia da autora.

O trabalho de Jenner Augusto no *Cacique Chá* (1948) pode ser considerado sua obra-prima no sentido da expressão que se refere à obra que marca a transição de um artista. Embora carregada de significado, era uma pintura que ainda carecia da mão autônoma de Jenner Augusto, pois percebo nela a forte influência do traço modernista de Cândido Portinari. O mural do Cacique difere em demasia da estética de *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, considerados,

obviamente, os mais de 30 anos de amadurecimento de Jenner Augusto como pintor entre as produções.

Mas, àquela altura, já em fins dos anos 1940, Jenner Augusto havia entendido o sentido modernista, e seu trabalho ganhava contornos que dialogavam com o reverberar modernista da geração de 30. Ao construir, no painel do Cacique Chá, uma narrativa visual sobre os povos originários sergipanos e a ocupação estrangeira nestas terras, Jenner Augusto traduzia alguns dos mais marcantes aspectos do Modernismo brasileiro. De acordo com Pontual (1974, p. 23),

Se Horácio lhe servira de primeiro espelho e alvo, no romântico sonho tranquilo de Laranjeiras, Portinari passa a valer para Jenner, na efervescência intelectual da capital sergipana, como um novo padrão a atingir. [...] Atrai-lhe também uma temática concentrada em dados particulares da história mais próxima, das gentes mais chegadas, das tradições mais de perto consumidas. Atrai-lhe por fim até mesmo a fórmula de geometrização quase abstrata do espaço de fundo do pintor de Brodóski, a fundir influências do expressionismo e do cubismo.

[...] Jenner Augusto, pronta a pintura do Cacique, manda para Cândido Portinari algumas fotos e aguarda, ansioso, o resultado. Este vem sob forma de um bilhete escrito no catálogo da exposição mural *Tiradentes*, no Rio, em 1949: 'Jenner Augusto da Silveira / Seu trabalho agradou-me pelo assunto. Você precisa estudar, estudar desenho. O desenho é a base. Desenhe sempre com modelo. Mande-me sempre notícias e reproduções de seus trabalhos. Receba um abraço do seu amigo Portinari'. Era o sinal de que podia partir e ousar, transcendendo o círculo vicioso da província. Aracaju, mesmo se renovando pouco a pouco, mantém malhas que o prendem e o desconfortam [...].

Àquela altura, Portinari era considerado o grande modernista brasileiro. Ícone do Modernismo, embora mude suas características formais ao longo de seu amadurecimento, possui marcas fundamentais que configuram a vida de sua obra. Aspectos como questões sociais e sociedade brasileira, sobretudo a representação daqueles que estão à margem pela exploração dos corpos no mundo do trabalho, urbano ou rural, independentemente da época, protagonizam diversas de suas telas e seus murais.

A monumentalidade das obras murais é uma grande característica em comum na atuação artística de Jenner Augusto e Portinari. A prática que foi apreendida por Portinari durante seus estudos na Itália foi incorporada por Jenner Augusto, em princípio, a partir da observação do trabalho de Portinari. Ciente da conjuntura artística em Sergipe, Jenner Augusto ouve o conselho do já renomado pintor modernista e parte para a Bahia a fim de desenvolver seus estudos e sua carreira.

Porém, antes de partir em 1949 para consolidar sua carreira na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, Jenner Augusto contribuiu sobremaneira para o aparecimento da

mentalidade modernista em Sergipe. Entusiasta do movimento, o pintor atuou como ilustrador na *Revista Época*, periódico sergipano de arte, de escol modernista.

**Figura 4:** Ilustração de Jenner Augusto em *Revista Época* – A



Fonte: Reprodução fotográfica a partir da revista.

**Figura 5:** Ilustração de Jenner Augusto em *Revista Época* – B



Fonte: Reprodução fotográfica a partir da revista.

As duas ilustrações reproduzidas acima são de autoria de Jenner Augusto e integram a edição do primeiro número da *Revista Época*. Datada de 1948, a *Revista Época* reverbera o pós-guerra, “dirigida por Walter Sampaio e organizada por um grupo de jovens escritores integrados na ambiência estética e política da vitória sobre o nazi-fascismo” (SAMPAIO, In:

PONTUAL, 1974, p. 67). Entendo o papel decisivo que a participação de Jenner Augusto na elaboração da *Revista Época* (com textos e imagens, já que atuou junto a Álvaro Santos<sup>19</sup> como ilustrador da revista) teve sobre o destino estético de sua produção. Modernista em sua gênese, a *Revista Época* representa o espírito do movimento em Sergipe.

Nas imagens (figuras 4 e 5), embora a qualidade das reproduções feitas a partir da original que se encontra no acervo do IHGSE seja ruim, é patente a dramaticidade atingida por Jenner Augusto na composição dos rostos que representam a dor e a tristeza causadas pela fome. O abandono social que ocasiona essa situação é objeto do artigo “Luta contra a fome”, escrito por Walter Cardoso, médico sergipano que, segundo apresenta a publicação (*REVISTA ÉPOCA*, 1948, p. 2), “era um estudioso dos problemas sociais de Sergipe”.

Sobre a revista, segundo Sampaio (PONTUAL, 1974, p. 67),

Dadas as deficiências técnicas locais, em que não se pode usufruir de razoável serviço de clichê, as ilustrações deveriam ser a nanquim, com uso e abuso do branco e preto. Pretendia-se, por outro lado, que as ilustrações refletissem, em tema e na forma, as preocupações e mensagens da nova geração. Os dois ilustradores cumpriram bem a missão. E Jenner Augusto descobriu um mundo novo, graças à influência do grupo, em particular de Walter Sampaio.

A *Revista Época*, de 1948, se definia como um “mensário a serviço da cultura e da democracia”. Em sua apresentação (no nº 1 de agosto de 1948), lê-se:

[...] veículo de expressão para a Arte, Literatura e Cultura em geral. Para atingir tal objetivo, *Época* não será um vozeiro de “novos” desesperados, como igualmente não se resulta como um reduto de “acadêmicos”, no sentido em que por isso se torna uma sectarização fictícia e estéril da Arte e da Literatura. A cultura possui uma unidade intrínseca impossível de fracionar-se e define-se como um processo de desdobramento e de avanço, operando sobre o legado do passado e enriquecendo-se das conquistas da inteligência das relações novas. (*REVISTA ÉPOCA*, 1948, s/p).

A leitura do editorial, ou “carta da redação”, pontua a postura da publicação ante a relação cultura-democracia: “A esta altura da nossa apresentação deve já estar bem claro que *Época* se situará no extremo progressivo no campo cultural. Seu programa é o de pugnar por uma cultura nova e militante, que busque formas mais perfeitas de conhecimento e expressão” (*REVISTA ÉPOCA*, 1948, s/p). A capa da publicação estampa uma ilustração feita por Álvaro Santos, um retrato de Monteiro Lobato, morto em julho de 1948, um mês antes de a primeira

---

<sup>19</sup> Álvaro Dozza dos Santos – Propriá/SE, 1920 – Aracaju/SE, 1963. Premiado pintor e ilustrador sergipano que dá nome à principal galeria pública de arte deste estado.

edição da revista ser publicada. A edição inicial apresenta discussões contemporâneas e claro posicionamento político, crítico à ameaça à democracia que julgava estar sofrendo o Brasil nos anos de 1940.

Os artigos que compõem a primeira edição transitam entre a Arte e a política sempre com foco nas transformações sociais.

**Quadro 3:** Lista de artigos da *Revista Época*

<b>ÉPOCA – Mensário a serviço da Cultura e da Democracia. Nº 1, 1948</b>	
Artigo	Autor
Apresentação	s/a
Convenção Nacional de Defesa do Petróleo	s/a
Lei de Segurança	s/a
Luta contra a fome	Walter Cardoso
Walter Cardoso	s/a
Israel	s/a
Pablo Neruda	Walter Sampaio
A Arte nos Estados Unidos	Villa-Lobos
Canto de Paz	José Sampaio
“Forrobodó”	Carvalho Neto
Meu tipo inesquecível	s/a
Consciência de uma época	Monteiro Lobato
Debret e a Sociedade Brasileira	Aloysio Sampaio
Navegação	Bonifácio Forte
Evolução do Direito Moderno	Márcio Rollemberg Leite
Conto	Paulo Carvalho Neto
Meu preço em Rentenmark	Louis Aragon
Presidencialismo e Parlamentarismo	Ruy Eloy
<b>Pintura</b>	<b>Jenner Augusto</b>
Olhos de Tísica	Benedito Cardoso
Movimento Cultural	s/a
Um Teatro para Aracaju	Rubem Vergara
Indicador Profissional	s/a

Fonte: Levantamento feito pela autora a partir da *Revista Época* (1948).

O artigo intitulado “Pintura”, escrito por Jenner Augusto, revela aspectos referentes aos ecos do Movimento Modernista nas Artes Visuais em Sergipe. Considerando a eclosão do movimento em 1922 e os desdobramentos dos anos 1930, que aprofundaram o sentido da produção visual e literária iniciada nos anos 1910-1920, temos nos anos 1930-1940 a repercussão do Modernismo pelo Brasil.

A revista em questão é a impressão da necessidade de um grupo de intelectuais da cultura sergipana de se colocarem no cenário das reflexões contemporâneas sobre Arte. Destarte, Sergipe sente os efeitos dos novos caminhos da Arte no Brasil e não fica à margem ou se furta à discussão e nem à produção. Em 1948, ano anterior à partida de Jenner Augusto para a Bahia, o artista já trabalhava com paisagens sociais. Esse tema, cíclico em sua obra,

sugere preocupações do artista, vide as representações dos Alagados de Salvador, pintadas nos anos 1960.

Depreende-se da leitura de “Pintura”, no que se refere ao cenário modernista sergipano, que aquele ainda era incipiente, um campo em formação, composto por artistas que individualmente, a exemplo do próprio Jenner Augusto, se encantaram com os temas e traços da geração de 1930-1940, a exemplo de Portinari e Segall<sup>20</sup> (na fase de retorno ao Brasil). Para a Aracaju dos anos 1940, a pintura de Jenner Augusto certamente era provocadora, pois vinha rompendo com a paisagem em seu aspecto mais comum, gênero que era reconhecido no Brasil como arte superior e enfatizava a paisagem humana/social:

Ultrapassando a fase do impressionismo e da paisagem, Jenner Augusto, no instante se atira ao encontro da paisagem humana e social. No contato que vem tendo com as gentes dos bairros pobres de Aracaju, maior cresce em sua retina de artista as imagens de quadros sociais que ainda é reduzida, mas já é, assim mesmo uma indicação de suas possibilidades. Não tem escola, mas como pintor moderno que admira Segall e Portinari, odeia a pintura acadêmica e decorativa. (REVISTA ÉPOCA, 1948, p. 27).

Pode-se comprovar a afirmação que fecha a citação acima com o que julgo serem deformidades propositais existentes no painel da UFS. Na ocasião da execução da referida obra, a trajetória de Jenner Augusto o havia levado a um alto nível de observação e concepção estética da paisagem. Contudo, o painel em questão difere, consideravelmente, de sua produção tanto de painéis, no geral, sobretudo em relação ao aspecto figurativo. Há uma evidente aproximação com o realismo<sup>21</sup> que pode ser depreendida tanto na observação da pintura quanto na descrição feita pelo próprio pintor na correspondência enviada para Aloísio de Campos.

É perceptível que a obra (se lida da esquerda para a direita) inicia-se com características mais realistas e finda surrealista<sup>22</sup> quanto à narrativa por conta da alteração do discurso, da estruturação das cenas, da disposição dos elementos. Quanto à técnica, esse mesmo trajeto do olhar pode resultar em certo incômodo, pois sugere que a metade esquerda da tela e a metade direita foram pintadas em momentos distintos ou com intenções distintas, aparentando uma

<sup>20</sup> Lasar Segall (1889-1957), pintor lituano radicado no Brasil, expoente do Modernismo brasileiro.

<sup>21</sup> Embora se trate de um movimento artístico e literário surgido na França do século XIX, cuja principal característica era a representação mais realista da vida em contraposição à idealização romântica, o uso da palavra “realismo” no texto refere-se à capacidade de aproximar o desenho de formas objetivas, com características reais, e não à escola realista.

<sup>22</sup> Aqui a adjetivação se refere ao estilo pela disposição dos elementos visuais na metade à direita do observador. Reforço que essa percepção não situa o painel na escola surrealista, mas promove uma aproximação compreensiva a partir da classificação dada pelo próprio autor.

conclusão apressada da obra, ou uma deformidade proposital, o que pode ser percebido a partir da observação de detalhes do acabamento.

O artigo da *Revista Época* apresenta, no trecho “ouvindo o jovem pintor”, Jenner Augusto afirmando a vontade de expor “um retrato do sofrimento da gente miserável do Curral” e revelando a consciência de que sua produção espantaria o público sergipano acostumado com uma “pintura bem comportada”: “sei que os críticos oficiais da terra acham que boa pintura é somente paisagem. Não penso em agradar ninguém, mas apenas pintar o que sinto e o que mais me comove. Não pretendo fazer arte para enfeitar e decorar os salões dos ricos” (REVISTA ÉPOCA, 1948, p. 27).

A impressão do jovem Jenner Augusto acerca da pintura em Sergipe, registrada em primeira pessoa naquele artigo, permite a inferência sobre o cenário artístico sergipano dos anos 1940:

Apesar das dificuldades em uma terra como Aracaju, e da estagnação em que se encontra a “Associação de Pintores”, a nossa pintura tem progredido. Apenas por espontaneísmo. Os salões últimos já revelam melhores trabalhos e uma pintura com certa preocupação pelos motivos sociais. Apesar de alguns dos nossos pintores, inclusive eu, estarem procurando fugir da paisagem ela ainda está dominando. Penso que isto é por causa do critério de se agradar o gosto da média comum. Isto é um erro. A média comum do povo, em arte, cria uma série de hábitos. Ao verdadeiro artista cabe quebrar, com inovações, os preconceitos artísticos e educar, assim, o povo. A evolução do gosto artístico do povo tem que acompanhar a evolução da emoção do artista. Se assim não fosse não seria possível o surgimento de um Portinari e de um Segall. Portinari já não é estranho ao gosto artístico do povo do Sul. Aqui em Aracaju provavelmente seus quadros causariam um verdadeiro escândalo. Mas com a insistência e o tempo, o nosso povo acabaria se acostumando e passaria a aceitar como ‘bonito’ o que achava feio na pintura de Portinari. (REVISTA ÉPOCA, 1948, p. 27).

O incômodo do artista, evidenciado em seu texto, refere-se ao provável fato de que os pintores sergipanos, mesmo beirando a segunda metade do século XX, ainda produziam sob forte influência do academicismo que impregnou a pintura brasileira desde a chegada da Missão Artística Francesa<sup>23</sup> e posteriormente da instalação da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro.

---

<sup>23</sup> A Missão Artística Francesa consistiu em um grupo de artistas franceses convidados para fundar a Academia Imperial de Belas Artes e mudar o rumo da arte produzida no Brasil, considerada pela Coroa Portuguesa demasiado pitoresca. A intenção era introduzir a produção artística com características Neoclássicas e Acadêmicas. Sobre o tema, cf.: Taunay (1983).

A produção de obras acadêmicas, com influência, sobretudo, neoclássica<sup>24</sup> em um longo primeiro momento de funcionamento da Academia, mesmo passado mais de um século de sua inauguração, foi decisiva – e ainda o é – tanto para os artistas quanto para o público leigo, que associa a arte e seu objeto, o belo, a obras realistas. Por isso, Jenner Augusto afirma que o público poderia chocar-se com as pinturas de Portinari: pela provável falta de hábito de consumir arte em Sergipe e de se estabelecer um diálogo com as vanguardas artísticas que surgiram pelo mundo no início dos anos 1900, daí a necessidade de “educar o povo” sergipano esteticamente.

Na seção “Movimento Cultural”, a revista prova que a força estética de Portinari norteou o imaginário modernista dos anos 1940/1950 nos espaços em que o movimento se manifestava em Sergipe, entusiasmando pintores e intelectuais do campo. Sem assinatura, a nota referente ao lançamento do *Álbum Portinari* pela Editora Pinguim, em 1948, descreve Portinari como sendo o novo na pintura brasileira, cuja “pintura é sempre rica do conteúdo humano, lírico e revolucionário” (REVISTA ÉPOCA, 1948, p. 29).

A ausência de uma escola de arte sempre foi objeto de crítica por parte dos artistas de Sergipe. Este foi apenas um dos motivos que levaram à ida de Jenner Augusto para a Bahia: a busca de uma formação técnica mais específica. Certamente, a participação do artista na *Revista Época* um ano antes de sua partida foi decisiva para sua atuação modernista.

### 2.1.2 Jenner Augusto na Bahia

O jovem pintor não havia frequentado escolas ou aulas de arte. Em notas autobiográficas, menciona que copiava exaustivamente desenhos, o que certamente contribuiu para o seu domínio técnico. Porém, não era o suficiente, e Cândido Portinari o aconselhou: “Você precisa estudar, estudar desenho” (PONTUAL, 1974, p. 23).

Quando chegou a Salvador com a principal intenção de estudar e aprimorar sua técnica e, também, a carreira artística, Jenner Augusto vivenciou um período de mudanças na arte baiana, proporcionado pela inspiração modernista. Passou então a se relacionar com aqueles que, junto a ele, tornar-se-iam referências do Modernismo na Bahia. Trabalhou no ateliê de Mario Cravo Jr. (1923-2018), pintor, escultor e poeta baiano.

---

<sup>24</sup> Neoclassicismo é o movimento artístico que surge na Europa em meados de 1750 e se prolonga até a primeira metade dos anos 1800. É caracterizado pela retomada dos valores artísticos e culturais da Antiguidade Clássica Greco-Romana e está situado no contexto do Iluminismo. Elegância, sobriedade e realismo são as principais características.

Nesse período, Jenner Augusto esteve ligado ao grupo de artistas que atuou na *Revista Cadernos da Bahia*, publicação elaborada por intelectuais baianos, artistas, poetas, jornalistas, que guarda grande similaridade com a sergipana *Revista Época* em sua concepção – modernista em essência, de interesse político e cultural, que surgiu no pós-guerra, no ano de 1948 –, composta por um “grupo que procurava trazer o povo para o primeiro plano da obra de arte, num realismo socialista baiano, em que os elementos populares locais deveriam servir ao mesmo tempo de denúncia social e exaltação das tradições populares” (GROBA, 2012, p. 90).

Um traço comum das biografias livres, sem escopo científico, a exemplo da escrita por Britto e Fernandes (2013), é a exposição das relações sociais como legitimação ou conferência de status de “ilustre” ao biografado. No caso de Jenner Augusto, Britto e Fernandes (2013, p. 23) valorizam a movimentada vida cultural do artista, ressaltando sua intimidade com “personalidades ilustres”:

A sua casa ateliê, na Rua Odilon Santos, no Rio Vermelho, passa a ser seu endereço, a partir de 1955. Jenner Augusto recebia os amigos para trocar informações, também não raras eram as discussões, divergiam; mas, de qualquer sorte, eles formavam um grupo comprometido com a cultura. Por lá, passavam frequentemente, dentre outros ilustres: Mario Cravo Junior, Carybé, Zé de Dome, Mirabeau Sampaio, Rubem Valentim, Rubem Martins, Lênio Braga, Calasans Neto e Dorival Caymmi, que entre uma conversa e outra, cantava, tendo como acompanhamento apenas uma caixa de fósforos. Esses encontros depois passaram a ser na residência de Jorge Amado, na Rua Alagoinhas, 33, no mesmo bairro, casa símbolo da cultura baiana, visitada por gente do mundo inteiro. Foi lá que Jenner Augusto conheceu Di Cavalcanti, Fernando Namora, Vargas Lhosa, Vinicius de Moraes e tantos outros artistas e intelectuais importantes.

Faz parte, também, do percurso biográfico de cunho científico a busca do conhecimento das relações estabelecidas pelos biografados, bem como a natureza destas, sobretudo pela noção de que essas relações não se dão de maneira despretensiosa e de que há a construção intencional da imagem do artista, fator fundamental para essas afiliações.

É o que Bourdieu (1996) considera ao analisar o que chama de “invenção da arte de viver” pelos escritores e artistas. Bourdieu (1996) mostra como o mercado da arte não era capaz de absorver todos aqueles que possuíam pretensões artísticas, sobretudo aqueles oriundos das classes menos favorecidas ou do interior, com menos possibilidades de ocupar espaços naturalmente destinados aos nobres ou burgueses. Ressalto que em *As regras da arte* – obra de

Bourdieu que referencia esta discussão – sua reflexão se dá a partir da Paris do século XIX, iniciando pela escrita de Flaubert<sup>25</sup> e percorrendo o campo da arte e da cultura.

Ao estudar o comportamento do campo, Bourdieu (1996) explica como, por exemplo, os pretensos artistas se submeteram à defasagem dos esquemas postos e ocuparam espaços que não exigiam muita propriedade intelectual e, por outro lado, subverteram essa ordem e, sobretudo, por serem muitos, se reorganizaram a ponto de não se submeterem a situações degradantes (violentas, alienantes) do sistema.

[...] desde o fim do século XVIII, essa sociedade dos escritores e dos artistas, onde predominam, pelo menos numericamente, os plumitivos e os aprendizes de pintor, tem algo de inteiramente extraordinário, sem precedente, e suscita muitas interrogações, em primeiro lugar entre seus próprios membros. O estilo de vida boêmio, que sem dúvida trouxe uma contribuição importante à invenção do estilo vida de artista, com a fantasia, o trocadilho, a blague, as canções, a bebida e o amor sob todas as suas formas, elaborou-se tanto contra a existência bem comportada dos pintores e dos escultores oficiais quanto contra as rotinas da vida burguesa. (BOURDIEU, 1996, p. 73).

Ainda conforme o autor, essa ambiguidade boêmia situa esses grupos de artistas “mais perto da aristocracia ou da grande burguesia” do que do povo. O “Jenner Augusto de 1948”, que afirmou “não penso em agradar ninguém, mas apenas pintar o que sinto e o que mais me comove. Não pretendo fazer arte para enfeitar e decorar os salões dos ricos” (REVISTA ÉPOCA, 1948, p. 27), soa contraditório quando conhecemos o seu círculo social:

Mas a sociedade dos artistas não é apenas o laboratório onde se inventa essa arte de viver muito particular que é o estilo de vida de artista, dimensão fundamental da empresa de criação artística. Uma de suas funções principais, e, no entanto, sempre ignorada, é ser para si mesma seu próprio mercado. Ela oferece às audácias e às transgressões que os escritores e os artistas introduzem, não apenas em suas obras, mas também em sua existência, ela própria concebida como uma obra de arte [...]. (BOURDIEU, 1996, p. 75).

Dessa forma, acontece uma distinção social e se cria a imagem do artista, que, embora muitas vezes não seja sustentada pela venda de suas obras, encontrará suporte no prestígio e na colaboração entre seus pares. A trajetória de Jenner Augusto, a partir de sua atuação artística na Bahia e do círculo social em que estava inserido, corroborou para que se tornasse um artista ligado à elite artística, política e econômica daquele estado e de Sergipe. Isso pode ser percebido

---

<sup>25</sup> Gustave Flaubert (1821-1880), um dos principais nomes do Realismo francês na literatura.

a partir de uma simples observação das publicações a seu respeito ou do título de Cidadão Soteropolitano, recebido em 1971, por exemplo.

Em 1972, Jenner Augusto recebeu o prêmio de melhor artista plástico de Salvador após vencer o concurso para melhor artista daquele ano. O prêmio foi conferido por meio do júri, composto pelo secretário de Educação da Bahia e da diretora da Escola de Belas Artes da Bahia: “Na comissão, ainda os professores Renato Ferraz, Carlos Eduardo da Rocha, Diretor do Museu do Estado da Bahia, Godofredo Filho, Presidente do Conselho Estadual de Cultura e Wilson Lima” (JORNAL DA CIDADE, 29 de dezembro de 1972, p. 2).

Jenner Augusto vinha periodicamente pesquisar em Sergipe, como noticiou o *Gazeta de Sergipe* de 10 de abril de 1973 sobre sua visita a Aracaju, acompanhado de sua esposa. Na ocasião, hospedou-se no hoje desativado, mas então glamoroso, Hotel Palace<sup>26</sup>. Da capital, partiu e “fez pesquisas pelo interior sergipano”.

A notícia afirma que Jenner Augusto teria a missão de criar ilustrações para os futuros carnês do Ministério da Fazenda para o Nordeste com temas relacionados a cada estado. Esses estudos nos permitem deduzir ser Jenner Augusto um conhecedor de aspectos regionais e que esse conhecimento era parte fundamental das suas composições. Suas visitas a Sergipe tornavam-se objeto de abordagem da imprensa sergipana, tamanha sua projeção no campo artístico.

Ao observar esses aspectos da trajetória de Jenner Augusto, questiono se apenas (que já é bastante!) a amizade entre o artista e Aloísio de Campos, citada por ambos, quando da ocasião da inauguração do painel, e a qualidade de seu trabalho seriam motivos para o convite feito pelo reitor ao pintor. Concluo que não, pois é notório que um artista do nível de Jenner Augusto, dotado do capital cultural que possuía, seria crucial para legitimar, por meio de sua obra, a imagem que a UFS desejava comunicar naquele momento histórico, dando imagem ao que a Reforma Universitária de 1968 colocou como objetivo do Ensino Superior: a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário.

## 2.2 DESCRIÇÃO DO PAINEL

*[...] sustentando com a mão esquerda um bambolê, evocação que emoldura retratos de três vultos importantes e queridos de nossa terra: Tobias Barreto, representando o direito, a literatura, a Arte; Doutor Bragança, a ciência, a*

---

<sup>26</sup> Cf.: SILVA, Iandra Viera. **Patrimônio, cultura e cidade**: uma escola de arquitetura e urbanismo no antigo Hotel Palace em Aracaju/SE. 2019. 137f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

*pesquisa, etc. e, por fim, Doutor Augusto Leite, a medicina, o amor à profissão, à cirurgia* (trecho da carta).

Três rostos humanos, pálidos, aparecem ladeados no interior de um círculo. Na imagem predominam tons de azul, verde-claro, cinza, ocre e pastel, além das grossas linhas de contorno escuro quase em preto. Trabalhados em busca da imagem real, trata-se de representações realistas sem, contudo, a tentativa de atingir um efeito fotográfico. O geometrismo, presença forte em todo o painel, está presente nos contornos definidos por larga espessura que delimitam as curvas dos rostos e dos cabelos. Resultado do evidente domínio das técnicas por Jenner Augusto, embora pesem contornos e apesar do geometrismo das roupas e dos óculos de Antônio Tavares Bragança, o pintor conferiu um especial ar de dignidade aos escolhidos para a composição.

Trata-se, evidentemente, de estilizações de retratos que outrora eternizaram esses intelectuais (figuras 6, 7 e 8). Ao fundo, como elementos gráficos sobpostos, aparecem duas chaminés, uma delas, a maior ou mais à frente, fumegante, cujo movimento empreendido na fumaça a projeta para fora do círculo. Os retratos emoldurados pelo bambolê sobrepõem-se à representação de uma paisagem com rio, barco, igreja, árvore, fábricas que sugerem se tratar da região mais próxima ao Bairro Industrial e ao rio Sergipe, denotando a intenção de se representar o progresso e o desenvolvimento deste estado.

Não há sorrisos em *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*. Essa opção figurativa de Jenner Augusto sugere uma atmosfera solene que pode ser a representação do artista sobre a UFS. Ao optar por expressões sérias em todas as cenas, o pintor manteve-se fiel ao seu estilo. Os rostos pintados por Jenner Augusto, nas mais diversas obras, sendo eles mais ou menos definidos em relação à técnica aplicada, quase sempre comunicam algo solene.

Ao bidimensionar formas, o pintor inanima personagens que projetam seus olhares para além da tela. Observadores mais sensíveis diriam que elas atravessam o espectador e vão além. Essa sensação habita *Instrução, Cultura, Ciência e Arte* em todas as cenas em que as personagens se voltam para o apreciador. Exceto em uma: os intelectuais, esquematizados a partir de fotografias existentes.

Da observação da cena e a partir da leitura do excerto que abriu este capítulo, uma questão principal emerge: por que Jenner Augusto escolheu esses três homens para compor o painel? Obras de arte não foram feitas apenas para serem contempladas, ainda que seus autores afirmem isso. O poder de comunicação de uma representação artística é vasto, e as formas, desde as mais simples às mais complexas, estão impregnadas de discursos.

O conceito de imagem dialética elaborado por Walter Benjamin (2006, p. 505) traz a perspectiva de que ela se dá à compreensão em diferentes aspectos – históricos, imagéticos ou do conhecimento –, sendo produto de seu tempo. Para que seja lida, é preciso que seja observada em seu interior ou em sua complexidade.

Não é que o passado lança luz sobre o presente ou que o presente lança luz sobre o passado, mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. [...] somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não-arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente à toda leitura.

*Instrução, Cultura, Ciência e Arte* é uma imagem dialética cuja análise se dá no campo das diversas probabilidades de interpretações que podem ser refutadas, ainda que sua leitura/interpretação aconteça de forma delicada na operação dos entrelaçamentos de suas tramas subjacentes.

O painel representa seu tempo e comunica de seu tempo àqueles que por atemporal o tomam e em seu agora habitam a historicidade de sua época, ainda que não represente inteira e exclusivamente a sua época. Assim, Benjamin (2006, p. 502) afirma:

A compreensão histórica deve ser fundamentalmente entendida como uma vida posterior do que é compreendido e, por isso, aquilo que foi reconhecido na análise da ‘vida posterior das obras’, de sua ‘fortuna crítica’, deve ser considerado como o fundamento da história em geral.

Dos retratos pintados às *selfies*, retratistas e retratados tendem a melhorar a realidade ou ressaltar de maneira positiva ou não o que é de seu interesse. E essa intenção sempre fora comum: em outras épocas, o trabalho sobre a imagem realizado a partir da idealização do retratado ou do artista modelo; no caso do autorretrato, na contemporaneidade, o retratista também se edita, se compõe e se revela como gostaria, por meio de *selfies*.

O retrato pintado, segundo Burke (2015, p. 42), é

[...] um gênero artístico que, como outros gêneros, é composto de acordo com um sistema de convenções que muda lentamente com o tempo. As posturas, os gestos dos modelos, os objetos representados à sua volta seguem um padrão e estão frequentemente carregados de sentido simbólico.

Sendo, portanto, o retrato uma forma simbólica, alio nesta leitura de imagem o discurso textual ao discurso imagético para entender a escolha de Jenner Augusto pelos seus três retratados. O pintor refere-se a eles como “vultos importantes e queridos de nossa terra”, revelando pessoal admiração pelos retratados, julgando que seriam eles os representantes da sabedoria acadêmica que mereciam sua estampa como símbolos do conhecimento intelectual.

Ao registrar essas “performances especiais” (BURKE, 2015, p. 44), Jenner Augusto ilustra os intelectuais em questão como referências, modelos de erudição, homens que conseguiram atingir essa condição graças ao acesso aos estudos superiores e às características pessoais especiais que lhes conferem esse status. Foram Professores, Juristas, Médicos, Políticos e Teóricos em suas áreas, além de terem se destacado em seus círculos sociais como personalidades diletantes. Os três intelectuais retratados no painel estão verbetizados a seguir:

**Figura 6:** Tobias Barreto de Meneses



Fonte: Reprodução de imagem sem identificação de autoria que ilustra um perfil biográfico do intelectual, extraída do portal da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/tobias-barreto>. Acesso em: 18 out. 2020.

Morto cedo, aos 50 anos, em 1889, Tobias Barreto (figura 6) legou uma vasta contribuição em diferentes campos do conhecimento – Filosofia, Literatura, Direito são alguns deles. O patrono da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras, atualmente ocupada pelo Ex-Presidente da República José Sarney, nasceu em Vila de Campos do Rio Real – hoje denominada Tobias Barreto – em 7 de junho de 1839.

**Figura 7:** Antônio Tavares de Bragança



Fonte: Reprodução de fotografia extraída da dissertação de mestrado de Claudileuza Conceição de Oliveira (2010, p. 60).

O farmacêutico-químico formado pela Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia nasceu em Laranjeiras/SE em 1903 e morreu em 1980. Fundou a Escola Superior de Química de Sergipe, onde esteve desempenhando funções de professor, pesquisador e diretor entre 1926 e 1962. Intelectual de projeção nacional, atuou como protagonista para a consolidação do campo da Química neste estado. De acordo com Conceição (2010, p. 64), “O capital simbólico de Antônio Tavares de Bragança, que repousava sobre o reconhecimento de uma competência adquirida, proporcionou-lhe autoridade científica”.

**Figura 8:** Augusto César Leite



Fonte: Reprodução de fotografia extraída do portal comemorativo aos 17 anos da cidade de Aracaju. Homenagem ao Dr. Augusto Leite. Sem indicação de autoria. Disponível em: [aracaju.se.gov.br/157anos](http://aracaju.se.gov.br/157anos). Acesso em: 18 out. 2020.

Augusto Leite, riachuelense, nascido em 1886, foi um médico que atuou para além do exercício da medicina. Formou-se no Rio de Janeiro, em 1909, e retornou para Sergipe em seguida. No início de sua carreira, clinicou em cidades do interior sergipano e em Aracaju. Atuou em Recife, aperfeiçoou-se nos Estados Unidos da América e na Europa. Foi professor, ocupou cargos eletivos, fundador de um dos maiores hospitais de Sergipe, o Hospital de Cirurgia, e se tornou referência para gerações de médicos sergipanos.

Em comum entre os três retratos, pode-se perceber o vigor e a elegância na representação das três figuras masculinas. São retratos que registram performances diferenciadas (BURKE, 2015) e enaltecem homens que foram destaque em seus campos de atuação. Essa impressão está presente na roupa escolhida para o momento do registro, na posição dos ombros, na perspectiva lateral. No caso de Tobias Barreto, há a exaltação da intelectualidade, com o olhar voltado para outro horizonte, o que traduz a condição do ver além. Em Augusto Leite, o posicionamento das mãos traduz a experiência e a habilidade de cirurgião. Ressalto que os três atuaram como professores em escolas superiores, o que certamente foi decisivo para a escolha de Jenner Augusto por esses perfis como representantes da docência em nível superior.

### *A formatura*

**Figura 9:** Cena “A formatura”



Fonte: Excerto da reprodução fotográfica do painel de Jenner Augusto. Fotografia da autora.

Neste momento da leitura visual do painel, abro um espaço para ressaltar a cena da *formatura*. A formatura, quando se fala em rito, é o ápice da graduação. É para esse momento

que alguém se submete ao vestibular, para receber o grau que lhe conferirá o credenciamento para que o antes acadêmico, agora licenciado ou bacharel, exerça sua profissão com a certificação, no caso da UFS, de uma instituição de Ensino Superior reconhecida pelo Ministério da Educação.

Essa certificação, ou diploma de Ensino Superior, é conferida ao graduando em cerimônia de colação de grau, que pode ser reservada e antecipada – caso o formando opte ou necessite desses formatos –, ou em conjunto durante as tradicionais formaturas. Jenner Augusto representou esse ritual em seu painel com a cena à qual denominei “A formatura”. Nela estão dispostas fileiras de formandos, sentados lado a lado, trajando as habituais becas, como se assistissem atentamente a um discurso proferido durante a cerimônia, como é de costume na ocasião.

Ao longo do tempo, assim como a aprovação no vestibular, a formatura tornou-se uma celebração para ser vista e compartilhada com a família, os amigos e a sociedade. Se, quando aprovados nos vestibulares da UFS, os jornais sergipanos publicavam as listas com os resultados, ao se formarem, as turmas publicavam as listas dos concludentes, além de divulgarem as cerimônias e festas. Em Aracaju, nos anos 1960, as formaturas entraram no hall dos festejos sociais que movimentavam a sociedade, e os jornais da época divulgavam as celebrações.

A coluna “Vida Social”, do GS de 12 de julho de 1968, emitiu opinião enquanto divulgava a formatura da Faculdade de Direito:

Ultimamente, uma das fixações da sociedade aracajuana são as famosas formaturas. Todos compram, sorriem e dançam valsinhas. Há doutores do ABC, do ginásio, do clássico, do científico, de corte e costura, de arte culinária e uma infinidade de outros, que enumerá-los seria cansativo. O comércio é cheio de mães comprando rendas, cetins, brocados, para que sua filhinha seja a mais bela da noite. E é nesse modo de poetar a vida, que se esquece os outros dias do ano. (GS, 12 de julho de 1968, p. 5).

Ao passo que há um tom crítico nas palavras do jornalista não identificado, há algo a ser percebido no que se refere ao sentido dos rituais de formatura. O foco na teatralidade, no cenário, na indumentária, na sequência de ações, leituras, expressões corporais, demonstrações de civismo, demonstrações de gratidão aos pares e à sociedade, todo o arranjo define esse como o auge de um percurso acadêmico ou escolar. E o que esse momento implica não se refere somente ao estudante/graduando, mas a um grande entorno afetivo, econômico, comercial, político etc., que é atingido por essas celebrações, sejam elas discretas ou não.

A formatura deve ser percebida, ainda, como uma ocasião de projeção no campo profissional daqueles que se inserirão no bojo do trabalho em suas áreas de formação. Funciona como uma “vitrine”, uma oportunidade de, durante sua encenação e a depender do seu formato, o formando ter algum tipo de destaque para que seja conhecido e possa estabelecer suas relações no campo profissional. Nesse sentido, a formatura se torna também uma celebração da distinção, em que o formando atua na construção de uma representação de si para outrem, que faz parte de um processo de legitimação de sua intelectualidade.

Danilo Mota de Jesus (2018), ao estudar a estruturação do campo da Odontologia em Sergipe, tratou das primeiras formaturas do curso, mostrando a repercussão, na mídia impressa, da colação de grau do ano de 1973. Segundo o autor, aquela formatura foi divulgada em publicações nos jornais sergipanos que versavam sobre a colação de grau dos cinco primeiros odontólogos, divulgando seus nomes, a programação religiosa e festiva, com direito a missa na Igreja de São José, descerramento de placa e baile de confraternização no Iate Clube.

Jesus (2018, p. 126-127) prossegue descrevendo o ritual que ocorreu em etapas:

Apenas cinco dos dez alunos aprovados no vestibular de 1970 se formaram na UFS, mas esse fato não diminuiu o esplendor que uma formatura traz, assim, no dia 14 de dezembro de 1973, por volta das 8h de uma manhã de verão em uma sexta-feira, aconteceu, na Igreja São José, a missa solene de formatura dos primeiros odontólogos formados pela Universidade Federal de Sergipe, às 17h. Naquele mesmo dia, os alunos se reuniram com os professores da Faculdade de Ciências Médicas para a aposição da placa de formatura e às 20h a colação de grau aconteceu no auditório do Colégio Atheneu Sergipense com a presença de formandos, professores, familiares, amigos e outros convidados.

É perceptível, na descrição de Jesus (2018), a comoção que a formatura causa nos envolvidos. Os personagens centrais, os formandos, percorrem intensas programações, por vezes concentradas em um único dia, outras vezes diluídas durante uma semana, para celebrar a conclusão de seus cursos. Os professores, a família e os convidados mais próximos desdobram-se em tentativas de contornar suas rotinas para se fazerem presentes nas solenidades e no tão esperado baile.

**Figura 10:** Missa solene de formatura



Fonte: Acervo particular da família de Lélío Guimarães Fortes reproduzida na dissertação de Jesus (2018, p. 127), de onde fora extraída.

A imagem acima remete à representação da formatura existente no painel de Jenner Augusto pela disposição dos personagens e pelo espírito solene observado nas posturas, vestes e expressões faciais. Ternos e becas sugerem a presença de formandos, representantes da UFS e convidados. Pode-se inferir que Jenner Augusto retratou uma solenidade que pode ser tanto a missa quanto a colação de grau.

Porém, é necessário frisar que a caminhada para a legitimação no campo não se inicia no momento da formatura. Isso pode ser percebido por meio da divulgação na imprensa dos nomes dos aprovados no vestibular. O excerto seguinte, reproduzido da coluna social do GS de 21 de janeiro de 1968, ilustra:

Comentadíssima foi a prova de Português de Eduardo Sérgio Bastos, que superou as expectativas inclusive dos próprios médicos professores, que, fazendo jus ao talento deste jovem futuro médico, deram-lhe os 4 pontos máximos de dissertação de Português.

Notas desse tipo adquirem uma conotação quase que publicitária e elas estão distribuídas por diversas edições dos jornais, fato que finda por renovar essa hipótese. Seja para distinguir entre os demais alunos aquele aprovado com louvor nos exames ou para destacar a simpatia de um jovem profissional na ocasião de sua formatura, dos outros formandos, os jornais se configuram como um potente espaço de projeção pessoal.

Isso pode ser observado na publicação do GS de 7 de dezembro de 1968, que divulgou em sua coluna social a formatura de novos advogados graduados pela Faculdade de Direito de Sergipe, naquele ano já como parte da UFS, destacando entre as solenidades as tradicionais “festas da saudade”<sup>27</sup>, a missa em ação de graças e o baile de gala no Iate Clube de Aracaju, “onde os alunos dançarão a inesquecível valsa”. Chama atenção na nota o destaque dado a um dos formandos em específico: “entre os novos advogados, forma-se Jefferson Fonseca, figura demais conhecida em nosso meio social pela sua simpatia e inteligência” (GS, 7 de dezembro de 1958, p. 5).

A partir do estudo de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron publicado em 1964, intitulado *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*, podemos relacionar as questões postas pelos autores franceses sobre a cultura ao campo educacional do Brasil. Essa relação se estabelece, inicialmente, no campo da identificação entre realidades ou situações, mas também pela obra entender o sistema universitário francês como um sistema de reprodução de desigualdades sociais, o que não é estranho à nossa sociedade brasileira.

No primeiro capítulo da obra, “A escolha dos eleitos”, Bourdieu e Passeron (1964) analisam os fatores que seriam determinantes para o acesso à universidade francesa, considerando que a origem social, a cultura ou o sexo interferem de forma decisiva em trajetórias acadêmicas, desde a escolha de um curso até a permanência na universidade. Assim, já no início essas trajetórias estariam definidas, uma vez que os estudantes oriundos de estruturas familiares sociais econômica e culturalmente estabelecidas são os que mais têm chances de acesso e conclusão dos cursos:

Essa origem, ainda de acordo com os autores, atua também sobre as escolhas das carreiras. No caso de uma família com certa quantidade de médicos e tradição nesse campo, a probabilidade de uma vaga em curso de medicina ser ocupada por um de seus descendentes é maior. Para os filhos dos operários ou trabalhadores agrícolas, por exemplo, essa é uma realidade mais distante, de acordo com os gráficos e as conclusões apresentadas. (BOURDIEU; PASSERON, 1964)<sup>28</sup>.

No Brasil, essa era uma condição posta naquele momento, e mudanças nas políticas educacionais, sobretudo a partir dos anos 2000, interferiram na configuração desse cenário. A observação da elite médica<sup>29</sup> sergipana, por exemplo, é ilustrativa dessa herança, embora

<sup>27</sup> Celebrações de despedida realizadas ao fim do curso.

<sup>28</sup> Algumas concepções relacionadas aos estudos empíricos realizados por Bourdieu e Passeron são revisitadas em Bourdieu (2001). Sobre a relação entre esperanças e oportunidades, tempo e poder, cf.: BOURDIEU, 2001, p. 253-300.

<sup>29</sup> Cf.: Silva (2018).

existam exceções, e, sobretudo depois da política de cotas, o público de medicina seja mais heterogêneo na atualidade.

### *Cultura e Arte*

Quando Jenner Augusto elaborou o painel, a UFS não contava com cursos na área de Arte, mas esse fato não excluiu a sua representação na pintura. Da forma como o artista compôs sua narrativa visual, visivelmente baseado pela organização da UFS naquele momento, uma vez que diversas áreas estão nele representadas, temos aí um indicativo de que Jenner Augusto se aprofundou no estudo de seu tema.

Isso significa que, ao optar por dedicar metade do painel à Cultura e à Arte, Jenner Augusto demonstra que entendia a UFS como um relevante espaço de produção, projeção e ebulição cultural. Isso porque, entre as décadas de 1970 e 1980, a UFS promoveu formações em arte nas suas diversas linguagens, realizou intercâmbio para artistas sergipanos, apoiou grupos artísticos e culturais, organizou exposições artísticas, manteve grupos folclóricos, entre outros atos que contribuiriam para a consolidação do cenário artístico e cultural deste estado, sobretudo por meio de suas ações de extensão, o que classifica a UFS como um espaço de mediação cultural.

Situo o Festival de Arte de São Cristóvão – FASC, por exemplo, como uma grande ação de valorização cultural e de produção e formação de artistas e do público de arte em Sergipe. De acordo com Subrinho (2008, p. 7),

O FASC inaugurou a Extensão na UFS e ensinou-lhe a buscar parcerias, a integrar-se com várias instâncias do poder público e da iniciativa privada, a buscar, portanto, a interação com a sociedade e a projeção do fazer dos sergipanos no cenário regional e nacional. O FASC tornou-se uma referência no calendário cultural para artistas e grupos de todo o país, proporcionando oportunidades de intercâmbio de experiências nos mais diversos campos de expressão artística e cultural.

O FASC como política cultural foi uma das maiores ações de extensão da UFS e foi estudado por Santos (2015), que se dedicou a entender o festival em tempos ambíguos para a educação superior do Brasil, que naquele momento estava submetido à ditadura militar. Além do FASC, o Coral Universitário e a atuação de professores no campo cultural, a exemplo da Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes, que coordenou trabalhos com o Grupo Expressionista de Teatro da UFS,

por exemplo, são outras ações que reafirmam a condição da UFS de espaço de pensamento, produção e projeção cultural<sup>30</sup>.

A capa do *Jornal da Cidade* de 1º de setembro de 1972 informava a presença de Jenner Augusto e de seu irmão, Junot Silveira, no FASC. Ambos viriam de Salvador e tiveram a vinda divulgada para a sociedade sergipana. Naquele ano, Jenner Augusto já era considerado um dos maiores nomes da pintura baiana, e, assim como ele, seu irmão também se destacava naquele estado, ocupando, em 1972, o cargo de Diretor da Imprensa Oficial da Bahia.

O texto intitulado “Sob os auspícios de nossa universidade” demonstra a expectativa pelo festival. Após a abertura do FASC, o JC publicou um texto escrito pelo Professor João Costa sobre o evento: “A Universidade mostrou o caminho”. Durante o primeiro FASC, o governador despachou de São Cristóvão, e a capital de Sergipe mudou-se para lá. A descrição feita pelo Professor João Costa da abertura do FASC, publicada no JC de 6 de setembro de 1972 (p. 2), é arrebatadora:

A iniciativa foi surpreendente. Madre Albertina Brasil dotada de um dinamismo sem precedentes em benefício da história cultural de nossa gente, lutando frente a frente com os possíveis óbices que poderiam se interpor nessa grande realização. Nada se patenteou que pudesse mostrar o mais leve toque de falta de organização. 1º FESTIVAL DE ARTE DE SÃO CRISTÓVÃO foi sem dúvida a descoberta do caminho da arte da cultura vivida e experimentada aplaudida por todos quantos lá compareceram. Foi inegavelmente a maior festa da cultura sergipana. Três dias de programação intensa, suas múltiplas manifestações, a arte imperou em São Cristóvão. Da demonstração em praça pública dos grupos folclóricos ao mais fino espetáculo dentro das igrejas tudo conduziu ao mais incisivo convite a fazer-se questão de nesses pontos estarmos para novos aplausos no II Festival que por certo virá. Se acontece conosco, por que não há de acontecer com Madre Albertina<sup>31</sup>? Temos a certeza que tanto a Madre, como a segunda pessoa, o Prof. Alencar Filho, já estão fazendo planos de organização de 1973.

A história da nossa cultura há de guardar para sempre aquele momento cheio de emoção, que poderia até mesmo arrancar lágrimas de dentro do peito do mais pequeno patriota. Foi na noite de instalação do Festival, a inesquecível noite de abertura. Tudo medido, marcado, sem falhas, e além de tudo, impressionante. Narremos. Chegou a noite e o povo encheu as praças e ruas estreitas e seculares de São Cristóvão. Em frente ao Museu de Sergipe achavam-se além do Magnífico Reitor, as autoridades mais representativas de nosso Estado. Convidados chegaram e se punham naquele local. Às oito horas, o cortejo de autoridades e membros das comissões, percorreram a distância entre o museu e o palanque armado em frente ao Convento de São Francisco excessivamente iluminado. A praça regurgita de gente em expectativa. A essa altura penetram na praça os grandes e negros carros oficiais. Chegava o Governador do Estado para a solenidade. A música de banda irrompe na característica de chegada do governador. Agora o palanque está cheio e

<sup>30</sup> Sobre o FASC, cf.: Santos (2015). Sobre o Teatro em Sergipe, cf.: Benevides (2015).

<sup>31</sup> Sobre Albertina Brasil, cf.: Lima (2012).

Alencar dirige palavras ao público, sendo seguido do Magnífico Reitor, de Madre Albertina, e finalmente pelo Dr. Paulo Barreto de Menezes, que soube mostrar prestígio à todas as solenidades culminantes do Festival. Pois bem. Ao fim de seu discurso, o Governador começa a leitura do Decreto da Mudança da Capital, mudança temporária, para a cidade de São Cristóvão. As luzes da praça extinguíram-se. Mergulha-se na penumbra. Do outro lado da praça, refletores iluminam o gigante de séculos, imponente e arguido nos tempos: o Museu de Sergipe. Era o Palácio do Governo. A música enche a praça. Os sinos, todos os sinos falando juntos, repicavam a par e par à fala governamental. A emoção invadia a todos. Faces como que contraídas fixavam-se no longe dos foguetes empinando lágrimas das alturas entre o estourar e a incandescência da tradição calcada na figura de João Bebe-Água. Seguiu-se a essa solenidade o primeiro concerto do Festival O Coral da Universidade Federal de Sergipe, regido pelo Maestro Antonio Carlos Plech, cantava na Igreja de São Francisco, completamente às escuras marcada pelo luzir das velas. Estava feita a descoberta do caminho da arte e da cultura e os louvores dela sejam dados com justiça à Universidade Federal de Sergipe.

Ainda durante a organização daquele ano, o FASC foi notícia da capa do JC de 4 e 5 de junho de 1972, que informou sobre as movimentações iniciais para a organização da primeira edição do festival. A nota tratava de uma reunião da Comissão Artística, que ocorreu na reitoria da UFS, com a finalidade de discutir a programação. O texto já adiantava o que seria visto no FASC: peças teatrais, grupos folclóricos, artes plásticas, palestras, conferências etc. Também informava sobre a mobilização entre artistas para concluírem suas obras e assim estarem aptos à participação no festival. Com a parceria entre a UFS e o Conservatório de Música, a Empresa Sergipana de Turismo, entre outros parceiros, o FASC nascia com a imponência de uma ação de extensão de significativo impacto na cultura sergipana.

No ansiado segundo ano do festival, mantiveram-se o concurso de fotografia “Prêmio Celso Oliva<sup>32</sup>”, com edital divulgado em 14 de março de 1973 no GS, apresentações do Coral Universitário, além de novidades na programação. Consta exposto no GS da mesma data um pedido da França, que, por intermédio de seu Cônsul Geral no Brasil, propôs participar do FASC II. O Festival estava sendo organizado pela segunda vez pela Professora Albertina Brasil, que, segundo a matéria, recebeu o pedido e o encaminhou para a comissão organizadora do evento. O pedido foi intitulado “Proposition pour une participation au Festival de São Cristóvão”. Nele, de acordo com o GS, o Cônsul sugeria a exibição de uma montagem audiovisual sobre o urbanismo francês contemporâneo e sobre Molière.

---

<sup>32</sup> Celso Oliva (Boquim/SE, 1914 – Brasília/DF, 1963) foi um odontólogo, artista e intelectual sergipano, definido pelo poeta Freire Ribeiro na ocasião de sua morte: “Celso, poeta defina sensibilidade; Celso, escritor de mérito; ‘conteur’ festejado; fotógrafo magnífico conquistando prêmios e louvores nas exposições do Brasil, da Europa; irmão do mar, fremindo de cívicos entusiasmos, pela libertação de todos os povos [...]” (A CRUZADA, 9/03/1963). Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/1271>. Acesso em: 15 dez. 2022.

A localização na imprensa das constantes divulgações das ações de extensão da UFS no campo cultural permite mensurar a relevância da UFS para impulsionar a Arte sergipana no período, e, ainda que a UFS não graduasse artistas, não podemos afirmar que ela não formava artistas. Havia uma profusão de cursos sendo ofertados pela extensão universitária, por profissionais estrategicamente encarregados de desempenhar essas atividades, ou de convidar os maiores expoentes da produção cultural brasileira no período, que atuavam nos diversos cursos ofertados pela UFS.

A UFS efervesceu cultura nos anos 1970<sup>33</sup>, e isso não se restringe à organização do FASC, mas a todos os desdobramentos a partir do Festival, a saber, as oficinas de música, teatro, cinema, ao coral e a todas as outras formações de curta duração vinculadas nos jornais impressos sergipanos.

A leitura do painel proporciona uma profusão de desdobramentos históricos, sequenciados, gerados a partir do entendimento de cada processo decodificado. Mesmo as ausências surgem como possibilidade. Jenner Augusto, ao destinar metade do painel à cultura e à arte, registra a UFS com todo o seu potencial de impulsionadora cultural do estado de Sergipe. Ao registrar isso na metade do quadro em que fala sobre instrução e ciência (embora a instrução refira-se ao todo), Jenner Augusto produz um documento estético de suma representatividade para aquela instituição. Um documento que contém a cronologia da vida acadêmica, desde o desejo de se fazer parte da UFS até o exercício profissional decorrente da formação acadêmica. Uma vez que a questão do acesso, via vestibular, é foco deste estudo, voltemos a partir de então os olhos para esse assunto.

---

<sup>33</sup> Sobre isso, cf.: MARINHO, Danielle Virginie Santos Guimarães; SOUZA, Josefa Eliana. “Por trás daquele quadro tem vida!” A interpretação de uma atriz sobre a UFS e a arte representada no painel de Jenner Augusto. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, 2, n. 50, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/rihgse/article/view/14573>.

### SEÇÃO 3 – OS VESTIBULARES DA UFS ENTRE 1970-1980

#### 3.1 SITUANDO O OBJETO: O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR (1970-1980)

Para iniciar qualquer discussão relacionada ao vestibular na década de 1970, é necessário o exercício de compreensão de seu público-alvo, ao menos o público majoritário, que é o egresso do segundo grau. Invoco, para tanto, sem a pretensão de esgotar o tema, o entendimento das diferentes realidades e contextos que compõem esse grande público que conclui a escola média e decide ingressar no Ensino Superior. Em uma sociedade tão heterogênea e desigual como a brasileira, inclusive no que diz respeito ao acesso à Educação Básica, voltar o olhar para a compreensão dos diferentes cenários em que as juventudes estão inseridas pode possibilitar a percepção de como os processos seletivos para o Ensino Superior podem servir como um instrumento de distanciamento entre os jovens e a universidade.

Tratar dos desafios e perspectivas da juventude contemporânea significa tratar dos processos de escolarização básica, do acesso ao ensino superior, da inserção no mercado de trabalho, da violência, enfim, de metabolismos múltiplos de desigualdade social, matrizes de seletividade e mobilidade socioeconômica. (TEIXEIRA, 2011, p. 28).

Ao considerar sobre “juventudes”, Ana Maria Freitas Teixeira (2011) apresenta a pertinente discussão sobre a heterogeneidade que compõe a juventude, o que justifica o uso da palavra no plural. No universo de questões comuns às juventudes, argumenta ser necessário entender que as diferenças sociais entre os jovens proporcionam os perfis distintos que se encontram nessa faixa etária. Em tempo, apresenta que as representações sobre juventude que consideram a sua homogeneidade têm tratado dos chamados “problemas da juventude” como se fossem os mesmos para todos os jovens, sendo eles “arranjar um emprego, enfrentar o vestibular, escolher uma profissão [...]” (TEIXEIRA, 2011, p. 29).

Porém, a complexidade das juventudes exige que – ainda que os problemas citados sejam comuns a boa parte dos jovens – o estudioso das questões que envolvem esse público aborde as diferenças nas preocupações com a proporção devida para cada tipo de perfil. Isso significa dizer, por exemplo, que, embora o acesso à UFS ou ao Ensino Superior no geral seja uma preocupação para as juventudes sergipanas, é fundamental ter em mente que as diferenças sociais implicam impactos distintos no acesso à UFS.

Dessa forma, falar de acesso é falar também de exclusão, sobretudo quando se analisam o período da estruturação do Ensino Superior no Brasil e suas sucessivas tentativas de

legalização e organização. Ao investigar, além do acesso, a permanência de jovens de origem popular no Ensino Superior, Teixeira (2011) aponta que a trajetória escolar do estudante, inclusive a que antecede a sua entrada no Ensino Médio, percebido como a porta de acesso à vida universitária, é parte do caminho para esse ingresso.

O estudo de Teixeira (2011) tem como público específico o estudante de escola pública, mas, para compreender o fenômeno, a autora expõe a comparação de dados referentes à admissão e permanência desse grupo nas Instituições de Ensino Superior – IES. Embora sua análise compreenda a primeira década dos anos 2000, é perceptível o corte entre o número de matrículas do Ensino Médio público e o número de estudantes que acessam o Ensino Superior público no Brasil, especificamente no Nordeste.<sup>34</sup>

Portanto, atravessar o tortuoso caminho do ensino médio público em direção ao ensino superior público, significa, para essa população, lidar com as desigualdades socioeducacionais que se evidenciam nessa transição. No caso específico de Sergipe, esse caminho mostra-se, comparativamente a outros estados, mais tortuoso, dada a existência de apenas uma universidade pública, a Universidade Federal de Sergipe (UFS). (TEIXEIRA, 2011, p. 33).

A partir da conclusão de Teixeira (2011), estabeleço um paralelo com a situação de excedência, que, no período compreendido por esta tese, esteve no centro dos debates sobre o Ensino Superior no Brasil. Maria Aparecida Ciavatta Franco (1985, p. 9) questiona por que, a partir do final dos anos 1960, o Estado brasileiro se empenhou em uma ostensiva política de expansão do Ensino Superior e por que a busca por um diploma teve/tem tamanha importância em nossa sociedade. Ao tentar esse entendimento, apresenta a complexidade do vestibular, bem como uma decomposição do processo, apontando as nuances que compõem essa refinada política de seleção para o Ensino Superior.

Franco (1985, p. 11) apresenta o vestibular como uma prática de seletividade social, entendimento também desta tese. É justamente por trazer esse sentido implícito (ou seria explícito?) que advogo que cada camada do processo deve ser considerada e observada cuidadosamente. Faz parte dessa postura observadora relacionar a compreensão ingênua de que a atual política de cotas, fundamental, necessária, urgente para diminuir as barbáries da seletividade no acesso, sobretudo aos cursos historicamente ocupados pelas “elites”, soluciona completamente a seletividade social do acesso às universidades públicas e privadas, ou que ela garante, além da inserção das classes mais pobres, a permanência.

---

<sup>34</sup> Cf.: Teixeira (2011, p. 33).

Percepção que também se faz necessária é a de que as políticas de acesso são conduzidas a partir dos rumos das variações econômicas. Nesse sentido, Franco (1985, p. 11) afirma que, com a “emergência de novas classes e grupos sociais, com a perda ou conquista de poder político e econômico ao longo do processo histórico, alteram-se as condições de existência da população, assim como as interrelações entre sociedade e educação”.

Historicamente, o Ensino Superior foi destinado às elites e é objeto de distinção social, embora as mudanças ocorridas até/durante o período compreendido por esta pesquisa apontem a presença das classes trabalhadoras em um novo panorama do acesso às universidades públicas, decorrentes, dentre outros fatores, da ampliação do número de vagas a partir da expansão das instituições no período.

Havia a limitação do espaço acadêmico, predominantemente destinado às classes mais abastadas. Por isso, esta tese busca também conhecer o perfil do ingresso nos anos 1970 por meio da resposta à pergunta: quem *A estudante* simboliza?

Entre os anos de 1960 e 1980, diversos cenários estiveram postos no que se refere à questão do acesso ao Ensino Superior. A década de 1960 marca a busca por solucionar o baixo número de oferta de vagas por meio de decisões que estimulariam a expansão dessa oferta. “Essa visão se alterna com a daqueles que, já anteriormente expressavam suas críticas à crise dos excedentes e aos problemas da expansão como um todo” (FRANCO, 1985, p. 16).<sup>35</sup>

O Gráfico da Evolução das Estatísticas do Ensino Superior no Brasil (1962-1982)<sup>36</sup> aponta que em 1970 foram ofertadas 145.000 vagas no Ensino Superior para 328.931 inscritos nos vestibulares. Já em 1980, foram ofertadas 404.814 vagas, enquanto 1.803.567 candidatos as disputaram. Esses números evidenciam um crescimento desproporcional entre oferta e procura, e a partir deles podemos entender por que a questão da excedência foi tão debatida naquela década.

A democratização atendia aos anseios da política econômica nacional de então – formar profissionais de diversas áreas que atuassem para o desenvolvimento nacional. Cenário alterado, a recessão que se inicia no final da década de 1970 vai interferir diretamente na procura pelo exame vestibular em todo o Brasil (FRANCO, 1985).

Franco (1985, p. 18) conclui que, “como em outros países do ocidente, no Brasil, o acesso à universidade e o diploma de nível superior é uma aspiração tradicionalmente enraizada

---

<sup>35</sup> De acordo com Ribeiro Neto (1987), foi com os Decretos nº 8.661 e 8.662, que aprovavam os regulamentos internos das Faculdades de Medicina e de Direito, que se manifestou em princípio a intenção de análise de nível e que se estipulou um exame de admissão para essas faculdades com a intenção de medir o desenvolvimento intelectual de seus futuros alunos, caso aprovados.

<sup>36</sup> Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/censo/1998/superior/evolucao\\_1980-1998.pdf](https://download.inep.gov.br/download/censo/1998/superior/evolucao_1980-1998.pdf).

na população, tendo em vista os privilégios que assegura”. Essa conclusão reflete a representação social acerca da graduação nos anos 1980 – e não pretendo aqui apresentar essa afirmação como ilustração do pensamento social atual.

Essa linha, também defendida por Adolpho Ribeiro Neto (1987), considera que a sucessão de reformas do Ensino estava relacionada às alterações sociais, urbanas, políticas e econômicas do país. Ademais, entre os anos 1960-1970, aponta também a concepção de que o crescimento industrial/comercial demandava vagas e quadros profissionais especializados. De acordo com Ribeiro Neto (1987, p. 19), nos anos 1960, um vestibular desconexo do curso colegial, além de contribuir para excluir muito mais do que para aprovar estudantes, contribuiu para o aparecimento dos inúmeros cursinhos pré-vestibulares, que prometiam encurtar a distância entre o colegial e a universidade.

Não é objetivo desta tese abordar a história do vestibular no Brasil ou em Sergipe desde o início do século XX. A finalidade é situar o concurso vestibular na história da UFS por meio, também, do conhecimento das políticas de acesso ao Ensino Superior no Brasil e observar nos registros da imprensa impressa as transformações no vestibular ao longo dos anos. Nesse sentido, é importante atentar para a seguinte questão: quantas e quais camadas compõem a palavra acesso?

Considero este estudo quase estratigráfico e neste ponto tomo emprestado o termo da geologia por considerar que da base ao topo o estudo de inúmeras camadas sobrepostas permitirá o conhecimento das alterações históricas no acesso, bem como os componentes que estão além das políticas relacionadas, mais especificamente com outras nuances do processo de seleção de estudantes da Educação Básica ao Ensino Superior.

Com as provocações trazidas à baila, a intelectualidade educacional dos anos 1970, que estava voltada para o entendimento das questões do acesso, dedicou-se a entender a amplitude do tema, expondo fatores, análises e justificativas. Ribeiro Neto (1987, p. 23) aponta que a comunidade acadêmica voltou suas críticas para a qualidade do ensino de segundo grau, questionando-a a partir da constatada pouca habilidade na escrita dos estudantes. “Tais deficiências, numa análise apressada e, por que não dizer, até preconceituosa, começaram a ser atribuídas ao emprego exclusivo dos testes de múltipla escolha no vestibular”. E afirma:

Mais plausível seria admitir-se que o mundo moderno sofre poderosa influência dos meios de comunicação de massa, onde a imagem substitui largamente a verbalização, onde a palavra está ligada ao visual. As histórias em quadrinhos, as revistas ilustradas, as telenovelas acabam ocupando o lugar dos livros e, inegavelmente a comunicação pela imagem requer menos esforço de decodificação do que quando emprega a palavra (1987, p. 23).

Discordo com veemência do que considero ser uma lamentável interpretação equivocada do autor. Sobre a leitura de imagem, e embora esta tese aborde essa discussão em sua essência, vale reforçar que a imagem é/pode ser traiçoeira ao observador ingênuo ou afeito a conclusões imediatistas, conforme será discutido nas páginas subsequentes.

Apesar da incontestável contribuição do ex-presidente da Fundação Carlos Chagas entre (1969-1986) e autor de títulos como “O vestibular no sistema educacional brasileiro”, publicado em *Cadernos de Pesquisa*, de 1978, Ribeiro Neto (1987) restringe o debate quando atribui o insucesso de estudantes no vestibular à emergente comunicação imagética e à tecnologização do texto, desconsiderando assim fatores decisivos ocorridos a partir dos desvios das trajetórias escolares que levam ao fracasso nos exames. É uma linha de pensamento que neutraliza, por exemplo, a atuação dos poderes públicos na definição de políticas de acesso, nas reformas da Educação Básica, na destinação de recursos, entre tantos outros fatores que contribuem para a má formação do estudante do nível médio.

Assim, para perceber as camadas e se desvincular das análises menos profundas, considero ser necessário o conhecimento dos marcos legais que regulam o acesso às universidades brasileiras no período em questão. Entre os anos de 1968 e 1980, ocorreram alterações encontradas no Decreto nº 68.508, de 13 de julho de 1971, no Decreto nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977, e na Portaria Ministerial 321, de 16 de maio de 1980, do MEC.

O Decreto nº 68.508, de 13 de julho de 1971, que dispõe sobre o concurso vestibular para admissão em cursos superiores de graduação, definiu que o acesso ao Ensino Superior se daria a partir da submissão e consequente aprovação de candidatos aptos, ou seja, os que concluiriam o grau médio (nível colegial ou equivalente). O processo classificatório não permitia a seleção de candidatos que anulassem qualquer uma das provas. Uma vez selecionados, a convocação para a matrícula se daria no limite do número de vagas.

Por aquela Lei, para que o vestibular ocorresse, deveria ser lançado um edital explicativo e normatizador de todo o trâmite do processo seletivo, incluindo-se a delimitação do número de vagas e a apresentação de comprovação de conclusão do grau médio, podendo essa prova ser apresentada até o dia da matrícula do candidato em caso de aprovação.

Sobre a unificação do vestibular, alguns artigos davam conta da implementação do processo, buscando, ao menos em tese, tornar viável a empreitada em tão distintos cenários. No Art. 5º, aparece a previsão de que o vestibular nas instituições federais de todo o país seria realizado em data definida pelo Ministério da Educação e Cultura em seu Departamento de Assuntos Universitários.

Para o cumprimento do processo de unificação do vestibular, em atenção à Reforma do Ensino Superior de 1968, a Lei nº 68.508/71 apresentava de forma genérica a disponibilidade do MEC para colaborar com as instituições, sugerindo, no Art. 7º, a criação de comissões responsáveis por realizar os concursos em suas respectivas universidades. De acordo com a Lei nº 68.508/71:

Art. 7º. A elaboração, a aplicação e o julgamento das provas, assim como a classificação dos candidatos, serão centralizados em órgão próprio da instituição ou do grupo de instituições para que se realize o concurso.

Parágrafo único. O Ministério da Educação e Cultura por intermédio do seu Departamento de Assuntos Universitários atuará junto às instituições públicas e privadas de ensino superior visando a sua associação, na mesma localidade ou em localidades diferentes, para realização conjunto do Concurso Vestibular, num processo gradual de unificação que deverá alcançar regiões cada vez mais amplas do País.

Art. 8º. O planejamento e a execução do Concurso Vestibular, na forma do artigo anterior, poderão ser deferidos a organizações especializadas, públicas ou privadas, pertencentes as próprias instituições ou estranhas a elas.

Parágrafo único. As organizações especializadas a que se refere este artigo deverão funcionar em caráter permanente, promovendo análises críticas dos resultados obtidos em vestibulares anteriores, bem como desenvolvendo estudos e adotando providências com vistas a um constante aperfeiçoamento do Concurso em sua concepção, em seu conteúdo e na forma de sua execução.

O Decreto nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977, alterou o Decreto nº 68.908/71, que regia os vestibulares de todas as instituições federais e particulares de Ensino Superior, nos seguintes pontos:

- a) A introdução, a critério da instituição, de provas de habilidades específicas para cursos que justificassem a necessidade;
- b) Inclusão obrigatória de prova ou questão de redação em Língua Portuguesa;
- c) Processo seletivo que garantisse que apenas os que tivessem um mínimo de conhecimento comprovado sobre o 2º grau estivessem aptos a ingressarem no Ensino Superior;
- d) Possibilidade de o vestibular ser realizado em mais de uma etapa;
- e) Autorização de novos vestibulares para o preenchimento de vagas remanescentes.

A Portaria Ministerial 321, de 16 de maio de 1980, do MEC, contendo as diretrizes para o vestibular de 1981, determinava que, naquele concurso, seriam considerados a “capacidade de raciocínio, o pensamento crítico e a análise em detrimento da memorização”. Após uma década de críticas ao sistema de cruzinhas por parte daqueles que refletiam sobre as condições de acesso ao Ensino Superior, o vestibular finalmente adquiria uma outra conotação. O JS de

10 de junho de 1980 (p. 2) tratou da preocupação dos estudantes, futuros vestibulandos, com as mudanças determinadas pelo então Ministério da Educação e Cultura. “A medida vem assustando vários estudantes, preocupados com o fim dos ‘chutes’ nas provas do vestibular”.

A Portaria 321/1980 do MEC também versava sobre orientações a respeito da obtenção de dados a partir do recolhimento dos questionários socioculturais acessados pelos vestibulandos no momento da inscrição e do uso dos resultados para análises sobre o ensino de 1º e 2º graus no país. Essa Portaria configura-se, portanto, num marco relevante, uma vez que altera significativamente o curso histórico do vestibular dos anos 1970, atribuindo um novo sentido para o concurso que durante anos teve seu formato criticado.

Durante aquela década, muitas discussões sobre o formato do vestibular surgiram, questionando as políticas de acesso ao Ensino Superior e, conseqüentemente, os seus antecedentes, neste caso, o ensino de segundo grau. No âmbito do vestibular, os debates giravam em torno desde a prova ao comportamento dos candidatos e ao sistema de pesos para disciplinas mais importantes para determinados cursos etc. “Pouco se estudou e se divulgou sobre o peso efetivo da redação na classificação dos candidatos e mais se tratou de mostrar o quanto estes não dominam a escrita” (GATTI, 1992, p. 87).

De acordo com Bernadete Gatti (1992, p. 87), nos estudos sobre o vestibular publicados no *Cadernos de Pesquisa* durante os anos 1970, predominavam opiniões de cunho político-social em detrimento de análises de impacto sobre o vestibular em si. Ao analisar os anais do *Seminário Vestibular Hoje*, de 1987, mas que traz comunicações acerca dos processos de alteração da forma do vestibular ao longo dos anos no Brasil, com espaço maior para os anos 1960-1980 e a Reforma Universitária, afirmo que a observação de Gatti (1992) pode ser estendida, inclusive, a uma parte dos trabalhos que são publicados nos anos 1980, a exemplo de Ribeiro Neto (1987). Na busca por uma análise que busque entender o vestibular em si, uma breve revisão sobre o acesso ao Ensino Superior na historiografia sergipana referente às faculdades isoladas permite a visualização das transformações ocorridas no processo ao longo do tempo.

### 3.2 O VESTIBULAR NA HISTORIOGRAFIA EDUCACIONAL SERGIPANA: NOTAS SOBRE VESTIBULARES DAS ESCOLAS SUPERIORES DE SERGIPE

Este tópico é dedicado à análise do referencial sobre as faculdades sergipanas antes de formarem a UFS, mais especificamente quando o marco temporal dos estudos permitia, até o vestibular unificado de 1970. Embora o foco dos trabalhos verificados seja a análise da história

daquelas instituições, destinei este estudo ao destaque dado pelos autores a vestibulares, exames de admissão ou outras questões relacionadas ao acesso às faculdades ou escolas superiores.

Penso que o que precede um fato não pode ser ignorado, sobretudo quando se estuda o Ensino Superior em suas diferentes épocas e circunstâncias. Foi essa inquietação que em determinado ponto de minha pesquisa sobre o painel me deteve na cena da estudante, pois ela, como a interpreto, representa pictoricamente aqueles que tiveram/terão êxito no vestibular e, conseqüentemente, atingirão o Ensino Superior.

Para conhecer, portanto, de que forma se dava o acesso antes do vestibular unificado, fiz alguns recuos temporais na busca de compreender os antecedentes históricos do período delimitado por esta pesquisa, ou seja, conhecer como se dava o acesso às escolas superiores de Sergipe antes da instituição da UFS e do vestibular unificado, a partir da revisão sistemática de estudos pioneiros, isto é, aqueles que abordam as escolas superiores ou faculdades isoladas, com foco nas instaladas antes de 1968.

Para alcançar uma resposta a contento dessas questões, busco conhecer a *estudante* representada por Jenner Augusto, traçando um perfil dessa representação do jovem que ingressava na UFS por meio do vestibular. Nesse sentido, a questão do acesso também traz à tona o que aponto neste trabalho como um dos graves problemas do Ensino Superior nos anos 1960-1980: a questão dos excedentes, cujas implicações, aliadas aos cenários políticos e econômicos daquele período, contribuíram sobremaneira para alterações de políticas de acesso em âmbito nacional. E é quando o Ensino Superior fecha suas portas para aproximadamente 67%<sup>37</sup> dos candidatos que a sociedade começa a questionar qual é o sentido desse ensino e se ela realmente pode alcançá-lo.

Essa sensação de distanciamento, sugerida acima, entre parte da sociedade e o Ensino Superior pode ser entendida a partir do conceito de representação e pode ser percebida por meio do estudo dos processos seletivos das Escolas Superiores de Sergipe. Durante o período compreendido por esta tese, o acesso ao Ensino Superior não equiparou o número de vagas ofertadas de forma proporcional à procura, o que pode ter contribuído para a interpretação de que essa etapa não deveria ser do domínio de todos. Esse fenômeno, bem como o seu contrário – quando se ofertavam vagas e não acontecia o preenchimento devido ao baixo número de aprovados –, pode ser observado na análise dos primeiros processos seletivos.

O edital para o concurso da Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe do ano de 1968, ano da Reforma do Ensino Superior, foi publicado em jornais, a exemplo do GS. Naquele

---

<sup>37</sup> Levantamento com base no Censo Educacional de 1980.

ano, as inscrições estiveram abertas entre 10 e 31 de janeiro e deveriam ser realizadas em horário comercial no prédio da Faculdade, situado na Praça Camerino, 227<sup>38</sup>. Além de informar a documentação exigida para a prova, o edital trazia disciplinas abordadas no concurso, a saber: Português, Matemática, Geografia Geral e do Brasil e História do Brasil. A nota mínima para habilitação em cada disciplina era 4 (quatro), sendo o aluno eliminado caso não a atingisse.

O jornal *A Cruzada* de 18 de janeiro de 1951 publicou instruções para o exame vestibular contendo normativas previstas na Portaria Ministerial nº 37, de 29 de setembro de 1950, que versava sobre a constituição das bancas examinadoras, preferencialmente ligadas às Faculdades de Filosofia, o veto à participação de professores de cursinho preparatório, a quantidade de 30 pontos para cada disciplina referente à configuração do curso colegial, as provas escritas nas disciplinas Matemática, Português, História da Civilização, Geografia, Inglês, Latim e Desenho. De acordo com a portaria, o aluno que fosse considerado inabilitado em qualquer uma das provas estaria eliminado.

De acordo com João Paulo Gama Oliveira (2011), entre 1951 e 1962, 135 estudantes candidataram-se ao concurso de habilitação em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, dos quais 91 foram aprovados. O número de vagas ofertadas era definido com base no regimento interno da FCFS, com o máximo de 30 vagas por curso. “Todavia, a FCFS aportava ainda alunos ouvintes que se matriculavam sem necessidade de concurso de habilitação, mas não recebiam os diplomas ao final do curso, como também não faziam provas, nem lhes era exigida frequência” (OLIVEIRA, J. P., 2011, p. 57).

O concurso de habilitação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe ocorria nos meses de janeiro ou fevereiro e seguia as diretrizes ministeriais, envolvendo Português, História Geral e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil e Francês, escritas, orais e dissertativas. A Faculdade tinha um curso pré-vestibular que preparava os alunos interessados em se submeter ao concurso de habilitação no ano seguinte.

Conforme Anne Rose Maciel (2016), quando o Padre Luciano Duarte<sup>39</sup> anunciou que Sergipe estava às vésperas de ter uma Faculdade de Filosofia, que já nasceria com a credibilidade de ser regida pela igreja católica, os estudantes começaram a demonstrar interesse, buscando informações sobre a forma de seleção. Havia exigências para a submissão ao processo, sendo elas:

---

<sup>38</sup> Onde hoje está situado o IPHAN. Mas a Faculdade de Economia funcionou também no antigo Museu do Homem Sergipano, que hoje abriga a Justiça Federal, na Rua Tenente Martinho Garcez, n. 49.

<sup>39</sup> Luciano José Cabral Duarte, Dom Luciano. Aracaju, 1925-2018. Sobre sua atuação no processo de criação da UFS e biografia, cf.: Maciel (2020).

Certificados que comprovassem a conclusão dos cursos secundários, como ginásial e colegial, ou então do curso único que funcionou até 1936, ou de outros cursos equiparados ao ginásial completo, como o curso de contador, por exemplo, ou ainda do curso normal completo de seis anos, ao mínimo, ou do ginásial e do pedagógico, o que vai equivaler ao normal completo. Além disso, era preciso ter no mínimo 18 anos [...] no caso dos homens, atestado de quitação com o serviço militar, atestado de idoneidade moral, atestado de sanidade física e mental, atestado de saúde e de vacinação antivariólica. (MACIEL, 2016, p. 47).

Mesmo antes de ter sua autorização de funcionamento<sup>40</sup>, a direção da instituição, de acordo com Maciel (2016), resolveu, diante da significativa procura por parte dos estudantes, organizar um curso preparatório para o vestibular da FCFS. O curso era ofertado de forma gratuita, e nele lecionaram professores da instituição, que, uma vez envolvidos com o preparatório, não podiam participar como avaliadores no vestibular da Faculdade. O curso pré-vestibular da FCFS preparava alunos secundaristas para o vestibular da Faculdade. Em 1952, o jornal *A Cruzada* de 14 de janeiro anunciou:

Quatro matérias serão lecionadas neste curso: Latim, Francês, Matemática e Física, estando essas cadeiras a cargo dos seguintes professores [...]: Física: prof. José Barreto Fontes; Matemática: prof. Peter Stefan; Frances: prof. José Franklin; Latim: prof. Paulo Machado. (A CRUZADA, 14 de janeiro de 1952, p. 4).

De acordo com Nayara Alves Oliveira (2011), nos vestibulares da UFS, os professores de cada escola superior organizavam-se para a realização da seleção, sendo eles responsáveis pela elaboração das provas e pela avaliação dos candidatos. “No vestibular da UFS de 1969 foram inscritos 620 candidatos para 300 vagas” (OLIVEIRA, N., 2011, p. 146).

Oliveira, J. P. (2011) expõe que o primeiro espaço de Ensino Superior em terras sergipanas, a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, deu origem à Faculdade de Educação, após a criação da UFS, e a dois institutos: Letras, Artes e Comunicação, e Filosofia e Ciências Humanas. “Inicialmente, a FCFS ofertou o curso de Geografia e História, como também os cursos de Matemática e Filosofia [...] em 1952 [...] Letras Neo-Latinas e no ano seguinte de Letras Anglo-Germânicas” (OLIVEIRA, J. P., 2011, p. 20-21). Era a Faculdade de Educação que realizava os vestibulares para o curso de Pedagogia. Oliveira, N. (2011, p. 147) aponta que, em 1969, dos 35 inscritos, apenas 7 (sete) candidatos foram aprovados, o que despertou, dentre outros questionamentos, o da insuficiência da preparação ofertada durante o Ensino Médio.

---

<sup>40</sup> Sobre esse processo, cf.: Maciel (2016); Oliveira, J. P. (2015).

Ainda segundo a autora, em 1969 foi criada a Comissão Central do Concurso de Habilitação – CCCH, com a finalidade de estudar as adaptações à Lei da Reforma Universitária de 1968, que deu prazo de três anos para a unificação do concurso vestibular. De acordo com Oliveira, N. (2011), nos trabalhos iniciais da Comissão, foram analisadas experiências de outros estados, a exemplo da relatada pelo Professor Valnir Chagas<sup>41</sup>, da Universidade do Ceará, bem como a definição de cursos ofertados pelas faculdades, do número de vagas e dos pesos de cada disciplina.

Para a FACED, Português e História Geral e do Brasil possuíam peso 3 (três), enquanto Matemática, Língua Estrangeira, Conhecimentos Gerais e Geografia Geral e do Brasil valiam apenas 1 (um). Segundo Oliveira, N. (2011, p. 150), “assim como no curso de/ Pedagogia, a soma dos pesos de todas as disciplinas abordadas em diferentes cursos oferecidos no vestibular da UFS deveria totalizar obrigatoriamente dez pontos”. A prova de Português era eliminatória, sendo o candidato obrigado a acertar no mínimo 30 das 100 questões. Além disso, o pretendente à vaga não poderia obter nota zero em nenhuma outra prova, nem faltar a nenhuma delas.

De acordo com Claudileuza Conceição (2010), houve um longo processo até que o Instituto de Química Industrial, fundado em 1923, que sofreu uma mudança de denominação e em 1942 se tornou Instituto de Química e Bramatologia do Departamento de Saúde Pública de Sergipe, ganhasse sua própria sede em 1945 e tivesse instituída a Escola de Química, o que ocorreu em 1948, e culminou no Decreto nº 26.928, de 21 de julho de 1949, que autorizava o funcionamento do curso de Química Industrial pelo Conselho Nacional de Educação, além de regulamentar o funcionamento da Escola de Química de Sergipe em 31 de dezembro daquele mesmo ano.

Conceição (2010) descreve os primeiros concursos de habilitação para a Escola de Química. O primeiro deles aconteceu no ano seguinte à sua instituição e foi disputado por 12 (doze) candidatos. O edital divulgado na imprensa sergipana baseava-se na legislação federal em vigor no ano de 1950. As inscrições permaneceram abertas entre 3 e 20 de janeiro daquele ano e foram divulgadas no jornal *Diário de Sergipe*, que publicou o edital na íntegra. Nele, constavam a lista dos documentos exigidos para a inscrição no concurso, bem como os critérios de atribuição de notas e classificação. Quanto ao formato das provas, de acordo com o edital, foram realizadas provas escritas e orais, as quais versavam

---

<sup>41</sup> Raimundo Valnir Chagas (Morada Nova/CE, 1921-2006). Cf.: Pinto (2010). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4717.pdf>.

Sobre os conteúdos das disciplinas de química, física e matemática, presentes nos programas do ciclo colegial. Os candidatos tinham duas horas para fazer às provas escritas, sendo elas realizadas em dias consecutivos no turno vespertino. Tal condição estava também estabelecida para as provas orais, com exceção do tempo para a realização da prova. (CONCEIÇÃO, 2010, p. 83).

O conteúdo das provas era determinado por banca examinadora, e a cada ano eram realizados dois concursos de habilitação. Ao descrever o desenrolar do processo seletivo, Conceição (2010) apresenta um diferencial em relação aos outros trabalhos tratados neste tópico: a autora aborda aspectos dos perfis dos candidatos.

Conceição (2010) demonstra que, dos doze candidatos inscritos no vestibular, onze foram aprovados e um não compareceu às provas. Na lista de aprovados, destaca a presença feminina como maioria – 60% eram mulheres. Com o passar dos anos e a consolidação da Escola de Química, o número de candidatos aumentou, e a procura para submissão aos processos seletivos acontecia por candidatos de diversos estados do Brasil, mas principalmente da Bahia.

Entre 1950 e 1961, foram ofertadas 206 vagas para a Escola, enquanto 95 candidatos foram aprovados, ou seja, menos da metade das vagas disponibilizadas foram preenchidas. Porém, Conceição (2010) afirma que muitos dos candidatos, quando não conseguiam a aprovação na primeira seleção, se inscreviam novamente para tentar a seleção no período seguinte.

Silvana Bretas (2014), ao estudar o processo de criação da UFS, traz o dado obtido sobre a quantidade de alunos cursando o Ensino Superior em Sergipe, que, em meados dos anos 1960, seria de aproximadamente 500 estudantes “matriculados nas faculdades congregadas da UFS” (BRETAS, 2014, p. 16). A autora cita a necessidade da criação de novas vagas para o acesso à UFS como um dos desafios da jovem universidade, cuja criação integrou a Escola de Química; a Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe; a Faculdade Católica de Filosofia, desmembrada em a) Faculdade de Filosofia e Educação, b) Faculdade de Letras e Comunicação e c) Faculdade de Ciências Humanas, além da criação dos Institutos de Biologia, de Matemática e de Física.

A observação das particularidades dos processos seletivos executados por cada faculdade permite a localização da grande diferença na seleção dos estudantes para o Ensino Superior a partir das alterações impostas pela Lei de 68. Com a unificação já em 1970, o vestibular da UFS ganha dimensões nunca experimentadas nesta capital, o que impacta significativamente na rotina de todo o estado.

Após exposição envolvendo os processos seletivos das faculdades antecedentes à UFS, penso ser fundamental não perder de vista que o horizonte desta pesquisa, o vestibular, é visualizado a partir do ponto de partida, ou seja, a representação da *estudante* no painel de Jenner Augusto. Portanto, cabe a esta tese dedicar linhas substanciais ao processo de atribuição de historicidade a partir da construção de uma interpretação significativa da cena denominada “A estudante”.

### 3.3 O ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES E O QUE “A ESTUDANTE” COMUNICA

“A estudante” apresenta ao observador a narrativa visual elaborada por Jenner Augusto. É por ela que entro nessa história, que caminho pelas cenas. De frente para os acontecimentos, diante de seus olhos se formam etapas do processo de aquisição do conhecimento e amadurecimento pelo qual a jovem figura que ingressa na universidade, teoricamente, passará.

**Figura 11:** Excerto do Painel – “A estudante”



Fonte: Reprodução fotográfica do painel de Jenner Augusto fixado no hall da Reitoria da UFS. Fotografia da autora.

*A Estudante: análise*

*“A minha proposta tem início na linha do horizonte da Barra dos Coqueiros. Linha esta que se tornou a constante de minha pintura, razão pela qual considero muito mais minha do que da própria natureza. Nas áreas de tons mutáveis, entre azul, violeta e verde, aparece o céu de Aracaju. Por conveniências pictóricas, meio subjetivo, assim o abordei, todavia majestoso e belo, dos mais belos do Brasil. Na parte inferior do painel, começo com uma jovem estudante munida de sua maleta escolar, sustentando com a mão esquerda um bambolê, evocação que emoldura retratos de três vultos importantes e queridos de nossa terra: Tobias Barreto, representando o direito, a Literatura, a Arte; Doutor Bragança, a Ciência, a Pesquisa, etc. E, por fim, Doutor Augusto Leite, a Medicina, o amor à profissão, à cirurgia”.*<sup>42</sup>

Em primeiridade, na experiência de perceber a estudante, ou o ícone envolto por um cenário mais abrangente, a exibição de tons pastéis, pálidos, que preenchem o espaço, aliados à dureza dos contornos que figurarão em toda a extensão da obra de arte, conforta o primeiro olhar que se detém no ícone foco. A variação de tons de branco, cinza, lilás, azul, verde e amarelado não é contrastante, mas é cortada pelos contornos ou limites escuros, que estabelecem formas que congregam organicidade e geometria, são qualidades primeiras. Trata-se de quali-signo (diz respeito à significação, ou seja, a relação interna do signo).

No estabelecimento da relação do signo com o objeto, ainda em primeiridade, a derivação dessa experiência inicial, sensorial, que precede a percepção ou elaboração do reconhecimento, o ícone se revela, produzindo assim uma rema ou hipótese. A estudante, considerada neste ponto a representação pela semelhança (ícone) de uma coisa existente. “O primeiro fundamento do signo está nas qualidades que ele exhibe. Para sermos fiéis à apreensão dos quali-signos, devemos veementemente evitar uma transferência imediata para os índices” (SANTAELLA, 2005, p. 88).

Ao retomar a qualidade de sentir, a iluminação discreta das cores claras não se projeta em contraste, mas é cortada pelos contornos que delimitarão também as conexões mais avançadas no processo de atribuição de significado. Sem muita textura na aplicação das tintas,

---

<sup>42</sup> Esse trecho da correspondência de Jenner Augusto enviada a Aloísio de Campos foi transcrito e está publicado no livro *Jenner Augusto: vida e obra*, de autoria de Mário Britto e Zeca Fernandes. A opção por usar essa fonte de maneira terceirizada se deve ao fato de eu não ter encontrado a correspondência original no Arquivo Central da UFS nas pesquisas realizadas até então. Contudo, confrontei a transcrição com o discurso de Jenner Augusto no dia da inauguração do Painel, em 10 de junho de 1980, publicado pelo *Jornal de Sergipe*, de 11 de junho de 1980, que transcreveu *ipsis litteris* as palavras do artista, e estas estão iguais às da correspondência publicada no referido livro.

o acabamento da pintura e a aplicação da forma como foi feita na tela (são três grandes telas que compõem o painel) não aspiram à ilusão da tridimensionalidade.

Insistir aqui na descrição da percepção, da experiência visual/sensorial, reside na intenção de provocar no leitor o exercício da observação minuciosa daquilo que se dá a ser observado. A semiótica da serenidade de Jenner Augusto está na sobriedade com que compôs *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, nas aplicações de cores e formas, no diálogo entre os elementos básicos da composição que vão desvelando a narrativa dinâmica presente na atribuição de significado.

É importante frisar que não estamos diante da figura de uma estudante, mas de uma pintura, emoldurada, que contém um ícone que alude à representação de uma estudante, ou seja, um signo que representa um determinado objeto/evento/coisa que existe (sin-signo), mas que ainda será caracterizado. Destarte, antes de decretar ser aquela a figura representativa de uma estudante (objeto dinâmico), outras conexões foram estabelecidas a partir das sensações provocadas pelo estabelecimento do contato visual primário com a imagem em questão. Antes de ser percebida como uma estudante, nos encaminhamentos para a secundidade, reconhece-se, por experiência e repertório particular, uma figura humana percebida entre a androginia e o feminino.

Ao indicar o que o ícone simboliza, por meio das qualidades próprias da representação da figura em questão, reconhece-se que o entendimento de ser ela uma estudante se dá pela convenção (lei; legi-signo), determinada pelo reconhecimento de elementos gráficos de seu entorno percebidos como representação de objetos que por força de lei são reconhecidos e atrelados como símbolos de rotina escolar (o uniforme e a mochila). A estudante enquanto índice apresenta um forte poder comunicativo, que aponta para o estabelecimento de vinculações externas múltiplas.

Assim sendo, tem-se: uma figura feminina, perfilada, com gestual em aparente movimento, perna direita sustentando o jovem corpo prestes a dar um passo. Tez branca. Braço direito baixo, mão relaxada, dedos levemente flexionados. Braço esquerdo elevado a uma altura pouco acima do rosto, mão cerrada segurando um arco. Sapatos pretos, blusa branca, calça azul, mochila nas costas. Rosto em perfil, queixo e nariz levemente pronunciados, olhar fixo e cabelos castanhos, lisos, presos no meio da cabeça. Animais brancos, plantas verdes, linhas pretas, céu azul, nuvens brancas, quadrados coloridos e ondulações. Esses ícones formam “A estudante”, primeira cena do painel de Jenner Augusto.

A consideração dessa imagem nos termos da teoria peirciana implica a compreensão de que na primeiridade tem-se o impacto inicial no estabelecimento da relação entre imagem e

observador, evocando percepções no campo sensorial, e que a secundidade provocará ao referir o que é icônico ao que é indiciário, a mediação, a relação simbólica em terceiridade, que dará origem a outras interpretações derivadas da semiose.

Consideradas essas categorias, os ícones apontam para as condições visualmente experienciadas durante a análise, doravante descritas: a expressão facial da estudante é índice de assertividade, contundência. Em terceiridade, as relações simbólicas estabelecidas promoveram a ligação entre os elementos descritos, as impressões despertadas e o repertório de análise de quem promove esse exercício. No instante em que se lançam as indicações sobre sua natureza, esta análise a toma, a imagem, como a representação de uma estudante que se insere no bojo da história da UFS. Destarte, a assertividade e a contundência assinaladas transmitem a impressão de respeito pela instituição UFS e tudo o que ela representa – e o que a UFS representa está relacionado no painel.

O posicionamento corporal da estudante sugere que ela está em caminhada. O peito pronunciado denota dignidade e, por inferência, orgulho de ingressar no Ensino Superior. A roupa usada pela estudante assemelha-se a um uniforme escolar. A mochila da estudante, considero simbolizar, para além de um acessório que demarca a condição de estudante, parte de um rito de passagem ou é o símbolo de um estado de mudança. Efetivamente, é a representação pictórica de um objeto com a finalidade de carregar materiais escolares. Artisticamente, é subvertida a símbolo de um estado de aspirações.

O bambolê, elemento enigmático da composição, serve como um elo que une as narrativas das cenas da *estudante* com os *intelectuais*, e pode-se inferir a alusão à presença do esporte na formação escolar. A indumentária da estudante narra uma transição: da Educação Básica para o Ensino Superior. E, na narrativa vida real, a aprovação no vestibular é o que proporciona o acesso. Destaco neste ponto a historicidade que a imagem admite e, antes de considerar seus efeitos simbólicos e interpretativos, ressalto, de acordo com Santaella (2005, p. 93), que:

O símbolo também diz respeito aos elementos culturais, às convenções de época que a pintura incorpora. Entretanto, é preciso lembrar aqui que os elementos culturais e as convenções só funcionam simbolicamente para um interpretante. Dependendo do tipo de intérprete, dependendo especialmente do repertório cultural que o intérprete internalizou, alguns significados simbólicos se atualizarão, outros não.

Ainda no campo simbólico, a estudante inserida como ícone que compõe *Instrução, Cultura, Ciência e Arte* foi tratada por Jenner Augusto no escopo de suas produções em grandes

dimensões, que não podem ser enquadradas em uma escola ou movimento artístico específico, mas que ocupam espaço de destaque no modernismo tardio ou na pintura brasileira contemporânea.

A *estudante* em relação à forma como se comunica com seu interpretante poderá produzir experiências distintas a depender do contato do intérprete com os referenciais que suscita. Certamente o efeito produzido em um intérprete que tem na UFS seu cotidiano perceberá sua significação de maneira distinta daquele que não está inserido nesse contexto. É uma pintura que diz sobre trajetórias acadêmicas. Que diz sobre a UFS. Feita para a UFS e para ser lida como parte do ambiente onde está inserida.

Ao se lançar no campo das interpretações sucessivas que geram novas interpretações, a aquisição da historicidade permite que os novos signos elaborados sejam passíveis de investigação/conhecimento. Retomo neste momento as perguntas realizadas nesta tese para tentar reconhecer essa estudante no universo dos vestibulandos do período em questão.

Poderia supor que, ainda que a jovem não pertencesse a uma elite econômica, a possibilidade de ela se submeter ao vestibular já a traz para uma condição privilegiada, uma vez que, no ano de 1980, a taxa da população em idade escolarizável para o atual Ensino Médio que se encontrava matriculada nas escolas era de 33,3%, segundo o IBGE<sup>43</sup>.

A estudante de Jenner Augusto, caso não estivesse em distorção idade/série, fazia parte dos 33,3% de jovens brasileiros entre 15 e 17 anos matriculados no curso científico. Conforme apreendido em Teixeira (2011) e Franco (1985), o acesso à universidade é definido muito antes das provas de vestibular, ao longo da trajetória escolar dos jovens candidatos.

Segundo Franco (1985), nos anos 1960-1970, o governo associou que o crescimento econômico individual estava ligado à ascensão educacional, de nível de escolaridade. Isso pode ser percebido, por exemplo, no aumento da oferta de vagas no Ensino Superior no país, inclusive na liberação para o funcionamento dos cursos superiores particulares. Porém, ainda assim, “o acesso ao ensino superior se mostrava possível, predominantemente, para os estratos médios e altos da população, permanecendo os estratos inferiores sub-representados” (FRANCO, 1985, p. 12).

Ter, em 1980, 33% dos estudantes cursando o segundo grau significa que, naquele ano, 67% estava fora da escola. Se pensarmos que, desses 33%, uma pequena parcela ingressou no Ensino Superior, podemos dimensionar o quão seletivo é o processo. Por isso, a questão da excedência passou a ser amplamente discutida em diferentes esferas da sociedade.

---

<sup>43</sup> Fonte: Taxa Bruta de Escolarização no Ensino Médio. 1980. Disponível em: [seriesestatisticas.ibge.gov.br](http://seriesestatisticas.ibge.gov.br). Acesso em: 31 jan. 2021.

Conforme Franco (1985, p. 12), a questão dos excedentes “motivou o início de um processo de modificações substantivas no vestibular”. E, ainda que houvesse esse afunilamento, isso não garantia a formação de bons profissionais. De acordo com a autora, havia interpretações dominantes acerca da função do vestibular, dentre elas a de que o formato do concurso não considerava a aptidão do candidato à carreira pleiteada, bem como o nível de conhecimento.

Para ser admitido na UFS, o estudante submetia-se ao concurso vestibular, que, conforme o Art. 21 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, da Reforma Universitária, deveria abranger “conhecimentos comuns às diversas formas de educação do segundo grau sem ultrapassar este nível de complexidade para avaliar a formação recebida pelos candidatos e sua aptidão intelectual para estudos superiores”.

Isabel Alice Lélis (2013), ao analisar o que denomina “evolução histórico-legal” do vestibular entre 1968-1983, considera o concurso como o previsto em lei, ou o “vestibular legal”, e o “vestibular real”, em suas formas de acontecer, dimensionando o impacto das previsões legais para o concurso. Para compreender tal fenômeno, a autora em questão aponta a necessidade de se conhecer as mudanças históricas, econômicas e políticas do período, sobremaneira a forma como moldaram o processo de expansão do Ensino Superior no período pós-64.

Dessa forma, o processo de internacionalização da economia brasileira, com a chegada de multinacionais estrangeiras, bem como as alterações legais no sistema educacional a partir das reformas do ensino são assinalados como fatores que determinaram o rumo dessa história. Lélis (2013, p. 37) indica que, entre 1968 e 1972, o Brasil viveu um período de “euforia” no que concerne à busca de ampliação de vagas em universidades e na perspectiva de realizar um concurso vestibular unificado por regiões e pela natureza do curso e de caráter classificatório. Além disso,

Na medida em que se passou a utilizar a questão de múltipla escolha (o registro passou a ser feito em cartões de computador) e se retirou o caráter eliminatório, a resposta natural foi a absorção de um número maior de candidatos, diante da facilidade de obtenção de notas mais altas. Na verdade, a “modernização” do vestibular, empreendida no período 1968-1974, foi um instrumento importante que auxiliou o crescimento desordenado do ensino superior, tendo beneficiado especialmente às instituições particulares (LÉLIS, 2013, p. 37).

Esse panorama começa a mudar a partir de 1974, na medida em que a “euforia” supracitada começa a diminuir. Dentre os fatores que contribuem para esse cenário, o fato de o

país não conseguir sustentar sua forma de crescimento econômico reverberou na falta de necessidade da criação de novos empregos. Ressalto que, entre 1968 e 1972, pós-Reforma Universitária, o Brasil viu a oferta de vagas no Ensino Superior crescer, principalmente devido à liberação de funcionamento de cursos de faculdades particulares, com autorizações concedidas pelo Conselho Federal de Educação – CFE.

Outra questão que emergiu estava no centro dos debates das comunidades acadêmicas. Diante da expansão do acesso vivida entre 1968 e 1972 e do surgimento de novas instituições, profissionais de Educação Superior questionavam a qualidade do ensino ofertado e, por conseguinte, do profissional formado. Esse argumento subsidiou posicionamentos favoráveis ao controle do acesso:

A comunidade educacional, por sua vez, através de professores e especialistas, não poupou críticas a qualidade de ensino dado na universidade, críticas essas que se voltavam para os alunos, considerados cada vez mais “fracos” do ponto de vista da capacidade de se expressarem e acompanharem o trabalho em sala de aula. A essa luta, em defesa da volta aos padrões de excelência da universidade brasileira, aderiram também determinadas entidades profissionais, dispostas a resistir à expansão desenfreada. [...]. Por fim, o próprio grupo de diplomados, beneficiados pelo crescimento do ensino superior, passou a ver com simpatia a contenção desse nível de ensino em função da queda de salários, isto é, a retração das matrículas significaria a possibilidade de diminuição da concorrência e do congestionamento do mercado de trabalho. (LÉLIS, 2003, p. 38-39).

A consequência disso foi a diminuição do ingresso a partir da não autorização de novos cursos e as mudanças nos concursos vestibulares, “incluindo-se etapas eliminatórias, com provas ou questões de redação seguidas de uma etapa final classificatória” (LÉLIS, 2013, p. 39). Os concursos vestibulares eram amplamente noticiados na imprensa sergipana. A imprensa também era o espaço de discussão de questões que permeavam o acesso ao Ensino Superior, as determinações legais, as alterações na rotina do processo a partir das leis nacionais e como isso reverberava na seleção da UFS.

Além das diretrizes operacionais que orientavam os candidatos, havia matérias que registravam a expectativa dos estudantes em relação às provas e também sobre a divulgação dos resultados. As listas com os nomes dos aprovados nos cursos da UFS eram publicadas em jornais impressos, a exemplo dos três jornais usados como fonte por esta tese, nos quais, anualmente, o concurso vestibular era tratado com destaque.

### 3.4 O VESTIBULAR DA UFS NAS PÁGINAS DOS JORNAIS SERGIPANOS

Os jornais sergipanos realizavam uma intensa cobertura dos vestibulares da UFS. Embora mais intensa a partir dos meses de setembro/outubro, quando eram lançadas as normas gerais dos vestibulares pela UFS, os jornais publicavam durante todo o ano a divulgação necessária de eventuais alterações no processo, assim como a publicidade financiada pelos cursinhos pré-vestibulares, contendo, além da propaganda, conteúdo pedagógico de suporte aos vestibulandos sergipanos.

Dessa forma, este tópico apresenta histórias sobre o vestibular dos anos 1970, contadas pelos jornais no decorrer do período, de modo a promover uma visualização geral da cobertura da imprensa sobre o concurso. Neste espaço, para que os impressos jornalísticos não se tornem referência única, é estabelecido o diálogo com outras fontes sempre que possível, a exemplo de manuais de normas para os vestibulares da UFS, cadernos de provas, contratos, entre outros, que permitem um melhor encaixe das peças encontradas, promovendo, assim, um melhor e fundamentado enredo.

Diante da necessidade de compreender os jornais como espaços de veiculação de discursos não isentos e que representam as posturas de seus idealizadores, destaco a importância de se conhecer seus produtores para entender as formas de abordagem de determinados assuntos.

O *Gazeta de Sergipe*, por exemplo, foi estudado por Lorena Campello, que buscou “apresentar o periódico retomando suas origens” (2008, p. 2), o que possibilitou o entendimento sobre suas finalidades a partir de seu conteúdo e da história de seu fundador, o jornalista Orlando Dantas (1900-1982)<sup>44</sup>.

Por considerar improvável dissociar a figura de seu idealizador ao escrever sobre o jornal, Campello (2008) evidenciou aspectos biográficos de Orlando Dantas, concluindo terem sido decisivos para o teor do discurso adotado nos primeiros anos do *Gazeta Socialista* (1948-1958). Segundo a autora, “o surgimento do jornal *Gazeta de Sergipe* está profundamente ligado à primeira fase de sua edição, quando este tinha por nome *Gazeta Socialista*” (CAMPELLO, 2008, p. 3).

Tendo Orlando Dantas fundado a esquerda democrática em Sergipe, que mais tarde viraria o PSB<sup>45</sup> deste estado (CAMPELLO, 2008, p. 3), o jornal em tela possuía uma linha editorial coerente com a pauta do PSB de então, voltado ao registro de reivindicações para a

<sup>44</sup> Jornalista e político sergipano nascido em Capela.

<sup>45</sup> Partido Socialista Brasileiro, surgido a partir da ED – Esquerda Democrática, em 1945.

melhoria das questões relacionadas ao operariado e aos trabalhadores rurais, bem como à exposição da situação desses campos.

Segundo Campello (2008), o jornal foi fundado após a derrota do PSB nas eleições de 1947, ocasião em que Orlando Dantas foi derrotado por José Rollemberg Leite<sup>46</sup> (PSD-PR) na disputa pelo governo do estado. A percepção sobre a necessidade da criação de um veículo de informação que projetasse os ideais do partido aos leitores e prováveis eleitores teria sido o mote para a criação do *Gazeta Socialista*.

Esse contexto político que compreendeu a criação do *Gazeta Socialista* não é entendido por Campello (2008) como um aspecto negativo das origens do GS, uma vez que era comum que os jornais representassem partidos políticos, mas considera importante que pensemos sobre como as origens podem corromper o sentido de isenção de um veículo de imprensa tão representativo.

Isso pode significar, por exemplo, que jornais panfletários podem se imiscuir de manifestar oposição aos problemas sociais de seus lugares, a depender de quem sejam os dirigentes. Portanto, é fundamental que o pesquisador que tem os jornais como fonte perceba esse jogo de interesses, pois há posicionamento e intencionalidade em tudo o que é escrito e publicado nos jornais, sendo necessária uma criteriosa análise do discurso para que as intenções jamais passem despercebidas.

Um dos jornais consultados nesta tese para o conhecimento sobre os exames de admissão da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, *A Cruzada*, por exemplo, tinha como diretor o então Padre Luciano Duarte. Fundado por Dom José Thomás Gomes da Silva<sup>47</sup>, em 1922, o periódico era panfleto da comunidade católica sergipana e se constituiu em um relevante espaço de debates e exposições sobre o comportamento político, a vida social, a educação e a religião sob o viés católico.

A análise de como a educação é publicada em jornais deve ter como pressuposto a finalidade dos discursos. Para que isso aconteça, é preciso considerar quem escreve e quais interesses ou ideologias entremeiam essa escrita. Ao longo do século XX, os impressos projetaram o pensamento educacional para o grande público, e essas relações jornal-autor-educação-leitor devem ser compreendidas em suas origens, como no caso do *Gazeta de Sergipe*, que foi *Gazeta Socialista*.

---

<sup>46</sup> Engenheiro e político sergipano nascido em Riachuelo, em 1912, e morto em Aracaju, em 1996.

<sup>47</sup> Dom José Thomás (1873-1948) foi Arcebispo de Aracaju entre 1911 e 1948. Cf.: BARRETO, Raylane Dias Navarro. Dom Luciano José Cabral Duarte e as vocações sacerdotais em Sergipe. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, n. 45, p. 112-120, 2015.

Jorge Carvalho do Nascimento (2003), ao analisar as fontes usadas na historiografia educacional sergipana até o ano de 2003, aponta a pouca crítica de fonte que se fazia aos impressos. Ao considerar que os jornais são das fontes mais utilizadas pelos historiadores da educação, afirma:

A estes, os autores conferem um caráter de imparcialidade e apresentam seu testemunho como a legítima e exclusiva opinião de uma sociedade, uma espécie de voz inquestionável da opinião pública. Não acentuam a intencionalidade, interesses e compromissos dos editores e demais produtores dos textos jornalísticos. (NASCIMENTO, 2003, p. 67).

Alertada por Eliana Souza (2015) e Nascimento (2003), busquei compreender os pontos necessários para validar discursos e acontecimentos a partir do confronto com outras fontes. Nos jornais sergipanos, localizei ainda anúncios de cursinhos pré-vestibulares de projeção social, que, assim como nos dias hodiernos, mediam seu sucesso e propagavam sua eficiência pela aprovação nos cursos de Medicina, Engenharia e Direito, divulgando nomes de aprovados e ordem de classificação e usando o espaço da mídia impressa para angariar os candidatos às vagas dos cursos mais disputados.

Em Sergipe, esses cursinhos patrocinavam coberturas midiáticas dos vestibulares da UFS. Fosse nos jornais impressos ou no rádio, a cobertura dos exames não estava restrita ao dia de aplicação de provas, mas se expandia para as discussões sobre os rumos do vestibular, as críticas aos modelos de provas, os resultados dos processos seletivos, entre outros temas relacionados.

Afirmo, na introdução desta tese, que a forma de abordagem nos jornais sobre os vestibulares mudou com o início do vestibular unificado. A cobertura do concurso, que era fragmentada durante os ciclos seletivos, que correspondiam às datas distintas em que as faculdades lançavam suas chamadas para os concursos de habilitação, geralmente acontecia entre setembro e março do ano seguinte. As faculdades organizavam seus exames de modo que eles não coincidissem em relação às datas. Cada faculdade ou escola superior era responsável por pensar e executar o processo, desde a elaboração dos editais até a realização das provas.

#### 3.4.1 Dez anos de “guerra”

O ano era 1970, e a UFS deveria tornar públicas todas as informações necessárias para que o vestibular ocorresse conforme o previsto. Em 4 de janeiro, o GS dedicou um espaço à Comissão Central do Concurso de Habilitação para que fossem divulgadas orientações sobre o

vestibular unificado, que ocorreria naquele ano pela primeira vez. Diante da novidade no processo seletivo, essa orientação se fazia necessária. A chamada tinha como subtítulo “Sugestões para a elaboração das provas do concurso vestibular 1970”, e, embora a má redação desse subtítulo deixe dúvidas sobre o público-alvo dessas orientações, a leitura do conteúdo mostra que ela é destinada aos vestibulandos daquele ano, pois nela constavam assuntos relacionados às provas em cada área, as quantidades de questões, os formatos das provas, além de advertir que, em respeito à legislação e de acordo com o Art. 21 da Lei nº 5.540 de 1968, as provas não ultrapassariam o limite da complexidade exigido para o nível médio.

Os dias que antecederiam as provas eram narrados nos jornais do estado com entusiasmo, afinal, a partir daquele 27 de janeiro, o Estádio Lourival Batista, conhecido popularmente como “Batistão”, o maior e mais moderno estádio de Sergipe, passou a compor o cenário dessa capital em julho de 1969. E assim aconteceu.

Enfileirados nas principais entradas do estádio, os vestibulandos deveriam aguardar a abertura dos portões – o candidato deveria se dirigir à entrada correspondente à sua inscrição, que podia ser na Rua Vila Cristina ou na Rua Campo do Brito (GS, 25 de janeiro de 1970, p. 6), munido de documento de identificação e de suas canetas azuis, de acordo com a exigência da comissão. Esse ritual se repetiu entre 27 de janeiro e 1º de fevereiro. O atraso e a falta eram eliminatórios. Estrelando as páginas do GS durante aquela semana de fim de janeiro e início de fevereiro, as matérias sobre o vestibular e seus desdobramentos registram versões da adaptação do primeiro vestibular unificado da UFS realizado em Sergipe<sup>48</sup>.

Findo o primeiro dia de provas, o GS (27/01/70) destacou, além do baixo índice de abstenções, curiosidades sobre a prova de Conhecimentos Gerais que abriu o concurso:

Alguns disparates foram constatados pela Comissão Examinadora, ao observar respostas como essa: “o retrato de Monalisa é obra prima de: Leonardo Da Vinci, Rafael Sanzio, Miguel Ângelo ou Portinari? Houve quem respondesse que a Monalisa foi pintada por Portinari. [...] nem todos acertaram a resposta à pergunta n.21, que indaga quais dos pintores: Oséias Santos, Jordão de Oliveira, Horácio Hora ou Álvaro Santos pintou o famoso quadro “Peri e Ceci”, inspirado em “O Guarani”, de José de Alencar, cujo original se encontra no museu de São Cristóvão. (GS, 27 de janeiro de 1970, p. 1).

Além de acontecimentos mais pontuais em relação ao desempenho dos estudantes, com ênfase em uma escrita romanceada que promovia certo sensacionalismo, intencional, com vistas

---

<sup>48</sup> Em atendimento à Lei da Reforma Universitária de 1968, a UFS realizou seu primeiro vestibular unificado, para todas as faculdades que compunham a UFS, em nível estadual, em 1970, e em 1971 realizou seu primeiro unificado com as outras universidades do Brasil.

a provocar o interesse dos leitores, o GS também informava sobre os gabaritos das provas realizadas no dia anterior. O sucesso das edições publicadas durante a semana do vestibular era tamanho que, por vezes, as edições esgotavam.

Em virtude de nossa edição de ontem ter rapidamente se esgotado, publicamos hoje, novamente, o resultado da prova de conhecimentos gerais realizada pela Universidade Federal de Sergipe, no concurso vestibular deste ano, numa deferência especial aos vestibulandos sergipanos de 1970. (GS, 29 de janeiro de 1970).

Notícias como essa mostram que os veículos de comunicação sergipanos lucravam de maneira mais intensa durante o período do vestibular devido ao aumento da procura do consumo de informações a respeito das provas. Esse impacto sobre as vendas deve ser levado em consideração ao se refletir sobre com qual intenção os jornais, ano após ano, realizavam uma cobertura tão detalhada do certame.

O processo seletivo, ou ao menos o que deveria ser publicizado sobre ele, estava nos jornais. Detalhes sobre a elaboração das provas, os professores nomeados para as comissões, a confecção de provas<sup>49</sup>, as correções, tudo era divulgado ao grande público sergipano, para além dos vestibulandos, que dessa forma tinha a possibilidade de acompanhar e conhecer parte do processo, sobretudo quando este se tornou unificado. Essas publicações davam a dimensão da logística necessária para que o certame acontecesse e, quando confrontadas com os editais existentes nos manuais dos candidatos, por exemplo, apresentavam fidedignidade à informação.

Uma vez que muitos vestibulandos buscavam informações sobre as provas diariamente nos jornais, em que eram publicados os gabaritos nos dias seguintes às provas, os cursinhos pré-vestibulares viam os jornais como um bom veículo de propaganda. Somente na edição do GS de 30 de janeiro o curso Engequime e o curso Beta anunciaram suas especialidades. Os vestibulandos que desejassem e tivessem condições financeiras poderiam optar por esses cursos. O Beta, vinculado ao Colégio Tobias Barreto, preparava para Medicina, Odontologia, Química e Engenharia. Já o Engequime era mais voltado para Química, Medicina e Engenharia.

O Curso Quark, destinado à preparação dos vestibulandos em Medicina, Odontologia, Biologia, Farmácia, Agronomia, Química e Geologia, foi um dos anunciantes do GS (31/01/1970) durante a cobertura do vestibular UFS/1970. Era um preparatório que ofertava as disciplinas Biologia, Química, Física, Matemática e Português, estando vinculado à Faculdade de Ciências Médicas. Era mais uma opção para os vestibulandos sergipanos.

---

<sup>49</sup> Algumas provas remanescentes dos anos 1970 estão reproduzidas fotograficamente nesta tese e foram cedidas pela CCV da UFS.

Naquela edição do vestibular da UFS, a única prova eliminatória foi a de Português, constituída de 100 questões, e o vestibulando que não acertasse no mínimo 30 nem precisava ir ao Batistão para a prova do dia seguinte. O sistema de pesos em vigor atribuía à disciplina a devida relevância de acordo com o curso escolhido pelo vestibulando.

Os dias se seguiram com as provas de Matemática, disciplina sempre contestada por muitos vestibulandos, mas sem sucesso, uma vez que a comissão já havia avisado que nenhuma prova seria revisada, e, quando o gabarito foi divulgado, a questão de número 93 havia sido anulada. No dia seguinte, 30 de janeiro, aconteceram as provas de Física e História, e, até então, 226 candidatos já haviam abandonado o páreo.

No dia das provas de Química e Geografia, 31/01, o Batistão recebia o badalado jogo do Sergipe contra o Sparta, de Praga, República Tcheca. Aquele amistoso internacional que mexeu com a cidade fazia parte das comemorações do terceiro ano de governo de Lourival Batista. Por isso, as provas precisaram ser encerradas às 11h para que o “Gigante da Praia” fosse preparado para sediar a partida.

O último dia da maratona de provas do vestibular UFS/70 contou com vestibulandos concentrados em resolver questões de Biologia, Inglês ou Francês. Após o encerramento das provas daquele dia, a Comissão Central do Curso de Habilitação – CCCH, presidida pelo professor João Costa, informou ao GS (3/02/1970) que todos estavam trabalhando intensamente para que os resultados fossem divulgados até a quinta-feira, 5 de fevereiro. Porém, a aparente eficiência das comissões examinadoras compostas para cada disciplina por docentes das faculdades da UFS, técnicos e membros da CCCH fez com que Sergipe conhecesse seus mais novos universitários naquele mesmo dia.

Sobre o vestibular UFS/70 o Reitor João Cardoso do Nascimento (1968-1972) se manifestou à imprensa e teve suas impressões publicadas pelo GS (4/04/1970, p. 8):

O êxito deste vestibular não coube apenas à universidade, mas também à comunidade aracajuana, que prestou apoio direto e indireto. Referiu-se de modo elogioso à imprensa falada e escrita que muito contribuiu na divulgação dos resultados e informações necessárias. Referiu-se também ao gesto louvável do governador do estado, Lourival Batista, que muito gentilmente cedeu o estádio para a realização das provas.

O vestibular da UFS constituía-se em uma considerável ação de articulação entre instituições de naturezas distintas para que pudesse ocorrer. Isso está na documentação institucional, nos ofícios expedidos e recebidos, nas normas gerais, nos contratos celebrados entre prestadores de serviços e, também, na palavra do Reitor João Cardoso à imprensa.

O Reitor agradeceu também aos dirigentes e servidores do estádio pela colaboração prestada. Por fim, o Reitor lembrou a valiosa contribuição do Clube dos Trabalhadores, do Iate Clube e da Associação Atlética, que emprestaram cadeiras para os exames. (GS, 04 de fevereiro de 1970, p. 8).

Após a conclusão do processo seletivo, era chegada a hora da matrícula, que naquele ano ocorreu entre 18 e 21 de fevereiro. Além do pagamento da taxa de matrícula, era necessária a apresentação de documentos obrigatórios como prova de quitação do Serviço Militar, título de eleitor, atestado de vacinação contra a varíola, atestado de sanidade física e mental e prova de conclusão do colegial ou equivalente (GS, 4/02/1970). Destaque-se que todas essas orientações eram publicadas nos cadernos de normas gerais para o vestibular da UFS no ano antecedente ao concurso, ou seja, para o vestibular seguinte, em 1971, as orientações eram elaboradas pela comissão geral e publicadas na imprensa para conhecimento da sociedade sergipana.

Acerca do vestibular do ano de 1971, a narrativa da professora Lenalda Andrade Santos é reveladora:

Em 1971, entre 71 e 74, eu fiz o curso de História. Para começar, só uma observação, porque acho pertinente porque faz parte da minha história, foi no ano em que, não sei por que cargas d'água, resolveram fazer um vestibular com todas as provas eliminatórias. Então, para ter acesso ao curso de História, quem fez o vestibular nesse ano de 1970 [sic], teve como local de provas o estádio Lourival Batista, sentados em cadeiras que foram arrumadas nas arquibancadas, uma experiência única, me parece, foi o único ano em que todas as provas foram eliminatórias. Nós tivemos um mês, passamos um mês fazendo o vestibular, porque tinha uma prova e tinha uma semana para as provas serem corrigidas. Acho que foi uma experiência que trouxe tanto problema, que acabaram. Acho que foi uma experiência que não dá para esquecer. Sentados em cadeiras, aquelas cadeiras de aula que têm um braço só, nas arquibancadas do Batistão e todas as provas eliminatórias<sup>50</sup>.

Para o vestibular de 1971, o GS noticiou que, de acordo com informações do Departamento de Administração Acadêmica – DAA/UFS, 1.643 candidatos se inscreveram no vestibular. Naquele ano, o curso menos procurado teria sido Alemão, com apenas uma inscrição, ao passo que a Faculdade de Medicina recebeu 447 inscrições.

---

<sup>50</sup> A fala de professora Lenalda Andrade foi proferida durante a mesa-redonda “Memória e História do curso de História da UFS”, nas programações da XIV Semana de História: “70 anos do curso de História: presente, passado e futuro”, e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BRE3RIOT0Yg>. Acesso em: 2 jan. 2021.

**Figura 12:** Vestibular realizado no Estádio Estadual Lourival Baptista



Fonte: Arquivo Central da UFS. Foto do acervo de Josefa Eliana Souza<sup>51</sup>.

A fotografia reproduzida, embora não possua indicação de data, dá imagem à memória trazida pela Prof<sup>a</sup>. Lenalda. Nela aparecem vestibulandos com as cabeças abaixadas, voltados para as suas provas e em aparente concentração, o que sugere que a imagem foi registrada tendo as provas se iniciado. Os vestibulandos estão sob supervisão de fiscais ou membros da comissão, aqui não identificados, que lançam olhar vigilante em sua direção. Esses estudantes ocupam as arquibancadas do Batistão e estão sentados em carteiras escolares, assim como descrito pela Prof<sup>a</sup>. Lenalda.

Seguindo o calendário definido nas normas gerais publicadas no ano anterior, o vestibular teve início em 7 de janeiro, com a prova de Conhecimentos Gerais. Novamente, o Batistão recebeu os estudantes para a guerra do vestibular. Aliás, o uso da palavra “guerra”, como os jornais costumavam fazer para definir o vestibular de 1971, é deveras apropriado. O GS iniciou sua cobertura dos dias de provas avaliando positivamente a elaboração das provas pela comissão formada pelos professores da universidade, Bonifácio Fortes, Garcia Moreno,

---

<sup>51</sup> Souza (2015) não indica autoria de algumas fotografias devido à falta de informação sobre o profissional responsável pelo registro.

Wagner Ribeiro e Alberto de Carvalho, provas essas que contavam com 100 (cem) questões objetivas. Porém, muitos vestibulandos estavam se adaptando à forma de preenchimento do cartão de respostas, visto que, para conseguir ler o resultado, era preciso que o candidato preenchesse à caneta o espaço destinado à marcação. Alguns fizeram apenas um “x”, outros, pontos, traços, riscos e, de acordo com a imprensa a partir de informações repassadas pela CCCV, isso contribuiu para o atraso na divulgação dos resultados.

Sobre o vestibular daquele ano, saiu no jornal:

Ainda ontem à tarde, após a realização da prova de Conhecimentos Gerais do vestibular, as provas (os cartões de respostas) foram levados para Salvador para serem corrigidos pelo computador eletrônico. Foram portadores do material, por determinação do Magnífico Reitor em exercício, o Dr. Stefânio de Faria Alves, Assessor Jurídico e o Professor Artur Oscar de Oliveira Deda, da UFS. (GS, 08 de janeiro de 1971, p.4).

O resultado das provas de Conhecimentos Gerais foi publicado pelo GS em 9 de janeiro, dois dias após a realização do exame. Naquela ocasião, a imprensa reclamou da demora, a qual era ocasionada pelo equívoco de muitos candidatos durante a marcação do cartão de respostas, levando ao consequente atraso na divulgação do gabarito das provas por parte dos responsáveis de trazê-las de Salvador. O aparente esforço da equipe do jornal para divulgar a notícia em primeira mão deu aspecto de “furo jornalístico”<sup>52</sup> à matéria, que expõe:

Somente hoje são conhecidos os resultados das provas de Conhecimentos Gerais do vestibular de 1971 realizado pela Universidade Federal de Sergipe. Procurando servir aos seus leitores, a Gazeta de Sergipe conseguiu, diretamente de Salvador, os resultados de apuração procedida pelo computador eletrônico. (GS, 09 de janeiro de 1968, p. 5).

Depois do acesso aos dados, o GS publicou uma lista com o número de ordem de 74 desclassificados nas provas realizadas na manhã de 7 de janeiro. Os resultados geralmente eram divulgados a partir do número de ordem, que consistia em um código gerado durante a inscrição do candidato e funcionava como uma identificação impessoal. Ressalto aqui como a relação entre a UFS e a imprensa se dava de forma estreita, fazendo com que os jornais se tornassem uma extensão das atividades das Comissões Organizadoras. Isso pode ser percebido na reprodução da capa do GS trazida a seguir:

---

<sup>52</sup> Jargão usado por jornalistas para designar uma notícia publicada em um veículo de imprensa antes dos outros.

**Figura 13: Capa do jornal Gazeta de Sergipe de 20 de janeiro de 1971**  
**PREFEITO DE CARIRA FAZ TESTAMENTO**

**VESTIBULAR:  
 MATEMÁTICA REPROVOU  
 278 VESTIBULANDOS**

Finalmente chegaram os resultados da Prova de Matemática e foram boas surpresas para os vestibulandos. A Universidade já tem uma lista que indica os nomes dos aprovados e os reprovados. Os reprovados são 278 candidatos. Com o resultado da Prova de Matemática, foram eliminados 278 candidatos. Para a área de humanas, foram eliminados 400 alunos. Na área de humanas, foram eliminados 400 alunos. Na área de humanas, foram eliminados 400 alunos.

**GAZETA** PREÇO Cr\$ 0,30  
 de Sergipe  
 AV. 210 BRANCO N. 12 - ARACAJU - QUARTA-FEIRA 20 DE JANEIRO DE 1971 - ANO XVI - Nº 2.149

**ESTES SÃO OS ELABORADORES DA PROVA DE HISTÓRIA**



Na sala da Comissão Central de Vestibular de 1971 os Professores José Maria Thétis Nunes e José Silvério Leite Fontes, que elaboraram as questões da prova de História.

**RELACÃO DOS ALUNOS REPROVADOS NA PROVA DE MATEMÁTICA**

0001 - 0200 - 0400 - 0600 - 0800 - 1000 - 1200 - 1400 - 1600 - 1800 - 2000 - 2200 - 2400 - 2600 - 2800 - 3000 - 3200 - 3400 - 3600 - 3800 - 4000 - 4200 - 4400 - 4600 - 4800 - 5000 - 5200 - 5400 - 5600 - 5800 - 6000 - 6200 - 6400 - 6600 - 6800 - 7000 - 7200 - 7400 - 7600 - 7800 - 8000 - 8200 - 8400 - 8600 - 8800 - 9000 - 9200 - 9400 - 9600 - 9800 - 10000	10001 - 10200 - 10400 - 10600 - 10800 - 11000 - 11200 - 11400 - 11600 - 11800 - 12000 - 12200 - 12400 - 12600 - 12800 - 13000 - 13200 - 13400 - 13600 - 13800 - 14000 - 14200 - 14400 - 14600 - 14800 - 15000 - 15200 - 15400 - 15600 - 15800 - 16000 - 16200 - 16400 - 16600 - 16800 - 17000 - 17200 - 17400 - 17600 - 17800 - 18000 - 18200 - 18400 - 18600 - 18800 - 19000 - 19200 - 19400 - 19600 - 19800 - 20000
---	---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**REPROVA**  
**COMISSÃO CENTRAL DE CONCURSO**  
**VESTIBULAR C.C.C.V.**  
**NOTA ESPECÍFICA E APROVAÇÃO DA PROVA DE MATEMÁTICA**  
 A COMISSÃO CENTRAL DE CONCURSO VESTIBULAR C.C.C.V. resolveu de livre arbítrio anular a avaliação e divulgação dos resultados da Prova de Matemática do Concurso Vestibular de 1971, bem como o resultado para qual se inscreveram os alunos pela comissão central de vestibular. A comissão central de vestibular de 1971, bem como o resultado para qual se inscreveram os alunos pela comissão central de vestibular.

**Governador Eleito Regressou ontem**

Informamos que o governador eleito, José Roberto de Albuquerque Maranhão, chegou ontem à noite a Aracaju, após ter estado em Brasília para tratar de assuntos relacionados com a sua administração. O governador foi recebido em uma cerimônia na Prefeitura Municipal de Aracaju.

Fonte: Repositório de Jornais de Sergipe. Acervo do IHGS, disponível em <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>.

Os dados apresentados pelo jornal da imagem acima apontam os números de reprovados, bem como destacam a significativa quantidade de candidatos eliminados por não alcançarem a média necessária nas outras disciplinas. A comissão usou o espaço para informar sobre a anulação de questões da prova, publicando uma nota que explicava sobre o atraso na divulgação dos resultados, o que mostra que imprevistos aconteciam, embora a cobertura jornalística enfatizasse a eficiência do processo. Na ocasião ora descrita, foi apontado que o computador IBM usado na correção dos cartões de respostas precisou fazer uma recontagem e atribuiu pontos a todos os candidatos após a anulação das duas questões.

A capa reproduzida na figura também dá destaque aos elaboradores da avaliação de História do vestibular daquele ano. A professora Maria Thétis Nunes e o professor José Silvério Leite Fontes apareceram sorridentes ao entregarem as provas elaboradas por eles. A publicação dessa foto revela que os integrantes da comissão ficavam em evidência durante o período do vestibular e não parece demasia afirmar que ela evoca certo aspecto de valorização e reconhecimento desses profissionais envolvidos.

Retratar uma situação como a descrita significa, para além do registro imagético, produzir memória e narrativa sobre determinados eventos. Ainda que em má qualidade, a fotografia apresentada nessa reprodução transmite de imediato a percepção de que o processo era bem-sucedido, que transcorria sem problemas e que os professores são representados com ares de celebridade. Ainda que saibamos dos percalços enfrentados, inclusive descritos em matérias do próprio jornal, considero necessária a observação da imagem dos professores como uma elaboração narrativa que projeta a solidez de um processo que ainda era novo também para aquela comissão.

As alterações feitas a partir da Reforma Universitária de 1968 impuseram mudanças para todos os envolvidos direta ou indiretamente na organização de concursos vestibulares. Porém, era de suma necessidade, naquele momento, que os organizadores transmitissem à sociedade a sensação de tranquilidade necessária para que o vestibular ocorresse sem maiores problemas. Cabe, portanto, o retorno à discussão do uso da imagem como fortalecimento de narrativas que podem se tornar históricas, isso porque “Imagens oferecem evidências sobre a organização e o cenário de acontecimentos grandes e pequenos” (BURKE, 2017, p. 209). Nesse sentido, a imagem publicada nasce como uma poderosa ferramenta de comunicação, com a finalidade de afirmação da confiança que deveria ser depositada no vestibular unificado em sua segunda edição no estado de Sergipe.

Ainda que a Lei fosse enfática em destacar que as provas dos vestibulares deveriam ter o nível equivalente à formação ofertada em nível médio, durante o vestibular de 1971 circularam notícias com manifestações de vestibulandos sobre o grau de dificuldade da prova que foi realizada em 11 de janeiro daquele ano. O GS de 12 de janeiro de 1971 noticiou que os responsáveis pela organização da prova de Português foram as professoras Carmelita Pinto Fontes e Maria Thétis Nunes e o professor Paulo Almeida Machado. Após as provas de Português, os vestibulandos e os professores de cursinhos teriam concordado que o nível da prova não estava condizente com a preparação desenvolvida durante o ano. Uma das alegações foi a ênfase dada pela prova à literatura de romances do século XIX. Com caráter eliminatório, a prova de Português de 11 de janeiro de 1971 eliminou o número considerável de 311 vestibulandos que não atingiram o mínimo de pontos para a classificação.

As lamentações publicadas naquele número do GS também se destinaram ao tempo de duração da prova, que foi de duas horas (para uma avaliação considerada extensa), e à demora na entrega dos gabaritos, o que fez com que o GS comparasse o vestibular da UFS aos de instituições de outros estados. Aquelas provas também foram levadas para Salvador para serem corrigidas, e aparentemente isso findava por atrasar o processo de correção.

A análise do registro do desenrolar do concurso publicado pelo GS permite visualizar aquilo a que a professora Lenalda se referiu quando mencionou os problemas daquele ano. Em 1971, a apuração dos resultados do vestibular foi *sui generis*. A prova de Matemática, embora considerada pela imprensa como razoável, sofreu, assim como a de Português, como já dito, com a marcação equivocada do cartão de respostas pelos vestibulandos, além de ter tido uma questão anulada pela comissão.

Ao se dirigirem às bancas em busca dos gabaritos, os vestibulandos foram surpreendidos pela chamada de capa do GS de 16 de janeiro de 1971: “Computador cuspiu 350 reprovações”. Por não se tratar de uma informação oficial, mas de notícia obtida pelo contato com membros de comissão que estavam em Salvador, o jornal só confirmou a informação no dia seguinte.

Com todas as provas sendo eliminatórias, alguns vestibulandos menos preparados e mais espertos refinaram suas estratégias para se manterem na disputa por uma vaga na UFS. A prática do “chute”, que consistia em escolher uma resposta aleatória ou mais próxima do que o estudante achava que seria o correto, foi comprovada por meio da marcação de uma prova inteira com a letra “d”, de acordo com informações da CCCV.

Diante de tantos entraves a serem resolvidos, a CCCV precisou de mais tempo para ajustar as ações. Por esses motivos, o domingo amanheceu com o comunicado da CCCV publicado no GS (17 e 18/01/1971) anunciando para toda a sociedade sergipana a suspensão temporária do vestibular da UFS. As provas previstas para o dia 18/01 foram, portanto, adiadas, e a CCCV divulgou nota direcionada aos vestibulandos orientando sobre os passos seguintes:

A fim de não prejudicar quaisquer dos candidatos do concurso vestibular de 1971, estiveram reunidas ontem a COMISSÃO CENTRAL DE CONCURSO VESTIBULAR (CCCV) e a Comissão Examinadora de Matemática que decidiram considerar nula a questão nº 72 (setenta e dois) em face de ter havido um erro de datilografia na referida questão, para qual será computado um ponto em favor do candidato. Esclarece ainda que a recontagem de pontos a ser processada através do computador IBM promove um atraso na divulgação dos resultados da prova de matemática, do que resulta uma alteração no calendário previsto para a realização das demais provas, decidindo-se que não mais se realizarão as provas previstas para o dia 18 (dezoito) segunda-feira. Eis o novo calendário do concurso vestibular da UFS: Dia 21 de janeiro, quinta-feira: Química e História; dia 25 de janeiro, segunda-feira: Biologia e Língua Estrangeira; dia 28 de janeiro, quinta-feira: Física e Geografia. Aracaju, 16 de janeiro de 1971. João Costa, presidente da CCCV.

Buscando ajustar o processo para o ano seguinte, o Ministério da Educação e Cultura publicou a Portaria nº 68.908, de 13 de julho de 1971, que dispunha sobre “o concurso vestibular para admissão aos cursos superiores de graduação”. De acordo com ela, o vestibular

seria condição *sine qua non* para o ingresso nos cursos superiores do Brasil. Aberto após publicação de edital, as provas seriam de caráter classificatório, exceto no caso de o vestibulando não acertar nenhuma questão, o que acarretaria sua eliminação. Para se inscrever, além dos documentos pessoais, o candidato deveria apresentar prova de escolarização do grau médio e comprovante de pagamento da taxa de inscrição. E, assim como nos anos anteriores, a Comissão de elaboração das provas deveria cuidar para que os assuntos abordados respeitassem o nível do enfoque dado durante o Ensino Médio.

Já em 1971, a Portaria nº 111, de 27 de agosto, do Ministério da Educação e Cultura, definiu que o vestibular de 1972 se iniciaria em 9 de janeiro, às 8h da manhã, em todo o Brasil, e a orientação era para todas as instituições federais, estaduais e municipais de Ensino Superior, o que ocorreu à risca da lei no vestibular organizado pela UFS.

Durante a cobertura do vestibular de 1972, o *Jornal da Cidade* publicou a chamada “Dia duro para os vestibulandos”, na capa de 11 de janeiro, que detalhava:

Ontem foi o dia mais duro para o vestibulando: as provas de Geografia e de Química foram consideradas difíceis e a fiscalização tornou-se mais rigorosa. Os estudantes mal podiam movimentar-se na cadeira individual, sem que não aparecesse um fiscal universitário. (JC, 11 de janeiro de 1972, p. 2).

A rigidez dos fiscais do vestibular UFS/1972 foi destaque na narrativa daquele concurso pelos jornais. De acordo com o JC de 11 de janeiro de 1972 (p. 11), as candidatas nem puderam entrar no local de provas portando nada que não fosse o cartão e o documento de identificação, porém isso estava presente tanto nas normativas quanto nas divulgações das normativas. Provável consequência desse rigor, o jornal deu destaque ao concurso sem intercorrências que aconteceu naquele ano.

Como o ritual de todos os anos, os vestibulandos aguardavam ansiosos a abertura dos portões do Batistão. Após a conferência dos cartões de identificação, do RG e da cor da caneta, eram liberados para que procurassem seus lugares a fim de se posicionarem para que as provas iniciassem pontualmente em todo o Brasil. Os 30 minutos finais das provas eram dedicados ao preenchimento dos cartões IBM, como eram chamados os cartões de respostas individuais dos vestibulandos, sendo a sigla IBM referente à marca de computadores usados para a correção.

Mesmo após as provas noticiadas como difíceis, o número de desistentes totalizava 123 naquele dia, data anterior ao término do processo, numa abstenção bem menor do que nos anos anteriores, o que permite a conclusão de que as alterações legais, como as provas deixarem de ser eliminatórias, por exemplo, impactaram nesse aspecto do processo. É importante destacar

que, além das intempéries inimagináveis que poderiam levar ao não comparecimento dos candidatos, com a divulgação das provas e os vestibulandos tendo acesso aos gabaritos, aqueles que se viam fora da disputa muitas vezes optavam pela desistência ao se perceberem sem condições matemáticas de serem aprovados no curso escolhido.

A ampla cobertura anual realizada pelo JC publicava as provas na íntegra. Eram apresentadas as transcrições fidedignas dos cadernos de provas – das diversas disciplinas que compunham o vestibular – contendo todas as questões das provas do ano correspondente. Isso pode ser comprovado a partir do confronto entre as versões publicadas nos jornais e os cadernos de vestibulares consultados no acervo da Comissão de Concursos e Vestibulares – CCV/UFS.

Mesmo passado o período do concurso no início do ano, os jornais, sobretudo no segundo semestre, continuavam a abordar o tema vestibular com a finalidade de informar sobre o concurso no ano seguinte. Uma vez que a imprensa era o grande meio de comunicação entre a UFS e a sociedade sergipana, à medida que as decisões sobre o vestibular eram tomadas, eram divulgadas para o público. Mas, além de informar, os jornais também foram atuantes na preparação pedagógica de levadas de vestibulandos. O JC de 22 de dezembro de 1972, por exemplo, publicou, nas páginas 6 e 7, simulados de Física com 50 questões. No JC de 29 de dezembro daquele ano, foi publicada uma prova simulada de Biologia, acompanhada de uma imitação do cartão IBM, para que os candidatos treinassem a marcação nos quadradinhos de respostas e problemas como os ocorridos no ano de 1971 não voltassem a se repetir.

Nesse sentido, os jornais adquiriram também a característica de material didático, de suporte pedagógico, ao trazerem, em suas páginas, vestibulares simulados e provas elaboradas por professores de cursinhos preparatórios para o vestibular, atuando, assim, como um serviço que pode ser considerado de utilidade pública. Ao publicarem provas simuladas, resultados ou dicas de conteúdos que poderiam ser abordados durante as provas, os jornais contribuíam para a preparação dos vestibulandos, sobretudo para aqueles que não podiam acessar um cursinho preparatório, ainda que a reprodução de provas, resultados e explicações de professores especialistas tivesse o patrocínio desses cursinhos e fins de propaganda para aquelas instituições.

Uma vez que o vestibular não era uma ação restrita ao período de provas e à UFS, diversas instituições contribuíam ativamente nesse processo, a exemplo da Biblioteca Pública Epifânio Dória. O JC de 29 de dezembro de 1972 trouxe uma nota intitulada “Biblioteca Pública empresta livro a quem faz vestibular”. Nela, a direção da biblioteca informava que a instituição faria empréstimos até o dia 2 de janeiro do ano seguinte. Isso se deveu à quantidade de estudantes que procuravam aquele espaço no horário da noite para poderem estudar. O

empréstimo dos livros era feito por um período de oito dias. Isso é indicativo de como o vestibular de fato movimentava vários setores da cidade, alterando rotinas e intensificando o acesso a espaços de aquisição cultural e conhecimento, a exemplo da Biblioteca Pública.

Após a aprovação no vestibular, a UFS exigia exames médicos dos vestibulandos aprovados. Ao longo dos anos de realização do concurso, a convocação para os aprovados nos exames médicos foi publicada em todos os jornais analisados. Destaco aqui o anúncio veiculado no JC de 17 de janeiro de 1972, com a chamada de capa “Vestibular: agora os exames médicos”:

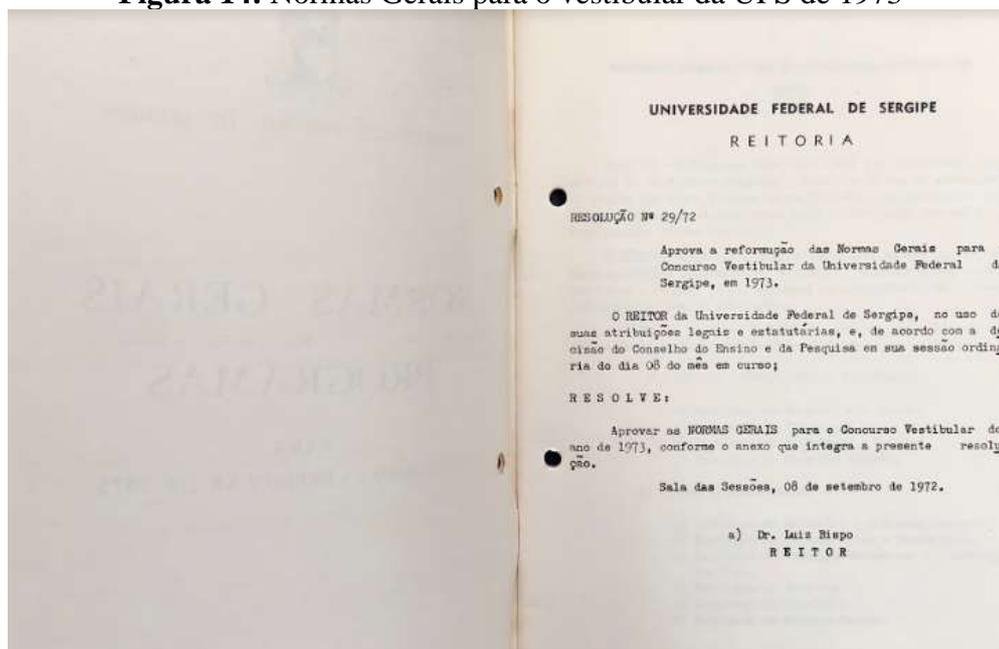
Se você passou nos exames vestibulares, o que realmente é uma proeza, pois o vestibular é o funil que todos conhecem, vá se preparando para se submeter aos exames médicos. Dê um pulinho à Praça Camerino, 227, e veja se o seu nome está na lista dos que devem se submeter logo ao exame médico. Vá pensando logo em tirar sua abreugrafia<sup>53</sup>, porque sem ela, nada feito, Bicho! Você não entra na Universidade. (JC, 17/01/1972, p. 1).

A informalidade era uma característica das notas publicadas no JC no período de cobertura do vestibular. “Bicho”, por exemplo, era uma gíria, um vocativo, algo semelhante a “cara”, “amigo” e que no texto aparece como o vestibulando aprovado que se matricularia e viraria acadêmico do primeiro período de seu curso, o equivalente a “calouro” na atualidade. Ciente da repercussão e do interesse dos jovens vestibulandos e aprovados, o jornal optou, ano após ano, pelo recurso da comunicação direta com candidatos e futuros ingressantes, ladeando a formalidade, usando as gírias contemporâneas e com objetividade, mesmo tendo conhecimento da heterogeneidade do perfil do vestibulando, composto não somente por jovens, mas por pessoas de diversas idades.

---

<sup>53</sup> Abreugrafias são exames de raio-x, radiografias dos pulmões.

**Figura 14:** Normas Gerais para o vestibular da UFS de 1973



Fonte: Fotografia de exemplar disponível no acervo da Comissão de Concursos e Vestibulares – CCV/UFS.

Além de publicar as normas para o vestibular em jornais de grande circulação no estado, a UFS produzia um material informativo com os programas e orientações de acordo com as normas do sistema unificado, que estava em vigor desde 1970. Os interessados em obter esses materiais deveriam se dirigir ao prédio do DAA na Praça Camerino, no Bairro São José, em Aracaju.

As normas gerais para o vestibular de 1973, reproduzidas na figura, foram publicadas no JC (16 e 17/09/1972). De acordo com a publicação, ao se inscrever, o candidato podia escolher entre a área de Ciências Naturais: 1- Instituto de Matemática e Física – cursos de Licenciatura em Matemática e Física; 2- Instituto de Química – cursos de Química Industrial, Engenharia Química e Licenciatura em Química; 3- Instituto de Biologia – cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Educação Física; 4- Faculdade de Ciências Médicas – cursos de Medicina e Odontologia. Área de Humanidades: 1- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – cursos de Licenciatura em História e Geografia; 2- Instituto de Letras, Artes e Comunicação – cursos: Letras Vernáculas e Letras Estrangeiras – Língua Inglesa e Língua Francesa; 3- Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas – cursos de Economia, Administração e Ciências Contábeis; 4- Faculdade de Direito – curso de Direito; 5- Faculdade de Educação – curso de Pedagogia; 6- Faculdade de Serviço Social – cursos de Serviço Social, Engenharia Civil e Geociências (os dois últimos em processo de implantação naquele ano).

Ao rigor do que foi publicado no caderno de Normas Gerais para o vestibular de 1973, o JC (17 e 18/09/1972) publicou os pontos de todas as provas do certame. Naquele ano, as

provas ainda eram elaboradas por comissões designadas pela UFS, e, além da abordagem de assuntos que compunham o currículo nacional geral do Secundário, podemos observar a presença de assuntos relacionados a Sergipe na prova de Português, por exemplo. Para a prova de Literatura Portuguesa e Brasileira, foram sugeridos os estudos dos “Principais vultos sergipanos”. Para Língua Estrangeira, foram apresentados os pontos de Francês e Inglês.

Se durante o ano o vestibular não deixava de ser assunto dos jornais, nos dias que se aproximavam do início das provas o ritmo das publicações acompanhava a crescente expectativa pelo concurso. “Vestibular: informações para os candidatos”, dizia a capa do GS de 3 de janeiro de 1973, informando na sequência sobre os procedimentos necessários para que os candidatos tivessem acesso ao local de provas, o Estádio Lourival Batista, no dia 7 de janeiro, às 8h da manhã. Na mesma data e edição, foi publicada a notícia da distribuição dos cartões de identificação do vestibular, mais uma vez em discurso direto, advertindo: “sem ele, você não entra no Batistão a partir do próximo domingo para fazer as provas” (JC, 7/01/1983, p. 1).

O jornal também orientava sobre o acesso ao interior do estádio. A entrada no Batistão ocorria pela zona correspondente ao número de inscrição dos candidatos, sendo a 1ª zona: entrada pela Rua Cedro; 2ª e 3ª zonas: entrada pela Rua Vila Cristina; 4ª zona: entrada pela Rua Campo do Brito. No acesso ao local de provas, o candidato precisava portar o “cartão de identificação”, que, assim como nos anos anteriores, funcionava como a credencial. Além de divulgar que os alunos vestibulandos haviam recebido os cartões ou que a UFS os havia disponibilizado, a distribuição dos livretos orientadores de como os candidatos deveriam portar-se durante o certame também foi relatada.

Após a conclusão das provas, o centro de processamento de dados da UFS fazia a correção dos cartões e divulgava os resultados, o que naquele ano ocorreu em 20 de janeiro, porém o resultado poderia ser conhecido de maneira informal em até 24 horas após a realização das provas.

Conforme dito anteriormente, anualmente as normas dos vestibulares eram resumidas e publicadas nos jornais de modo a ficarem mais acessíveis aos candidatos. Essa estratégia de divulgação trazia informações do edital de forma objetiva e direta aos pontos de interesse dos vestibulandos e da sociedade, que, em linhas gerais, podiam conhecer de que maneira o processo se dava. Nesse sentido, destaco a força que esse meio de comunicação somava ao trabalho institucional da Comissão Organizadora do Concurso Vestibular, o que tornou a parceria entre a UFS e a imprensa fundamental para esse processo ao longo dos anos.

Conforme o regulamento do vestibular, serão adotadas as seguintes normas: terão direito à matrícula nos respectivos cursos, os candidatos que se situarem dentro do limite de vagas, o total de vagas será preenchido em duas etapas: metade no início do primeiro período letivo e metade no início do 2º período; não haverá revisão de provas, em qualquer fase do concurso será excluído o candidato que comprovadamente usar fraude, atentar contra a disciplina ou desacatar qualquer pessoa de funções diretivas ou auxiliares na execução do vestibular (GS, 3/01/1973, p. 1).

A informação acima, extraída do conjunto de normas publicado pela UFS em 1972, é um exemplo de resumo das orientações com o objetivo de tornar a informação mais direta para o leitor. Mas não somente o que constava nos manuais, a CCCV articulava-se com os jornais para divulgar comunicados informativos sobre os procedimentos do concurso. O GS de 5/01/1973 (p. 2) trazia, por exemplo, informações sobre a capacitação dos fiscais que atuavam nas provas. Segundo o jornal, os fiscais que atuavam nas provas eram estudantes da UFS que recebiam as orientações da organização. Naquele ano, a prova contou com um total de 160 fiscais desempenhando um serviço que era gratificado pela universidade. Aqueles que desejavam atuar como fiscais candidatavam-se no DAA durante o período de inscrições definido e divulgado ao longo do processo e recebiam uma remuneração para desempenhar a função. A seleção dos fiscais era anual, e eles se constituíam em agentes fundamentais para o apoio à integridade do concurso.

No último dia do vestibular de 1973, as provas realizadas foram as de Física, Língua Inglesa e Francesa. A cobertura do *Gazeta de Sergipe* fez uma retrospectiva ressaltando o clima de tranquilidade que tomou conta dos dias de concurso, além da organização do processo. Naquele ano, segundo o jornal, 120 candidatos desistiram das provas, e as médias de notas foram as seguintes: Matemática: 24 pontos; Português: 30 pontos; História: 28 pontos; Geografia: 27 pontos; Biologia: 30 pontos; Química: 26 pontos. Ressalto que Língua Inglesa e Francesa, assim como Física, não apareceram naquela estatística por terem sido realizadas no dia em que esses resultados foram expostos. No dia seguinte ao término das provas, o GS de 12 de janeiro publicou a notícia dos aprovados no vestibular da UFS, o que demonstrou a eficiência da CCCV na correção das provas daquele ano.

Figura 15: Aprovados no vestibular de 1973

**EXTRA** **GAZETA** cr\$ 0,50 **EXTRA**  
de Sergipe  
DIRETOR RESPONSÁVEL: CEBALDO DANTAS EDITOR: LUIZ ANTONIO BARRETO  
ARACAJU, 12 DE JANEIRO DE 1973

## Vestibular: os Nomes dos Aprovados

QUÍMICA INDUSTRIAL E ENGENHARIA QUÍMICA	HISTÓRIA E GEOGRAFIA	HISTÓRIA E GEOGRAFIA
Jéssica de Carvalho	Maria de Carmo Bastos de Oliveira	Maria de Carmo Bastos de Oliveira
João Augusto Paquetão de Alencar	Valéria Pôrto de Oliveira	Valéria Pôrto de Oliveira
João Paulo Cavalcanti	Zéila de Santos	Zéila de Santos
João Luiz Antunes Gomes	Maria Antonia Nascimento dos Santos	Maria Antonia Nascimento dos Santos
Wendelton Nivalda Silva	Thaís Rita Vieira dos Santos	Thaís Rita Vieira dos Santos
Adriano Brito Almeida Avelar	Maria Eduarda Santos Marques	Maria Eduarda Santos Marques
Marcos E. Lobo Cavalcanti	Juliete Bastos Pereira	Juliete Bastos Pereira
Osvaldo Azevedo Pinheiro	Angélica Maria Vieira de Araújo	Angélica Maria Vieira de Araújo
Prado Ruy Barros Pinheiro	Luiz Carlos Gama Basso	Luiz Carlos Gama Basso
Rizão Silva	João Fernando de Barros	João Fernando de Barros
Cezar Teles de Andrade	Maria Apuleia Teixeira	Maria Apuleia Teixeira
João Nivaldo de Vasconcelos	João Alberto Pereira Barreto	João Alberto Pereira Barreto
Georgete Silva de Moraes Silva	Maria Helena Silva Melo	Maria Helena Silva Melo
Valdir Sérgio Assis	Elisa Oliveira Motta	Elisa Oliveira Motta
Sergio Maria Prado Gomes	Marta de Conceição de Franca Dória	Marta de Conceição de Franca Dória
Emerson Ferreira da Costa	Renata dos Santos	Renata dos Santos
João Nery Santiago Filho	Elma de Sousa Moura	Elma de Sousa Moura
Edna Cláudia de Santos	Yvelisya Gomes de Melo	Yvelisya Gomes de Melo
and. da Costa		
Maria de Graça Rozenberg	Gilvan Dorea Dantas	
Marcial de Oliveira Neto	Valter Andrade de Oliveira Filho	
Rosa Azevedo Figueiredo	Sinete Correa Aguiar	
Marc Cláudio Silva Andrade	Maria Cecília de Figueiredo	
Everaldo Lima	Antonio Carlos de Sousa	
Alberto Vasconcelos Santos	Vander Alves dos Santos	
Maria José Teles de Menezes Santos	Ruy Gomes Fonseca Dória	
Maria Alice do Nascimento Moreira	Aracely Carvalho Dias de Oliveira	
Evandro Alves da Santana	Juliete Elaine Mordenoza Barreto	
Ismael Menezes Santos	Hiram Pevoto da Silva	
João Prado Lobo	Vera Lucia Pacheco Gambardella	
Alcino Nascimento	Jackson Santos Lobo	
Adery Assis Pinetiel Silva	Paulo Barreto Junior	
Helia Martins de Freitas Gomes	Gilvanete Araújo Chagas Santos	
Maria José dos Santos	Lidia de Oliveira Resende	
Edna Amarel Cavalcante	Martina de Albuquerque Maciel Prado	
Maria Raimunda dos Santos	Carlos Augusto Colias Torres	
Leila Boto Figueiredo	José Corrêa de Santana	
Flávia Pereira dos Santos	Rosa Corrêa de Nascimento	
Carla Teodoro de Oliveira		

Fonte: Reprodução print screen da lista de aprovados no vestibular da UFS de 1973, publicada no *Jornal da Cidade* de 12 de janeiro daquele mesmo ano. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/30270>, p. 5.

As listas publicadas nos jornais, a exemplo do recorte acima, ampliavam o alcance das listas dos aprovados divulgadas na Reitoria da UFS após a conclusão das correções finais. Repassadas à imprensa, eram publicadas pelos jornais impressos e lidas nas diferentes emissoras de rádio sergipanas.

Coerente com os debates sobre o acesso ao Ensino Superior do período, o jornal publicou a fotografia de uma vestibulanda respondendo à prova e legendada com a seguinte reflexão: “Dever cumprido, realizadas as provas, respondidos os quesitos, mesmo que a vestibulanda consiga 27 ou mais pontos, ainda vai disputar a sorte de uma classificação para uma das 700 vagas existentes” (GS, 12/01/1973, p. 1). A crítica direcionada à questão da excedência destaca aquele que era um dos maiores problemas a serem resolvidos no Ensino Superior brasileiro, que era a questão do acesso. Já no JC uma charge apresentava, além da composição do desenho, um texto afiado, também crítico à quantidade de vagas ofertadas pela UFS.

**Figura 16:** Charge sobre o vestibular publicada no *Jornal da Cidade* (12/01/1973)



Fonte: Reprodução *print screen* de charge publicada no *Jornal da Cidade* de 12 de janeiro de 1973. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/30270>, p. 5.

A charge acima apresenta uma crítica afiada sobre a questão da excedência. Embora alguns elementos visuais não permitam uma compreensão exata dos ícones, é evidente a reprodução do consolo irônico dado àquele que não acessou o Ensino Superior via vestibular – mesmo em muitos casos tendo um desempenho satisfatório, mas ficando fora do limite de vagas disponibilizadas. Publicações como essas traziam reflexões e questionamentos à forma de seleção para o Ensino Superior no Brasil e demonstram que, além de informar e construir uma narrativa muitas vezes novelesca como estratégia para atrair o leitor/consumidor, os jornais não se imiscuíam de reiterar suas posições e emitir opiniões sobre a educação pública em Sergipe.

Outros assuntos paralelos ao concurso também eram abordados. Se, por um lado, as questões sobre o acesso eram debatidas, por outro, as festas para os aprovados também eram divulgadas, a exemplo da “Festa da Inteligência”. O Lions Clube<sup>54</sup> organizava anualmente essa celebração, que se constituía em uma homenagem aos “vitoriosos na maratona intelectual” do vestibular. O público-alvo era os aprovados nos primeiros lugares dos cursos ofertados pela UFS. Ao passo que os alunos eram convidados e o convite era publicado em jornais impressos,

<sup>54</sup> Lions Club International é uma organização internacional de clubes de serviço cujo objetivo é promover o entendimento entre as pessoas em uma escala internacional, atender a causas humanitárias e promover trabalhos voltados a comunidades locais.

eram chamados a contribuírem com a “Causa da Educação Pró-Educação”, organizada pelo Lions e com o apoio da UFS, que tinha como objetivo a compra de materiais escolares para a distribuição em escolas “reconhecidamente pobres” de Aracaju.

O JC de 3 de janeiro de 1973 já alertava os vestibulandos de que a prova daquele ano não seria entregue após o término: “este ano, o estudante não vai sair com a prova debaixo do braço. Ela ficará com a Comissão do Vestibular que a entregará ao Lions [...]”. A intenção era de que, para arrecadar fundos, o Lions venderia para esses alunos suas provas do vestibular. Porém, a UFS entendeu que aquela não era uma comunicação correta, e o Lions Club precisou se manifestar publicamente:

Reconhecemos e a própria Reitoria enfatizou esse detalhe, que vocês têm direito às suas próprias provas, sem quaisquer ônus, após cada exame. Nosso apelo consiste exatamente em que todos, espontaneamente abram mão desse direito, ajudando alguém menos favorecido a estudar. (GS, 5/01/1973, p. 2).

A divulgação da campanha do Lions, que destacou a vinculação da UFS na iniciativa, teria causado desconforto em vestibulandos e na Reitoria, que, no dia seguinte, divulgou nota explicativa acerca do comunicado em questão. Na nota intitulada “Adesão à campanha do Lions fica a critério do vestibulando” (GS, 5/01/1973, p. 2), uma “fonte” da UFS explicou que o Reitor Luiz Bispo havia condicionado a disponibilização das provas ao Lions à livre escolha do vestibulando, ou seja: o Lions receberia as provas da UFS e seria o responsável pela distribuição aos vestibulandos, que decidiriam, no momento da retirada das provas, se doariam o dinheiro ou não.

A entrega das provas não estava atrelada ao pagamento por elas, essa seria uma opção do estudante.

Tal decisão está contida no despacho exarado pelo reitor no processo de solicitação do Lions, onde, entre outras coisas, diz que “é louvável a ideia do Lions Clube Aracaju Atalaia [...], mas, todavia, não se sente autorizado a violar o direito do estudante de ter a sua própria prova [...]” (GS, 5/01/1973, p. 2).

O GS (8/01/1973) destacou que, de acordo com a CCCV, mais de 3.000 candidatos disputaram naquele ano as 670 vagas ofertadas no vestibular da UFS. Para que pudessem acompanhar as provas realizadas no Batistão, como num grande evento, eram distribuídas credenciais aos profissionais de imprensa, que cobriam todo o certame. Naquela edição do GS

também foram publicadas orientações sobre o porte do cartão de identificação e a importância da correta marcação no cartão de respostas, com o preenchimento perfeito dos gabaritos.

As provas daquele ano foram realizadas no sistema unificado, isto é, ocorreram em todo o Brasil. De acordo com o GS (8/01/1973, p. 5), mais de 250 mil candidatos submeteram-se às provas em todo o país, “disputando vagas oferecidas pelas escolas superiores, particulares e oficiais”. Essa informação diverge da exposta na Tabela de Evolução das Estatísticas do Ensino Superior - Brasil - 1962-1998<sup>55</sup>, que apresenta para o ano de 1973 um total de 261.003 vagas ofertadas e 574.708 inscrições em vestibulares.

Em 9 de janeiro, os vestibulandos se dirigiram ao Batistão para se submeterem à avaliação de seus conhecimentos em Biologia e História. Segundo o GS (9/01/1973), no primeiro dia, quando foram realizadas as provas de Matemática, compareceram 3.069 dos 3.148 candidatos inscritos. O jornal também registrou detalhes do processo, trazendo a curiosa história do detento que prestou exame: “o detento José Soares de Oliveira que há onze dias encontra-se recolhido no reformatório penal também está prestando exames do concurso vestibular e todos os dias comparece acompanhado de um vigilante” (GS, 9/01/1973, p. 1).

Outro caso *sui generis* tratado pelo jornal foi o da vestibulanda Maria Margarida, que “ao receber a prova de matemática, deitou a cabeça sobre os braços e dormiu cerca de duas horas, só acordando uma hora antes do recolhimento das provas e mesmo assim respondeu todas as perguntas” (GS, 9/01/1973, p. 1). Não é possível afirmar se Maria Margarida obteve um bom desempenho, mas, quanto às notas da prova de Matemática, o jornal aponta que a pontuação obtida foi a seguinte: entre 0 e 5 pontos: 10 candidatos; 6 e 15: 178; 16 a 25: 765; 26 a 35: 943; 36 a 45: 132; 46 a 55: 24; 56 a 65: 0, e 60 a 75: 0, nenhum candidato. O máximo de acertos foi de 55 questões. Ainda de acordo com a publicação, o CCCV informou que notas zero foram atribuídas devido à marcação equivocada no gabarito e que em alguns casos houve até o uso de “lápiz de sobancelha” para o preenchimento. Abaixo das histórias daquele dia, o jornal publicou os gabaritos de Matemática (dia 01) e Português (dia 02).

Naquele ano o vestibular se desenrolou sem maiores intercorrências. As matrículas dos aprovados ocorreram a partir de 8 de fevereiro, e, apesar de constarem do cronograma disponibilizado no manual do vestibulando, a imprensa reforçava essa divulgação. Antes de se matricular, o aluno recebia do DAA o livreto do Guia de Matrícula orientando como realizá-la. O guia era um material robusto – naquele ano com 199 páginas – que apresentava o sistema de

---

<sup>55</sup> Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/censo/1998/superior/evolucao\\_1980-1998.pdf](https://download.inep.gov.br/download/censo/1998/superior/evolucao_1980-1998.pdf), p. 70.

créditos, os cursos, as disciplinas, as considerações gerais, a documentação necessária para a matrícula, os locais, os prazos, os calendários, sugestões e anexos.

À medida que o concurso ia se delineando em sua reparação no decorrer do ano anterior às provas, as notícias relacionadas ocupavam as capas e tinham lugar de destaque nos jornais. Chamou atenção, na edição do GS de 9 de janeiro de 1974, o editorial “O Dr. e a Universidade”, sem indicação de autoria. Nele, o posicionamento do jornal evidenciava um despreço pelos filhos da elite econômica do Brasil, que fatalmente não equivaleria a uma elite intelectual, uma vez que, de acordo com o jornal, a nova geração apenas usufruía dos bens e acúmulos adquiridos pelos seus pais e se revelava improdutiva para os estudos e, conseqüentemente, incapaz de ocupar espaços universitários. Essa incapacidade apontada na análise seria a responsável pela abertura do caminho para camadas mais pobres da sociedade, de mulheres e de operários, que, teoricamente, aproveitariam melhor as oportunidades ofertadas.

Assim está exposto o argumento:

Interessante que os estudantes oriundos das classes mais pobres são em bem maior número. Os filhos dos ricos preferem gozar a vida nas praias, desfrutar os encantos de garotas descontraídas, desembocando no campo dos viciados da maconha e de outras “heroínas” que tornam o mundo um eterno sonho nirvaniano. Enquanto essa geração da alta sociedade desperdiça o tempo, as fortunas dos pais [...] tendem à deterioração e ao desaparecimento por falta de sucessão (GS, 1973, p. 6).

O teor social-conservador que opõe lutas de classe-ideologia e costumes, que atribui um sentido eclético ao discurso, prossegue na narrativa, que considera positivamente a ascensão das classes média e proletária, bem como a de mulheres ao Ensino Superior, e, ao passo que critica a elite brasileira, compara o Brasil às “nações civilizadas” para reforçar a posição contrária ao vestibular como meio de seleção ao Ensino Superior no país. Segue:

Em qualquer país civilizado a seleção começa no segundo ciclo dos estudos. Assim procedendo, só os mais capazes disputam vagas nas universidades. Essa é a única maneira de encerrar a disputa de títulos de “doutores” incompetentes, apenas, ligeiramente alfabetizados, vergonha da própria sociedade. (GS, 1973, p. 6).

O trecho extraído do editorial supracitado traz um retrato do que foi, ao menos por parte representada da sociedade naquele discurso, o entendimento sobre o assunto naquele tempo. Mas, para conhecer a consciência de uma época, é preciso reconhecer movimentos, compassados ou não, daqueles que forjaram os leitores de jornal.

Os discursos elaborados e publicados difundem ideias de grupos específicos que encontram no jornal uma potente ferramenta de fortalecimento da formação de uma consciência acerca das mais diversas pautas postas. Deve haver quem pense que o leitor de jornal não possui o refinamento necessário para a construção de interpretações independentes/particulares. Porém, é preciso considerar que o universo dos leitores de jornal é composto pelos mais diversos tipos de leitores.

Dia a dia as pautas sobre o vestibular eram replicadas no GS. Os dias que se seguiram durante o vestibular UFS/1973 ganharam contornos dramáticos descritos pelo GS (10/01/1973). Até aquele dia, 109 vestibulandos haviam decidido abandonar a disputa pelos mais diversos motivos, desde atrasos até a dificuldade das provas. O enfrentamento do vestibular se projetava sobre os vestibulandos, logo o estado físico e mental dos candidatos também virava assunto.

Detalhes: dez estudantes já foram atendidos na enfermaria montada no estádio Lourival Baptista sendo constatados casos de distonia nervosa, disenteria aguda e dois desmaios. Duas jovens candidatas ao entregarem as provas passaram mais de quinze minutos chorando e uma vestibulanda entrou em desentendimento com uma supervisora ficando a comissão central de resolver sobre a permanência ou não da candidata no vestibular. (GS, 10/01/1973, p. 1, capa).

O destaque dado às condições psicológicas dos candidatos, como pode ser percebido na situação descrita na citação acima, por vezes trazia histórias de superação, a exemplo da candidata Antônia Andrade Silva, que deu à luz

[...] um garoto de 2kg e 700 gramas, às 5 horas da manhã, e já às 9 horas fazia as provas de Geografia e Química, sob os olhares dos inspetores da UFS, professoras Maria Euraristides [sic] e Tereza Prado, que foram à clínica cumprindo determinação da CCCV. Antônia teve parto normal e já possui três filhos e apresenta-se calma e satisfeita. Ela se inscreveu na área de humanidades, pretendendo o curso de História e já obteve 26 pontos na prova de matemática, 3 pontos na de português e 35 na de história. (GS, 10/01/1973, p. 1, capa).

Dois dias depois, foi possível conferir o nome da candidata Antonia Andrade constando como aprovada no curso de História.

**Figura 17:** Aprovados no vestibular de 1973

duza	Maria José Lobão Menezes
	Israel Neves de Souza
	Olivia Maria Apolinário de Jesus
	Antônia Andrade Silva
itc	Maria Izabel Santos da Silva
	Neuma Maria Prado Carvalho
	Marlene Ribeiro Santos
	José Alberto Alves Santana
	Maria Consuelo de Santana
	Mãe Auxiliadora da Rocha Farias
	Sônia Silva Santos
a	Laudelino Graciliano Mateus
o	

O nome de Antônia Andrade Silva figura na lista dos aprovados. Fonte: Reprodução *print screen* da lista de aprovados no vestibular da UFS de 1973, publicada no *Jornal da Cidade* de 12 de janeiro daquele mesmo ano. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/30270>, p. 5.

Além da cobertura dada aos acontecimentos envolvendo os candidatos, diariamente eram divulgados os gabaritos das provas. Naquele dia 10 de janeiro de 1973, o GS noticiava o atraso na correção das provas de História, Biologia, Química e Geografia por causa de um problema no computador IBM da UFS, mas tranquilizava os leitores noticiando a vinda de técnicos baianos para Sergipe com a finalidade de consertar a máquina. Embora as provas já não fossem mais corrigidas em Salvador, os técnicos eram baianos e precisavam se deslocar para Sergipe no caso de qualquer intercorrência.

Naquele ano, de acordo com o CCCV, a média de pontuação dos aprovados foi de 27, o que não significava dizer que atingir essa média garantiria a aprovação. A classificação final estava relacionada aos pesos<sup>56</sup> e às maiores médias dentro do número de vagas de cada curso. Visualiza-se, a partir da situação específica da UFS, um forte exemplo das discussões sobre o acesso que criticavam o baixo número de vagas ofertadas nas instituições de Ensino Superior espalhadas pelo Brasil.

Ao mesmo tempo que os escritos do GS refletiam sobre o número de vagas aquém do necessário, o jornal apresentava o crescimento da UFS desde sua fundação, em 1968, até 1973 numa nota que também informava que a UFS teve seu plano de pesquisa aprovado pelo MEC, assim como as Universidades do Piauí e do Rio Grande do Norte.

O referido crescimento é apontado, dentre outros fatores, pela emissão de diplomas e pelo número de matriculados em cursos de graduação:

<sup>56</sup> Pontuação multiplicada atribuída à matéria relacionada à área do curso escolhido pelo vestibulando.

**Quadro 4:** Diplomas expedidos pela UFS entre 1968 e 1972

Ano	Matrículas	Diplomas
1968	574	98
1969	855	82
1970	1.193	140
1971	1.474	145
1972	1.996	226

Fonte: Quadro elaborado a partir de dados obtidos em Souza, 2015.

Finalizado o vestibular UFS/1973, o GS (13/01/1973) publicou uma matéria informando o encerramento da cobertura, ao passo que destacou o déficit na quantidade de vagas em relação ao número de candidatos aprovados acima da média de pontos. Com o título “700 vão cursar UFS e restante espera”, a matéria de capa informava sobre o encerramento das atividades do centro de processamento de dados da UFS naquele ano.

As apurações finais haviam sido concluídas às 3h da manhã daquele dia, com a impressão das listas de classificados no número de vagas e a entrega às emissoras de rádio e à imprensa escrita. O jornal falou da experiência dos finalistas com a organização do concurso, detalhando o trabalho dos profissionais de imprensa nesse processo:

A noite de ontem não foi somente agitada para alguns funcionários da UFS ligados ao vestibular. Foi cansativa também para repórteres de jornais e rádios da cidade, que permaneceram de plantão à espera da divulgação de tão esperada lista de classificação. E também para centenas de jovens que não conseguiram dormir enquanto não ouviram ou leram a relação. (GS, 13 de janeiro de 1973).

Naquele dia, a lista divulgou 700 classificados, sendo 350 para o primeiro semestre e outros 350 para o segundo semestre. Muito embora tenham dado como encerrada a cobertura jornalística daquele ano, o GS do dia seguinte ainda enfatizava o vestibular da UFS tratando em dois espaços sobre o concurso: na capa, com a nota “UFS explica vestibular”, e na página 4, na “Coluna Tempos Modernos”.

Na matéria de capa, a UFS retratou-se por um grave erro na correção das provas: sete alunos não tiveram seus nomes divulgados nem na lista de aprovados, nem na lista de excedentes. Como esses alunos não haviam faltado a nenhuma das provas, a UFS precisou investigar e se posicionar sobre o assunto. Em nota, a UFS comunicou que sete cartões de respostas ficaram presos aos seus envelopes e por isso não foram encaminhados para a correção.

Assim, após corrigidos os sete cartões, de acordo com o jornal, dois foram classificados dentro do número de vagas para os cursos de Direito e área de Administração, Ciências Contábeis e Economia, e os outros cinco não foram classificados. Para que a lista de aprovados

não sofresse alterações, a UFS apenas incluiu os dois vestibulandos aprovados, sem prejuízos àqueles que figuraram na lista preliminar. Na página 3, o GS exibiu uma mensagem motivacional para os vestibulandos que não foram aprovados. Porém, mesmo em uma aparentemente despreziosa nota de estímulo, o discurso estampava percepções dos editores acerca do Ensino Básico e finalidades do Ensino Superior no período:

Mas é sempre assim, e as esperanças continuam firmes, até o próximo ano, quando novamente o número de vagas sustará a carreira dessa juventude ávida por uma profissão que lhe permite uma melhor sobrevivência [...]. Quanto às provas, algumas mal elaboradas, longe da realidade do ensino necessário. O mais, sem que houvessem irregularidades, é a angustia do aproveitamento, a falta de razão desse concurso que classifica. (GS, 14/01/1973, p. 3).

A cobertura dada ao vestibular da UFS pelo JC era intensa e baseada em uma narrativa criada pelos redatores que enfatizavam a luta/guerra pelas vagas. Ressalte-se que aquele tipo de abordagem existia porque, enquanto modelo único de acesso, o vestibular possibilitava o ingresso numa universidade que ofertava um número de vagas bem inferior à demanda.

“A Guerra dos cinco dias”, como foi nomeado pelo JC o vestibular do ano de 1974, foi destaque de capa nos oito primeiros números do ano. As grandes fontes em negrito reforçam a narrativa sensacionalista encampada nos textos que não somente informavam, mas traziam posicionamentos sobre o sistema de ingresso no Ensino Superior público em Sergipe, faziam perfis psicológicos dos candidatos, avaliavam o desempenho a partir de dados obtidos com a CCCV e, contraditoriamente, buscavam tranquilizar os alunos, numa estratégia editorial que atraía os vestibulandos e os desejosos de informações sobre o vestibular.

Figura 18: “A Guerra dos Cinco Dias”

**ITABAIANA**

Com foguetes e um início de carnaval a população de Itabaiana viveu ontem a alegria de ver confirmada a presença de seu time, a Associação Olímpica de Itabaiana, como representante do Estado no Campeonato Nacional de Futebol deste ano. Os comentaristas na cidade estão divididos no que se refere às opiniões sobre o sucesso financeiro ou não da equipe. Quanto ao garbado do time, as opiniões são quase unânimes: é mesmo o melhor do Estado.

**DETENÇÃO**

A polícia londrina deteve ontem outra jovem norte-americana, suspeita de integrar uma quadrilha que introduz ilegalmente em nosso país...

**DIÁRIO DE SERGIPE**  
Rua Itabaiânica, 41  
SERGIPE

# INICIADA A GUERRA DOS 5 DIAS: VESTIBULAR

A Universidade Federal de Sergipe inicia às 08:00 horas de hoje o Vestibular 1974, quando os 4.290 candidatos inscritos tentarão uma das trezentas vagas oferecidas pela UFS. Pela primeira vez na vida da Universidade, os exames serão divididos entre o Batistão e o Colégio Estadual Atheneu Sergipense que, segundo a Comissão Central, foi a única solução de dar mais conforto aos vestibulandos e evitar fraudes durante a realização das provas. Todo vestibulando que chegar um minuto atrasado, perderá o direito a fazer os exames, e, conseqüentemente, eliminado do vestibular. Segundo fomos informados, aproximadamente 200 candidatos vieram de outros Estados, principalmente dos Estados de Pernambuco, Alagoas e Bahia, sem contar os que vieram do Rio Grande do Sul, Paraná e Pará.

**TUDO PRONTO**

Ontem, a Comissão Central do Concurso Vestibular, que tem como presidente o professor Fernando Sampaio, aprontou tudo, para que hoje não haja problemas. No Batistão serão localizados cerca de 71 setores que receberão os 2.817 inscritos na Área de Humanidades. Já o Colégio Estadual Atheneu Sergipense, receberá em seus 31 setores, os 1.473 candidatos inscritos na Área de Ciências Exatas.

**ESTATÍSTICA**

A cada ano, a Universidade Federal de Sergipe aumenta o número de inscritos, apesar de o número de vagas ser o mesmo, dificultando o ingresso de muitos. No ano passado, a UFS ofereceu trezentas vagas, número igual ao deste ano, porém, se inscreveram somente 3.240 candidatos, numa média de 4,5 por vaga. Este ano, com 4.290 candidatos, a proporção é de 6 por vaga. Das unidades, a maior concorrência é a de medicina, que terá aproximadamente nove a meio candidatos por vaga, e a menor, matemática e física, com dois para cada vaga.

**JORNAL DA CIDADE**

Reprodução *print screen* de matéria publicada no *Jornal da Cidade* de 06 e 07 de janeiro de 1974. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/30270>, p. 1.

Evidentemente, os jornais entendiam que aquele era um período de grande busca de informações sobre o vestibular na grande imprensa, sobretudo porque os impressos compilavam as informações de diversas fontes sobre o processo seletivo. Nesse sentido, a opção do JC por trazer uma diagramação com maior dinamismo certamente proporcionava um acesso mais direto na comunicação com o público e, conseqüentemente, maior número de exemplares vendidos.

Provas de vestibular simulado foram publicadas no JC de 3 de janeiro de 1974, que destacava na barra da capa que a edição trazia provas nas páginas 6, 7, 8 e 9. O “Simuladão do *Jornal da Cidade*” era um conjunto de provas elaboradas por professores do curso Engequime<sup>57</sup> e do Colégio Salesiano. As questões, diagramadas da mesma forma dos cadernos do vestibular da UFS, ofereciam, sobretudo àqueles que não tinham a possibilidade de aprimorar sua preparação num cursinho pré-vestibular, a possibilidade de treino de respostas de questões elaboradas por seus professores. Acompanhavam as questões o “quadro para respostas”, similar ao cartão de respostas que o candidato preenchia e era conferido pelo computador IBM. As questões eram de múltipla escolha e possuíam, geralmente, entre quatro e cinco alternativas.

Em 1974, o vestibular aconteceu entre 6 e 10 de janeiro. Àquela altura, a cidade de Aracaju, sobretudo por sua estrutura e por sediar o concurso, sentia a movimentação causada

<sup>57</sup> Abordado na sequência desta tese.

pela proximidade do momento de provas. O JC de 4 de janeiro destacou que um número considerável de candidatos de outras localidades havia escolhido a UFS como destino acadêmico. A interpretação do jornal era de que aqueles estudantes consideravam que o vestibular da UFS oferecia maior possibilidade de aprovação, uma vez que a concorrência pelas vagas supostamente seria menor.

Alguns estudantes estiveram conversando com a nossa reportagem, dizendo de suas esperanças, pois consideram um vestibular que oferece maior oportunidade de êxito [...]. Hospedados em hotéis e residências de amigos ou parentes, os candidatos de outros pontos do país esperam ansiosos o próximo domingo. (JC, 4/01/1974, capa).

Mais uma vez, Aracaju via o vestibular movimentar diversos setores econômicos, sociais e culturais ao receber candidatos externos, fosse de outros estados ou do interior deste. A lupa da imprensa não ocultava qualquer detalhe, independentemente da natureza dos fatos, se eram referentes ao vestibular, eram explorados à exaustão, como o caso do vazamento de uma prova de Língua Francesa que foi noticiado nos jornais analisados entre o final de 1973 e o início de 1974.

O JC (23 e 24/12/1973, p. 6) relatou a tensão entre os organizadores do vestibular de 1974 após o vazamento da prova de Língua Francesa. “Afinal, não é brincadeira o envolvimento de todos numa situação desagradável como a que ora experimentamos”. Alguns dias depois, uma nota (JC, 4/01/1974) anunciava: “João Costa nega-se a revelar nome do infrator”. Naquela mesma edição, uma outra matéria deu ênfase a uma “confusão” envolvendo o professor João Costa, que, segundo o jornal, denunciou o vazamento de uma prova de Língua Francesa do vestibular daquele ano. Eis a nota na íntegra:

A teimosia do professor João Costa, no sentido de não divulgar o nome do estudante que foi presenteado com a prova de Francês do vestibular de 1974, à Comissão de Inquérito instituída pela Universidade para apurar a quebra de sigilo, poderá levar o reitor à adoção de uma medida extrema: demitir um dos melhores professores de Sergipe. Infelizmente, uma vez que o professor João Costa, que foi que denunciou a irregularidade e a título de não prejudicar o colega infrator (aquele que forneceu as questões) não pretendeu mesmo divulgar tudo o que sabe, não sabemos qual o caminho que o reitor Luiz Bispo encontrará para resolver a questão com a firmeza de que a Universidade não foi ferida em seu conceito. (JC, 4/01/1974, p. 5).

A comissão de inquérito citada na nota foi presidida pelo professor Fernando Porto e tinha um prazo estabelecido para concluir a investigação para descobrir o responsável pela

quebra de sigilo das provas. Porém, de acordo com o jornal, João Costa não estaria disposto a colaborar. Vale lembrar que essa é a conclusão<sup>58</sup> de um jornal que não se acanhava em ser sensacionalista.

Por causa do vazamento da prova de Língua Francesa daquele ano, o Reitor Luiz Bispo ordenou que todas as provas de 1974 fossem reformuladas, o que obrigou a Comissão a trabalhar com extremos cuidado e rapidez. Por causa da quebra do sigilo, todos os servidores envolvidos na impressão das provas foram afastados do serviço para que os novos cadernos fossem impressos. Mesmo com a reformulação, a data prevista em edital foi mantida, e os 4.290 candidatos inscritos não viram alteração no processo.

Nos primeiros dias de 1974, os jornais noticiavam o início da “Guerra dos Cinco Dias”. Naquele ano a UFS ofertou 700 vagas, e a área que recebeu mais inscritos no vestibular foi a de humanidades, com 40% do total. Em 1973, também foram ofertadas 700 vagas, mas com 3.240 inscritos. Com o passar dos anos, a UFS via aumentar significativamente o número de inscritos no vestibular.

O curso mais concorrido foi Medicina, com aproximadamente 9,5 candidatos por vaga, e os menos concorridos foram Matemática e Física, com 2 candidatos por vaga. Diferentemente dos anos anteriores, o Atheneu Sergipense também sediou as provas, além do Batistão. 200 candidatos vieram de outros estados, como Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná e Pará.

---

<sup>58</sup> Não foram localizados os documentos referentes ao processo nas séries consultadas no Arquivo Central da UFS.

**Figura 19:** Detalhes das provas objetivas do vestibular realizado no Estádio Estadual Lourival Baptista



Fonte: Arquivo Central da UFS. Foto do acervo de Josefa Eliana Souza.

A imagem acima enfatiza os vestibulandos aparentemente concentrados enquanto respondem as suas provas. Nela, é possível visualizar uma folha de respostas e um cartão em separado com marcações em caneta, além de papéis espalhados embaixo das cadeiras sugerindo serem as provas restantes que os estudantes não tinham onde e nem podiam guardar. A cobertura das provas pelos jornais continuava durante a realização do concurso, e o JC de 8 de janeiro de 1974 anunciava: “Vestibular prossegue: História e Biologia”. Ainda sobre a questão da narrativa sensacionalista empreendida pelo jornal, a referida matéria enfatizou desistências, quantidade de desmaios, falta de remédios e ambulatório montado para atender urgências, além de considerações sobre a esperança *versus* a desesperança de alguns candidatos.

Na página 6, o tom dramático predominou. Com o título “A Guerra dos Cinco Dias tem prosseguimento”, a reportagem de Milton Alves com fotografia de Luiz Carlos atesta a marcha dos candidatos rumo ao dito “oásis” que a universidade representava. E, para atestar essa ideia de tomada de território na qual cada candidato deveria lutar para conseguir sua vaga na UFS, a

fotografia traz uma grande concentração de estudantes entrando ao mesmo tempo pelo portão do Batistão e caminhando em direção ao local de prova, conforme figura a seguir.

**Figura 20:** Destaque dado ao vestibular pelo JC de 8/01/1974

JORNAL DA CIDADE/06

## A GUERRA DOS 5 DIAS TEM PROSSEGUIMENTO

Fotos de Luiz Carlos Reportagem de Milton Alves

Com um atraso de 50 minutos, a Universidade Federal de Sergipe, iniciou no último domingo com a realização da prova de matemática, o vestibular de 1974. A prova em si foi bastante criticada pelos vestibulandos, principalmente aqueles que fazem exames para unidades, onde o peso desta matéria é somente 1 (um).

O nervosismo deixou alguns vestibulandos intranquilos, durante as quatro horas, tempo concedido pela Comissão Central do Concurso Vestibular, para as respostas das 75 questões formuladas.

CAES

Ao contrário do Estádio Estadual Lourival Baptista, a prova de matemática, onde estão sendo realizadas os exames para a área de ciências exatas, foi iniciada na hora, porém, seu encerramento deu-se após o encerramento da área de humanidades. Oport, a prova de português teve seu início na hora marcada considerada pela maioria dos vestibulandos como fácil em particular aqueles que realizam os exames para as faculdades de Direito e Pedagogia.

Mesmo sendo fácil, a prova de português deixou inúmeros estudantes nervosos, como aconteceu no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, que devido ao nervosismo, dois dos vestibulandos sentiram dor de dente.

POSTO MÉDICO

Tanto o posto médico da área de Humanidades como o da área de ciências exatas, vêm funcionando com normalidades, onde uma gerga de mercúrio não existe, parecendo mais

Esperançosos, sorridentes e apreensivos, os candidatos dão entrada no Batistão para os primeiros exames do Vestibular, uma guerra que se renova a cada ano...

FALTOSOS

No primeiro dia do vestibular - domingo cerca de 151 foram eliminados do concurso por não comparecerem aos locais determinados pela Comissão Central do Concurso Vestibular, para a realização dos exames. Destes 151, 100 foram da área de humanidades e 51 da área de ciências exatas. Ontem, faltaram 12, sendo 8 no Batistão e 4 no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, perfazendo um total de 163.

À proporção que os exames vão sendo realizados, acredita-se este ano, que aproximadamente 250 candidatos desistam. Muitos destes, por simples descuido, não atendendo as exigências da CCCV que após as 08:00 horas não entra e outros por motivos vários.

IMPENSA

A imprensa por sua vez, tem recebido um tratamento não muito hostil por parte do pessoal que está trabalhando no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Um dos nossos repórteres que foi designado para a cobertura no CEAS no último domingo, ficou sem condições para trabalhar, pois um elemento chamado José Paulino da Silva, fez barreira na sua entrada. O fato voltou a ser registrado quando o tal de José Paulino, deixou o nosso repórter entrar, porém acompanhado. Já no Batistão, as coisas são diferentes, onde o Prof. Fernando Sampaio e toda a sua equipe vêm dando a máxima atenção aos homens da imprensa.

PARALITICOS



Reprodução *print screen* de matéria publicada no *Jornal da Cidade* de 8 de janeiro de 1974. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/30270>, p. 6.

Já na capa da mesma edição, a diagramação da matéria, que anunciou a cobertura mais ampla no interior do caderno, chama atenção com meia página dedicada ao vestibular e à realização das provas, e os gabaritos de Português e Matemática receberam destaque. A imagem que se segue ilustra a chamada e apresenta uma visão curiosa dos redatores:

Figura 21: Destaque dado ao vestibular na capa do JC de 8/01/1974

# VESTIBULAR PROSSEGUE: HISTÓRIA E BIOLOGIA

Terá prosseguimento hoje o vestibular de 1974, com a prova de Biologia para os vestibulandos da área de ciências exatas e a prova de História para a área de Humanidades. Em linhas gerais, o vestibular está transcorrendo sem incidentes de maior monta, com quase duzentos candidatos que desistiram, poucos desmaios,

alguma falta de remédios de urgência, como mercúrio cromo, faltando no posto médico instalado para atendimentos urgentes, mas, de modo geral, o vestibular está prosseguindo com muitas esperanças ainda, alguma fracassos já constatadas, e várias promessas de que para o ano quero ver se eu não passo". (Ampla cobertura do JC na página 6



De maneira informal, a candidata da foto tenta resolver as questões sem dar a mínima importância para s

## Gabarito da Prova de Matemática

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	
B	D	B	B	D	B	D	D	A	C	C	A	B	A	D	B	A	C	D	B	A	C	D	A		
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	
D	C	D	B	A	A	A	C	D	D	A	A	D	A	B	A	D	A	B	C	D	A	B	A	D	
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	
A	D	D	D	A	A	C	A	C	B	B	D	A	D	A	A	A	D	C	D	A	C	B	D	A	

## Gabarito da Prova de Português

01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
A	C	B	A	D	D	B	C	B	A	C	D	D	A	D	C	B	A	D	A	B	B	C	A	C
26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
A	C	A	B	A	C	B	A	D	B	A	C	B	C	A	B	B	D	C	A	B	C	A	D	C
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75



Ele é o candidato mais velho. Cabeleira toda branca, cinquentenário otimista que luta por uma vaga no

Em lados opostos, duas reproduções fotográficas: à esquerda do leitor, uma mulher sentada com a perna sobre a cadeira e outra apoiada no chão descansa a cabeça em seu braço enquanto responde as questões da prova – o que pode ser depreendido pela posição de leitura e pela forma como segura o instrumento para escrita. A legenda conclui: “De maneira informal, a candidata da foto tenta resolver as questões sem dar a mínima importância para a objetiva indiscreta do *Jornal da Cidade*”.

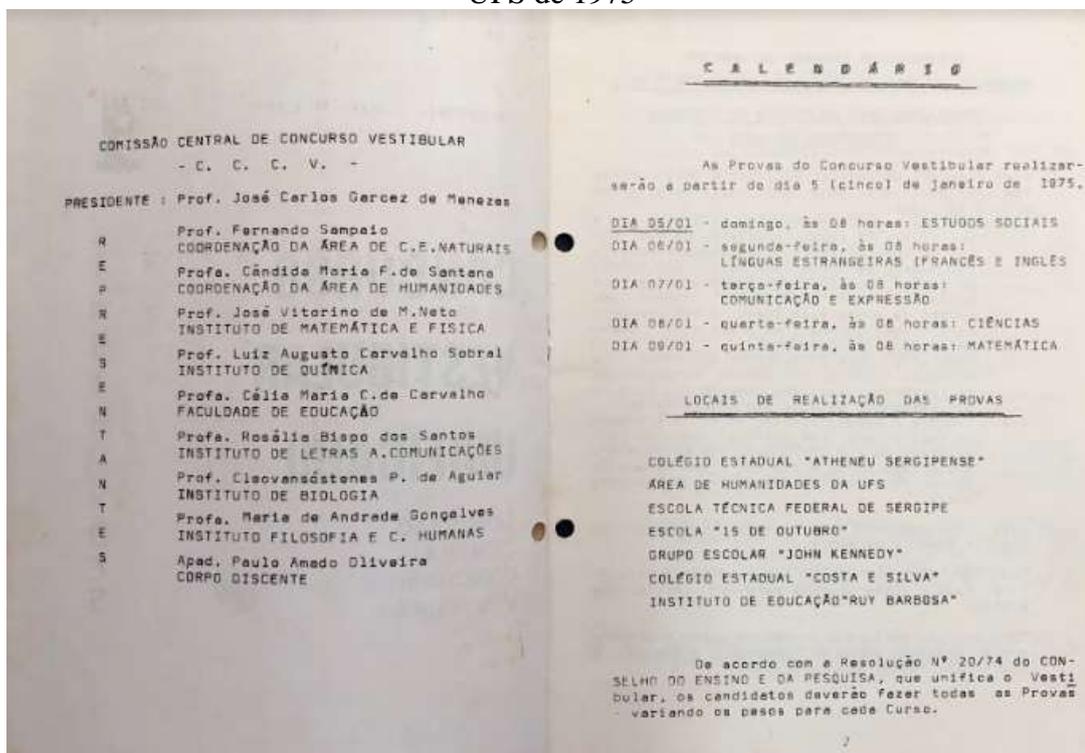
No lado oposto, à direita do leitor, um senhor aparece compenetrado enquanto analisa as provas. Na legenda, o arremate: “Ele é o candidato mais velho. Cabeleira toda branca, cinquentenário otimista que luta por uma vaga no oásis almejado por muitos: Universidade”. A matéria não se reporta aos nomes dos candidatos fotografados, mas entrega essas imagens que ilustram a diversidade de histórias que compõem o vestibular sob o ponto de vista dos candidatos. Trabalhando sempre com a dicotomia sucesso/fracasso, a imprensa abordava diferentes realidades existentes entre os candidatos. Essa oposição de imagens, além de toda a significação, pode sugerir a consciência de um tempo ao retratar a imagem da mulher desleixada *versus* a do homem compenetrado.

Ao publicarem as opiniões de seus editores, seja por meio de editoriais ou de artigos de opinião, os impressos fortaleciam-se como espaços de debate sobre o vestibular no Brasil,

entendendo a necessidade do período da obtenção do diploma de nível superior para uma maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, mudança de patamar econômico e social de seu portador. Quando os editores teciam críticas sobre a quantidade de vagas ofertadas pela UFS em contraposição ao número crescente anual de candidatos que se submetiam ao vestibular, popularizavam a discussão acerca da questão dos excedentes, tão debatida nos anos 1970 pelos estudiosos do acesso ao Ensino Superior no Brasil e durante muitos anos uma questão incômoda para ser resolvida. Mas não somente isso: endossavam concepções políticas e econômicas vigentes que associavam o desenvolvimento nacional à formação dos quadros que deveriam atuar nesse processo a partir de suas próprias simpatias e de seus posicionamentos.

Assim se seguiram as coberturas dos anos seguintes. Cada alteração na condução do processo pelo MEC, cada decisão acatada pela UFS, cada documento produzido, tudo que fosse passível de ser publicado estava nos jornais.

**Figura 22:** Reprodução do caderno de normas contendo informações sobre o vestibular da UFS de 1975



Fotografia de exemplar disponível no acervo da Comissão de Concursos e Vestibulares – CCV/UFS.

Na reprodução do Manual de Normas do Vestibular de 1975 exposta acima, estão descritas informações sobre o processo para os candidatos inscritos: datas, horários e disciplinas correspondentes para cada dia e locais de prova, que naquele ano já não foram realizadas no

Batistão, mas em seis escolas sergipanas, sendo cinco da Rede Pública Estadual: Atheneu Sergipense, Escola Estadual 15 de Outubro, Grupo Escolar John Kennedy, Colégio Estadual Costa e Silva e Instituto de Educação Rui Barbosa. Além dessas, a Escola Técnica Federal de Sergipe também sediou as provas. A UFS enviava antecipadamente a solicitação de cessão daquelas unidades escolares, via ofício, para a Secretaria de Educação, ou para as escolas privadas, que se responsabilizavam pela liberação dos espaços.

Excetuando-se o Atheneu Sergipense, todas as outras escolas estavam localizadas em terrenos vizinhos na Zona Central de Aracaju, no Bairro Getúlio Vargas, em uma espécie de complexo, onde ainda hoje funcionam, à exceção da Escola 15 de Outubro, extinta em março de 2019. Essa seleção demonstra duas questões envolvidas para a escolha dos locais: a proximidade entre as escolas concentraria as atividades da CCCV, e a localização próxima aos pontos de parada dos transportes vindos do interior para o Centro de Aracaju tornava aquele local mais acessível aos candidatos do que o Bairro Treze de Julho, onde se localiza o Batistão. Quanto ao caderno de normas para o vestibular UFS/1975, a fotografia anterior informa sobre a Comissão, exibindo os representantes das áreas que integravam a CCCV, bem como seu novo presidente, o professor José Carlos Garcez de Menezes. No rodapé do Manual, uma informação essencial para os vestibulandos: com a definição legal do vestibular unificado, os candidatos fariam a mesma prova, mas estas seriam corrigidas sob contagem de pesos equivalentes aos cursos escolhidos.

Estava tudo pronto para o vestibular UFS/1975, e em 5 de janeiro a cidade de Aracaju voltaria a viver dias intensos com a realização das provas e todos os seus desdobramentos. O JC (3/01/1975) comentava o trabalho da CCCV, que àquela altura já havia distribuído os crachás de identificação para os fiscais que atuariam nos locais onde seriam realizadas as provas. “O fato de ser o primeiro vestibular unificado<sup>59</sup> dentro de Sergipe, apresentando modificações como perfuração de cartões, não deve preocupar os candidatos”, assim opinava o jornal baseado na explicação do Reitor Luiz Bispo à redação. “O concurso não apresentará tantas dificuldades e que sua unificação o torna mais fácil”.

O serviço de utilidade pública do jornal destacava como os candidatos deveriam se dirigir a cada local de prova, bem como quais materiais deveriam portar, quais os portões de acesso, assim como datas e horários de provas. Era vedado o uso de réguas, aparelhos eletrônicos portáteis, de modo que todos os candidatos deveriam competir de maneira igual. Ao destacar o início das provas do vestibular UFS/1975, o JC não se isentou de observar que,

---

<sup>59</sup> Acredita-se que aqui o reitor tenha se referido ao primeiro vestibular com provas elaboradas pela Fundação Carlos Chagas, uma vez que o vestibular unificado já havia ocorrido em anos anteriores.

embora muitos candidatos obtivessem notas razoáveis, diante do diminuto número de vagas, continuariam a tentativa no ano seguinte, uma vez que não conseguiriam a aprovação. “Como todos os anos, muitos serão decepcionados, poucos serão os contentes [...]” (JC, 3/01/1975, p. 5).

Uma vez que o Batistão deixou de ser palco do vestibular em 1975, os 5.361 vestibulandos dirigiram-se aos seus locais de prova, na manhã de 5 de janeiro de 1975, para realizar as provas de Estudos Sociais e assim iniciarem a disputa pelas 850 vagas nos cursos da UFS. Naquele dia, 233 candidatos, de acordo com a CCCV, desistiram do vestibular. Além do destaque dado às comissões compostas pelos professores da UFS, o GS (7/01/1975) narrou casos de estudantes atrasados, que fizeram as provas no hospital ou que, acometidos dos nervos, fumaram um maço inteiro de cigarros antes das provas.

Especificamente, foi abordado o lamentável ocorrido com o vestibulando desclassificado porque chegou atrasado ao seu local de prova, o Instituto de Educação Rui Barbosa, e não teve sua entrada permitida mesmo após comprovar que veio do interior e que o pneu de seu carro havia estourado. Isso ilustra a atuação dos fiscais de provas, que era implacável e correta: estava na lei e nas normas: atrasos, de qualquer natureza, não seriam tolerados.

Com as desistências ocorridas diariamente, ainda que naquele ano o vestibular fosse classificatório, proporcionalmente, cada vez maior era a disparidade entre a quantidade de vagas ofertadas pela UFS e a quantidade de inscritos. Assim sendo, essa questão retornava às páginas dos jornais: “Daí ser uma guerra o vestibular, mesmo como concurso classificatório que é porque a excedência se forma, sem esperanças, e isto se repete a cada ano” (GS, 7/01/1975).

Os vestibulandos também puderam conferir, naquele número do GS (7/01/1975), os gabaritos das provas de Estudos Sociais, dos dois tipos de cadernos de provas, o par e o ímpar, assim como os gabaritos das provas de línguas estrangeiras.

Em 8 de janeiro, o número de desistentes do vestibular se aproximava dos 400. A isso o JC deu o seguinte destaque:

Mais de 400 candidatos estão fora do vestibular 75 que, hoje, prossegue com a prova de ciências. Dez vestibulandos foram acometidos de crises nervosas durante as 3 provas já realizadas. O caso mais grave foi de Cleone Rodrigues Souza, levada com urgência para o Hospital Cirurgia, onde abortou uma criança. (JC, 8/01/1975, p. 1).

A abordagem dada ao vestibular UFS/1975 pelo *Jornal da Cidade* constituía-se em uma verdadeira ode ao terror. Ao mesmo tempo que destacava que as provas estavam fáceis naquele

ano, enumerava a quantidade de zeros atribuídos. Ressaltava os doentes que estavam internados, o vestibulando com catapora isolado respondendo as provas na secretaria do Atheneu Sergipense... e fazia sensacionalismo sobre as provas seguintes, de Ciências e Matemática, consideradas mais difíceis e que “enervavam os candidatos” (JC, 8/01/1975). “Realmente, essas duas matérias são sempre responsáveis pelo maior número de reprovações nos vestibulares. Quem está no páreo não pode fugir e tem que enfrentar a parada porque chega a hora de a onça beber água” (JC, 8/01/1975).

Narrativas como essas são decisivas para a construção da representação dos leitores sobre os vestibulares da UFS. Ao expor essa abordagem, que diferia tecnicamente da forma de transmitir a notícia adotada pelo GS, por exemplo, o JC colaborava para que os vestibulandos e outras pessoas envolvidas indiretamente com o processo interpretassem que o problema do acesso à UFS teria muito mais a ver com o vestibular em si do que com a quantidade de vagas ofertadas, o tamanho das universidades federais, ou o preparo pouco eficiente dos estudantes, por exemplo.

A imagem a seguir ilustra essa reflexão:

**Figura 23:** O corte – capa do JC de 9/01/1975



Reprodução *print screen* de matéria publicada no *Jornal da Cidade* de 9 de janeiro de 1975. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/30270>, p. 1.

Além das grandes letras em negrito e da palavra que direciona a uma elaboração interpretativa violenta, o texto que acompanha a imagem é apelativo e carregado de

sensacionalismo. Palavras e expressões como “guerra”, “vale-tudo”, “drama”, “luta”, “batalha”, “terrível”, “crises nervosas” e “agonia” descrevem os dias das provas de Matemática e Ciências. Esse tipo de abordagem foi usado quando o computador que fazia a correção dos cartões de respostas quebrou e findou por atrasar a divulgação dos resultados finais daquele ano.

A notícia (JC, 10/01/1975) chega a questionar a lisura do vestibular UFS/1975 ao interrogar: “o computador quebrou na hora ‘h’. Mistério ou simples coincidência?”, em uma provocação dúbia que certamente gerou especulações dos leitores sobre a seriedade do vestibular. A abordagem dada ao mesmo fato pelo GS foi diferente. Atenta aos fatos, sem conjecturas, o GS informou aos vestibulandos sobre o conserto do computador e a recontagem de pontos das provas.

O GS (14/01/1975, p. 3) fez um balanço sobre aquela edição do vestibular considerando a qualidade da educação básica ofertada pelos ensinos público e privado e também pelos cursinhos pré-vestibulares, que, por focarem na preparação objetiva dos vestibulandos para a prova, ladeavam, na interpretação do GS, a formação mais ampla dos estudantes. Também foi foco de reflexão nas páginas do *Gazeta* a ocupação crescente dos espaços universitários por mulheres, que no vestibular UFS/1975 totalizaram mais de 50% das aprovações (GS, 14/01/1975).

A história do vestibular UFS/1976 começava com o anúncio (JC, 3/01/1976, p. 1) “JC vai publicar simuladão do vestibular a começar na terça-feira”. Àquela altura, no terceiro dia do ano, a cidade se preparava para os dias de provas, e a procura dos leitores pelas publicações sobre o concurso nos jornais aumentava. O simulado ao qual o JC se referia foi elaborado pelos professores do curso Engequime, que naquele momento havia dado origem ao Colégio de Ciências Pura e Aplicada, o CCPA.

O simulado de Física, com 50 questões, ocupou o “recheio” daquela edição, com três páginas, sendo uma inteira e duas meias-páginas, com questões de ótica, eletrostática e eletrodinâmica, conforme previsto nos programas para o vestibular naquele ano. Ao final das questões, no canto direito da página, a divulgação de uma entrevista coletiva a ser concedida pelo presidente da CCCV, professor José Carlos Garcez Menezes, para discutir o papel da imprensa naquele vestibular. De antemão o aviso de que tudo estava pronto para o concurso daquele ano (JC, 7/01/1976).

No dia seguinte, os vestibulandos encontraram mais simulados publicados no jornal (JC, 8/01/1975, p. 5-6) e puderam treinar para a prova de Matemática elaborada novamente pelo Engequime/CCPA. A propaganda daquele cursinho estava disposta na mesma página e trazia a informação: “CCPA, Colégio de Ciências Pura e Aplicada, Apoio: ENGEQUIME. Direção:

Prof. Marcos Pinheiro”, mostrando que o nome do cursinho que originou a escola conferia credibilidade àquela jovem instituição educacional.

Mais um simulado, o de Biologia, com 50 questões, foi publicado pelo JC (9/01, p. 6) no mesmo número que trouxe as informações da entrevista coletiva convocada pela CCCV, ocasião na qual o presidente da comissão anunciou para a imprensa impressa, radiofônica e televisiva os detalhes públicos sobre a logística do vestibular UFS/1976. Orientada, a imprensa pôde trabalhar para informar sobre locais, horários, andamento das provas e construir suas versões particulares dos fatos ocorridos naqueles dias, afinal “Tudo pronto para a guerra” (JC, 7/01/1976).

Nas primeiras horas daquele domingo, 11 de janeiro, todo o estado se movimentava de uma maneira diferente. Milhares de estudantes, 5.432, disputavam 1.050 vagas, de acordo com a CCCV, e se dirigiam para seus locais de prova, que eram em Aracaju: Área de Humanidades da UFS, Colégio 08 de Julho, Colégio Tobias Barreto e novamente o Batistão. No interior, os candidatos às licenciaturas de curta duração ofertadas pela UFS faziam a seleção nas cidades de Estância, Lagarto, Itabaiana e Propriá.

Os vestibulandos que compareceram aos locais de prova devidamente identificados pelo cartão de identificação e pelo RG, que foram entregues pela comissão até o dia 9 de janeiro, puderam responder as provas de Estudos Sociais. Os fiscais do processo, naquele ano 360 (GS, 9/01/1976, p. 7), espalhados por todos os locais de prova, recepcionavam os candidatos, conferiam a documentação e os direcionavam para as salas ou os espaços onde fariam as provas.

Naquele ano, a guerra dos cinco dias ocorreu entre 11 e 15 de janeiro. Todo o processo de organização, bem como o desenrolar dos dias de provas, foi publicizado na imprensa. A banca examinadora, os corretores das provas, todas as informações possíveis foram publicadas em cumprimento à legalidade que conferia credibilidade e transparência ao concurso. Naquele ano, as bancas foram compostas pelos seguintes docentes da UFS:

ESTUDOS SOCIAIS: Maria da Glória Santana Almeida (Coordenadora), Adelci Figueiredo Santos, Sônia Maria Azevedo Soares, Maria Thetis Nunes, Maria Hozana de Souza e Diana de Faro Leal Diniz. LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: Maria Auxiliadora Campos Medeiros (Coordenadora), Iracema de Andrade Prado, Terezinha Belém C. Teles, Alceu Monteiro, Luiza Cristina Barreto Oliveira e José Dalmo Souza. COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO: Carmelita Pinto Fontes, Maria Giovanni dos Santos Mendonça, Rosália Porto, Lucila do Carmo Garcez e Sonia Vandick. CIÊNCIAS: Clemisson da Silva Araujo (Coordenador), Hélio Ferreira dos Santos, Maria Auxiliadora Santos, Ayda Vera Alcântara Cardoso, Edson Rene Oliveira Borges e Fernando Pelegrino. MATEMÁTICA - Carlos Roberto Bastos Souza (Coordenador), Raimundo Machado Costa, João Américo Prado

de Andrade, José Edgard da Mota Freitas, Alexandre Guilherme Aguiar Pietsch, Manuel José de Oliveira Belém. (JC, 9/01/1976, capa).

Com a imagem da estudante Olenadja Menezes respondendo as provas enquanto estava internada em um hospital, sob a supervisão de um fiscal do vestibular, a história daquele ano continuou sendo contada pelo JC. O infortúnio da vestibulanda Olenadja foi o de “estar com quatro meses de gravidez e quase ter abortado o filho, ao jogar seu carro de encontro a uma boca de lobo, após ter realizado a primeira prova, de Estudos Sociais” (JC, 14/01/1976, p. 1).

Toda a página de capa do dia 14/01 foi dedicada a narrar e ilustrar os acontecimentos de mais um dia de vestibular. Contrariando a narrativa bélica elaborada pelo jornal, os dias transcorreram com tranquilidade de acordo com a CCCV e o JC. Porém, tranquilidade na organização não significa tranquilidade como sentimento dos vestibulandos, embora até aquele momento, naquele ano, os postos médicos não tivessem atendido “ataques de nervos” (JC, 14/01/1976) ou fiscais tomado provas.

Figura 24: Cobertura do vestibular UFS/1976 pelo JC

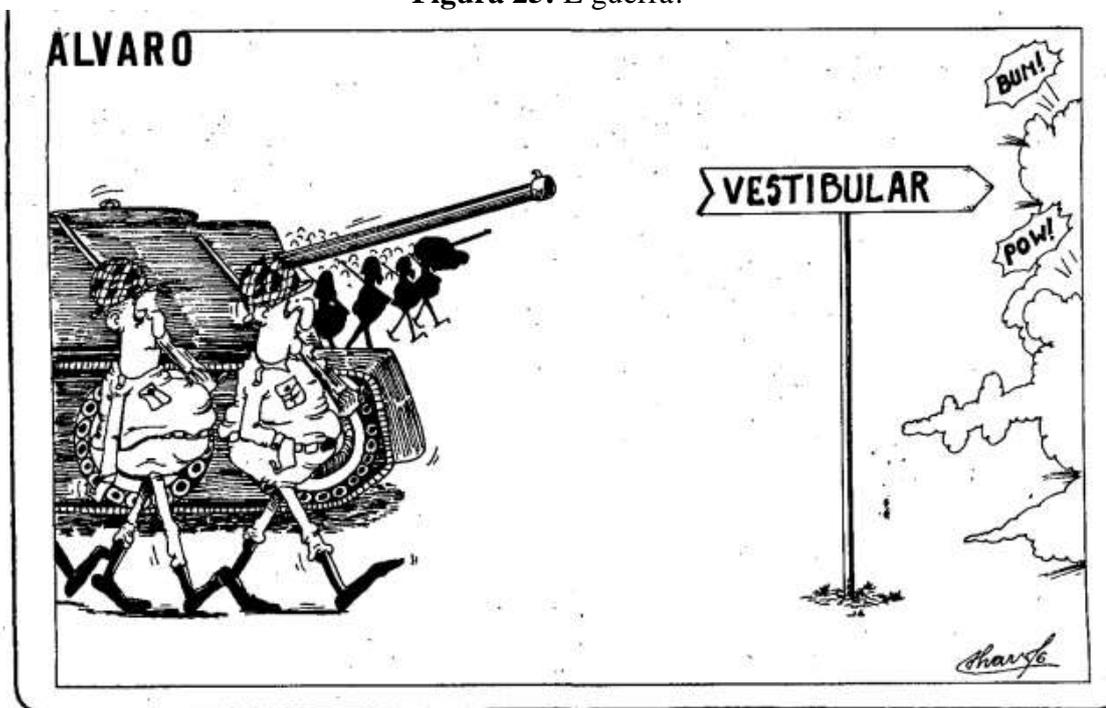


Fonte: JC, 11 e 12/01/1976.

A capa reproduzida acima traz uma dinâmica sugestiva: enquanto milhares sucumbiam à guerra dos cinco dias, outros tantos aproveitavam aqueles dias de sol de verão em Sergipe. As celebradas tangas eram exaltadas na capa do *Jornal da Cidade*, que trazia uma foto de corpo inteiro de duas belas jovens trajando biquíni, ao passo que celebrava a junção entre tangas e motos como o símbolo do verão sergipano. “Também em Sergipe, a praia de Atalaia já é o centro das tangas, que predominam de maneira absoluta, entre a juventude, em relação aos

biquínis. A tanga, aliada à moto, formam hoje as grandes curtições da juventude atual” (JC, 11/01/1978, p. 1), concluiu, muito provavelmente, o jornalista.

**Figura 25:** É guerra!



Fonte: JC, 11/01/1976. Charge que ilustra a narrativa bélica conferida ao vestibular.

Uma publicação suplementar àquela edição do dia 16/01 anunciou os aprovados do vestibular UFS/1976. Era dia 15 de janeiro, e a expectativa era grande para a divulgação dos resultados. Já no final da noite, às 23h, a UFS divulgou as listas de aprovados na Reitoria. A Rua de Lagarto estava cheia de vestibulandos, familiares e amigos, enquanto os que não se dirigiram para as imediações da reitoria aguardavam em casa, com os rádios ligados, para ouvir seus nomes na chamada dos aprovados. “Com poucos alegres e muitos tristes, porque não foram classificados, termina assim mais um vestibular da UFS. Os que não conseguiram penetrar este ano, no cobiçado ensino universitário, tentarão mais uma vez, no próximo ano” (JC, 16/01/1976).

As tangas e o vestibular, segundo o JC (18 e 19/01/1976), continuavam repercutindo na praia de Atalaia. Ao acompanharem as comemorações dos aprovados, os repórteres comentaram sobre a repercussão da matéria (p. 129) entre os jovens.

Era a ressaca do vestibular, com os vitoriosos e os feridos na guerra discutindo e confraternizando com alguns classificados, já de cabeças raspadas. Dois jovens falaram ao JC: ‘tangas? Claro que é legal, é isso aí... quanto ao vestibular, não passei, mas em 77 ‘tou lá’ forçando a barra de novo’. Outro,

alegre, dizia: passei no vestibular e estou tão alegre que a reportagem do Jornal da Cidade me deu uma ideia: vou comprar uma porção de tangas para oferecer a um montão de meninhas. Quero ver todo mundo de tangas.’ (JC, 18 e 19/01/1976, p. 1).

Pela cidade, as celebrações continuavam; fosse na casa dos aprovados ou nos colégios e cursinhos, as festas viravam notícia nas páginas dos jornais. A recepção dos novos universitários da UFS pelos seus veteranos também era pauta, e nos jornais saíam as convocações para os trotes. O trote do curso de Letras Vernáculas e Estrangeiras (Inglês e Francês) aconteceu de forma diferente naquele ano ao abandonar os já recorrentes banhos de tinta ou cabelos raspados. Os calouros foram convidados para uma palestra no auditório do Instituto de Filosofia com o objetivo de se ambientarem com a instituição. O momento de maior descontração ficou guardado para o baile. Enquanto isso, a UFS divulgava informações sobre a matrícula para o ano de 1976, que se iniciaria em 23 de fevereiro.

Aparentemente, 1976 foi um ano de trotes mais tranquilos. A mudança na forma de comemorar a aprovação dos vestibulandos foi celebrada na imprensa. Um artigo de opinião vinculado no JC (22/01/1976) destacava essas transformações, uma vez que os trotes<sup>60</sup> podiam ser considerados excessivos e constrangedores em determinadas situações. O referido artigo aborda como, com o passar dos anos, os trotes da UFS deixaram de carregar certa ironia refinada para dar lugar à prática de violência e exercício de poder dos veteranos sobre os calouros e considerava acertada a decisão da UFS de desencorajar trotes dessa natureza em suas faculdades.

Passado o vestibular UFS/1976, no segundo semestre o assunto voltava a ocupar as páginas dos jornais, mas referente ao concurso a ser realizado no ano seguinte. Em outubro de 1976, a UFS lançou o Manual de Instruções para o Concurso Vestibular de 1977, uma brochura contendo informações sobre o número de vagas por curso, a documentação exigida para os candidatos no ato de inscrição, o recibo de pagamento e requerimento de inscrição, o calendário do concurso, que deveria acontecer entre 9 e 13 de janeiro, o preenchimento correto dos cartões de identificação, e do questionário sociocultural, além de abordar provas e respectivos pesos. Essas mesmas informações foram publicadas em todos os jornais consultados.

---

<sup>60</sup> As representações sociais dos trotes universitários são geralmente ambíguas e podem envolver desde análises antiviolença até análises conservadoras. Sobre isso, cf.: Almeida Jr. (2006, 2007).

**Figura 26:** Reprodução de ficha de inscrição no vestibular da UFS de 1977

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
 DCCV - DAA - ASPLAN - CPD  
 REQUERIMENTO DE INSCRIÇÃO  
 MODELO Nº 001  
 INSCRIÇÃO Nº

RETRATO  
3x4

MAGNÍFICO REITOR

IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO

NOME: EDUARDO FRIEIRE DE SOUZA

DOC DE IDENTIDADE: 04 0000123456 SE EST. DATA DE NASCIMENTO: 10 01 47 DIA MES ANO

ENDEREÇO DO CANDIDATO

RUA LUIZ GUSTAVO VIGANI  
 LOGADOURO (TIPO, NOME) E NÚMERO  
 FONE: SAO NOISE  
 BAIRRO  
 MURICIANI MUNICÍPIO OU CIDADE SE EST.

VEN REQUERER A SUA INSCRIÇÃO NO CONCURSO VESTIBULAR NAS OPÇÕES ABAIXO DETERMINADAS.

OPÇÃO: LINGUA ESTRANGEIRA: FRANCÊS  INGLÊS  CURSO: 1ª opção 301 2ª opção 302

PERÍODO DE PREFERÊNCIA PARA INGRESSAR NA UFS: PRIMEIRO PERÍODO  SEGUNDO PERÍODO

ACEITANDO AS CONDIÇÕES ESTABELECIDAS PELA UNIVERSIDADE PARA ESTE CONCURSO E CONCORDANDO EM CONCORRER A UMA VAGA ABERTA DENTRE O NÚMERO POLEADO PARA OS RESPECTIVOS CURSOS.

RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO

Nº DO ITEM	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18
CÓDIGO DA RESPOSTA	1	1	3	1	1	5	1	4	1	1	1	2	2	1	2	2	5	3

Nº DO ITEM	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35
CÓDIGO DA RESPOSTA	2	1	1	2	6	1	5	5	3	4	2	4	1	1	1	1	2

ARACAJU, / / DEPERÍODO  
 ASSINATURA DO CANDIDATO  
 DIRETOR DA DAA, POR DELEGACÃO

Fonte: Reprodução fotográfica a partir do manual de inscrições para o vestibular de 1977 da UFS.

Aracaju amanheceu em outro ritmo em 9 de janeiro. Era o primeiro dia do vestibular UFS/1977. O JC (9/01/1977) apresentou a matéria “Vestibular movimentada a cidade”. A chamada dava a dimensão social da realização do concurso. Ao ler, foi inevitável a associação com o que se vê em dias de realização do ENEM na atualidade: mudanças no trânsito, prioridade nas pautas jornalísticas, alterações nas rotinas das escolas onde são realizadas as provas, escolas montando estruturas nos arredores desses locais de aplicação da prova com a finalidade de oferecer suporte aos alunos. Enfim, vestibulares, de fato, movimentam cidades.

O vestibular UFS/1977 contou com 5.961 candidatos disputando o mesmo número de vagas do ano anterior, 1.050. Àquela disputa os jornais se referiam mais uma vez como uma “guerra” ao registrarem o clima de tensão que aparentemente tomava conta dos candidatos. As edições disponíveis nas bancas de jornais divulgavam informações úteis sobre o concurso,

como matéria do dia, locais e horários das provas, gabaritos, notícias correlatas, regramentos e resoluções de questões patrocinadas por cursinhos pré-vestibulares de maior projeção do período. Naquele ano em específico, despontaram as dicas do extinto Curso Visão<sup>61</sup>, de Aracaju.

A “Guerra dos Cinco Dias” se iniciou em um domingo com as provas de Comunicação e Expressão I, que compreendia Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, elaboradas com base nos contos definidos em edital pelo CCCV/UFS. No segundo dia, uma segunda-feira, as provas foram de Comunicação e Expressão II, compreendendo Língua Francesa ou Inglesa. No terceiro dia, as provas versaram sobre Estudos Sociais. No quarto dia, aconteceram as provas de Matemática. No quinto e último dia, as provas de Química e Biologia.

Durante todos esses dias foram publicadas informações sobre os desistentes, as tradicionais ocorrências de saúde com o socorro aos enfermos e os procedimentos após a aprovação, como as matrículas dos aprovados. Chama atenção uma crítica à segurança das provas que seriam aplicadas:

Os encarregados da organização do concurso vestibular pensaram em todos os detalhes, para a sua realização, esquecendo-se do principal, referente à segurança das provas, que durante todo o dia de sábado encontravam-se sem nenhum esquema de vigilância, ao alcance de qualquer oportunista mais arrojado. (JC, 9 e 10 de janeiro de 1977, p. 3).

Pode-se dizer que a vigilância, que, segundo sugere o jornal, faltou às provas sobrou por parte da imprensa no processo seletivo daquele ano. Um artigo de opinião foi publicado no mesmo número do JC, intitulado “Ensino Universitário”, que trazia uma perspectiva bastante positiva quanto ao simbolismo do processo do vestibular. Nesse sentido, considera que, com a aprovação no concurso, surgem novas gerações de profissionais capacitados para contribuir na solução de questões que envolvem a vida em sociedade, e, embora a universidade de então enfrentasse problemas, a sua inegável contribuição era essencial para o desenvolvimento daqueles que nela estudariam. Entretanto, embora valorizasse a universidade, o artigo advogava pela necessidade de um ensino universitário mais voltado para atender às realidades locais, expondo, assim, seu pensamento:

Se de um lado existe a tendência arraigada pela tradição de muitas unidades universitárias voltar-se mais para o bacharelesco, por outro, vem existindo uma tendência de nivelar por baixo o ensino universitário, limitando sua

---

<sup>61</sup> Curso preparatório para o vestibular existente em Aracaju até meados dos anos 2000, quando já era denominado Colégio Visão. Cf. seção 4 desta tese.

abrangência propriamente dita universitária, capacitando contingentes humanos apenas para determinados trabalhos práticos, como é o caso das chamadas licenciaturas curtas ou outras fórmulas que se discutem no plano nacional. (JC, 9 e 10 de janeiro de 1977, p. 3).

E assim o texto segue clamando por uma universidade que tenha como premissa o suporte ao desenvolvimento humano e do país, e que, para isso, a pesquisa e o debate sejam os protagonistas das ações universitárias. O artigo traz ainda a reflexão sobre a configuração do Ensino Superior naquele período e atribui o valor da UFS aos “alunos e professores que pensam além dos limites proporcionados pelas viseiras de um ensino superado e ultrapassado” (JC, 9 e 10 de janeiro de 1977, p. 3). Além disso, considera fundamental para o potencial desenvolvimento/modernização da UFS a presença do Reitor Aloísio de Campos (1976-1980) “não somente pela sua experiência como homem público e conhecedor de nossa realidade, mas também pelo seu ardor das causas do desenvolvimento”.

O JC de 11 de janeiro de 1977 trazia estampada na capa a chamada “Vestibular: muitos já desistiram”. Em tom belicoso anunciava a continuidade das provas, as desistências, os colapsos nervosos sofridos pelos estudantes, os gabaritos das provas do dia anterior e a palavra da Comissão.

[...] os candidatos já se submeteram às duas primeiras batalhas da guerra, que foram as provas de Comunicação e Expressão I e Comunicação e Expressão II. Foram verificadas 316 eliminações. [...] os postos instalados pela Comissão Central do Concurso Vestibular, atenderam a quatro casos, sendo que Ledina Maria Fraga foi atendida com crise nervosa. Cinco candidatos por condições especiais, realizaram as suas provas em hospitais ou nas suas próprias residências. (JC, 11 de janeiro de 1977, p. 1).

Temos visto que, ao longo dos anos, os jornais, de maneira recorrente, classificavam o vestibular como uma guerra na qual os concorrentes eram o pelotão *avant-garde* que se submetia às pressões psicológicas pessoais, de familiares e ao julgamento de vencedor ou não, a depender de seu desempenho, mais especificamente, sua aprovação. Porém, naquela guerra, os limites não competiam apenas aos candidatos e seu *entourage*, ou à UFS como organizadora do certame. Havia na imprensa uma grande disputa por protagonismo e projeção também por parte dos cursinhos preparatórios para os vestibulares, e o destaque de alguns, ou as narrativas construídas sobre a atuação de determinados cursos, gerava desconforto em outros.

Na edição em questão, uma nota de protesto chama atenção:

O curso Engequime, anexo ao CCPA, Colégio de Ciências Pura e Aplicada, com pessoa jurídica inscrita nos ministérios da Fazenda e da Educação e na Prefeitura Municipal, vem de público protestar contra a excessiva propaganda de determinados cursos de pré-vestibulares (a maioria sem as devidas inscrições legais) que a todo custo tentam obscurecer o seu sucesso no último vestibular quando obteve o maior percentual de aprovação na área Bio-Médica e de Ciências Exatas com 62% de aprovação e quando através de seus alunos Salomão Macedo, Aécio Costa Cavalcante, Márcia Barreto, Déborah Mônica Pimentel, José Carlos Correia e outros, conseguiram as primeiras classificações em Medicina, Engenharia e Química Industrial, sendo que Salomão Macedo, aprovado em Medicina, provavelmente totalizou a maior soma de pontos entre os 5000 candidatos deste vestibular. CCPA-Engequime. (JC, 11 de janeiro de 1977, p. 6).

É comum ver cursos pré-vestibulares reivindicando o destaque entre os aprovados nos vestibulares dos anos 1970. Essa disputa, que ocorre até os dias atuais, contribui para o entendimento de que estar matriculado em um cursinho é fundamental para a aprovação do candidato, fenômeno discutido na seção 4 desta tese. Logo após o último dia de provas, foi publicado o resultado do vestibular em 14 de janeiro. O último dia tinha sido o de maior nervosismo para os candidatos a uma vaga nos cursos de Medicina, Enfermagem e Odontologia, uma vez que foram realizadas as provas de Biologia. Após a conclusão das provas, o Reitor Aloísio de Campos foi até a área de Humanidades parabenizar a Comissão por mais uma vez conseguir organizar um vestibular sem intercorrências mais graves. Concluídos os trabalhos, era chegada a hora de pensar no vestibular seguinte.

No ano de 1978, o vestibular da UFS ocorreu entre 8 e 12 de janeiro. A imprensa acompanhou os preparativos e noticiou as reuniões da CCCV, a mobilização para a realização do concurso, as orientações sobre datas, locais e horários, entre outros acontecimentos relacionados ao vestibular. Um dia antes do início das provas, a tônica da história do vestibular da UFS de 1978 foi dada pelo GS em grande destaque de capa com a chamada “Vestibulandos no aguardo da maratona”.

Parece que os jovens esquecem-se de tudo e no momento só pensam em vestibular. O assunto dominante nas rodas de bate-papos não é outro e hoje é o último dia para o início das provas. A cidade quase que inteira vive esta emoção, pois a tensão e expectativa envolve não só os candidatos, como as pessoas mais próximas e também aqueles que ainda farão o vestibular ou já fizeram. As últimas cartas são jogadas hoje, que é também um dia excelente para o relax. O nervosismo aumenta e a ansiedade traz consigo a intranquilidade. A redação como experiência nova é temida pelos candidatos em todos os seus aspectos, inclusive a correção. (GS, 7 de janeiro de 1978, capa).

Os aspectos subjetivos descritos pelo GS foram dimensionados a partir de entrevistas que o jornal realizou com alguns vestibulandos naquele ano. A parte interna daquela edição (p. 5) trazia uma seleção de depoimentos de vestibulandos que encararam o vestibular naquele ano. A narrativa prosseguiu nos dias seguintes, enfatizando o andamento das provas e como a concorrência ia diminuindo com o passar dos dias e o crescimento do número de desistentes.

Também o debate sobre a prova de Redação como parte da prova de Português esteve presente nos jornais sergipanos. Naquele momento, algumas publicações louvavam a inclusão da parte escrita, que contemplava, principalmente, os críticos do sistema de “cruzinhas”, que favorecia o “chute”, uma vez que a marcação aleatória poderia resultar em acerto. Com o artigo “Redação no vestibular”, o GS (4/01/1978, p. 1) celebrou: “O grande esforço expendido até o convencimento para implantação é agora uma realidade muito significativa, cuja integridade se confia à presumível integridade das comissões julgadoras dessa prova”.

Naquele ano, 10 professores da UFS foram designados para a correção das provas de Redação, cuja prova, em sua estreia nos vestibulares da UFS, durou 2h30. Sobre essa matéria específica, ambos os jornais escreveram sobre as necessidades de os vestibulandos usarem letras legíveis e encadearem a argumentação. Além disso, os jornais também abordaram a apreensão dos vestibulandos diante da novidade em que a prova consistia.

O GS (13/01/1978, p. 1) estampou em sua capa a chamada “Redação: prova surpreendeu a todos”, aberta com a seguinte frase: “frequento escolas há dez anos seguidos e meus professores nunca me ensinaram a fazer isso”, como um suposto desabafo de um vestibulando ao deixar a prova. Assim, o jornal constatou que a “prova foi considerada difícil” e publicou a opinião do presidente da CCCV, Prof. José Carlos Garcez de Menezes, sobre a avaliação:

Fomos todos surpreendidos, declarou o Prof. José Carlos, pois esperávamos que um tema fosse apresentado para que os candidatos elaborassem à redação. No entanto, enfatizou, a prova não foi de reconhecimento fácil, porém não foi tão difícil e teve o mérito de avaliar e consequentemente eliminar os candidatos que não têm a mínima noção de Comunicação e Expressão. (GS, 13/01/1978, p. 2).

A dura competição pelas 1.050 vagas da UFS de 1978 havia se iniciado em 8 de janeiro, com mais de 5.000 vestibulandos que se inscreveram em suas primeiras ou segundas opções na esperança de conseguir uma vaga no Ensino Superior. Esses vestibulandos realizaram suas provas na área de Humanidades da UFS, no Colégio Costa e Silva, no Colégio Atheneu, no Colégio Arquidiocesano, no Instituto de Educação Rui Barbosa, na Escola John Kennedy, no Instituto de Matemática e Física e na Escola 15 de Outubro.

Após as primeiras provas, chamou atenção o número alto de 320 desistentes noticiado pelo GS e divulgado pela Assessoria de Relações Públicas da UFS, que também destacou a tranquilidade no desenrolar do concurso, sem ocorrências registradas, apenas com alguns estudantes socorridos após se sentirem mal. Naquele ano, três vestibulandos realizaram suas provas no hospital acompanhados dos fiscais designados pela CCCV.

Após o término do vestibular daquele ano, o GS (13/01/1978) informou que o resultado final seria divulgado em 15 dias, informando já na edição de 16 de janeiro sobre as matrículas para os calouros, que aconteceriam no mês de fevereiro. Em 23 e 24 de janeiro de 1978, os vestibulandos sergipanos finalmente souberam seus resultados e foram procurar seus nomes nos jornais ou buscar ouvi-los nas rádios.

Naquele dia, o GS divulgou em sua parte interna a lista com os mais de mil aprovados no vestibular. Na capa, a chamada “Aprovados fazem carnaval improvisado na Atalaia” destaca que, mesmo com os resultados tendo sido divulgados no rádio às 23h do dia 23 de janeiro, muitos candidatos ouviram seus nomes e partiram em direção a um bar na praia de Atalaia, que recepcionou os aprovados como em um carnaval. Outras comemorações foram registradas, a exemplo da organizada pelo Curso Visão: “Ontem à noite a cidade ainda comemorava. O curso Visão contratou um trio elétrico e os seus alunos pularam carnaval até a madrugada de hoje” (GS, 24/01/1978, p. 1).

O “carnaval do Visão”, como era chamada a festa dos estudantes matriculados no cursinho aprovados no vestibular da UFS, foi lembrado pelo Prof. Wellington Menezes em entrevista concedida para esta pesquisa, abordada na seção 4 desta tese, dizendo que era uma celebração de resultados que envolvia não somente os vestibulandos, mas também suas famílias. Para aqueles que não comemoravam, restava a preparação para o ano seguinte.

Todo o concurso vestibular da UFS se delineava no ano que o antecedia. Durante 1978, foram tomadas as providências administrativas de costume para que o vestibular de 1979 acontecesse. As correspondências expedidas e recebidas e as comunicações internas entre os setores da UFS permitiram visualizar como a organização interna ocorria até culminar no vestibular. Nos anos estudados, a circulação de correspondências começava a acontecer geralmente entre março e maio, com as publicações das primeiras normativas expedidas pelo MEC, alterando, ou acrescentando, dispositivos legais dos anos anteriores. A partir do momento em que essas orientações chegavam à UFS, eram tomadas as providências e adotados os procedimentos necessários para que as portarias fossem atendidas. As normas gerais, elaboradas a partir das definições dos conselhos e das comissões, eram publicadas geralmente em julho, e durante o segundo semestre a organização do vestibular se intensificava. Desde

1975 eram celebrados contratos anuais com a Fundação Carlos Chagas, responsável pelas provas dos vestibulares da UFS, e, após ajustados os detalhes, eram publicados os editais, tornados públicos para a sociedade sergipana entre os meses de setembro e outubro.

As normas gerais para o ano de 1979 foram elaboradas pela UFS em 20 de julho de 1978 por meio da Resolução nº 10/78/CEP. Mais uma vez seguindo o sistema unificado e com provas elaboradas pela Fundação Carlos Chagas, as provas, assim como previsto em legislação, deveriam respeitar o nível de escolarização do grau médio, cujo elenco de provas deveria se restringir ao currículo trabalhado naquela etapa, devendo o estudante optar por uma língua moderna em Comunicação e Expressão II entre Inglês ou Francês.

No vestibular de 1979, os vestibulandos sergipanos deveriam dominar: Comunicação e Expressão I: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira; Redação, com valor de 40% do total da prova; Comunicação e Expressão II, Inglês ou Francês; Matemática; Física; Estudos Sociais; Química e Biologia. Cada vestibulando teria 4h para responder suas provas, exceto a de Redação, cujo tempo máximo era de 2h30. Os pesos continuavam sendo calculados por área do conhecimento do curso escolhido pelo vestibulando. Em todos os anos, as normas determinavam que deveria ser publicado um edital específico para o vestibular ao menos 30 dias antes da abertura das inscrições e que o processo fosse divulgado em algum órgão de imprensa local.

No ato da inscrição, o vestibulando poderia escolher uma segunda opção de curso na mesma área que a primeira. Junto com os editais, também eram divulgados os programas de estudos com os assuntos a serem abordados nas provas. Para o ano de 1979, os candidatos aprovados eram classificados em ordem decrescente, e a divulgação externa das listas de aprovados devia ser feita por ordem alfabética, seguida do número de pontos obtidos. A eliminação ocorria quando algum candidato anulasse qualquer das provas ou faltasse ao exame, além de casos de indisciplina, assim como em anos anteriores.

Com a proximidade do concurso, em dezembro de 1978, a CCCV solicitou ao Pró-Reitor de graduação da UFS, Nestor Piva, a cessão de três salas nas dependências da UFS para os trabalhos da comissão, com a finalidade de discussão de assuntos sigilosos, correção de redações, preparação dos cartões de identificação e um espaço para reunião com os supervisores do vestibular.

A quantidade de vagas por curso apresentada no manual de inscrição foi publicada no GS (6/01/1979) acompanhada das respectivas concorrências. Saber quantos candidatos estavam disputando as vagas em cursos específicos era uma das grandes expectativas em torno do concurso por parte dos vestibulandos e das escolas preparatórias. A partir da publicação das

concorrências, o clima de especulações sobre as probabilidades de aprovações, por meio da comparação com as notas de corte do concurso dos anos anteriores, confrontadas com os resultados de vestibulares simulados feitos nos cursinhos preparatórios, agitava muitos candidatos e professores.

Os cursinhos estão atuando nestes dias a todo vapor, dando as últimas instruções aos seus alunos para o vestibular, que começa amanhã, em nossa capital. Hoje, porém, é preferível que você, estudante amigo, pare e descanse. O que você não aprendeu durante um ano, não vai aprender em tão pouco tempo... de qualquer maneira, é desejar boa sorte a todos... e depois convidar os amigos para a bebemoração. (GS, 6/01/1979, p. 7).

Naquele ano, novamente Medicina contou com o maior número de inscritos, 710, enquanto Licenciatura em Física teve apenas 58 para 30 vagas. Em 1978, inscreveram-se 6.365 estudantes, sendo 3.422 mulheres, de acordo com os dados oferecidos pela CCCV à imprensa. Entre 7 e 9 de janeiro de 1979, Aracaju sediou mais uma edição daquele concurso que mobilizava o estado. As provas se iniciaram com Português, Literatura e Redação.

O início das provas em 1979 pela primeira vez em anos não estampou a capa do *Gazeta de Sergipe*. Apenas na página 5 a chamada “Começa hoje a guerra do vestibular” destacava novamente o número de inscritos, a crítica à cultura do “chute” e ressaltava que a Redação já não assustava mais tanto assim os vestibulandos (GS, 8/01/1979, p. 5).

Diferentemente das coberturas anteriores, o GS destinou parte significativa do texto aos impactos do vestibular na rotina da cidade e menos aos dados fornecidos pela CCCV.

Com a realização do Concurso Vestibular, a Praia de Atalaia hoje apresentará uma movimentação inferior nos domingos anteriores, pois certamente não contará com o colorido da juventude estudiosa, porém, tem candidatos que nem mesmo no Vestibular dispensam a praia, e comparecem as provas munidos de vestimentas de banho, para logo após a prova deslocarem-se para a tradicional praia dos aracajuanos. Ao inverso, o centro da cidade apresentará estes dias um movimento diferente. Milhares de estudantes estarão espalhados pelas ruas. As emissoras de rádio terão maior audiência, como também os jornais serão mais lidos, todos querem conhecer primeiro os gabaritos das provas, afinal, entrar na Universidade é um desejo de cada pai de família e transferido para seus filhos, torna-se numa realização social, cultural e profissional de cada jovem estudante. Hoje começa o Vestibular e nós desejamos a todos, sucesso, porém, as vagas são menos que os candidatos, por isso sejam selecionados realmente os mais preparados. (GS, 8/01/1979).

O vestibular voltou à capa do GS nos dias seguintes, em que os vestibulandos consideraram difíceis as provas elaboradas pela FCC. Os estudantes reclamavam da extensão

das provas de Matemática e Física, enquanto o presidente da CCV, José Carlos Garcez, rebatia: “nenhuma questão de Matemática fugiu ao programa previamente definido. O que acontece é que muitos candidatos estão despreparados, daí a dificuldade” (GS, 9/01/1979, p. 1). A capa mencionava ainda a história de seis candidatos que fizeram as provas internados em hospitais, além de trazer os gabaritos de Comunicação e Expressão I, Matemática e Física, e as provas também foram transcritas e publicadas nas páginas 4 e 5.

Até o dia 10 de janeiro, 322 vestibulandos haviam desistido de continuar fazendo as provas. O vestibular UFS/1979 teve médias consideradas baixas, e os muitos estudantes, conforme veiculado no GS, avaliaram as provas como difíceis. Uma notinha publicada na página 5 daquela edição chama atenção: “‘Chute, chute’. A se julgar pelos comentários dos estudantes, tem muita gente ‘chutando’ nessas provas... E aí que aquele professor já denominou o vestibular de vestibolar”. O último dia de provas contou com uma ação do Diretório Central dos Estudantes, o DCE, que entregou panfletos sobre a qualidade do Ensino Superior no Brasil e estimulando a reflexão sobre o “funil” que representava o vestibular.

Em 1980, os vestibulandos realizaram suas provas inicialmente no dia 6 de janeiro com Comunicação e Expressão I – Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Redação. O *Jornal de Sergipe* (6/01/1980) aconselhou na capa: “os alunos deverão chegar aos locais de provas pelo menos cinco minutos antes das 8h quando serão fechados todos os portões impreterivelmente”. O Colégio Costa e Silva, o Instituto de Educação Rui Barbosa, a Escola John Kennedy, o Departamento de Matemática da UFS, o Colégio Tobias Barreto, a Escola 15 de Outubro, a Associação Sergipana de Administração, a Faculdade Tiradentes, o Atheneu Sergipense, o Centro de Educação e Ciências Humanas e o Colégio Arquidiocesano receberam parte dos 7.561 candidatos inscritos, disputando 1.110 vagas.

No primeiro dia, muitos candidatos foram atendidos nos postos de saúde montados para dar suporte nos locais de provas. De acordo com o JS (8/01/1980), o nervosismo foi a principal causa dos atendimentos, e, segundo informações da CCCV, a maior parte dos atendidos era do sexo feminino. Até a terça-feira, terceiro dia de provas, aproximadamente 500 vestibulandos haviam desistido. Naquele ano, de acordo com a UFS, até aquele terceiro dia de provas o vestibular transcorreu com tranquilidade, e todos os percalços foram resolvidos facilmente. A cobertura do JS privilegiava a palavra dos vestibulandos, que destacaram as dificuldades com as provas de Matemática, que os obrigou a praticarem o chute de modo a não zerarem a prova. Aqueles que chutavam eram identificados pelos jornalistas posicionados nos locais de provas quando saíam após decorrido o tempo mínimo.

O JS (9/01/1980) registrou que a CCCV informou que o vestibular UFS/1980, após a conclusão do período de provas, teria seu resultado divulgado em três dias, e isso dependeria apenas da celeridade dos corretores da prova de Redação e do centro de processamento de dados da UFS. A edição de 9 de janeiro do JS fez um balanço do vestibular UFS/1980 e nele destacou de maneira breve os atendimentos médicos e a questão dos pesos e deu ênfase às impressões dos vestibulandos sobre aqueles dias de provas.

Tereza Cristina está fazendo o vestibular para Pedagogia, segundo ela, as provas de Física e Estudos Sociais não foram tão difíceis assim, pois quem estudou de verdade, fez uma boa prova. Para ela, até agora, a prova mais difícil foi, sem dúvida foi a de Física, mas adiantou que achou assim, por não estar tão preparada. Mesmo assim, admitiu a possibilidade de ser aprovada e ingressar no curso de Pedagogia. (JS, 9/01/1980, p. 3).

O tom sensacionalista atribuído à matéria que trazia o balanço do vestibular (JS, 9/01/1980) se encerrava no título, que pouco tinha a ver com o conteúdo tratado acima: “Vestibular se encerra hoje. Já se teme erros no computador”. Enquanto isso, o presidente da CCCV explicava que o vestibular “deste ano não teria problemas em relação à falta de energia na cidade, defeitos no computador como ocorre quase todos os anos e nem falta de atenção dos fiscais de sala da UFS” (JS, 9/01/1980, p. 3). Todos os vestibulandos entrevistados pelo JS concordaram que naquele ano o processo foi tranquilo em comparação com o que viveram ou souberam dos anos anteriores, visto que, para alguns, aquele não era o primeiro ano de submissão às provas.

Era comum, após o término do concurso, que os vestibulandos se reunissem em espaços da cidade e celebrassem um merecido descanso. Independentemente de estarem preparados ou não, os dias seguidos de provas exigiam esforços dos candidatos, e a celebração era consequência e ritual ao longo dos anos. Nessas confraternizações, certamente, o vestibular e os planos para o futuro continuavam sendo debatidos.

Embora fosse celebrado, enquanto ritual, o concurso vestibular também tinha sua natureza questionada por intelectuais da educação sergipana. O GS de 20 de dezembro de 1980 publicou uma matéria intitulada “Vestibular: uma questão em debate no país do futebol, carnaval e cruzinhas”, na qual expunha os principais pontos discutidos por intelectuais convidados para uma discussão sobre a problemática do vestibular como consequência de um sistema educacional considerado insuficiente.

Reuniram-se naquela ocasião, Nestor Piva (Ex-Vice-Reitor da UFS, ex Pró-Reitor de Graduação e principal responsável pelo programa na UFS), Jouberto Uchoa (Diretor da Faculdade Tiradentes), Augusto Bezerra e Wellington Menezes (Diretores do Curso Visão), Lealdo Gomes Feitosa (Estudante de Direito e representante discente no colegiado do curso), Wellington Vasconcelos (Estudante Pré-Universitário) e os Jornalistas Nino Porto, Nilson Socorro, Milton Alves e Jorge Lins, discutindo por mais de três horas. (GS, 26 de dezembro de 1980, p. 6).

A matéria não publicou os posicionamentos de todos os presentes, mas apresentou o consenso, que revelava expectativas frustradas em relação ao vestibular de 1981 – primeiro ano de inaugurado o campus:

O vestibular de 1981 não modifica essencialmente nenhuma das consideradas principais linhas de ação do concurso, estabelecido com a Reforma do Ensino do Brasil. O quantitativo continua prevalecendo sobre o qualitativo. As provas têm questões objetivas e continuamos navegando ainda num país de carnaval, futebol e cruzinhas. Verdade que pelo menos num ponto qualquer estudioso no assunto concorda: o vestibular é somente reflexo de todo esse sistema educacional vigente e que não haverá modificações radicais na própria postura seletiva do concurso, enquanto não houver uma transformação socioeconômica no país. (GS, 26 de dezembro de 1980, p. 6).

Uma das reflexões publicadas na matéria é a do então estudante do curso de Direito Lealdo Feitosa. Segundo ele, o sistema de cruzinhas (ou provas objetivas, de marcar a resposta correta com um “x”) favorecia a prática do “chute” (resposta sem certeza). Não se posicionou contrário ao vestibular, mas apontou como solução investimentos na formação de professores para melhor atuarem no segundo grau e melhor prepararem os alunos. Dessa forma, os estudantes teriam mais condições de se submeterem a um sistema subjetivo (prova escrita) de avaliação.

A questão do “excedente”, o candidato que era aprovado no vestibular, mas fora do número disponível de vagas, também foi discutida como uma problemática, e, pelos discursos dos intelectuais, percebo que o desejo de ingressar no Ensino Superior, para a maior parte dos alunos, naquele momento, muitas vezes se tornou uma frustração causada pelo baixo número de vagas nos cursos em contraposição ao número de concorrentes. No terreno das críticas ao sistema educacional, Nestor Piva cravou:

O Problema do vestibular para mim é um problema irrelevante dentro do sistema educacional de ensino no Brasil. Ele vai continuar se o sistema continuar este. [...] Bom, então, enquanto o sistema não mudar, vai haver toda essa engrenagem e o estudante vai ser angustiado na porta da universidade pela falta de vagas. (GS, 26 de dezembro de 1980, p. 6).

Esse avanço temporal na pesquisa sobre como os jornais abordaram o vestibular que seria realizado em 1981 mostra como os jornais prosseguiram anos a fio como um espaço de provocações e de produção de narrativas as mais diversas sobre o concurso. As leituras das matérias sobre os concursos vestibulares para o ingresso na UFS, tanto das que possuem um teor de valorização do concurso e da aprovação de candidatos quanto das que questionam a natureza do processo seletivo, revelam aspectos da relação da sociedade sergipana com a UFS.

A maneira como os jornais construíram essas narrativas é reveladora de como a imprensa percebeu que tipo de informações eram importantes de serem difundidas, além de utilizarem aquele veículo de informação como forma de disseminar suas concepções educacionais. Qual é o tipo de informação que a sociedade sergipana procurava?

É possível inferir respostas a partir da interpretação da abordagem de cada um dos jornais aqui levantados. O *Gazeta de Sergipe* ao longo dos anos abordou notícias relacionadas ao vestibular da UFS adotando uma postura mais informativa do que a do *Jornal da Cidade*, por exemplo. Ambos os jornais noticiavam praticamente os mesmos conteúdos, porém o JC agregou características de narrativas mais elaboradas, que ganhavam contornos mais dramáticos. Era como se o leitor estivesse acompanhando uma história com personagens diversos, altos e baixos, tragédias, redenções até a glória.

É perceptível também que, embora os jornais sergipanos refletissem sobre diversas questões relacionadas ao vestibular da UFS ou ao acesso ao Ensino Superior em geral no Brasil, estavam muito mais focados em atender ao público de vestibulandos que buscavam conhecer o desenrolar do processo. Havia uma evidente disputa pela velocidade/veracidade da informação, todos trabalhavam com fontes ligadas à reitoria ou ao CCCV/CCV, que davam celeridade às publicações.

Para dar credibilidade às informações, os jornais demonstravam ter amplo acesso aos setores da UFS responsáveis pela realização do vestibular, além de referendarem seus escritos indicando a origem da informação, fosse ela fornecida por fontes ou extraídas de materiais gráficos distribuídos para os jornais. Evidencia-se, portanto, uma parceria entre a UFS e a imprensa, uma vez que toda a publicidade do concurso era veiculada na imprensa.

Assim, além de vestibulandos buscando informações sobre as provas, infere-se que o grande público buscava compreender o vestibular enquanto fenômeno, informar-se sobre o acesso ao Ensino Superior em Sergipe, aproximar-se da UFS, entre outros fatores, como a simples curiosidade sobre aprovados conhecidos, por exemplo. Pode-se concluir, dessa forma, que os jornais analisados contribuíram sobremaneira para a elaboração da representação do

vestibular como um concurso difícil, que exigia determinado nível intelectual de seus tentantes, que não estava ao alcance de todos, por isso injusto e excludente. A antítese é que a percepção que corre em paralelo é a de que ser aprovado no vestibular representava aquisição de qualificação profissional e, conseqüentemente, de ascensão econômica individual, além de outras sensações provocadas pelas leituras realizadas pelos envolvidos direta ou indiretamente com o processo, elaboradas de forma subjetiva e pessoal.

Infere-se, pela narrativa visual elaborada por Jenner Augusto em *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, que a estudante projeta a esperança, o desejo ou o objetivo de trilhar o caminho acadêmico, uma vez que sua posição e sua atitude a direcionam para as outras cenas que se referem a momentos e temas distintos relacionados à trajetória acadêmica. E o que Jenner Augusto comunica, conscientemente ou não (JOLY, 1994, p. 18), ao introduzir a representação de uma estudante pré-universitária em seu painel que narra a UFS é a sua aparente crença nas possibilidades geradas a partir do acesso à educação superior e o potencial de aquisição cultural e científica que a UFS era capaz de proporcionar.

Por fim, a leitura dos jornais permite a visualização do crescimento do vestibular ao longo dos dez anos abrangidos, desde a quantidade de vagas ofertadas pela UFS até o número de inscritos, as formas de elaboração interna das provas e o convênio com a FCC e a repercussão social do processo. A amarração feita neste escrito de histórias contadas pelos jornais sergipanos entre 1970-1980 sobre os vestibulares da UFS não trata as matérias lidas como verdades absolutas e buscou, sempre que possível, confrontar as versões jornalísticas com outras fontes que pudessem comprová-las.

### 3.5 A MATERIALIDADE DOS VESTIBULARES DA UFS

Este tópico apresenta visualmente materiais do vestibular, expondo o formato das provas, o papel/atuação da Comissão Central do Concurso Vestibular – CCCV na organização do certame, os rituais durante os dias de inscrições, provas e divulgação de resultados pela UFS. O objetivo é conhecer a logística do exame e entender de que forma a UFS conferiu sua própria dinâmica à realização dos concursos. Para tanto, além da continuidade da apreciação dos jornais, foi realizada uma análise da documentação administrativa remanescente da CCCV, bem como de provas e cadernos de normas para o concurso vestibular.

O estudo da materialidade contribui sobremaneira para a elaboração imagética e para a percepção reconstitutiva dos espaços, processos, rituais e, de maneira mais ampliada, dos cenários educacionais. Essa ação de imaginar – dar imagem ou compor imagens mentais –

torna-se mais eficaz quando se dispõe de uma herança deixada pelos agentes educacionais. A conservação de determinados artefatos produzidos ou usados nos ambientes relacionados à educação tem permitido o conhecimento sobre objetos necessários para que ações ocorram.

No caso desta tese, o painel de Jenner Augusto é emblemático. Sua conservação foi imprescindível para a existência deste estudo. Tão importante quanto ela, as publicações referentes aos vestibulares realizados pela UFS e os cadernos de provas e de normas protagonizaram o conjunto de fontes fundamentais para esta pesquisa.

### 3.5.1 Os cadernos de normas e de provas do vestibular

Os cadernos de normas e de provas dos vestibulares realizados entre 1970 e 1980 foram consultados no acervo do atual CCV – Comissão de Concursos e Vestibulares/UFS. Organizados por iniciativa da gestão e de servidores do setor, esse acervo resguarda diversos materiais da rotina de aplicação de provas de diversos períodos. São cadernos de provas, cartões de provas, relatórios das comissões organizadoras, listas de vestibulandos e questionários sociais preenchidos pelos candidatos na ocasião das inscrições. Porém, referentes ao período aqui estudado, apenas os cadernos de provas e alguns cadernos de normas e programas estavam disponíveis para a pesquisa.

**Figura 27:** Normas gerais e programas para o concurso vestibular 1972-1975



Fonte: Reprodução fotográfica de acervo disponível no CCV/UFS.

Entre 1971 e 1974, embora a UFS tivesse atendido à Lei da Reforma Universitária e adequado seu processo seletivo às datas dos vestibulares dos demais estados, as provas ainda eram organizadas por comissões divididas por áreas do conhecimento.

Na figura acima, estão reproduzidas as capas das normas gerais do concurso vestibular da UFS de 1972, 1973, 1974 e 1975. As capas de 1972 e 1973 se assemelham, trazem o brasão da UFS no canto superior à direita do visualizador, com corte em diagonal dividindo a página e destacando os títulos “Normas Gerais e Programas para o Concurso Vestibular” de 1972 e da

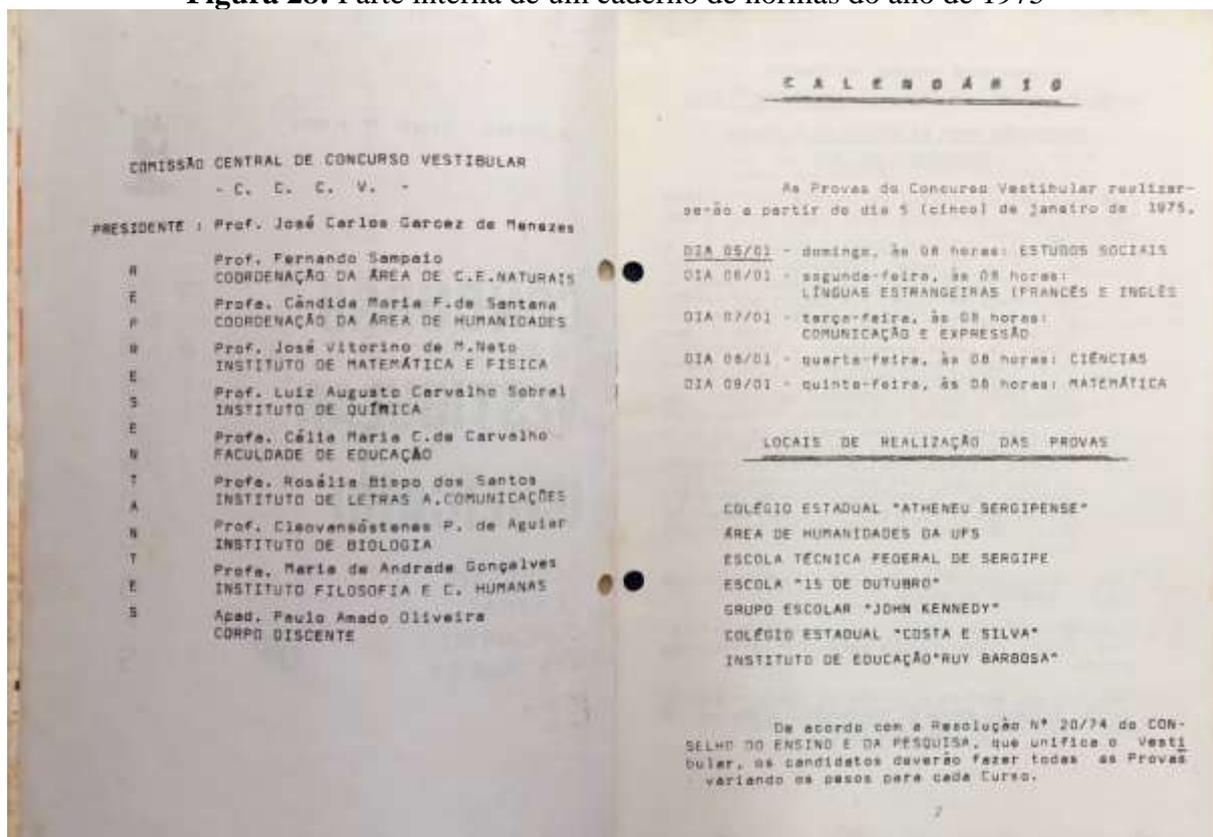
mesma forma o de 1973, com uma diferença de contraste e seguimento, uma ruptura, uma vez que o corte diagonal replica elementos visuais do brasão da UFS.

A capa das normas de 1974 concede menor destaque ao brasão, situado no canto superior à esquerda do observador, em menor proporção que nos anos anteriores, contendo o nome da universidade ao lado. Na versão daquele ano, uma fotografia de vestibulandos realizando a prova do vestibular em outra ocasião – infiro que no ano anterior, no Estádio Lourival Batista – comunica sobre a dimensão que aquele concurso havia tomado, uma vez que na fotografia o número de pessoas enquadradas é incontável.

No ano de 1975, o caderno de instruções para o vestibular traz, pela primeira vez, a informação “concurso vestibular unificado” e aponta a organização do concurso pela CCCV – Comissão Central do Concurso Vestibular, ilustrada pelo logotipo gravado ao lado do nome. O fundo protocular, uma textura de formas circulares diversas e imperfeitas, marcava a capa do manual referente ao primeiro ano em que as provas foram elaboradas pela Fundação Carlos Chagas – FCC.

Os cadernos de normas continham os editais e os programas adotados em cada ano do concurso. Seu conteúdo era publicado nos jornais em forma de transcrição na íntegra ou gradativamente. Geralmente lançados entre os meses de setembro e outubro dos anos antecedentes, eram distribuídos aos candidatos inscritos no certame. Os membros da CCCV apareciam na ficha técnica com o nome do representante, o cargo, a área, a faculdade ou o instituto ao qual estavam vinculados.

Figura 28: Parte interna de um caderno de normas do ano de 1975



Fonte: Reprodução fotográfica de acervo disponível no CCV/UFS.

Informações como calendário, horários e locais de realização das provas, conduta do vestibulando, materiais necessários à realização das provas e aspectos legais gerais também estavam descritos nos cadernos. O CCCV, responsável pela organização do concurso, ao publicar essas informações, trabalhava em parceria com a imprensa, prática prevista nas normativas que orientavam o processo em todo o país de modo a promover o maior alcance de divulgação possível.

**Figura 29:** Normas gerais e programas para o concurso vestibular 1976-1979

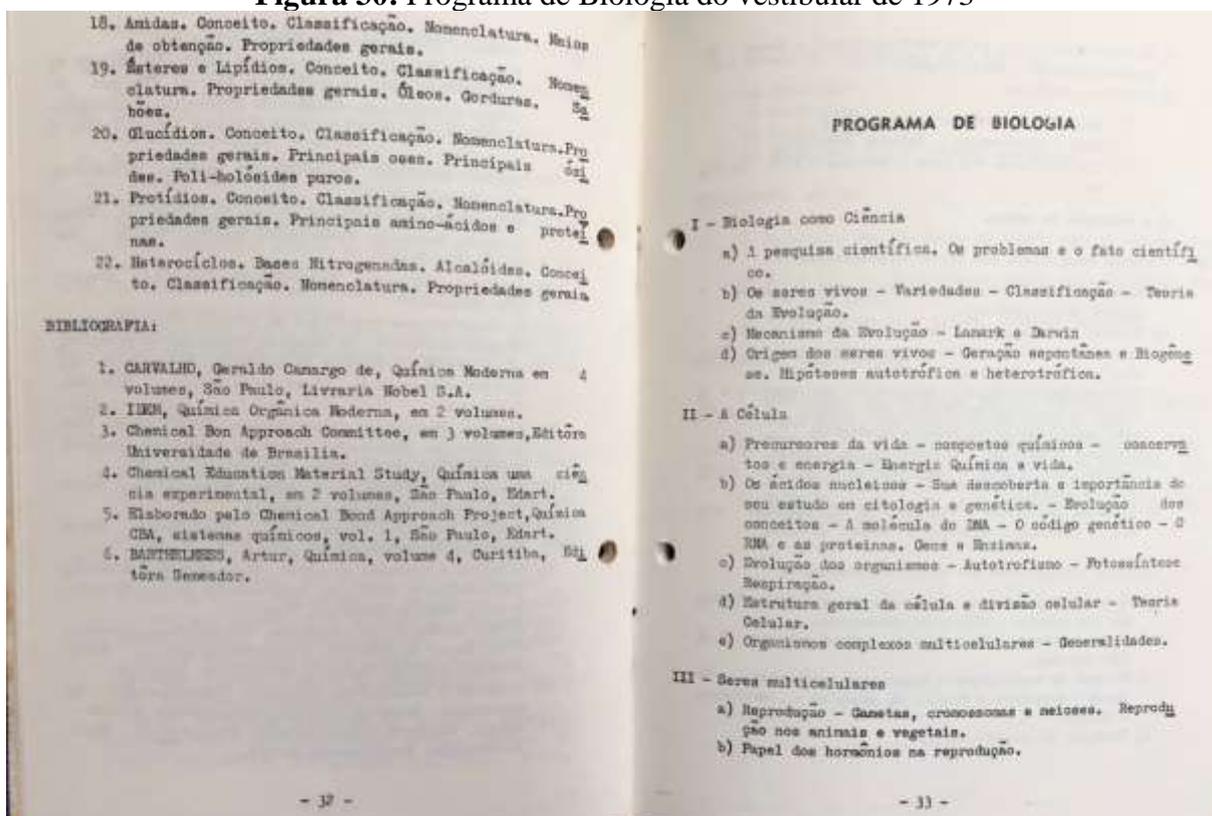


Fonte: Reprodução fotográfica de acervo disponível no CCV/UFS.

Os diferentes cadernos que aparecem nas imagens acima continuam, assim como os dos anos anteriores, as diretrizes para a realização do concurso anual. A diagramação de sua parte externa, responsabilidade do setor gráfico da UFS, era diferente a cada edição, e a opção por materiais gráficos simplificados era recorrente. Todas as capas fazem referência à comissão organizadora do vestibular, trazem o brasão da UFS em diferentes destaques e elementos gráficos sem complexidade, exceto no ano de 1978, em que a capa faz uma alusão à construção do campus de São Cristóvão da UFS por meio da reprodução de um mapa que indica a sua

localização. Ressalto que em 1978 a UFS comemorava o seu primeiro decênio e que a construção do campus era uma das grandes realizações do período. Infere-se, portanto, que a capa celebrava esse contexto.

**Figura 30:** Programa de Biologia do vestibular de 1973



Fonte: Reprodução fotográfica de acervo disponível no CCV/UFS.

A reprodução acima, da parte interna de um caderno de normas e programas, permite a visualização de como os assuntos a serem abordados nas provas estavam organizados em grandes temas e conteúdos correlatos. Havia, além da indicação dos assuntos, muitas vezes a indicação de referências bibliográficas que subsidiavam a construção do programa, o que poderia ser muito bom para aqueles candidatos mais atentos.

Os cadernos de normas consistiam em um documento completo que, além de todas as informações já listadas, trazia também um questionário com a finalidade de traçar o perfil dos ingressantes na UFS. Embora no acervo da atual CCV não constem registros de questionários respondidos no período delimitado por esta tese, sua finalidade era conhecer aspectos socioeconômicos e culturais dos vestibulandos. Na imagem interna do manual do candidato de 1980 (p. 134), temos uma amostragem de como era elaborado e disponibilizado o questionário.

**Figura 31:** Reprodução de questionário social, parte do manual do candidato, 1980

V - LEIA COM ATENÇÃO E RESPONDA CUIDADOSAMENTE O QUESTIONÁRIO ABAIXO.

Item 1 - Que curso do 2º grau você concluiu?

Código: Científico.....1  
 Clássico.....2  
 Técnico de Contabilidade.....3  
 Normal.....4  
 Técnico Industrial.....5  
 Técnico Agrícola.....6  
 Madureza.....7  
 Supletivo.....8  
 Outro.....9

Item 2 - Em que ano completou ou completará o curso do 2º grau?

Código: 1979.....1  
 1976.....2  
 1977.....3  
 1978.....4  
 1975.....5  
 1974.....6  
 1973.....7  
 1972.....8  
 antes de 1972.....9

Item 3 - Você frequente (ou frequentou) curso pré-vestibular?

Código: Não.....1  
 Sim, durante 1/2 ano.....2  
 Sim, durante 1 ano.....3  
 Sim, durante mais de um ano.....4

Item 4 - Quantas vezes você já prestou vestibular?

Código: Nenhuma.....1  
 1 vez, e foi classificado.....2  
 1 vez, e não foi classificado.....3  
 2 vezes, e foi classificado em pelo menos um delas.....4  
 2 vezes, e não foi classificado em nenhum delas.....5

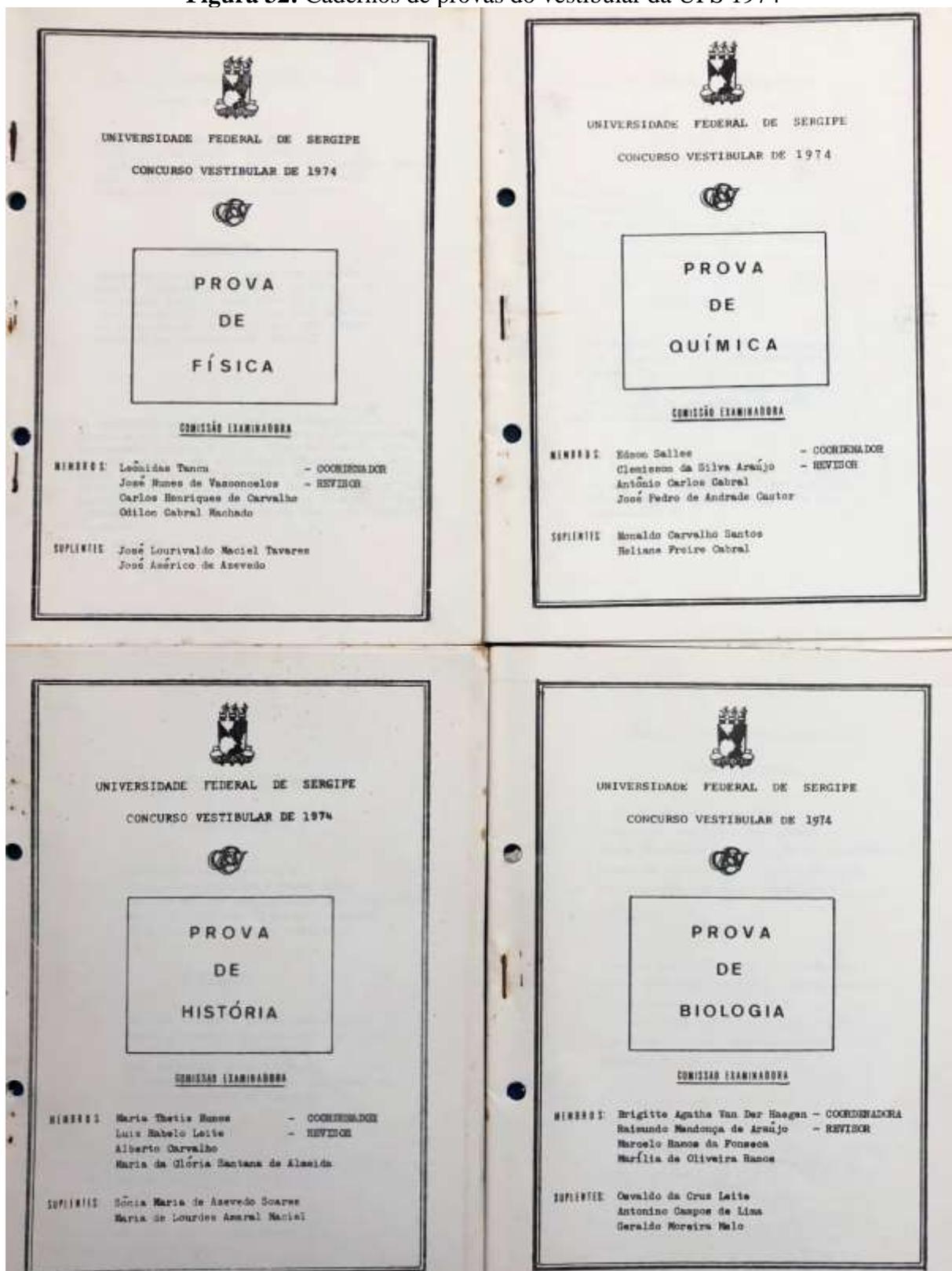
5

Fonte: Reprodução fotográfica de acervo disponível no CCV/UFS.

Buscando conhecer o perfil do vestibulando em amplos aspectos, podemos perceber, pela análise do conteúdo da figura acima, a presença de perguntas sobre a trajetória escolar dos candidatos, a exemplo da que aborda a frequência em cursos pré-vestibulares. Certamente, se houvesse disponibilidade dos questionários respondidos para pesquisa, o conhecimento de perfis específicos dos vestibulandos da UFS entre 1970-1980 seria possível.

Outro documento protagonista do vestibular da UFS é o caderno de provas. As provas ao longo dos anos 1970 eram agrupadas em cadernos no formato brochura contendo questões e instruções. Inicialmente, os cadernos eram mais simples, quando as provas eram elaboradas pelas comissões de professores da própria UFS. Os cadernos traziam nas capas as indicações de ano e respectivas disciplinas, expunham os membros das comissões examinadoras, além dos professores da UFS responsáveis pelas provas de cada área.

Figura 32: Cadernos de provas do vestibular da UFS 1974



Fonte: Reprodução fotográfica de acervo disponível no CCV/UFS.

Os cadernos de provas continham, além das questões, orientações relacionadas ao tempo destinado a cada prova, data, número de questões e orientações sobre o tempo de preenchimento

dos cartões IBM. A diagramação simples conferia ao material a qualidade de ser inteligível para um público diverso. As questões serviam exatamente ao que estava disposto nos editais, eram conteudistas, devendo possuir, de acordo com a legislação do período, nível equivalente aos assuntos abordados durante o Ensino Médio.

Já na segunda metade dos anos 1970, as provas adquirem outro formato, passando a ter cores na capa que servem para diferenciar o conteúdo de cada disciplina ou grupo de disciplinas; além disso, o papel ganha gramatura, padronização e aspecto diferentes. As capas reforçavam a necessidade de o vestibulando observar seu número de ordem, bem como seu assento, para que não houvesse equívocos. Nas provas reproduzidas a seguir, é possível observar essas alterações. Naquele momento, a responsabilidade pelas provas já era da FCC, o que ocorria desde 1975.

**Figura 33:** Cadernos de provas de 1979



Fonte: Reprodução fotográfica de acervo disponível no CCV/UFS.

**Figura 34:** Cadernos de provas de 1977



Fonte: Reprodução fotográfica de acervo disponível no CCV/UFS.

A Fundação Carlos Chagas passou a fazer parte do vestibular da UFS em 1975, ocasião em que passou a elaborar as provas do vestibular unificado da UFS. O objetivo dessa contratação era repassar àquela instituição a responsabilidade, além da elaboração, de impressão, do fornecimento de folhas de respostas e de rascunhos para as redações. Cabia ainda à FCC zelar pelo sigilo das provas, designar um funcionário responsável por fiscalizar o transporte das provas até Aracaju e enviar as provas por via aérea.

Os contratos celebrados entre a UFS e a FCC entre 1978 e 1980 são semelhantes, sem alterações substanciais na oferta dos serviços, apenas em cronogramas e valores. Entre 1979 e 1980, a FCC prestou o mesmo serviço para os vestibulares da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e para a Universidade Federal de Alagoas – UFAL por meio de um convênio firmado entre todas essas instituições e a UFS. A partir daquela configuração na organização do vestibular, cabia à UFS:

- a) informar, [...] todos os dados necessários para a execução dos trabalhos, tais como: número de inscritos, opções de línguas estrangeiras e locais para aplicação das provas;
  - b) providenciar local adequado para a guarda das provas em Aracaju;
  - c) responsabilizar-se pela aplicação das provas;
  - d) efetuar a correção e processar os resultados finais do concurso vestibular, com seus próprios recursos, sem qualquer participação da Fundação.
- (CONTRATO CELEBRADO ENTRE A UFS E A FCC, 1978).

A observação dos jornais, analisados no tópico anterior, em contraposição à documentação administrativa permitiu visualizar o desenrolar das ações que estavam previstas nos contratos, sobretudo no que se refere a dar publicidade ao processo seletivo. Nos cadernos de normas e provas, havia também a informação sobre as provas serem aplicadas ao mesmo tempo no Rio Grande do Norte e em Alagoas, conferindo mais credibilidade ao trabalho conjunto entre essas universidades e a FCC e, conseqüentemente, mais credibilidade ao vestibular da UFS em si, que cumpria as exigências expressas nos desdobramentos da Reforma Universitária de 1968.

Ao observar questões de provas, especificamente as de História, não poderia deixar de fazer alusão ao que está posto nos estudos de Chervel (1991), que, ao analisar os vestígios de como as diferentes disciplinas se configuraram no ambiente escolar, trata de observar com bastante atenção os materiais produzidos pelos professores e alunos, a exemplo de exercícios e provas, quando existem, e confrontá-los com previsões legais, por exemplo, para que a resultante possibilite o conhecimento de uma consciência transversal à escola. Por meio da noção de disciplina escolar, podem ser estabelecidos paralelos com situações contemporâneas a suas existências, a exemplo de concepções sobre educação vigentes durante a sua elaboração.

Avaliações como o vestibular, quando analisadas sob a lupa da História, ao serem confrontadas com outras fontes, contribuem decisivamente para o estabelecimento de interpretações sobre as expectativas em relação ao ensino no Brasil. Desde o formato das provas até os programas de ensino previstos em legislação e adotados pelas comissões organizadoras, o processo de seleção desses conteúdos, os integrantes das comissões, todos os procedimentos

de elaboração estão impregnados por discursos que legitimam concepções acerca da Educação Básica no Brasil.

Quando esta tese opta por analisar a figura de uma estudante existente em um quadro sobre a UFS e estabelece, a partir daquele signo, a relação com os processos seletivos para o ingresso no Ensino Superior no Brasil, torna-se inevitável visualizá-la submetendo-a a esse ritual que foi pensado estrategicamente para definir não somente trajetórias acadêmicas, mas os rumos, sobretudo quando se fala dos anos 1970, socioeconômicos e culturais deste país. Afinal, qual era o perfil do estudante universitário que se queria formar? Onde esses estudantes recém-formados atuariam?

As provas do vestibular não opunham conhecimento à perspicácia, mas também não favoreciam os candidatos que não se preparavam com mais afinco, como alguns alegavam ao apontar as falhas do sistema de “cruzinhas”. Porém, o mínimo de aptidão exigido também não nos possibilita afirmar que o candidato que passou no vestibular representa o sucesso da Educação Básica no Brasil.

Ao observar as provas dos vestibulares, pode-se perceber que a questão dos pesos define que, para determinados cursos, os alunos investem seus esforços no aprofundamento de disciplinas que mais contam pontos. Por exemplo: de acordo com o professor Romualdo Alencar<sup>62</sup> (2022), essa dinâmica interferia até na opção dos vestibulandos pelos cursinhos ofertados.

O Visão ofertava o curso para humanidades e para biológicas. Quem queria fazer direito podia se matricular somente em História. Quem fazia medicina acabava por se matricular em todas matérias, já que era um curso em que o candidato precisava saber todas, porque o peso 1 podia ser decisivo. (ALENCAR, 2022).

Cursinhos pré-vestibulares ou escolas convencionais preparavam os estudantes com base nos programas de ensino trazidos pela legislação vigente e, nos momentos finais, pelos programas para o vestibular do ano equivalente, publicados geralmente no segundo semestre do ano anterior ao certame. Esses programas deveriam estar sempre em sintonia com os programas nacionais para o Ensino Médio, mas nem sempre os assuntos citados eram abordados nas provas, uma vez que a quantidade de assuntos era muito maior que a de questões.

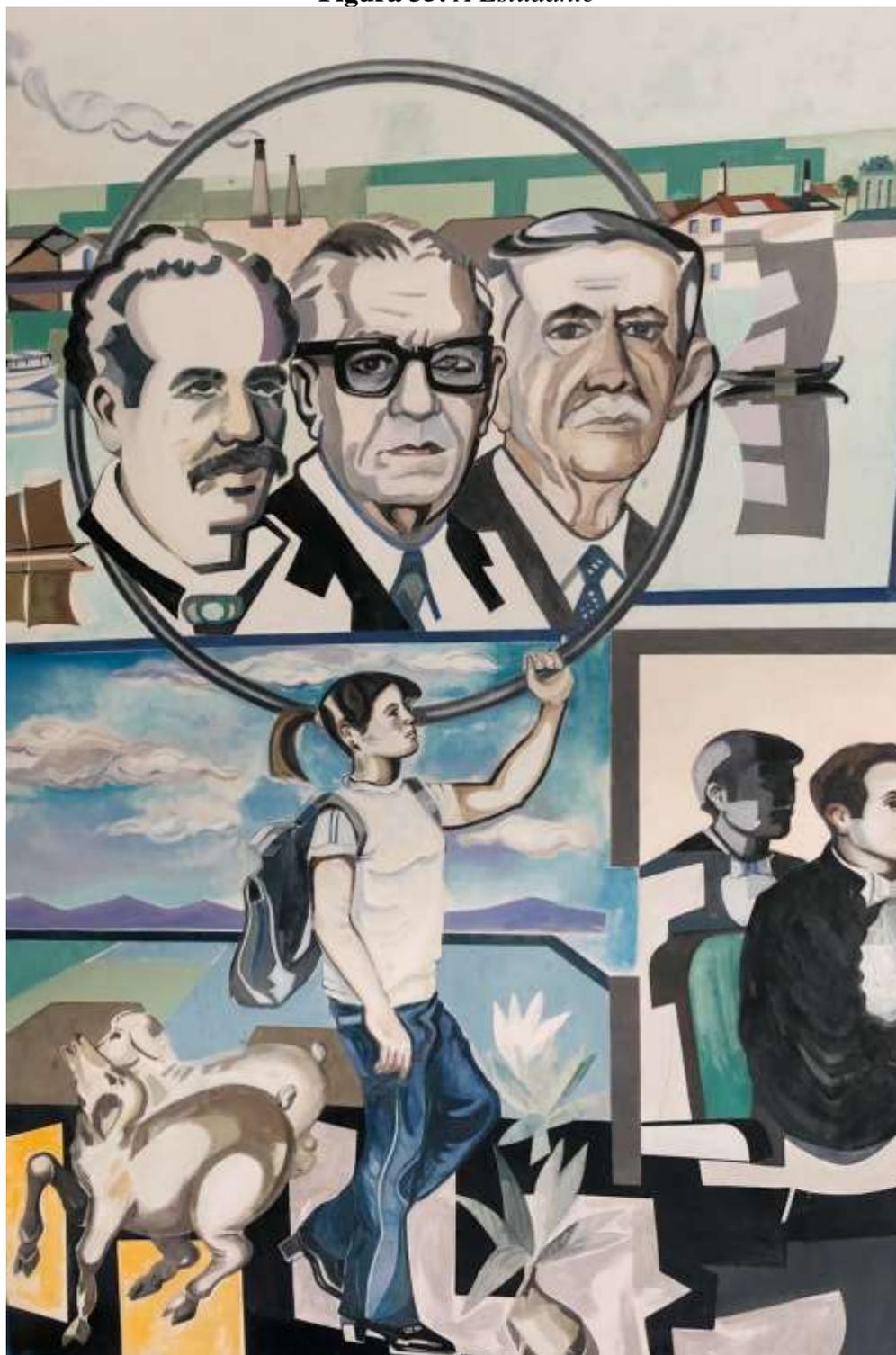
---

<sup>62</sup> Em entrevista concedida para esta pesquisa em 2022.

### 3.6 CONDIÇÕES HISTÓRICAS SUBJACENTES À ANÁLISE DA ESTUDANTE

A figura da estudante é rija, e a composição da cena a tem como pilar formando um ângulo de 90 graus.

**Figura 35:** *A Estudante*



Fonte: Reprodução fotográfica do painel de Jenner Augusto. Fotografia da autora.

Essa rigidez pode ser percebida em toda a aplicação de contornos por linhas em toda a área do painel, exceto nas cenas dos *cirurgiões* e do *coral*. Quase não existem aplicações em tons próximos ao preto nessas duas cenas, o que as difere do restante das cenas da composição. A contraposição movimento x rigidez confere aspecto de **marcha** ao passo da estudante, e, neste instante de percepção, infiro que esse efeito se manifesta sutilmente proposital.

Quando Jenner Augusto pintou o painel, em 1980, o Brasil vivia um regime ditatorial militar, que, mesmo em seus últimos anos, acontecia sob as novas regras de 1978, que aumentavam as restrições ao exercício das liberdades individuais. A abertura que ocorreu no governo Ernesto Geisel (1974-1978)

[...] distinguia-se do projeto de democratização aspirado por diversos setores da oposição. A implementação das medidas liberalizantes iniciadas por Geisel estava condicionada à institucionalização de um tipo de regime pós-autoritário, com restrições democráticas, o que significa que no projeto de distensão/abertura, a retirada das forças armadas da direção do Estado, implicava mais do que a sua substituição por um esquema civil de confiança baseada no partido do governo, de modo a preservar os interesses institucionais das corporações. (CARVALHO, 2005, p. 138-139).

Aloysio Carvalho (2005, p. 115) refere-se à ditadura militar como um dos “mais sombrios períodos da história republicana brasileira do século XX”. Sobre Geisel, expõe que “em um depoimento concedido a historiadores sobre sua trajetória no regime autoritário de 64, o ex-presidente Geisel admitiu a tortura como um meio necessário para a obtenção de confissões”.

Rodrigo Patto Sá Motta (2014, p. 21) alerta para a complexidade do período ditatorial, destacando a relação estabelecida entre militares e civis no Ensino Superior. “Nas universidades, os paradoxos e ambiguidades do regime militar se manifestaram plenamente [...]”. Posicionando-se ciente da essência violenta do período, afirma que “o regime político teve dupla dimensão: ele foi, simultaneamente destrutivo e reformador, e, nunca é demais ressaltar, o seu impulso modernizador foi viabilizado por meios repressivos.”

Essa característica aparentemente conciliatória, segundo Motta (2014), pode ser descrita a partir do entendimento da natureza flexível das relações sociais no Brasil, ressaltando que esse aspecto gera acomodação e a manutenção das desigualdades em diversos campos:

Assim, é forte em nossa cultura o recurso à conciliação [...]. Entretanto, nem todos agentes políticos fazem uso de tais estratégias, e os que o fazem não são movidos pela lógica férrea ou qualquer forma de determinismo, pois, em

alguns contextos, os apelos à conciliação não são bem recebidos. A conciliação e a acomodação fazem parte do repertório de estratégias à disposição dos que disputam os jogos de poder no Brasil – ou seja – elas integram a cultura política do país [...]. (MOTTA, 2014, p. 22).

A presença de Aloísio de Campos, por exemplo, na reitoria da UFS, justificava-se incontestavelmente pela sua capacidade intelectual, projetada em cada função/cargo ocupado, mas, também, pelo “estilo tecnocrático de gestão” (CARVALHO, 2005, p. 122), característico dos governos militares.

Igualmente, é mister reforçar: a UFS teve seu campus inaugurado nesse contexto de estado autoritário e de ações para a reversão da ditadura, mas foi criada em 1968, no auge do período. Segundo Souza (2015, p. 89), “no início dos anos 60 do século passado, iniciou-se um movimento favorável à criação de uma universidade sergipana”. O decreto de autorização de criação da UFS foi assinado pelo Presidente Castelo Branco em 1967.

Souza (2015) aponta que um dos cenários que levaram à criação da UFS era o da saída de patricios para a realização de estudos superiores em outros estados. Souza (2015, p. 104) mostra que o desejo da construção de uma cidade universitária já se manifestava no ano de 1966, mesmo com o processo de criação da UFS ainda em fase de tramitação no Conselho Federal de Educação. No campo cultural, esse desejo também se revela antigo.

No campo da Arte, essa era uma situação antiga que levou artistas sergipanos a terem de estudar nas escolas superiores de referência, em princípio a Academia Imperial de Belas Artes, posteriormente denominada Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, e a Escola de Belas Artes da Bahia, desde o século XIX. Isso foi, discretamente, exposto pelo Dr. José Calazans Brandão da Silva, em 1962, na sessão comemorativa do jubileu do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGS, quando proferiu uma conferência sobre o desenvolvimento cultural de Sergipe na primeira metade do século XX.

Nela, José Calazans louvou a importância do IHGS como provedor intelectual e cultural do estado.

Ao lado dos intelectuais, também os pintores, os artistas em geral, os colecionadores, os políticos, os patriotas, sempre e sempre aqui tiveram guarida. De certo modo, o Instituto substitui, na difusão cultural de que se encarregou, no documentário histórico e etnográfico que conseguiu reunir, a universidade que esperamos. (REVISTA DO IHGS, 1965, p. 57).

Quando foi instalada, em 1968, a UFS reuniu a Faculdade de Medicina, a Escola de Química e de Ciências Econômicas, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Serviço Social, a Faculdade Católica de Filosofia e o Colégio de Aplicação (SOUZA, 2015).

O *Jornal de Sergipe* de 21 de abril de 1978 publicou uma página editorial compreendida aqui como um indício da representação de parte da imprensa sobre a precariedade do sistema universitário sergipano. Em verdade, percebe-se que, quando o artigo se refere à “universidade sergipana”, está se referindo diretamente à UFS. O texto não dissocia as impressões acerca do Ensino Superior neste estado do panorama nacional e inicia afirmando que, assim como em todo o Brasil, os problemas que nossas universidades apresentam são muito mais profundos do que o imediatamente perceptível.

Segundo o editorial, à Reforma Universitária de 1968 são atribuídos esses problemas, e havia o questionamento sobre a transformação das universidades em autarquias – o que impossibilitaria o recebimento de recursos por meio de acordos com outras entidades que não apenas o Governo Federal – modelo defendido, na ocasião da fundação da UFS, pelo Dr. Antônio Garcia Filho.

A ampliação da oferta de vagas nos cursos particulares, alternativa proposta pela Reforma de 1968, não era condizente, segundo o editorial, com a situação financeira do público interessado, e esse fato não proporcionou o esperado aumento do acesso à universidade. Assim sendo, a questão da excedência nos vestibulares continuava em pauta nas discussões sobre o Ensino Superior. Aliás, a excedência é um dos principais argumentos nas incursões acerca da democratização do ensino.

Outros aspectos aparecem elencados no manifesto, que aponta ainda a falta de recursos humanos:

Atrasos curriculares por não existir um número de turmas suficiente para o número de alunos que têm que pegar determinadas matérias; falta de professores competentes; de salas de aula devidamente preparadas, de laboratórios de aulas práticas, até mesmo de aulas teóricas ministradas de forma que os alunos preencham sua carência de conhecimento. (JS, 21 de abril de 1978, p. 3).

Os juízos de valor emitidos no texto em tela, além de queixas sobre a estrutura, envolvem, como pode ser percebido no trecho supracitado, questões pedagógicas ao trazerem a crítica sobre os métodos docentes utilizados no Ensino Superior sergipano. Outro ponto que emerge no discurso diz respeito às disciplinas eletivas/optativas ou às ofertadas por outro curso, mas que eram comuns às diversas formações. Em 1978, a UFS ainda não estava concentrada

na Cidade Universitária (de 1980), e matricular-se em créditos de outro curso significava deslocar-se entre as faculdades.

O número insuficiente de professores por departamento é apontado como um problema, assim como a contratação de professores substitutos, então chamados de “tapa-buracos” (JS, 21 de abril de 1978, p. 3). Permanentes ou temporários, parte deles é descrita no editorial como “sem didática alguma”. Além da qualidade profissional, a conduta dos professores está questionada no texto. Os docentes são descritos como demasiadamente rigorosos, em muitos casos sem a contrapartida necessária.

Assim, o editorial segue narrando que os alunos são os maiores prejudicados diante do quadro posto, uma vez que as estruturas físicas e humanas precárias, bem como a falta de verbas para a solução dos problemas elencados no artigo, resultam no comprometimento da qualidade da formação recebida pelos futuros profissionais que atuarão nos mais diversos campos da sociedade sergipana, “profissionais capengas” é o termo empregado pelo texto.

A suposta insatisfação dos alunos é destacada para fundamentar a matéria, porém é nesse ponto que aparece o questionamento em relação ao relegado papel da universidade em seus pilares – ensino, pesquisa e extensão. Orbita, portanto, a indagação sobre o sentido de uma universidade que não avança nesse tripé, devido à falta de “uma visão ampla” (JS, 21 de abril de 1978, p. 3), em diferentes campos do conhecimento, mais especificamente o texto apresenta a situação das formações em Medicina, História, Letras e Engenharia Civil.

A culpa, alguns estudantes reconhecem, é de uma universidade que não se preocupa em desenvolver a capacidade crítica do estudante, em lhe dar uma visão real do quadro sócio-político-econômico brasileiro. Que não deixa o estudante falar, que o reprime em todas as suas formas de expressão, restringindo sua participação na universidade única e exclusivamente a livros didáticos manipulados.

O excerto não deixa de remeter à situação de repressão que fazia parte do ambiente acadêmico brasileiro. E, como o editorial apresenta o que seria a representação dos alunos sobre a UFS, cabe conhecê-las. Segundo o editorial, os alunos do curso de Medicina recebiam formação aquém do ideal por causa de fatores como hospital sucateado, treinamento por meio de métodos ultrapassados, falta de materiais de laboratório ou mesmo para o estudo de anatomia. Diante dessas denúncias, o texto provocava: “Como serão os futuros médicos formados pela Universidade Federal de Sergipe?” (JS, 21 de abril de 1978, p. 3).

Mais a fundo na reflexão, o editorial analisa o desempenho dos futuros profissionais no atendimento ao público sergipano apontando um fator que se julga comum a todos os outros cursos citados na matéria, que é a

[...] falta de uma visão mais ampla, que alcance os problemas sociais do povo brasileiro, que se volte para a realidade deste país, atualmente carente de quase tudo, para não se formar com os olhos voltados para as rendosas clínicas particulares cujo atendimento caríssimo fica ao alcance apenas de uma elite, como dizem alguns estudantes, da primeira-classe. (JS, 21 de abril de 1978, p. 3).

Segundo o editorial, toda a sociologia estudada na UFS não é capaz de formar cidadãos capazes de compreender os problemas sociais brasileiros, dentre eles que a maioria da população sergipana não é composta pela elite. Destarte, segundo a matéria, ao concluírem uma formação rasa, sem reflexão sociológica, os médicos atuariam de maneiras distintas nos espaços públicos e privados.

As consequências dessa formação inconsciente estão aí. Quem não conhece a diferença do tratamento médico que é ministrado a um paciente de clínicas particulares – que pode pagar 400 cruzeiros por uma consulta, a um contribuinte do INPS, ou pior ainda, um indigente? (JS, 21 de abril de 1978, p. 3).

Com o mesmo teor, o editorial interroga sobre o curso de História da UFS (1978) não aprofundar a reflexão dos fatos e do sentido da história, apontando como fragilidade do curso uma didática livresca, de teorias que flertavam com o autoritarismo do período. Quanto ao curso de Letras, pode-se perceber e deduzir sobre a desvalorização das licenciaturas já naquele período. Letras é descrito no texto como o curso “mais fraco da Universidade” (JS, 21 de janeiro de 1978, p. 3). Sobre o curso de Engenharia Civil, se considera que havia a total falta de formação humanista. Por isso, diante da falta de percepção do panorama social, dificilmente o trabalho do engenheiro seria voltado para o povo.

Em relação à área de pesquisa, o editorial expõe a falta de incentivo por parte de órgãos do governo a pesquisadores que há muito trabalhavam pelo desenvolvimento de projetos, mas sem exemplificar quais seriam os casos. Nessa toada, finda afirmando que a UFS era problemática e que suas deficiências não eram pontuais, mas comuns a todos os cursos, e se questionava a qualificação do profissional formado pela instituição.

A provocação feita pelo editorial apresenta uma outra versão do momento histórico vivido pela UFS daquele período construída pela historiografia educacional sergipana<sup>63</sup>. A criação das faculdades isoladas e da UFS atendeu aos anseios de parte da sociedade sergipana que via seus patrícios se graduarem em outros estados quando isso era possível. A movimentação pela fundação da UFS, que se iniciou na Secretaria Estadual de Educação, atingiu outros espaços sociais, gerando grande adesão à ideia da materialização de uma universidade sergipana.

Vencida a luta, na ocasião da instalação da UFS, a sociedade sergipana se fez presente em 15 de maio de 1968 no Salão Nobre<sup>64</sup> do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

A sessão solene reuniu Dom Luciano Cabral Duarte – Presidente do Conselho Diretor - e os membros do colegiado da Fundação Universidade Federal de Sergipe. Além do Governador de Sergipe – Lourival Baptista (1967-1971), e de Newton Sucupira – Membro do Conselho Federal de Educação e representante do Ministro da Educação (Tarso Dutra), estavam presentes na solenidade autoridades civis municipais, estaduais e federais, eclesiásticas, militares, professores das faculdades e muitos estudantes e pessoas em geral. (SOUZA, 2015, p. 94).

Desde aquele momento, de fato até antes, havia o desejo de Sergipe ter, além de uma universidade, uma cidade universitária. O seguinte excerto do GS de 29 de setembro de 1966 (p. 7) traz uma passagem que fundamenta essa afirmação:

Muito embora o processo de criação da Universidade Federal de Sergipe ainda esteja no âmbito do Conselho Federal de Educação, em nossa capital já se cogita a construção de uma cidade universitária. O Conselho Estadual de Educação, segundo se informa, já entrou em entendimento com o departamento de urbanismo da prefeitura a respeito do problema.

Em 1978, ano do editorial publicado pelo *Jornal de Sergipe*, a UFS comemorava a sua primeira década de instalada. Souza (2015) assinala que, durante a solenidade, ocorrida em 15 de maio de 1978 – dia exato em que completou seu primeiro decênio –, as falas convergiam para o destaque ao crescimento atingido pela UFS no período em questão. Aloísio de Campos, então reitor, compartilhou naquele momento o orgulho pela existência e consolidação da UFS, que tanto contribuiu para o desenvolvimento deste estado.

---

<sup>63</sup> A Historiografia Educacional Sergipana produziu e produz estudos sobre o Ensino Superior e sobre a UFS que permitem a contraposição a essas ideias. Embora esta tese busque outras fontes de contestação, considera-se de suma relevância que sejam consultados os estudos de: Carmo (2011), Oliveira, N. (2011), Oliveira, J. P. (2011-2015); Maciel (2016), Nunes (2018) e Jesus (2018-2022).

<sup>64</sup> Sobre a sessão solene, seus rituais e discursos, cf. Souza (2015, p. 92).

A cronologia do crescimento da UFS nos seus primeiros dez anos compreende os esforços de João Cardoso do Nascimento Júnior, reitor entre 1968-1972, Luiz Bispo – 1971-1976 e Aloísio de Campos – 1976-1980 para consolidar e expandir a UFS. De acordo com Souza (2015, p. 102), “com a incorporação de seis instituições de ensino superior ou faculdades que ministravam dez cursos, passamos a ter dez unidades (cinco faculdades e cinco institutos) que, dez anos depois, ministravam vinte e cinco cursos”.

A UFS, durante o reitorado de Aloísio de Campos, foi marcada pela inauguração da Cidade Universitária – fato que é a culminância de ações de estruturação iniciadas na gestão de João Cardoso do Nascimento Júnior, e de consolidação da expansão que caracteriza o reitorado de Luiz Bispo, período em que as obras da cidade universitária foram iniciadas com o prédio da Faculdade de Administração e da piscina (SOUZA, 2015, p. 108).

Embora a gestão Aloísio de Campos fosse empreendedora no que tange à estrutura física da UFS, percebida no empenho para a inauguração do campus, também carregou o traço de iniciativas para a melhoria da qualidade do ensino. Disso depreende-se que o componente autocrítico do Reitor reconhecia a necessidade de repensar o ensino ofertado. Neste sentido era preciso repensar, reformular e atualizar a estrutura da Universidade. Aloísio de Campos não aceitava a ideia de reformar por reformar, mas ajustá-la aos padrões mais modernos de ensino, com uma programação global, que contemplasse, de forma sistemática, o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica. (SOUZA, 2015, p. 110).

Essa citação permite a interpretação de que há pertinência no editorial do JS de 21 de abril de 1978 quanto às solicitações e queixas dos estudantes da UFS, o que não significa afirmar que o parecer do jornal correspondesse à realidade. Aloísio de Campos construiu uma narrativa de si, de sua atuação enquanto intelectual dirigente e não pareceu falsear ou ocultar os problemas de sua gestão. Destarte, ainda que se possa comprovar a pertinência das questões apontadas no editorial, há que se destacar que as iniciativas tomadas para uma reestruturação administrativa da UFS reverberaram no ensino.

As reformas pensadas pelo Reitor Aloísio de Campos eram voltadas para o âmbito da administração [...]. Também visava à reforma acadêmica, com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino e executar o programa de pesquisas que contemplasse as áreas de ciências exatas e da tecnologia, das ciências biológicas e da saúde, o mesmo em relação às ciências humanas e sociais aplicadas. (SOUZA, 2015, p. 110).

No ano de 1980, quando da inauguração do campus, os cursos de “Odontologia, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Química e Licenciatura em Química, Física,

Matemática e Ciências Biológicas, bem como Educação Física, Engenharia Civil e Enfermagem, dentre outras licenciaturas curtas compunham a UFS” (SOUZA, 2015, p. 107-108) migraram para o novo campus. Ressalto que esse não foi um processo tranquilo, tendo enfrentado muita resistência de alunos e professores. Essa situação exigiu temperança de Aloísio de Campos, o reitor à frente do processo.

#### SEÇÃO 4 – DA PREPARAÇÃO AO RESULTADO: O PROTAGONISMO DOS CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES

O processo de semiose derivado da análise da *estudante* resultou em uma série de novos signos, que, produzidos de forma sequencial, geram uma infinidade de informações, representações e interpretações (novos signos). Ao estabelecer uma relação comunicacional com aquela imagem, o que ela revela e as associações empreendidas, situar a sua interpretação historicamente tornou-se uma necessidade. Mas, para além de perceber a *estudante* como uma representação de um grupo de pessoas específico, existente e real, neste caso, o vestibulando, esta pesquisa buscou entender outros aspectos de sua formação escolar. Dessa forma, tudo o que este capítulo traz diz respeito àquela *estudante*, a um dos cenários de preparação para o enfrentamento do vestibular da UFS: os cursinhos pré-vestibulares.

Vimos até aqui que, para ingressar no Ensino Superior, o vestibular era a premissa fundamental. Esse acesso era possível após a conclusão do Ensino Médio e a consequente submissão e aprovação no certame. Em Sergipe, a UFS, nos anos 1970, era o grande objetivo dos vestibulandos. Neste ponto da tese, isso pode ser seguramente afirmado após a leitura sobre a história daquela instituição, que nasce representativa e se consolida de maneira contundente nos seus primeiros anos, com ações de ensino, pesquisa e extensão comunitária que contribuem sobremaneira para que seja entendida como principal espaço de Ensino Superior do estado de Sergipe nos anos 1970.

Com a fundação da UFS e o consequente crescimento acontecido nos anos que se seguiram à sua criação, no que tange ao mercado educacional, algumas comunidades docentes estiveram atentas às questões do acesso ao Ensino Superior. É nos anos 1970, com o surgimento dos grandes cursinhos preparatórios, que esse serviço educacional específico cresce em oferta e procura. Isso porque entrar na universidade demanda preparação, e a proposta inicial de alguns desses cursos é fortalecer pontos que são abordados no ensino convencional e instrumentalizar os estudantes para as provas em matérias específicas.

Os cursinhos pré-vestibulares constituem-se em instituições de apoio ao ensino que existem em paralelo à escola convencional, ofertando aulas por áreas, componentes ou currículo total direcionadas para estudantes que se submeterão ao vestibular. Nasceram no Brasil quando os vestibulares são criados e se expandem em paralelo à oferta de vagas nas instituições de Ensino Superior. Nas pesquisas relacionadas ao tema realizadas durante a escrita desta tese, não foram encontradas referências específicas sobre uma história dos cursinhos pré-vestibulares no Brasil. Porém, uma quantidade razoável de estudos cujos objetos são cursinhos específicos e

locais aborda o histórico do crescimento do número de cursinhos no Brasil, bem como aponta a dedução sobre a existência de lacunas nos estudos acerca desse tipo de formação.

Bacchetto (2003, p. 2), ao estudar sobre os cursinhos pré-vestibulares alternativos<sup>65</sup> de São Paulo, apresenta pontos da ainda atual conclusão do professor Renan Springer de Freitas (1984) sobre essa escassez de estudos:

A ausência de pesquisas sobre o tema deve-se a vários motivos: eles não pertencem ao sistema oficial de ensino, e não são objeto de políticas por parte do estado; não oferecem “certificados” a seus concluintes, não são ponto terminal de nenhuma etapa educacional, e sim preparação para outra; não credenciam ao mercado de trabalho e não têm qualquer fiscalização ou controle por parte do estado.

Embora muito tenha sido produzido, no campo da História da Educação, sobre os cursinhos pré-vestibulares nesses 38 anos desde o estudo de Freitas mencionado por Bacchetto (2003), os cursinhos, como tema de pesquisa, ainda carecem de apropriação específica para estudos mais abrangentes. Essa fragmentação de abordagem faz com que os cursinhos apareçam como parte dos objetivos de pesquisas, como no caso desta tese, que têm o acesso ao Ensino Superior como objeto<sup>66</sup>, sob a análise da promoção do acesso às camadas mais populares da sociedade, histórias de cursos locais, questões psicológicas ligadas ao esgotamento de alunos e professores, mas muito pouco sobre um modelo educacional em si que caminha em paralelo ao final do Ensino Médio e é protagonista do mercado de acesso ao Ensino Superior. Ressalto, portanto, que neste capítulo esta tese lança olhares para esse objeto como um possível tema de pesquisa a ser profundamente explorado por outros estudiosos interessados.

Para compreender como se configurou a oferta dos cursinhos preparatórios em Sergipe, esta pesquisa analisou lembranças de profissionais remanescentes que participaram daquele período ou que, de alguma forma, conviveram com essas referências no ambiente estudado. Foram entrevistados, portanto, professores de cursinhos privados com maior projeção na imprensa dos anos 1970, professores que foram alunos de cursinhos no final dos anos 1970 e lecionaram nos anos 1980, mas possuíam relações profissionais/pessoais com os professores pioneiros. No esteio da metodologia da História Oral, foram realizadas entrevistas em diferentes configurações: semiestruturadas, presenciais com gravação a partir de questões

---

<sup>65</sup> De acordo com Bacchetto (2003, p. 4), “Diferentes dos pré-vestibulares mais conhecidos, os de cunho comercial – empresas educacionais que visam à obtenção do lucro através da prestação desse serviço aos vestibulandos – os alternativos procuram oferecer igualdade de condições no ingresso ao Ensino Superior para aqueles com menor poder aquisitivo”.

<sup>66</sup> Conclusão elaborada após pesquisas sobre o tema no Banco de Teses e Dissertações da Capes.

preestabelecidas, encaminhamento de entrevista em formato textual (questionário), respondidas por áudio disponibilizado via aplicativo de comunicação ou respondidas por texto digital.

A definição dos entrevistados se deu a partir dos desdobramentos das pesquisas nos jornais. Diante das informações que se revelavam a cada busca, e da seleção do que seria aprofundado ou não durante a elaboração desta tese, a publicidade dos cursinhos se mostrou uma possibilidade. Indicativa de alguns movimentos, em diversos anúncios estão presentes nomes de aprovados, números de aprovações e nomes de professores.

As narrativas desses professores, testemunhas e agentes ativos do período de profissionalização dos cursinhos em Sergipe, contribuíram para a ampliação de entendimentos sugeridos a partir de outras fontes, como os documentos consultados nos arquivos da UFS, por exemplo, ou dos jornais examinados para esta tese.

Em Sergipe, a expansão dos cursinhos acontece, assim como no Brasil, em paralelo com o crescimento de vagas na UFS e a crescente abertura de novos cursos. Em Sergipe, portanto, o crescimento da universidade provocou o aumento da abertura de cursinhos pré-vestibulares. Nos anos 1960, já existiam cursinhos em Aracaju, mas com aspectos distintos dos inaugurados em meados dos anos 1970. De acordo com o professor Wellington Menezes,

O vestibular era extremamente conteudista, e os alunos que faziam vestibular no final do terceiro ano estudavam apenas o conteúdo do terceiro ano na sua escola. Esse é um dos fatores que provoca o crescimento da oferta de cursinhos: revisar os conteúdos do primeiro e do segundo ano. (MENEZES, 2022).

A rotina de preparação após a matrícula exigia dos estudantes o comprometimento com a dinâmica diferenciada dos cursinhos pré-vestibulares. A interação entre os envolvidos naquele espaço também era diferente da acontecida nos espaços formais de escolarização, e as relações se estabeleciam muitas vezes de maneira distinta. Havia o convívio quase cotidiano entre os professores fundadores dos cursinhos e os estudantes que se tornaram professores posteriormente. Trago, portanto, a noção de geração de docentes para ilustrar esse ciclo de passagem ou ascensão à carreira docente percorrido por discentes que se destacavam em determinadas disciplinas relacionadas às suas escolhas acadêmicas. Baseio, portanto, a análise de geração de docentes na categoria minuciada por Mannheim (1982).

Essa configuração da oferta do ensino preparatório para os vestibulares deve ser pensada no curso das transformações históricas e sociais ocorridas no tempo em questão. De acordo com Mannheim (1982, p. 67), “para obtermos uma ideia clara da estrutura básica no fenômeno das gerações, precisamos esclarecer as interrelações específicas dos indivíduos que constituem uma

única unidade de geração”. Isso significa dizer que não necessariamente aquele grupo de professores de cursinhos, os dos anos 1970, estivesse ciente de seus objetivos, mas sim ciente de pertencer a uma geração, a de fundadores, em Sergipe, de um modelo preparatório para o acesso ao Ensino Superior público, modelo aquele que deveria ser sintético, desburocratizado, empresarial, eficaz em publicidade e, acima de tudo, em resultados.

Aqueles professores, aqui categorizados como *fundadores*, não formavam um grupo, mas possuíam uma unidade de geração “constituída essencialmente através da similaridade de situação de vários indivíduos dentro de um todo social” (MANNHEIM, 1982, p. 71). A análise do processo histórico impulsionado pelo objeto desta tese trouxe a experiência comum vivida por determinados grupos de professores de cursinhos como possibilidade de visualização factual ou elaboração aproximada aos acontecimentos em distintos pontos cronológicos marcados por lembranças de pessoas-chave na formação daquele cenário.

O grupo de professores aqui estudado não é homogêneo, assim como todo grupo diverso. De acordo com Mannheim (1982, p. 73),

Pode-se dizer, em geral, que os dados experienciais, intelectuais e emocionais à disposição dos membros de uma certa sociedade não são uniformemente ‘dados’ a todos eles: em lugar disso, o fato é que cada classe tem acesso apenas a um conjunto daqueles dados, restrito a um ‘aspecto’ particular. Deste modo, o proletário muito provavelmente apropria-se de apenas uma fração da herança cultural de sua sociedade, e isto, conforme a maneira de seu grupo.

Analisar os depoimentos dos professores entrevistados para esta tese permitiu-me a percepção de como aqueles professores detêm de maneira distinta a mesma informação e de como as narrativas sobre determinados acontecimentos se enriquecem ou se perdem quando são descritas por quem os protagonizou ou por quem, por qualquer motivo, necessita amenizá-los. A fim de situar historicamente os professores a quem foram solicitadas entrevistas frente à sua atuação no despontar do campo do ensino preparatório para o vestibular em Sergipe, elaborei o seguinte quadro contendo as respectivas classificações de *professor pioneiro* e *professor fundador*.

**Quadro 5:** Gerações de professores de cursos pré-vestibulares (anos 1970)

Docente	Geração	Curso ao qual esteve ligado	Disciplina
Marcos Pinheiro	Pioneiro	Engequime	Química
Leão Magno Brasil	Pioneiro	GCM	Matemática
Elias Pinho	Fundador	Visão	História
Augusto Bezerra	Fundador	Visão/Unificado	Química
Almir Santana	Fundador	Visão	Biologia
João Antônio Moreira	Professor	Visão	Matemática
Carlos Alberto Monte Travassos	Fundador	Visão	Química
Wellington Menezes	Fundador	Visão	Matemática

Fonte: Quadro elaborado a partir de informações obtidas em jornais impressos e entrevistas.

O quadro acima, constituído a partir do cruzamento de informações encontradas em jornais e de depoimentos dos entrevistados, divide os docentes localizados em pioneiros e fundadores. O que definiu o status de cada um, além da temporalidade, foi a atuação na gestão dos cursinhos e o período de ingresso no respectivo cursinho. Essa classificação permitiu-me visualizar aspectos relativos ao desenvolvimento dessa forma de ensino nos anos 1970 em Sergipe.

Destarte, pioneiros são aqueles que se destacaram a partir da primeira metade dos anos 1960, a exemplo de Marcos Pinheiro e Leão Magno Brasil, que geriram os cursos de maior projeção na imprensa no período e que se tornaram referência para a geração seguinte, a de fundadores. Estes, por sua vez, são os docentes que, a partir de dissidências dos cursinhos já existentes, deram origem a outros da mesma natureza, mas com propostas distintas, promovendo uma aparente profissionalização na oferta dessa forma educacional.

Os professores<sup>67</sup> pioneiros fundaram os primeiros cursos dos anos 1970 com foco no preparo para as provas de vestibular da UFS. Embora os entrevistados afirmem que os primeiros cursinhos surgiram em Sergipe nos anos 1970, os registros analisados nos jornais do final da década de 1960 apontam a existência de ao menos um cursinho naquele período, o Curso Beta.

Antes da criação da UFS, a preparação de vestibulandos que acontecia fora da escola convencional geralmente estava estruturada com o foco em disciplinas específicas e voltadas para a aprovação nas Faculdades existentes no estado. Professores renomados abriam gabinetes em suas áreas de domínio, e neles os estudantes faziam aprofundamento em matérias específicas

<sup>67</sup> O traçado metodológico do trabalho com as entrevistas tornou-se efetivo a partir da contribuição de dois professores, Romualdo Alencar (Matemática) e Edidelson Santos (História), que atuaram nos anos 1980-1990 e hoje desempenham suas atividades na Secretaria de Estado da Educação e Cultura de Sergipe. Ambos não se enquadram nas categorias descritas acima e fazem parte de gerações posteriores de professores de cursinhos, uma vez que não gozam da temporalidade, bem como do status de sócios dos cursinhos abordados. Porém, ambos vivenciaram, como estudantes, aquele ambiente de configuração dos cursinhos, mais especificamente do surgimento do Visão, embora tenham lecionado em diversos cursos já nos anos 1980.

de acordo com suas necessidades. Trago, portanto, uma passagem do depoimento do professor Wellington Menezes que corrobora essa percepção: “em 1972 eu já ensinava em supletivos e cursinho pré-vestibular, mas muito pequenos, eram uma turminha só com poucos alunos, a pessoa que ofertava na própria casa [...]” (MENEZES, 2022).

Ainda segundo o professor, três cursinhos se destacavam no início dos anos 1970: CIEX, que funcionava no Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus, o Curso Beta e o Engequime. Porém, a análise das propagandas veiculadas em jornais da década de 1960 revela que o Curso Beta era o que mais se destacava nos resultados do vestibular da UFS.

O Curso Beta funcionava anexo ao Colégio Tobias Barreto, sob a orientação dos professores Caetano Quaranta, Eduardo Garcia e Fedro Portugal, então jovens estudantes de Medicina que reforçavam junto aos vestibulandos suas disciplinas de aptidão. Caetano Quaranta lecionou no Atheneu Sergipense – à época Colégio de Sergipe –, enquanto Fedro Portugal lecionou no Colégio Tobias Barreto. Ambos estiveram ligados a reconhecidas instituições públicas de ensino do estado de Sergipe, assim como o professor Leão Magno Brasil, responsável pelo GCM, que também ensinou e dirigiu o Atheneu Sergipense. O depoimento do professor Wellington Menezes permite dimensionar essa percepção:

Estudei no Atheneu e comecei a dar aula no Atheneu em 1970, que foi exatamente quando entrei na universidade e consegui me fixar como professor. Tanto é que entrei no curso de Química Industrial, na Escola de Química, e era considerado como bom aluno na área de Exatas, Química, Física e Matemática. E eu fui convidado para substituir um professor no Atheneu, exatamente em 1970, e descobri aí uma profissão para mim. Na verdade, fui estudar Química Industrial porque não existia Engenharia em Sergipe, e meus pais não tinham condições de custear meus estudos na Bahia. [...]. Então, comecei a ensinar. Quando chego na sala de aula, me sinto à vontade. Sinto, também, a reciprocidade. Eu disse então ‘é isso que eu vou fazer’! Em 1972, eu fui chamado para dar aula em cursinho. Fui bem aceito. Cada vez mais fixava a ideia na minha cabeça. Em 1974, eu fui chamado para ensinar em um dos melhores cursinhos de Sergipe, o GCM. (MENEZES, 2022).

É importante ressaltar que aquelas duas instituições escolares se configuraram historicamente como espaços de projeção intelectual de seus corpos docentes em diferentes proporções, não causando estranheza, portanto, a associação entre os cursinhos e aquelas instituições, afinal, a visibilidade de lecionar em uma escola de referência poderia influenciar na procura de vestibulandos pelos cursinhos dirigidos por aqueles professores.

Um anúncio veiculado no GS de 19 de fevereiro de 1967 divulga o Curso Beta como responsável pela aprovação, pela terceira vez consecutiva, dos cinco primeiros colocados no

vestibular do curso de Medicina, e, ainda conforme a propaganda, somente um dos aprovados não seria aluno do curso. Podemos depreender, portanto, que o Beta era referência preparatória para o curso de Medicina durante o período.

Um ano depois, os resultados positivos para o curso se repetiram. A coluna “Vida Social” do GS, em 20 de janeiro de 1968, destacava, com o título “Os vitoriosos”, os alunos aprovados no vestibular da Faculdade de Medicina naquele ano. No escrito foram divulgados os nomes dos aprovados e foi louvado o mérito do Curso Beta, do já “famoso estudante de medicina, professor Caetano Quaranta”<sup>68</sup> (GS, 21 de janeiro de 1968, p. 5).

Pela nota, depreendem-se nuances do que seria a rotina de preparação dos candidatos para o vestibular da Faculdade de Medicina: “[...] esta turma que vem desde março estudando sem parar, começando pela manhã, muitos ainda frequentavam o terceiro ano científico e dobrando pela noite, quando frequentavam o cursinho pré-vestibular” (GS, 21 de janeiro de 1968, p. 5).

Além de parabenizar os aprovados, a nota admite, de forma evidente, o tom de propaganda do Curso Beta quando destaca o feito de

Mais uma vez neste ano bater o recorde, tendo dos 29 aprovados, 25 que frequentaram o curso Beta, mostrando assim a eficiência desde curso, o clima de estudo, compreensão e amor com que são levados seus alunos durante o ano letivo. Pena que nossa faculdade tenha somente 30 vagas, não podendo comportar nem metade dos 160 candidatos inscritos. (GS, 21 de janeiro de 1968, p. 5).

Nos anos 1970, dois cursos merecem destaque: Engequime, um dos primeiros cursos de pré-vestibular privados de Aracaju, que deu origem ao Colégio de Ciências Puras e Aplicadas – CCPA, e o Curso Visão. O Engequime foi fundado pelo professor Marcos Pinheiro em fins dos anos 1960 e inicialmente era ligado ao Colégio Salesiano, tradicional instituição escolar existente na capital sergipana até os dias atuais. O jornal *Gazeta de Sergipe* de 11 de janeiro de 1972 apresenta o seguinte anúncio do cursinho:

Cursos de pré-vestibulares ENGEQUIME: Medicina, Engenharia-Química, Agronomia, Geologia, Cibernética, Odontologia e Licenciaturas. Antes de matricular-se num curso qualquer, converse conosco. De antemão afirmamos que somos: o único totalmente apostilado e com tabelas de bolso; o único com aulas complementares experimentais e audiovisuais de todas as matérias; o único com Química Orgânica através de “Framework Molecular Models” à

---

<sup>68</sup> Anexos presentes na tese de Patrícia Sousa Nunes Silva (2018) revelam que o professor Caetano Quaranta se formou médico no ano de 1968 pela UFS e não atuou como professor na instituição, a exemplo de outros médicos investigados pela tese e que eram foco da pesquisa, como seu sócio, o dermatologista Fedro Portugal.

disposição do aluno; o único 24 horas aberto ao estudante para turnos de estudo; único com intercâmbio com quatro outros cursos do país. [...] vá lá, Bicho! Matrículas abertas a partir de 10 de fevereiro.

Pioneiro no campo dos cursos preparatórios, Marcos Pinheiro implementou um cursinho com objetivos específicos para aprovação no vestibular. Destaco que seu nome foi citado entre os entrevistados sempre como pioneiro/referência porque, até a criação do Engequime, os entrevistados consensuam que os cursos existentes, a exemplo do citado Beta, assemelhavam-se estruturalmente a bancas ou reforço escolar. Uma vez que tanto as propagandas sobre o Curso Beta quanto as memórias dos professores das gerações que se seguiram representam construções de imagem, a abordagem do histórico e o aprofundamento da pesquisa voltaram-se para o marco temporal definido por esta tese.

Para o professor João Antônio Moreira (2022), o professor Marcos Pinheiro “era um inovador. Ele trazia tudo que era novidade. Um excelente professor de Química”. O Engequime continuou suas atividades na década de 1970 até ser totalmente incorporado pelo Colégio de Ciências Puras e Aplicadas – CCPA, que foi autorizado a funcionar no ano de 1974. Além de professor de cursinho, João Antônio Moreira (2022) foi aluno do Engequime e se recorda de sua rotina de estudos para o vestibular:

Estudava muito em casa. Estudava no Atheneu pela manhã. Almoçava rápido, estudava até três da tarde, isso sem ser de cursinho. Ia para o campo do 13, voltava às cinco. Voltava para estudar, tomava café, estudava novamente até as nove horas da noite. Isso sem cursinho, no cursinho, pronto acabou a bola, acabou tudo, eu estudava direto. (MOREIRA, 2022).

Os professores fundadores ou foram alunos dos professores pioneiros ou desenvolveram algum tipo de relação social que foi anterior ao convite para atuarem como docentes nos cursinhos. Numa movimentação típica, os alunos que se destacavam em suas áreas/disciplinas quando estudantes universitários e que já haviam despertado a atenção dos pioneiros enquanto vestibulandos eram convidados a lecionar nos cursinhos – uma prática que se repetiu por gerações de professores.

Assim, essas gerações de docentes costumavam ministrar aulas de História – enquanto cursavam Direito ou História; Biologia – enquanto cursavam Biologia, Medicina ou cursos da área da Saúde; Português – enquanto cursavam Letras; Matemática, enquanto cursavam Engenharia ou se destacavam na matéria na prova do vestibular.

Quanto às lembranças dos entrevistados, ao partir do imagético, das cenas de fatos, os de fato ocorridos, elas também se constituem de recortes, de elaborações particulares. A

existência dessas imagens presentes nesses repertórios mentais, na forma em que se revelam, já se configura em uma edição que é particular do entrevistado, numa produção de sentido própria, que emerge como um discurso pessoal, que envolve um coletivo e que precisa dialogar com outros discursos particulares e ser confrontado com outros suportes, outras fontes históricas.

Somente esse confronto indispensável entre fontes de origens distintas pode evitar que a sedutora simplicidade narrativa dispensada pelos agentes ou testemunhas do objeto dite a autenticidade da história. Fatalmente, essas lembranças não são a representação fiel dos fatos rememorados, mas a interpretação pessoal do contador. E muitos são os fatores que cruzam essas histórias – desde o campo afetivo até condições médicas, como o esquecimento decorrente da longa passagem do tempo decorrido dos acontecimentos.

Para garantir, portanto, a cientificidade desse método, tratei de comprovar, sempre que possível, pontos específicos das narrativas entrecruzando dados e informações, também em movimentos trifurcados que envolveram audição-contraposição de fontes-interpretação de dados obtidos. Essa triangulação do discurso, ou crítica de fonte, aproxima-se do exercício que empreendi ao analisar a figura da *estudante*, a personagem que conduz à semiose descrita historicamente nesta tese e que nos trouxe até aqui.

Alberti (2003, p. 6), ao refletir sobre as especificidades da pintura e da literatura no que tange à análise narrativa, destaca:

As narrativas na história oral (e não só elas) se tornam especialmente pregnantes, a ponto de serem “citáveis” quando os acontecimentos no tempo se imobilizam em imagens que nos informam sobre a realidade. É neste momento que as entrevistas nos ensinam algo mais do que uma versão do passado. Nem todas apresentam essas possibilidades, mas quando apresentam, podem se tornar ricos pontos de partida para a análise.

Essa convergência indiciária abordada por Alberti (2003) permitiu a localização de informações relevantes acerca da história da configuração da oferta de cursinhos pré-vestibulares em Sergipe, bem como sobre o preparo dos vestibulandos, os rituais de aula, as rotinas durante os exames, as práticas docentes e a projeção social dos professores de cursinho. Destaco que o interesse por esses temas está afinado com a interpretação da imagem da *estudante* de Jenner Augusto, uma vez que, sendo uma vestibulanda, esses elementos também a forjam.

Isso significa que, ao abordar a história dos cursinhos pré-vestibulares, esta tese situa a representação da *estudante* em um período de aprimoramento da oferta de um ensino demandado pela dificuldade em se acessar uma universidade gratuita e em um momento

histórico de associação entre crescimento econômico e formação de quadros qualificados para o trabalho a partir da obtenção do diploma universitário. Essa percepção da necessidade do diploma levou incontáveis levadas de vestibulandos sergipanos a se matricularem nos cursinhos nos anos 1970.

Populares ou comerciais, o número de cursinhos cresce nos anos 1970 em todo o país após a Reforma de 1968, que determina os vestibulares classificatórios. Porém, isso não atesta a inexistência de cursinhos em Sergipe antes da Reforma Universitária. Embora mais raros do que na década de 1970, os registros nos jornais do início dos anos 1960 apontam para a oferta de cursinhos preparatórios para os vestibulares em Sergipe.

Um desses registros, veiculado no GS de 29 de novembro de 1963 (p. 10), sugere que a SUDENE<sup>69</sup> promovia o acesso de estudantes menos favorecidos a cursinhos pré-vestibulares: “Estão abertos nos diversos colégios oficiais da capital, na Secretaria de Estado da Educação e na Inspeção Secional do Ensino Médio, as inscrições para bolsas de estudos da SUDENE para os cursos pré-vestibulares”.

Esses anúncios descreviam ainda que a SUDENE ofertava bolsas de estudos para cursos pré-vestibulares nas carreiras de Engenharia, Agronomia, Veterinária, Ciências Básicas (Física, Química, Matemática e Biologia), com inscrições feitas em todos os colégios que ofertassem o então secundário, sob alguns requisitos: que o estudante possuísse renda insuficiente para custear os próprios estudos; que tivesse concluído o secundário ou estivesse cursando o terceiro ano ou concluído o segundo. Os inscritos submetiam-se ainda a exames de seleção que abordavam conhecimentos gerais, testes de aptidão e conhecimentos específicos. Essas características apontam que a preparação em questão se enquadra na definição de cursinhos populares descrita por Bacchetto (2003).

Mas os cursinhos divulgados nos jornais não eram apenas os presenciais. Percebendo uma possibilidade mercadológica com a atuação em preparatórios, grandes conglomerados empresariais, a exemplo do grupo Abril<sup>70</sup>, lançaram e anunciaram em impressos seus materiais com aulas à distância: “Chegaram os cursos Abril Vestibular, Ciências Humanas/Ciências Biomédicas/Ciências Exatas. Para levar você a qualquer faculdade do Brasil! Nas bancas, todas as quintas, por apenas Cr\$ 6” (GS, 24/03/1973, p. 7). Aquela também era uma alternativa de acesso a uma parte dos estudantes que não podia pagar por um cursinho.

---

<sup>69</sup> Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, criada em 1959.

<sup>70</sup> A Editora Abril é uma editora brasileira, sediada na cidade de São Paulo, parte integrante do Grupo Abril, conglomerado de mídia brasileiro fundado nos anos 1950.

Figura 36: Propaganda do Curso Abril Vestibular no ano de 1977

# ENTRE NA FACULDADE SEM SAIR DA SUA

## O Curso Abril Vestibular respeita o seu ritmo

Você quer entrar na Faculdade, é claro. Mas você é gente, você tem os seus grilos: de trabalho, de dinheiro, de família, de casa e muitos outros...

Você tem pouco tempo, mas principalmente contratempos.

Os fascículos do CURSO ABRIL VESTIBULAR respeitam o seu ritmo de vida: você estuda quanto puder, como puder e quando puder.

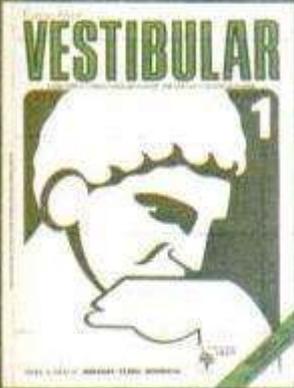
**CONFIRA:**

- Se você trabalha, pode estudar pelos fascículos nas horas vagas.
- Se você tem pouco tempo ou dinheiro para frequentar cursinho, pode estudar pelos fascículos sem sair de casa e gastando pouco...
- Se você frequentar cursinho, os fascículos serão o material de apoio perfeito: uma super-apostila completa (são preparados por professoras "côrtes" dos melhores cursinhos).
- Se você está no Colégio, já pode estudar por eles no "espírito" do vestibular.
- Se hoje você não tem condições para estudar, pode colecionar os fascículos e "marchar" com eles a qualquer momento.
- Em qualquer dos casos acima, se você gosta de sair por aí, curtindo a natureza e os amigos, pode levar os fascículos com você onde for! O CURSO ABRIL VESTIBULAR é portátil!

**OS FASCÍCULOS COMO SÃO?**

- São apenas 40: a coleção começa agora e termina antes dos exames.
- São em bancas todas as semanas.
- Contêm todas as matérias de todos os vestibulares do país.
- Servem para Humanas, Exatas e Biológicas.
- São super atualizados: estão de acordo com as últimas mudanças nos programas finais e provas de redação.
- Contêm testes e exames vestibulares simulados.
- São realmente muito baratos pelo que oferecem: só Cr\$ 15,00 cada um!

**COMECE JÁ A SUA COLEÇÃO. E ENTRE NA FACULDADE SEM POR ISSO DEIXAR DE SER VOCÊ!**



**NAS BANCAS O FASCÍCULO Nº 1**



**GRÁTIS: GUIA DO VESTIBULANDO 77**

YAMAHA

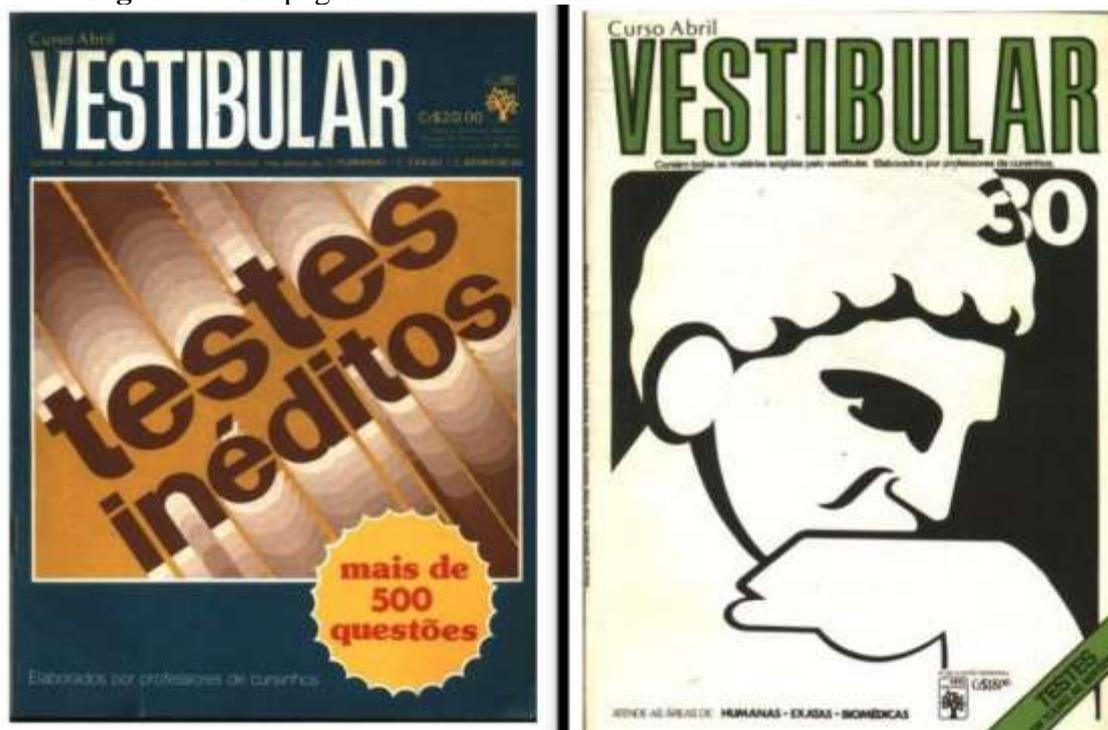
LEVINSON DESIGN

Fonte: anosdourados.blog.br. Disponível em: <http://www.anosdourados.blog.br/2021/06/decada-de-70-imagens-escola-curso-abril.html>. Acesso em: 15 maio 2022.

No sentido do que é a proposta central da existência do ensino de pré-vestibular, o anúncio reporta a uma suposta igualdade de condições no acesso ao Ensino Superior a partir do momento em que o estudante consumisse o material da Editora Abril. Essa solução, contudo, só seria possível a partir do esforço do vestibulando em superar as desiguais condições sociais

que se impunham aos estudantes brasileiros, apresentadas ao longo desta tese. Destarte, essa alternativa se mostrava como uma possibilidade ao estudante que trabalhava durante o dia, que não dispunha de cursos pré-vestibulares em sua cidade, ou até mesmo àqueles que não tinham condições financeiras para pagar total ou parcialmente um cursinho.

**Figura 37:** Propaganda do Curso Abril Vestibular nos anos de 1976-1977



Fonte: anosdourados.blog.br. Disponível em: <http://www.anosdourados.blog.br/2021/06/decada-de-70-imagens-escola-curso-abril.html>. Acesso em: 15 maio 2022.

As análises da publicidade dos jornais impressos do período, bem como as entrevistas, possibilitaram um mapeamento empírico dos cursinhos que estavam na ativa em Sergipe naquele momento. Por não serem obrigatórios os registros em órgãos regulamentadores, não foram encontradas fontes que sugerissem a existência de cursinhos no interior do estado. Além dos cursinhos já citados, de acordo com Alencar (2022), “tinham projeção os cursos CIEX – Coordenado pelo Padre Carvalho, que funcionava no Arquidiocesano e era muito bom, voltado para exatas, e o GCM – Gabinete de Cultura Matemática, coordenado pelo professor Leão Magno Brasil”.

Leão Magno lecionou Matemática no Colégio de Aplicação, à época denominado Ginásio, e no Atheneu Sergipense e, além de fundar o GCM, ensinou e foi diretor no Atheneu Sergipense entre os anos 1970-1980. Lembrado pelos colegas como um professor “linha-

dura”<sup>71</sup>, recrutou alunos que se destacavam em disciplinas nas áreas ofertadas pelo seu curso para que lecionassem enquanto cursavam o Ensino Superior. Dessa forma, além de reunir profissionais reconhecidos, projetava jovens professores no campo da preparação para os vestibulares.

Todos os professores entrevistados foram unânimes em relatar que a forma como o professor Leão Magno Brasil conduziu o GCM contribuiu para que ocorresse uma dissidência de professores daquele curso, o que acabou originando o Curso Visão. Elias Pinho aponta a desorganização financeira do GCM como principal causa para a saída daqueles professores da instituição:

E aí começamos a ensinar, e vem um detalhe: na época, quando você se matriculava num cursinho, você se matriculava individualmente nas matérias. Outro detalhe também, num cursinho pré-vestibular, nós não recebíamos por aula, mas por número de alunos. 60% ficava com o empregador, no caso, Leão Magno Brasil, e 40% conosco. [...]. Aí o que é que acontece: faltava um controle, uma transparência para que nós acompanhássemos naquele mês quem pagou, quem não pagou, era uma confusão. Eu tinha, vamos dizer, 150 alunos, aí o aluno não pagava no dia, contando os atrasos, aí eu tinha 150 e passava a receber 100, porque 50 não pagaram. Como é que eu vou controlar o pagamento dos outros 50? Eu teria que ter lá um olheiro meu para fazer isso. E isso trazia certa insatisfação de ordem financeira, porque era um desequilíbrio muito grande. Havia um descontrole, então essa insatisfação começou a acontecer e passamos a reivindicar, todos os professores, [...] não estou contando aqui que havia falcatrua, apenas que não havia controle, transparência. Não estou aqui fazendo qualquer acusação, mas não havia transparência. (OLIVEIRA, 2022).

Porém, são perceptíveis, na análise desses depoimentos, outros elementos motivadores, como uma necessidade crescente de expandir a oferta de ensino preparatório para o vestibular a partir de uma visão empresarial; além disso, a cosmovisão das possibilidades de crescimento financeiro e projeção intelectual a partir disso contribuiu para que gerações de docentes que iniciavam suas atividades em determinados cursinhos saíssem e abrissem os seus próprios. Outra perspectiva a respeito disso está presente na fala do professor Welington Menezes:

Em 1974, fui convidado para lecionar no GCM, e, chegando lá, já estavam todos esses professores que fundaram comigo o Visão. E a gente lá já queria inovar, mas existiam algumas barreiras que limitavam o nosso trabalho. Eu dei aula em 1974 e 1975 e no final do ano de 75 eu terminei me indispondo com a administração, exatamente por isso, porque a gente queria fazer alguns

<sup>71</sup> Em artigo escrito por Nunes e Aragão (2010), a fama de “linha-dura” do professor Leão Magno é abordada a partir da memória de uma ex-aluna e da exposição de poemas escritos por ele e publicados em jornais sergipanos. Sobre o “duplo sentimento de aproximação e repulsa” provocado pelo professor. Cf.: Nunes; Aragão (2010). Disponível em: [http://educonse.com.br/2010/eixo\\_04/E4-69.pdf](http://educonse.com.br/2010/eixo_04/E4-69.pdf). Acesso em: 25 dez. 2022.

trabalhos diferentes e não encontrava apoio, então eu saí do GCM. (MENEZES, 2022).

Entre os entrevistados por esta tese, é recorrente o uso do termo “estrelas” para adjetivar os professores que alcançavam o status de serem reconhecidos como as referências em sua disciplina, sobretudo por suas práticas docentes inovadoras. Ressalto aqui que a disciplina lecionada muitas vezes não correspondia à formação desses professores, que geralmente lecionavam o componente em que obtiveram as maiores notas e que eram consideradas de maior peso para o vestibular. Esse foi o caso, por exemplo, do professor Elias Pinho, que lecionava História no Visão enquanto cursava Direito, área na qual se formou e passou a atuar na década de 1980.

O fato de serem considerados “estrelas”, ou seja, de maior reconhecimento do que as instituições escolares às quais estavam vinculados, contribuiu sobremaneira para que esses professores transitassem entre diferentes cursinhos e colégios. Esse deslocamento permitiu a construção de relações que foram fundamentais para que o grupo em questão protagonizasse a consolidação do ensino de pré-vestibular em Sergipe.

O professor Romualdo Alencar, de Matemática, que foi aluno do pré-vestibular em 1976 e posteriormente professor do Colégio Visão, ao rememorar o início de sua trajetória em cursinhos, delineia como as relações entre esses professores eram estabelecidas e como diferentes cursinhos, mais ou menos populares, estariam entrelaçados, uma vez que professores atuavam concomitantemente naquelas instituições.

Quando entrei na Universidade Federal, passei a ser professor, comecei a dar aula no Colégio Visão, dei aula no Colégio Pio Décimo [...]. Quando tinha 22 anos, passei a dar aula em cursinho, porque tive um professor, João Antônio Moreira, que era praticamente um amigo de rua. Ele morava na Treze de Julho, e eu também [...]. (ALENCAR, 2022).

O que a fala de Alencar (2022) indica é que essas relações entre professores não eram construídas apenas no ambiente escolar ou nos meios acadêmicos. Não havia um padrão para essas relações que surgiam de interações diversas. No caso de Alencar, um jovem morador de um bairro nobre de Aracaju com o perfil econômico de moradores tão heterogêneo quanto o Treze de Julho, outros fatores foram determinantes para a sua trajetória. Filho de mãe costureira e de pai motorista, Alencar (2022) menciona que, por intermédio do professor João Antônio Moreira, teria recebido uma bolsa de estudos no Colégio Visão.

Esse encontro também foi descrito pelo citado professor:

Romualdo era estudante do Visão. Fomos criados juntos, apesar de ele ser um pouco mais novo do que eu. Tinha um professor do primeiro ano que chegou na minha sala e disse “eu só dou aula por tanto” (querendo aumentar o salário), cheio de pose. Eu pensei, vou pegar Romualdo para cá. Perguntei: “Romualdo, quer dar aula?” Ele disse: “Quero!” Com seis meses de faculdade ele já estava dando aula no Visão. (MOREIRA, 2022).

A passagem relatada acima reforça as análises desta tese sobre a constituição dos espaços de relação entre professores e alunos dos cursinhos, bem como a imediatista atuação empresarial desses professores fundadores, que eram, sobretudo, empresários e arcavam com menores encargos salariais ao contratarem professores que ainda eram estudantes de graduação ou que haviam se destacado nos vestibulares.

O JC de 9 de janeiro de 1976 dedicou a página 7 para informar sobre o vestibular da UFS. Com chamada intitulada “UFS divulga instruções para o vestibular”, a matéria tratava das explicações dadas pelo coordenador da CCCV em entrevista coletiva sobre a rotina do concurso que se iniciaria no dia 11 de janeiro. O texto orientava sobre horário de provas, locais de entrada e saída, materiais liberados para uso, condutas a serem adotadas pelos vestibulandos, suporte médico, pontos de prova, divulgação de gabaritos, entre outros assuntos.

Na página que antecede a matéria, há uma prova simulada de vestibular de Biologia, elaborada pelo professor Roberval Nunes, e um anúncio do Colégio CCPA e do curso Engequime, que originou o Colégio. Além de trazer informações sobre as etapas e modalidades de ensino ofertadas, aparece em destaque o nome do professor Marcos Pinheiro – diretor daquela instituição. Trata-se, portanto, de uma página patrocinada, com espaço vendido ao cursinho anunciante.

A análise da publicidade dos cursinhos trouxe a recorrência de nomes de professores e de instituições que subsidiaram a elaboração de um esquema indicador de possíveis fontes de acesso à história daqueles cursos. Reforço que os cursos Engequime e Visão, na segunda metade dos anos 1970, detinham a maior parte das propagandas relacionadas ao vestibular.

A relação entre os cursinhos e a mídia em geral foi um ponto tratado em todas as entrevistas e no qual houve convergência entre as informações trazidas pelos entrevistados. De acordo com os professores, os cursinhos pagavam por espaços em jornais e em emissoras de rádio e de televisão. Esse aspecto está comprovado a partir do levantamento da recorrência das propagandas de cursinhos nos jornais e das memórias dos radialistas entrevistados Paulo Lacerda e Eron Ribeiro.

Os cursinhos estavam presentes na cobertura dos vestibulares tanto nos meios impressos quanto nos radiofônicos. Durante o ano, com mais intensidade nos períodos que compreendiam a proximidade das provas, a divulgação de resultados e a publicação dos editais, os cursinhos ocupavam a grande mídia para fortalecerem suas divulgações como espaços que permitiam o aprofundamento dos estudos dos potenciais candidatos para a submissão às provas de vestibulares da UFS.

Em 13 de setembro de 1973, o GS noticiou que a UFS havia imprimido os programas e as normas para o vestibular de 1974. A partir daquele momento, os jornais expunham com maior recorrência os conteúdos relacionados à preparação para o vestibular e as notícias que informavam sobre o concurso.

O curso Engequime, por exemplo, organizava, com sua equipe de professores, simulados que eram publicados em destaque, geralmente duas páginas inteiras, contendo as questões e os gabaritos com base nos conteúdos divulgados na ocasião da publicação do edital de vestibular. Cada professor, a partir de sua especialidade, elaborava uma série de questões que eram organizadas e publicadas periodicamente.

Essa prática trazia os jornais a outro patamar, uma vez que deixavam de ser apenas veículos de informação e se tornavam instrumentos pedagógicos. Ao trazerem questões, soluções e explicações, os jornais se davam a serem estudados, configurando-se em um apoio à disposição de um público mais abrangente e que não estaria necessariamente vinculado a qualquer escola, fosse ela preparatória ou não.

Essa conclusão estende-se a outros veículos de comunicação que, assim como os impressos, veiculam programas com foco no apoio ao vestibulando. Nos anos 1970, surgiram programas com aulas rápidas sobre determinadas disciplinas e assuntos, abordando principalmente o que os atuantes no campo dos cursinhos pré-vestibulares chamam de “dicas”. Assim, professores pagos pelos cursinhos tinham um período definido a partir da programação da emissora de rádio ou televisão e de quanto o cursinho investiu por aquele tempo.

Geralmente, esses programas ocorriam em horários predeterminados, como no caso do rádio, e os professores, após uma explicação direta sobre o conteúdo em destaque, enfatizavam pontos que julgavam serem os de interesse da comissão que elaborava as provas. A partir de então, resolviam questões e tiravam dúvidas do público quando os programas permitiam interações.

De acordo com Lacerda (2022), a abordagem sobre o vestibular da UFS se intensificava no mês que antecedia as provas:

Como o vestibular ocorria apenas no final do ano, a gente, no mês do vestibular, a gente fazia um programa chamado Panorama do Vestibular. Na verdade, o Panorama do Vestibular, que era considerado o Jornal Nacional na época do vestibular, a gente apresentava diariamente, das 18h às 19h. Essas dicas e informações eram passadas por professores. (LACERDA, 2022).

Paulo Lacerda é um comunicador sergipano que tem desempenhado suas atividades no rádio há 55 (cinquenta e cinco) anos. Destes, durante 37 (trinta e sete) esteve atrelado à Rádio Jornal, emissora referência na cobertura radiofônica do vestibular da UFS. Formado em Comunicação Social, é o dono da voz que anunciava os aprovados no tão aguardado dia de divulgação dos resultados da seleção para a UFS.

Quem, pelo menos até o início dos anos 2000, não tinha pleno acesso à rede mundial de computadores, ouvia nas ondas do rádio as informações sobre os aprovados no vestibular da UFS, ou vencedores da “Guerra dos Cinco Dias” – apelido dado ao vestibular pelos jornais. Essa afirmação não desconsidera a pluralidade de realidades existentes no Brasil, nem em nosso Nordeste, tampouco em Sergipe, mas parte da compreensão de que hoje, de alguma forma, os candidatos tenham mais acesso às informações, ao menos por intermédio de sua escola de origem.

Esperar a chamada de aprovados, curso a curso, nome por nome, consistia em um exercício de autocontrole e paciência em um momento de extrema expectativa para os vestibulandos e seu círculo social. Tratava-se de uma verdadeira maratona que, se fosse percorrida na frequência da AM Jornal 540, por exemplo, contava com a trilha sonora “O Pequeno Burguês” – canção de Martinho da Vila, que era executada à exaustão:

Felicidade!  
 Passei no vestibular,  
 Mas a Faculdade  
 É particular.  
 É particular!  
 Ela é particular.  
 Particular!  
 Ela é particular.  
 (Martinho da Vila, 1969).

Os versos de “O Pequeno Burguês” embalaram milhares de histórias de vestibulares da UFS. Na canção, o personagem central é aprovado no vestibular de uma faculdade particular e narra sua saga para chegar à formatura, com destaque para as dificuldades enfrentadas a partir de uma desfavorecida condição financeira, que não se reverte após a conclusão do curso, mas que é interpretada socialmente como ascensão social e econômica. Ressalto que a UFS é uma

instituição pública, gratuita, mas a escolha da música em questão, bem como sua ampla difusão pela emissora de rádio, a tornou uma parte fundamental do momento de divulgação dos resultados dos vestibulares da UFS.

Tanto os professores quanto os radialistas ouvidos durante esta pesquisa indicaram que os cursinhos compravam espaços nos mais populares veículos de comunicação, com a finalidade de expor sua abordagem preparatória, a capacidade de seus corpos docentes, os resultados obtidos pelos alunos aprovados nos vestibulares e as vantagens que teriam os candidatos oriundos de pré-vestibulares sobre aqueles que não estudavam nos cursinhos.

Dessa forma, sobretudo a partir da segunda metade da década de 1970, surgiram nas rádios programas com revisões e dicas para vestibulandos, além de soluções de questões enviadas pelo público. Os professores dos cursinhos elaboravam aulas especiais que ocorriam ao vivo e abordavam as áreas do conhecimento que eram ofertadas por esses cursinhos.

A audiência era muito boa! Naquela época, a televisão não tinha uma penetração como tem hoje. Não existiam as redes sociais, 1970, por aí. Então o rádio era o maior veículo, era o maior fator, e ainda é, eu acho, de comunicação entre os povos. O rádio fazia de tudo. Facilidade na instantaneidade, telefonemas [...]. (LACERDA, 2022).

Embora o rádio estivesse durante todo o ano, mais ainda no segundo semestre, envolvido com a cobertura do vestibular, era na semana da divulgação dos resultados que as atividades se intensificavam. Não somente as horas lendo as listas de aprovados ao vivo, mas toda a preparação era acompanhada pelo rádio.

O nosso acompanhamento era geral e feito desde as inscrições das provas até a cobertura paralela, com o apoio dos cursinhos. Eu começo nisso já nos anos 1980, mas convivi com pessoas que iniciaram esse processo que era quase um ritual desde o princípio, nos anos 1970, quando Paulo Lacerda já estava. No dia das provas, chegávamos cedinho nos locais, antes das 6h da manhã já estávamos lá, ouvindo estudantes, seus acompanhantes, seus amigos. [...]. Ouvíamos os professores de cursinhos especialistas na área, por exemplo quando era uma prova de Redação, divulgávamos o tema da redação, conversávamos sobre isso (RIBEIRO, 2022).

Embora o trabalho de Eron Ribeiro esteja situado após o marco temporal desta pesquisa, sua presença entre os entrevistados se justifica pela natureza de sua atividade durante a cobertura do vestibular, distinta da de Paulo Lacerda, que, dentre outras coisas, anunciava os aprovados. Eron Ribeiro era conhecido como o “Repórter do Vestibular”, e seu papel era fora do estúdio, percorrendo todos os espaços possíveis onde o processo do vestibular se dava, desde

o CCCV/UFS à reitoria, onde eram anunciados os primeiros colocados e feita uma coletiva de imprensa para que fosse divulgada uma espécie de retrospectiva de todo o processo. Assim sendo, suas memórias contribuem para formar o panorama aqui descrito.

Fazia parte desse trabalho, considerado “muito completo” por ambos os radialistas entrevistados, ofertar apoio aos estudantes para além da abordagem pedagógica da cobertura radiofônica. De acordo com Ribeiro (2022), era comum, por exemplo, que a equipe da emissora citada entrevistasse médicos nos dias anteriores às provas; eles orientavam sobre a alimentação, o relaxamento, a questão do sono, entre outros assuntos que poderiam contribuir para um melhor desempenho do vestibulando.

No dia das provas, a cobertura começava muito cedo. As provas geralmente aconteciam entre 8h e meio-dia. Depois tinha a divulgação dos gabaritos, que geralmente acontecia às 14h. Eu já me dirigia ao CCV e já fazia a chamada no local para segurar a audiência até o horário. Dava o gabarito, o desvio padrão de cada prova, a média... depois ainda ouvia o coordenador do CCV, que fazia um balanço diário do processo. (RIBEIRO, 2022).

No dia da divulgação dos resultados, o trabalho também começava cedo, e, por isso, era necessário desenvolver estratégias que resultassem na permanência da audiência. Lacerda (2022) rememora que, para começar a divulgar os nomes,

A gente dependia da liberação da reitoria da Universidade Federal de Sergipe do resultado. Mas normalmente algumas emissoras, e era o caso da minha, a gente entrava logo cedo divulgando e chamando atenção “olha, daqui a pouco, o resultado...” Pegávamos papéis e balançávamos nas mãos fazendo barulho para dizer que era o resultado que já estava em nossas mãos, mas que a gente não tinha autorização para divulgar. Não era verdade! Isso era uma forma de atrair, de prender o público estudantil na nossa emissora. Havia entendimento que os cursos de Direito, Medicina e Odontologia eram os mais procurados. Havia sempre essa expectativa pelo resultado. (LACERDA, 2022).

Naquele formato era possível calcular as concorrências dos cursos, e essas concorrências eram divulgadas após o período de inscrições, depois de calculado o número de inscritos especificamente para um curso dividido pelo número de vagas ofertadas. Os cursos mais concorridos demandavam, portanto, uma divulgação mais intensa, envolvendo maior suspense por parte das equipes de transmissão. Ainda sobre o intenso dia de divulgação do resultado final, que coroa o trabalho de um ano inteiro, Lacerda (2022) recorda que a sensação era de dever cumprido. Quando lembra sua atuação na cobertura jornalística dos vestibulares, considera:

Era maravilhoso, viu?! Maravilhoso. Porque a gente se sentia bem de servir e de ver a felicidade estampada na face do aluno, do aprovado, e, lamentavelmente, a tristeza na grande maioria dos participantes do vestibular. Era algo diferente. Era um espetáculo, digamos assim, se fosse espetáculo, anual, que a gente tinha o maior prazer de divulgar, que era o vestibular. Naquela época não existia o ENEM, e nós procurávamos sempre bem informar a opinião pública através da divulgação de notícias etc. Era maravilhoso fazer a cobertura do vestibular. Hoje isso não existe mais, com o ENEM, a coisa mudou, o panorama ficou bem diferente. Mas era maravilhoso você divulgar o vestibular e ver na face de cada um que era aprovado, estampada a alegria e a felicidade, e lamentar aqueles que não eram aprovados. Enfim, era, sobretudo, uma comunicação muito maravilhosa essa cobertura do vestibular, com o apoio inclusive dos diversos Cursos Visão, Unificado, Veja. Muito bom, muito bacana, e às vezes dá saudade no âmago da gente daquela expectativa pelo vestibular. A sensação de prestar serviço à sociedade. Hoje tenho 73 anos de idade, 55 de comunicação, passei por todas as emissoras de rádio daqui de Aracaju. Trabalhei em todas elas indistintamente, fazendo do rádio um instrumento do meu prazer. (LACERDA, 2022).

Após ouvir os radialistas entrevistados e analisar suas lembranças, considero que aqueles tinham menos consciência histórica de seus papéis do que os professores de cursinhos. As naturezas das lembranças são distintas, e, enquanto o grupo de professores reforça seu espírito e sua atuação vanguardistas, os radialistas reforçam o trabalho em equipe, ressaltando inclusive que a cobertura e o apoio dado por outras emissoras de rádio resultavam na qualidade do serviço ofertado, e destacavam o prazer de servir à sociedade. Considero, portanto, que a condição intelectual experimentada pelos professores diferenciava sua representação social e que o caráter técnico do serviço prestado pelos radialistas contribuiu para que se vissem como servidores do público ouvinte.

Assim como os jornais, o rádio foi fundamental para aproximar o vestibular do público, e seus personagens também se tornaram agentes fundamentais para a salvaguarda dessas histórias, sobretudo diante da perda dos acervos radiofônicos. A expectativa pelos resultados existia tanto para os leitores de jornais quanto para os ouvintes das rádios, e ela começava desde o término das provas do último dia de vestibular.

No calor do sol mais quente, o desfilar dos vestibulandos 74... o ir e vir rotineiro, a discussão dos gabaritos, a guerra de nervos, as vagas resumidas, a concorrência cada vez maior... hoje é o dia final... o dia em que se falará bem alto: “a sorte está lançada”... A partir de hoje, a guerra da espera e a esperança de se ser, finalmente, universitário.

Lania Duarte, *Gazeta de Sergipe*, 10/01/1974.

A correção diária das provas resultava na desistência de vestibulandos que não alcançavam a pontuação necessária nas disciplinas. De acordo com os professores

entrevistados, isso causava bastante tensão entre os alunos, sobretudo nos que pleiteavam vagas nos cursos mais concorridos. Não passar no vestibular da UFS nos anos 1970 significava tentar por pelo menos mais um ano, uma vez que o acesso ao Ensino Superior privado era restrito tanto no aspecto financeiro quanto no relacionado a faculdades, cursos e vagas disponíveis.

Após as provas realizadas, era grande a expectativa pelo resultado do vestibular. Naquele período, o método de contagem de pontuação, atribuindo maior peso a determinadas disciplinas correspondentes às áreas dos cursos escolhidos, permitia aos cursinhos pré-vestibulares simular aprovações, reprovações, pontuações de corte, projeções de números de aprovados etc.

Esse dado trazido pelos entrevistados demonstra como, durante muito tempo, pelo menos até a adoção massiva do ENEM como meio de acesso ao Ensino Superior, as instituições escolares preparatórias privadas, por sua expertise, detinham o controle do desenrolar do processo. Esse conhecimento era, sobretudo, matemático e estava ligado ao domínio das condições publicadas nos editais dos processos seletivos, das fórmulas que calculavam os pesos, da intercomunicação entre cursinhos e do acompanhamento estratégico dos vestibulandos que se destacavam nos simulados.

A gente já sabia os alunos que seriam aprovados, a gente já tinha isso. Porque nós fazíamos simulados muito próximos ou exatamente no mesmo nível do vestibular da universidade. E esses simulados nós corrigíamos aplicando parte da fórmula que era usada para a classificação. Nós usávamos o desvio padrão. Nós usávamos um cálculo que resultava num fator que era multiplicado pela pontuação que o aluno fazia. Tudo isso à mão. Fazíamos na maquininha. Tudo muito próximo ao cálculo da universidade. Resultado: nós tínhamos a expectativa. A gente sabia: esse vai passar, esse não vai passar. A gente sabia. (MENEZES, 2022).

O cálculo ao qual o professor se refere era explicado nas normas gerais disponibilizadas pela CCCV. O caderno de 79, por exemplo, fundamentou e explicou como a pontuação dos candidatos era calculada:

A padronização das notas de cada prova além de permitir que a posição relativa do candidato, de acordo com a sua média final, venha refletir na sua classificação em cada prova, permitirá ainda que a importância relativa de cada prova, na classificação final, dependa exclusivamente dos pesos que lhe são atribuídos [...]. Para cálculo da nota padronizada, o computador desenvolve as seguintes operações: 1- Inicialmente, calcula-se o desvio padrão, que é um parâmetro que mede o afastamento dos graus obtidos pelos candidatos em relação à média da prova. Este cálculo é efetuado da seguinte maneira: a) soma-se as notas de todos os candidatos em uma prova e o total é dividido pelo número de candidatos, obtendo-se assim a média da prova. b)

calcula-se então, a diferença entre a nota de cada candidato e a média da prova, elevando-se todas as diferenças ao quadrado. c) todos os quadrados dessa diferença são somados dividindo-se, depois, o valor da soma pelo número de candidatos menos 1. d) extrai-se a raiz quadrada desse resultando, obtendo-se, assim, o desvio padrão. (Caderno de Normas Gerais do Vestibular da UFS de 1979).

A transparência ao publicar as formas de se atingir o resultado favorecia o acerto das previsões estatísticas e permitia aos cursinhos antever determinadas situações. No caso dos vestibulandos que conseguiam a excedência com uma pontuação muito próxima da aprovação em cursos tradicionalmente mais concorridos, a exemplo de Medicina, Direito ou Engenharias, muitas vezes essa condição, da não aprovação, era projetada já no término do certame, quando os professores se reuniam para fazer as análises e compartilhavam os resultados. Para esses vestibulandos, geralmente eram garantidas bolsas de estudos para que, no ano seguinte, após preparação intensa, em caso de aprovação seus nomes fossem vinculados ao curso preparatório e divulgados como um resultado de sucesso. De acordo com os entrevistados, a festa ou a tristeza começavam naquele momento, e a função dos professores era de atender a todos.

Os pais nos procuravam para saber da pontuação, pois confiavam muito em nosso trabalho. Nós dizíamos a verdade. [...]. Se estivesse abaixo da pontuação, a gente dizia também, mas pedia “agora, o senhor não pode dizer a ele. Tem que estimular. Se ele não passar este ano tem o ano que vem. Vestibular é feito carnaval, todo ano tem.” (MENEZES, 2022).

Falando em carnaval, nessa época também surgem as festas públicas, de rua, em comemoração às aprovações no vestibular da UFS. No caso do Curso Visão, os professores reportam que, assim que o resultado era divulgado, a grande movimentação, que àquela altura havia começado cedo na escola, tomava as ruas da capital. Assim, as festas de comemoração dos aprovados adquiriram uma dimensão maior que o esperado, o que fez com que precisassem de apoio dos órgãos de trânsito e de segurança pública, por exemplo.

O Curso Visão contratava trios elétricos que percorriam anualmente ruas do Centro, Bairro Treze de Julho, chegando até a orla de Atalaia. Acompanhavam o cortejo estudantes aprovados, professores, familiares, amigos e quem mais quisesse se juntar. Aquelas grandes ações comemorativas, assim como as revisões finais, se configuravam também em uma grande propaganda viva da alta capacidade de aprovação alcançada pelos cursinhos pré-vestibulares no período.

#### 4.1 PRÁTICAS DOCENTES: A LIBERDADE PARA OUSAR

O fato de não serem instituições oficiais de ensino favoreceu para que os professores adotassem modelos de aula heterogêneos e com dinâmicas distintas das aulas em escolas convencionais. Na estrutura dos cursinhos analisados no período, o vestibulando poderia optar por se matricular nas disciplinas em que possuía desempenho crítico ou que desejasse aprimorar para se submeter ao vestibular. Isso contribuiu para que em um mesmo cursinho os professores adotassem técnicas individuais distintas, o que fazia com que cada aula tivesse características próprias.

Além das aulas não limitadas à prática expositiva, a existência dos cursinhos movimentou também a cultura material daquelas instituições. Nesse sentido, o professor Marcos Pinheiro, do Engequime, é destacado como referência. De acordo com os professores ouvidos, no Engequime existiam materiais que contribuíam para que as aulas de Exatas fossem mais dinâmicas, e isso colaborava sobremaneira para o sucesso dos estudantes no vestibular.

Isso pode ser percebido no texto do anúncio que divulgava o Engequime com as inovações para o ano de 1973:

Antes de matricular-se num curso qualquer, converse conosco. De antemão afirmamos que somos:

- o único completamente apostilado e com tabela de bolso;
- o único com aulas complementares experimentais e audiovisuais de todas as matérias;
- o único com Química Orgânica através de “FRAMEWORK MOLECULAR MODELS” à disposição do aluno;
- o único 24 horas aberto ao estudante para turnos de estudo;
- o único com intercâmbio com quatro outros cursos do país; (JC, 12/01/1973, p. 12).

Além de adotar materiais diferenciados em suas aulas, o Engequime também foi pioneiro nas divulgações nos anos 1970 com massiva propaganda nos jornais impressos, sobretudo no *Jornal da Cidade*, no qual o cursinho patrocinou inúmeras publicações de notícias, atrelando sua marca às divulgações dos vestibulares da UFS e publicizando a qualidade de seu ensino, durante o ano de preparação, por meio da publicação de simulados elaborados pelos seus professores.

Ao abrir esse caminho, o Engequime inspirou, por exemplo, alguns dos docentes que posteriormente, ao saírem do GCM, fundaram o Curso Visão. Aquele era um grupo jovem que também buscou ir além das práticas. Sobre isso, o professor Wellington Menezes rememora:

Mas a inovação não para por aí. No segundo ano de funcionamento do cursinho, começamos a imprimir em gráfica offset. Mas o custo era muito alto. Estava sendo lançada uma offset de mesa, que estava servindo a cursinhos do Sul e chegou na Bahia. Eu fiquei sabendo e pedi o contato para vir um vendedor aqui e comprei essa offset. Foi o primeiro cursinho, o primeiro colégio, na área de educação a possuir. Essa era uma grande inovação. Aracaju pequena, e o Visão tinha uma offset. Nós éramos na época procurados até por políticos para imprimir santinhos [...]. A gente procurava inovar em todos os aspectos e ficar atualizadíssimos, cada professor em suas disciplinas. (MENEZES, 2022).

Todos os professores entrevistados ressaltaram o espírito de inovação empreendido no Curso Visão. De acordo com Alencar (2022), a proposta do curso era lecionar de maneira inovadora, e as práticas adotadas pelos professores e permitidas pelo cursinho contribuíram para que profissionais de outros estados viessem para Sergipe estudar as técnicas dos professores fundadores.

As práticas de ensino adotadas pelos professores fundadores nos anos 1970 serviram de referência didática para gerações posteriores, inclusive nos dias atuais. Os relatos dos entrevistados estão impregnados de informações que permitem dimensionar essas histórias. Sobre práticas, o professor João Antônio Moreira recordou emocionado:

No último congresso do Educar em São Paulo, pelo que disseram, o professor hoje tem que voltar àquilo que a gente fazia antigamente. A aula do professor João Costa, de Português, era uma aula de teatro (eu estou chorando aqui). Chegavam 350 alunos, ele entrava, sentava, colocava um poema e começava... penteava o cabelo e começava. Depois rolava em sala de aula. Era emocionante, você choraria, sem brincadeira. O professor Elias, de História, eu dizia ‘professor, o senhor vai dar aula?’ ele respondia ‘não. Hoje estou inspirado. Hoje vou dar uma palestra’. Eu, se fosse dar aula das 19h às 20h30, eu esperava mais uma meia hora para entrar, porque eu não conseguia entrar porque ele estava lá empolgado, não me via, e os alunos também não queriam que ele saísse. (MOREIRA, 2022).

A recordação trazida pelo professor João Antônio Moreira descreve práticas ligadas ao cotidiano dos cursinhos, e seu depoimento corrobora o de todos os entrevistados. Embora isso não signifique que todas as aulas, diariamente, eram ofertadas dessa forma, ela ilustra a liberdade para diversificar as práticas docentes tão enfatizadas por esses professores e que seria uma característica fundamental para as didáticas empreendidas no ensino convencional. Ainda de acordo com o professor, as práticas eram planejadas de modo a contemplarem, de maneiras distintas, assuntos que foram abordados no ensino convencional: “seria um complemento. Eu teria que catar e procurar coisas que o professor não deu pelo dia para eu falar à noite”. (MOREIRA, 2022).

Outros aspectos ligados ao que esse grupo de professores classifica como inovação nas práticas dos docentes de cursinhos se referem à estrutura das revisões finais nas duas semanas anteriores aos vestibulares, à ocupação dos espaços na mídia para a elucidação de dúvidas dos vestibulandos e ao uso de faixas para divulgar os aprovados no vestibular da UFS.

As aulas-show descritas pelos entrevistados eram as revisões finais, ou seja, aquelas mais próximas da realização do vestibular, que tinham como objetivo revisar de maneira geral os conteúdos que foram abordados durante o ano de preparação. Nessas aulas, de modo mais despojado que o convencional, os professores utilizavam-se de estratégias de atração dos vestibulandos primeiro para garantir sua presença, segundo para garantir sua atenção. Essas aulas-show movimentavam todo o entorno dos locais onde aconteciam, atraíam milhares de vestibulandos e causavam furor na cidade.

Dentre as estratégias citadas pelos professores estavam o uso de fantasias, música, palco central, equipamentos e efeitos especiais, entre outras. Essas iniciativas não diferem muito do que acontece na atualidade nas grandes revisões finais para o ENEM que são organizadas pelo Programa de Pré-Vestibular da SEDUC, o PREUNI. Nessas revisões anuais, os professores se valem desses artifícios para lançar ao público os pontos que consideram mais relevantes e possíveis de serem abordados no exame, de modo a proporcionarem a fixação dos conteúdos por meio da ludicidade ou dos estímulos sensoriais.

Lançamos nos anos 1970 o curso das Dicas, os simulados frequentes e uma coisa que era um sucesso total, que foi o que nós chamamos de dobradinha. Era uma aula que começava às 8h da manhã e terminava às 5h da manhã do outro dia na praia de Atalaia. O curso das dicas era um momento onde a gente só tocava nos pontos cruciais das matérias. Em algumas dobradinhas, aconteciam algumas coisas. Alguns professores entravam fantasiados, e aquilo ali já chamava a atenção dos alunos. Depois de um tempo, comecei a pensar que elas funcionavam mais como propagado, porque o aproveitamento... ninguém consegue, mesmo porque você precisa dormir para aprender. (MENEZES, 2022).

É perceptível – e as lembranças dos professores convergem para essa conclusão – que as práticas diferenciadas, tanto cotidianamente quanto nessas revisões, tinham alguns outros motes além daquele que era proporcionar a experiência e a aprovação dos estudantes na UFS. Essa projeção proporcionava aos professores-estrelas uma grande visibilidade, e a repercussão de suas práticas e de seu conhecimento atraía um grande número de matrículas de vestibulandos interessados em cursar suas matérias específicas. Conseqüentemente, os cursinhos aos quais estiveram vinculados ou dos quais foram proprietários lucravam financeiramente com isso.

Eram as estrelas, porque professor de cursinho, pelo menos na época, não acompanhei depois, eram verdadeiras estrelas. Quando você ia para um palco... Eu dei aula, por exemplo, eu e outros, no Ginásio Charles Moritz. Com um microfone que foi moda, o primeiro microfone sem fio do estado, foi o Visão que comprou. Um pop star num estádio! Uma vez foi no Constâncio. (OLIVEIRA, 2022).

Um dos pontos que proporcionavam uma boa repercussão entre vestibulandos era a capacidade de o professor de cursinho antever e acertar questões e/ou assuntos que seriam abordados no vestibular durante essas revisões. Após as provas, esse era um importante ponto de divulgação do trabalho daqueles profissionais entre os próprios docentes e entre as comunidades de vestibulandos.

Além das aulas com características não convencionais, cursinhos de maior projeção, a exemplo do Curso Visão e do Curso Unificado, já no início dos anos 1980, compravam espaços na programação de alguns canais de televisão locais para veicular programas curtos ou propagandas nos intervalos comerciais, abordando as chamadas “dicas”, conteúdos resumidos em frases ou fórmulas objetivas e fáceis de serem assimiladas, geralmente resolvendo e explicando questões específicas de vestibulares anteriores ou elaboradas pelos seus docentes. Os depoimentos transcritos a seguir permitem a percepção de como isso ocorria, bem como sua repercussão:

Naquela época, a televisão tinha outra influência, mas a gente tinha muito espaço. Nos jornais, a gente, toda quinta-feira, publicava uma página chamada “Educação”. E o que era isso? Você fazia provas de matemática, na outra semana publicávamos o resultado comentado, então os alunos se interessavam. (MOREIRA, 2022).

Essa prática de publicar informações sobre as provas e simulações nos jornais impressos transformando-os também em ferramenta pedagógica, como discutido no capítulo anterior desta tese, não é uma inovação dos professores do Curso Visão, uma vez que, nos anos de 1972 e 1973, foram encontrados registros de provas elaboradas por grupos de professores do Curso Engequime, na área de Exatas, contendo gabaritos e explicações de questões. Porém, percebe-se que durante muito tempo os jornais configuraram esse espaço de comunicação entre os cursinhos e os vestibulandos que não estavam vinculados a nenhuma instituição preparatória.

A relação dos cursinhos com os meios de comunicação de massa também foi destacada pelo professor Elias Pinho:

Nós éramos um dos maiores patrocinadores de televisão, da TV Sergipe éramos nós! Propaganda massificada. Para você ter uma ideia, no curso das dicas, no final do ano, nós dávamos aula, naquele tempo ali da parte de esportes [...]. A TV Sergipe ainda hoje é a mais vista. Você dá uma entrevista de um minuto, todos dizem ‘te vi ontem, te vi ontem’, com todo respeito às outras TVs, mas estou dizendo no real. Quando você dá nas outras, eventualmente alguém comenta ‘te vi’. Então a propaganda era massificada no auge do Visão. (OLIVEIRA, 2022).

O espaço na programação das emissoras locais comprados pelo Curso Visão também foi destacado pelo professor João Antônio Moreira:

Na televisão, do mesmo jeito, a gente comprava o Globo Esporte, de 12h45, o local. Aí a gente entrava. E o mais interessante é que a gente saía dali, como a televisão tinha representatividade, aí diziam “olha, eu já vi esse moço aqui, ele trabalha na Globo!” Aí já inventavam que eu era de novela [...]. (MOREIRA, 2022).

Toda essa exposição gerava visibilidade, e é preciso destacar que essas histórias ocorreram enquanto a ditadura militar estava em vigência no Brasil. Naquele período, a vigilância militar recaiu também sobre os cenários educacionais, e muitas vezes profissionais e instituições dessa natureza estiveram sob a mira dos agentes militares. Quando provocados sobre a atuação docente durante o período militar, os professores trouxeram memórias dolorosas de profissionais que sentiram na pele a força da repressão.

Provavelmente, não somente a atuação desses professores no campo educacional tenha sido motivo de atenção dos militares. O professor Elias Pinho, por exemplo, que foi presidente da ala jovem do MDB<sup>72</sup> nos anos 1970, recorda:

Em 19 de fevereiro, 1976, em pleno auge da matrícula, eu fui preso político. Porque eu era presidente da ala jovem do MDB. Eu fui preso nesse período do auge das matrículas. Preso não: sequestrado, porque não tinha mandado judicial, fui sequestrado e passei oito dias, não conseguiram prova de que eu era do partido comunista, que não fui. Fui tentado pelos comunistas que me convidaram, eu declinei, porém fui apoiado por eles para chegar à presidência da Ala Jovem do MDB, disputando com Bosco Mendonça. (OLIVEIRA, 2022).

O relatório da Comissão Estadual da Verdade aponta que Elias Pinho de fato não foi processado, mas foi observado, investigado e preso justamente durante o período de

---

<sup>72</sup> O Movimento Democrático Brasileiro – MDB é estudado em Sergipe por Nascimento (2019).

organização e início das atividades no Curso Visão. Após sua soltura, foi surpreendido pela atitude de seus colegas de instituição:

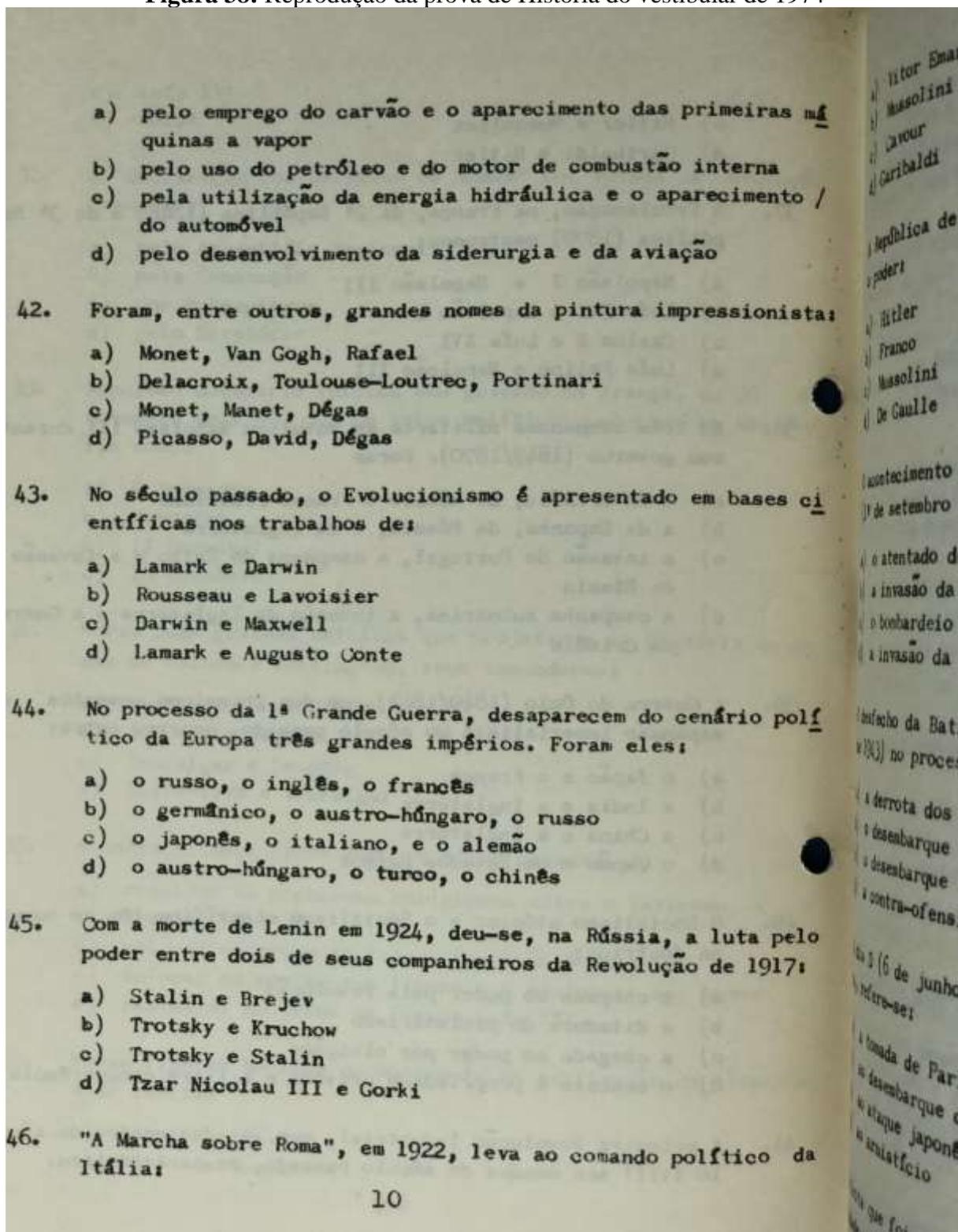
Fui preso político e passei oito dias e aqui faço o registro com muita dignidade de meus colegas sócios que poderiam naquele momento me excluir da sociedade, porque ter um subversivo não era bom para os negócios, para no futuro criar o colégio e aprovar; se você tinha um subversivo, você não ia aprovar nada, fora as outras coisas. Eu perdi três empregos como professor porque as empresas não queriam me receber. Segundo eles, eu era um grande professor, porém eles tinham receio de serem perseguidos, e com razão! **Seriam perseguidos.** [...]. Os meus colegas nunca sugeriram minha saída, pelo contrário, no dia em que eu saí da prisão, eu, que gostava de participar dos carnavais da Bahia, eles, condignamente, tinham já uma quantia razoável de matrículas, eles dividiram de igual para igual comigo. Nunca esqueço disso, no dia da Comissão da Verdade, quando me lembrei desse fato, chorei na TV Cultura e no Museu da Gente Sergipana que a gente deu o depoimento... a emoção. Os caras foram muito dignos. (OLIVEIRA, 2022, grifo meu).

A observação feita na fala do professor Elias Pinho contribui para o entendimento de que instituições escolares de diversas naturezas estavam sob a mira do regime. Isso porque existem estudos contundentes sobre a ditadura militar e o ensino em universidades, mas o mesmo não se repete no que tange à Educação Básica ou aos pré-vestibulares. Porém, a escassez de estudos centrados na vigilância do período militar fora dos espaços educacionais de nível superior não quer dizer que ela não ocorria.

Ressalte-se, portanto, que, apesar do complexo contexto político do período em questão, diversos agentes educacionais devem ser reconhecidos pela firmeza em exercer sua profissão sem se deixar intimidar. Assuntos relacionados ao conhecimento de distintos modelos econômicos ou sociais se mantinham nos programas de ensino e foram abordados no vestibular da UFS. Para o vestibular de 1973, por exemplo, o caderno de normas e programas publicou os seguintes pontos de História Geral: “O aparecimento dos ideais socialistas” e “O surgimento do comunismo, do fascismo e do nazismo”.

No caso da comissão examinadora da prova de História do ano de 1974, ainda que o pretexto da ameaça comunista ou dos perigos do socialismo justificassem, para uma parte representativa da sociedade, qualquer atitude repressiva, os membros daquela comissão inseriram perguntas sobre a Revolução Russa de 1917 nas provas do vestibular de História.

Figura 38: Reprodução da prova de História do vestibular de 1974



Fonte: Reprodução fotográfica do caderno da prova de História de 1974.

Uma vez que os assuntos estavam presentes nas provas, precisavam ser abordados e trabalhados em sala de aula. O professor Elias Pinho, após sua prisão, revelou que determinados assuntos eram explicados de maneira mais atenta, pois ele preferia evitar qualquer deslize.

No meu caso específico, como eu tinha sido um preso político, professor e ao mesmo tempo pequeno empresário, tinha interesse em não prejudicar a minha empresa. Tinha perdido os três empregos por causa da prisão como subversivo, eu chegar todos os dias na aula... se houvesse uma pergunta direcionada etc., eu teria que responder “não vivemos uma democracia plena”. (OLIVEIRA, 2022).

Ao ser provocado sobre a prisão do professor Elias Pinho, o professor Wellington Menezes apresentou memórias sobre a mobilização dos professores do Curso Visão para oferecer apoio ao colega preso, bem como à sua família. Alguns professores haviam experimentado a situação de ter o Exército em sua vigilância e por isso compreenderam a violência sofrida pelo colega.

Nós tomamos como surpresa quando soubemos que ele foi preso. Fomos até a casa da mãe dele para dar nosso apoio. E nesse grupo tinha um membro que tinha participado de todos os movimentos estudantis lá no ano de 1968, o ano que não terminou. E que tinha estudado no Atheneu e fazia parte das lideranças dos movimentos estudantis daquele ano. Então não podia deixar o colega lá, ainda que não tivesse mais nenhuma participação em movimento político, mas entendia. E que quase também tinha sido preso em 68. Teve com um “jipão” do Exército na porta da casa, e ele olhando, mais ou menos de uns 50 metros de distância, escondido atrás de um carro, olhando pra ver se [...] era a minha casa, fui eu. E eu descobri, no último movimento em que participei, já no movimento universitário, que os universitários jogavam muito os secundaristas no fogo, porque normalmente eram menores de idade. Naquele ano, descobri que o Exército estava vindo prender uma liderança e movimenteí para escondê-lo. Quando foi à noite, voltando pra casa, passa por mim o jipe do Exército. Eles olhando os números da casa. Me viram, mas não me conheciam. Eles disseram, e eu ouvi, ‘tá perto, mas é do lado de lá que é ímpar’. Parei e me escondi atrás da carroceria de uma caminhonete e fiquei olhando. Eles pararam na minha porta e invadiram, porque não pediam [...] fiquei olhando a cena toda escondido até eles passarem. (MENEZES, 2022).

O episódio ocorrido com o professor Wellington Menezes demonstra que, durante o período de repressão militar, nem as pessoas que antipatizavam com a esquerda eram poupadas. Durante a entrevista, o professor Wellington fez questão de enfatizar que, embora tivesse crescido em um lar composto por pessoas que considera politizadas, que nunca foram “esquerdistas” (MENEZES, 2022), ele também afirma nunca ter sido de esquerda ou comunista. Outrossim, conta que a ideologia não pesava na escolha de suas relações e busca provar esse

posicionamento por meio do exemplo de sua relação com o ex-Governador do Estado de Sergipe Marcelo Déda Chagas<sup>73</sup>.

Marcelo Déda, quando entrou na universidade, bateu em várias portas para ensinar, ele queria ensinar OSPB, na época seria um dos primeiros empregos dele. Ele dizia sempre que tinha minha assinatura na carteira dele. Ele disse à minha filha e disse discursando várias vezes. Ele batia em todas as portas, e todo mundo fechava as portas, porque ele era esquerdista e tinha sido preso. Eu soube disso na sala dos professores, quando ouvi, disse: ‘diga a ele que venha aqui!’. Dei todas as turmas de OSPB do Visão para ele, e ele dava um show! Era um orador espetacular. (MENEZES, 2022).

Retomo aqui um ponto que deve ser considerado: o fato de que esses professores que lecionavam em cursinho pré-vestibular ou na Educação Básica eram, em parte significativa, profissionais em formação em outras áreas. Tanto Elias Pinho quanto Marcelo Déda, por exemplo, cursavam Direito na UFS, e os movimentos universitários foram fortemente impactados pela repressão militar.

Ambos os relatos permitem a percepção de como a ditadura interferiu nas performances docentes e pessoais dos entrevistados; no caso do professor Elias Pinho, preso político, a prisão impactou diretamente em sua forma de atuar, e o próprio professor relata que ficou mais cauteloso ao abordar determinados assuntos com receio de estar sujeito a um novo momento de cárcere. No caso do professor Wellington Menezes, mesmo não estando mais envolvido em movimentos políticos na ocasião da prisão do professor Elias Pinho, o fato de ter sentido a proximidade da sombra do Exército o colocou em uma situação de compaixão por aqueles que sofreram com algum tipo de cerceamento de sua liberdade.

Isso implica dizer que a ditadura militar impactou na atuação docente também na Educação Básica, e os depoimentos trazidos, convergentes com a historiografia educacional, ilustram esse fato. Lourenço (2010), ao analisar as memórias de docentes da escola pública paulista durante o período ditatorial no Brasil, apresenta, dentre outros aspectos, de que forma essas memórias são percebidas entre os entrevistados e como essas distintas percepções resultam em aceitação ou em resistência.

A Educação Básica não ficou imune tanto às mudanças legais quanto à vigilância do período, sobretudo porque as escolas eram espaços de formação do civismo, e os professores responsáveis por ministrar os conteúdos de disciplinas como Educação Moral e Cívica ou Estudos Sociais, por exemplo, muitas vezes eram estudantes universitários ou possuíam

---

<sup>73</sup> Marcelo Déda Chagas (1960-2013) foi um político e intelectual sergipano que desempenhou mandatos como deputado federal, prefeito de Aracaju e governador de Sergipe.

formação universitária em Direito, História ou Geografia, e isso promovia, conseqüentemente, a aproximação entre universidade e escola.

Aceitação e resistência (LOURENÇO, 2010) também estão presentes nas falas do professor Wellington Menezes, que destaca em distintas ocasiões que, mesmo participando dos movimentos, nunca foi esquerdista, nunca esteve ligado à esquerda, e, nas memórias do professor Elias Pinho, que demonstra sua ojeriza ao *modus operandi* ditatorial, “seja ele de direita ou de esquerda”, ao mencionar o que chama de seu sequestro, uma vez que foi preso sem processo contra ele.

As memórias trazidas por esses professores que fundaram o cursinho pré-vestibular de maior projeção a partir da segunda metade dos anos 1970, o Curso Visão, estão impregnadas de um saudosismo que evoca um passado melhor que o presente. É o “estudante de hoje que não é mais como o de antigamente”, “hoje os estudantes não leem”, “antes o estudante respeitava”, “se marcássemos às 7h, estariam todos lá e não faltava ninguém”. Essa dimensão utópica do passado pode se configurar em uma armadilha para a pesquisa. Entre o que é selecionado para ser lembrado e o que cai no esquecimento, há, certamente, um abismo.

Durante a pesquisa sobre o vestibular nos jornais, chama atenção a presença dos anúncios de cursinhos pré-vestibulares específicos de maneira recorrente. Por esse motivo, e por ter a representação da *estudante* como referência para esta tese, um dos objetivos específicos desta pesquisa é o conhecimento acerca de aspectos da preparação de vestibulandos. Uma vez que a estudante, personagem desta pesquisa que evoca desdobramentos históricos a partir de sua análise iconográfica, é uma vestibulanda que vislumbra o potencial do Ensino Superior e representa todo um universo de candidatos à universidade, conhecer as condições que contribuem para esse acesso torna-se uma opção historiográfica coerente.

Para que isso fosse possível, a partir dos anúncios citados, foram definidos os cursinhos estudados e os docentes entrevistados. As informações colhidas a partir das entrevistas realizadas transformam a existência desse grupo em marco histórico e exigiram cientificidade na condução metodológica das análises. Porém, são de suma relevância para que seja historiografada a rotina de preparo dos vestibulandos, uma vez que o acesso a fontes documentais sobre os cursinhos é restrito.

No caso dessas instituições escolares, vale rememorar que, por não serem oficiais, seus documentos estão relacionados muito mais à esfera empresarial do que à pedagógica. A cultura escolar dos cursinhos produziu um acervo documental distinto do da escola convencional, cuja produção cotidiana atende a parâmetros legais e de fiscalização específicos.

Outro fator a se destacar é o de docentes que não se disponibilizaram para serem entrevistados, por isso resultando em um pequeno universo de entrevistados. Porém, a partir das histórias contadas pelos professores, sobretudo aquelas que não alteram o objetivo deste capítulo, pode-se perceber por que determinados docentes optam por não recordar o período. Outra questão a se considerar é que aquele era um grupo de professores bastante jovem que estava em formação universitária e que findou por não seguir a carreira docente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese, que tem por objeto o acesso à UFS por meio do vestibular, foi concebida em atenção ao seu objetivo geral, que cabe aqui rememorar: analisar histórias do acesso à UFS (1970-1980) a partir das questões suscitadas pela narrativa visual “A estudante”, por meio da apreciação de publicações sobre os vestibulares da UFS na mídia impressa sergipana.

“A estudante”, por se tratar de uma cena entre as sete que compõem o painel *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, pintado por Jenner Augusto, constitui-se em um recorte narrativo e provocador de uma cadeia de interpretações de seu potencial comunicacional. Dessa forma, a semiótica peirciana (PEIRCE, 2015) foi adotada como categoria de análise e meio para se conhecer a história. A defesa é a de que a *estudante* é a representação pictórica de uma vestibulanda – personagem central da questão do acesso ao Ensino Superior –, e sua presença na narrativa visual de Jenner Augusto significa que o painel concebe a UFS em seu sentido universal (ensino, pesquisa e extensão) ao considerar o vestibular como parte original do ciclo acadêmico.

Essa compreensão se fortalece no decorrer da pesquisa, quando o processo de leitura e análise da imagem produzida por Jenner Augusto proporciona o entendimento de que a *estudante* representa a transição entre etapas educacionais – da Educação Básica para a Educação Superior –, percepção essa construída a partir do estabelecimento dos diálogos internos (entre as cenas do painel) e externos (entre o painel e as outras fontes). A semiose provocada a partir da análise de “A estudante” desencadeou uma série de histórias acerca dos vestibulares sergipanos. Esta tese traz parte delas ao proporcionar um diálogo entre Arte, História e Educação.

Destarte, ao produzir o painel *Instrução, Cultura, Ciência e Arte*, Jenner Augusto trabalhou elementos da UFS em paralelo com elementos representativos da história, cultura, sociedade e economia sergipanas. Percebe-se, ao ler o painel de maneira geral, que um de seus significados está relacionado à associação do crescimento da UFS com o crescimento de Sergipe nos campos citados. A partir desse entendimento, conclui-se que Jenner Augusto considerava a importância da UFS para o desenvolvimento deste estado. Além das percepções do pintor sobre a relevância social da UFS, a sua relação com o Reitor José Aloísio de Campos contribuiu para que o painel apresentasse a narrativa pela qual é conhecido. Essas concepções foram embasadas pelas categorias de intelectual (BOURDIEU, 1996) e de representação (CHARTIER, 1991).

Ao partir da hipótese de que, na década de 1970, a cobertura da mobilização em torno da “Guerra dos Cinco Dias”, como era chamado o vestibular da UFS pelos jornais impressos de Sergipe, produziu um volume de informações que possibilita mensurar historicamente a expectativa gerada pelo concurso, este estudo buscou dimensionar a repercussão do vestibular da UFS a partir da cobertura realizada pelos jornais sergipanos.

A CCCV, durante todo o processo de realização do vestibular, contava com o apoio dos meios de comunicação sergipanos, e isso gerou o acervo que possibilitou esta pesquisa. Sobretudo nos jornais, principal fonte utilizada para compor esta tese, a quantidade de registros sobre o vestibular é inestimável. A cobertura jornalística variava de acordo com a necessidade da informação do período e com o posicionamento político do jornal. Os jornais certamente eram a maior ferramenta de aproximação da UFS com a população. Todo o processo de crescimento da UFS nos anos 1970, por exemplo, está debatido, exposto nos jornais. A construção da UFS, a qualidade do ensino, a política interna, os vestibulares eram assuntos debatidos quase que cotidianamente, e essa recorrência contribuiu sobremaneira para a forja da representação social sobre a UFS.

Por considerar seus leitores, os jornais abordavam o vestibular geralmente de maneira simples e objetiva, adotando muitas vezes escritas informais e discurso direto. Eram pontuais nas informações, destrinchando a complexidade de editais e legislações em notas contendo as informações necessárias aos vestibulandos e agentes envolvidos no processo.

Nesse sentido, o *Gazeta de Sergipe* e o *Jornal da Cidade* constituíram-se em relevantes espaços de registros não somente dos dias de realização de provas, como também de toda a logística pensada durante o ano antecedente para que o concurso acontecesse. A imprensa constituiu-se, legalmente, como a mediadora das informações a respeito do tema entre a UFS e o grande público. Por meio da leitura dos jornais usados como fontes para esta pesquisa, conclui-se que, além da busca dos vestibulandos por informações sobre as provas, os leitores em geral viam nos jornais a possibilidade de conhecer o processo em sua amplitude por inúmeros motivos – que variam desde a necessidade à simples curiosidade. Remete-se, portanto, à conclusão exposta nas páginas 144 e 145 desta tese: pode-se concluir, dessa forma, que os jornais analisados contribuíram sobremaneira para a elaboração da representação do vestibular como um concurso difícil, que exigia determinado nível intelectual de seus tentantes, que não estava ao alcance de todos, por isso injusto e excludente. A antítese é que a percepção que corre em paralelo é a de que ser aprovado no vestibular representava aquisição de qualificação profissional e, conseqüentemente, de ascensão econômica individual, além de

outras sensações provocadas pelas leituras realizadas pelos envolvidos direta ou indiretamente com o processo, elaboradas de forma subjetiva e pessoal.

A abordagem da materialidade objetivou proporcionar ao leitor desta tese uma composição imagética que contribuísse para a percepção dos vestibulares da UFS. A conclusão a partir da visualização dos cadernos de normas gerais e programas e dos cadernos de provas dos vestibulares é a de que o vestibular, ao longo dos anos, cresceu tanto no sentido numérico em relação ao número de inscrições, aumento de vagas e custo para sua realização quanto no sentido de profissionalização de sua organização, que deixa de ser interna e em 1975 passa a ser realizada em convênio com a Fundação Carlos Chagas. Esse crescimento foi decisivamente marcado pelas determinações legais que sucederam após a Reforma Universitária de 1968 e acompanhou os desdobramentos ocorridos em outros lugares e espaços educacionais do país, sendo da mesma forma insuficiente diante da procura pelo Ensino Superior.

De fato, a *estudante* nos guiou pelo caminho da Guerra dos Cinco Dias, muitas vezes abrindo espaço para que este trajeto fosse percorrido sob sua observação distante, mas ainda assim presente, pois tudo era relativo a ela, uma vez que é interpretada por esta tese como a representação do universo de vestibulandos que se submetiam anualmente a um processo de seleção deveras complexo, que, ao mesmo tempo que escolhe, exclui em proporção muito maior. Os excluídos ou excedentes, estudantes que se classificavam, mas não conseguiam acessar o número de vagas, foram objeto de constantes discussões sobre o acesso ao Ensino Superior e provocaram, além da crescente necessidade advinda dos desdobramentos da concepção desenvolvimentista, o aumento da oferta de vagas durante os anos 1970. Porém, é preciso ressaltar que, embora houvesse crescimento, este estava muito aquém do necessário, e, no caso da UFS, o último vestibular analisado, 1979, aprovou pouco mais de 1.000 dentre os aproximadamente 6.000 inscritos, ou seja, as vagas não cresceram em proporção à procura.

A década de 1970 é também um período de importantes transformações para a UFS e, conseqüentemente, para seus vestibulares. Em 1970, a UFS organizou seu primeiro vestibular unificado em nível estadual; em 1971, o primeiro nacional, conforme previsto na Reforma Universitária de 1968. Até 1974 as provas do vestibular da UFS foram elaboradas por docentes da própria UFS, e, a partir de 1975, após contrato firmado com a FCC, a UFS passou a se responsabilizar pela logística, correção das provas e divulgação de resultados.

Os vestibulares da UFS impactavam consideravelmente o cotidiano de Aracaju. Mexiam com as rotinas de trânsito, comércio, hotelaria, alimentação, os mais diversos setores. Com a educação não seria diferente, e, ao observarem o crescimento da oferta de vagas e das exigências do mercado por trabalhadores diplomados, grupos de professores e estudantes viram nos cursos

preparatórios a oportunidade de crescimento profissional/financeiro. Destarte, nos anos 1970, em Sergipe, surgem cursinhos pré-vestibulares mais estruturados, que se tornam fenômenos na preparação dos vestibulandos sergipanos.

Para conhecer a história desses cursinhos, foi necessário adotar os métodos da História Oral e embasar as análises em Alberti (2003) e Mannheim (1982). Nesse sentido, a partir da publicidade de cursinhos veiculada nos jornais, foram localizados professores que poderiam contribuir com esta pesquisa. Algumas informações trazidas nas memórias dos professores careciam de comprovação, e houve uma grande dificuldade em se estabelecer um confronto de fontes, uma vez que a documentação produzida pelos cursinhos está situada muito mais no campo empresarial do que no pedagógico. Cabe reforçar que os cursinhos pré-vestibulares não se constituíam em instituições oficiais de ensino, por isso seus acervos eram diferenciados. Ao mesmo tempo, nenhum dos entrevistados possuía materiais do período abrangido por esta tese, mas todos convergiram com histórias muito similares sobre o período em que atuaram na vanguarda da oferta do ensino preparatório para o vestibular em Sergipe.

Embora todos os entrevistados destaquem aquilo que consideram inovações, tanto dos professores pioneiros quanto dos próprios pares ou instituições também por eles fundadas, essas inovações surgem também com a finalidade de se elaborar uma memória monumento. Isso se manifesta em relação, por exemplo, à capacidade daqueles jovens estudantes de mobilizarem materiais ou práticas que consideraram naquele momento diferentes e, por conta disso, atrativas, o que fez com que os cursos ganhassem uma grande projeção social no campo educacional; percebe-se também que, ao fazerem isso, eles estão reafirmando as suas importâncias enquanto agentes desse processo.

De fato, esses professores são inovadores. Os resultados dos vestibulares dizem isso. A repercussão social certifica. Mas é importante trabalhar cientificamente essas informações. A construção de uma memória monumento, sobretudo em relação à existência e atuação de determinados grupos, serve para que determinados grupos sejam entendidos pela história como mais representativos do que outros, atribuindo, portanto, status diferenciados nessa hierarquia de importância na formação/consolidação de determinados campos. Nesse sentido, esta tese apresentou esta narrativa, mas sem a intenção de esgotá-la, ressaltando o impacto da atuação dos professores de cursinhos pré-vestibulares nos anos 1970 e os considera como vanguarda pela visão empresarial no campo educacional e também por terem percebido o quanto o crescimento da UFS e a expansão do Ensino Superior abriam espaço para a oferta desse serviço educacional.

Aquele grupo composto por licenciados e bacharéis, a princípio em formação, mas que já vinham atuando desde cedo no exercício docente, soube agregar à sua visão empreendedora práticas experimentadas em seus contatos com os professores pioneiros e dar início a um período de fôlego e de reconhecimento do papel fundamental dos cursinhos na aprovação de sucessivas levas de vestibulandos entre os anos de 1980 e 2010.

Por fim, esta pesquisa, que ora se encerra, pretende contribuir, para além de alimentar o campo da História da Educação, com novas formas de abordagem de objetos de pesquisa em que diálogos entre grandes áreas sejam estabelecidos com a finalidade de que outros olhares e perspectivas sejam adicionados a diferentes objetos.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.
- ANTONIOLLI, Ângelo Roberto. O mundo não anda para trás: aspectos da criação e dos avanços da Universidade Federal de Sergipe. **Revista do IGHS**, v. 2, n. 48, p. 193-201, 2018.
- AUGUSTO, Jenner. **Painel do Hall da Reitoria da Universidade Federal de Sergipe**. Salvador-BA, 1980.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- BACCHETTO, João Galvão. **Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000): a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2003.
- BARRETO, Dilson. **A Construção do Desenvolvimento de Sergipe e o Papel do Condese (1964-1982)**. Aracaju: Edise, 2014.
- BARROSO, Carmen Lúcia de M.; MELLO, Guiomar Namó de. O acesso da mulher ao Ensino Superior brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 15, p. 47-77, dez. 1975.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. The Forms of capital. *In*: RICHARDSON, J. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Westport, CT: Greenwood, 1986. p. 241-258.  
Disponível em:  
<https://www.socialcapitalgateway.org/sites/socialcapitalgateway.org/files/data/paper/2016/10/18/rbasicsbourdieu1986-theformsofcapital.pdf>. Acesso em: 1º maio 2021.
- \_\_\_\_\_. **As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_; DARBEL, Alain. **O amor pela Arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- \_\_\_\_\_; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BRASIL. **Seminários Vestibular Hoje: Coletânea de Textos**. Ministério da Educação: Secretaria da Educação Superior. Brasília, 1987. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002235.pdf>. Acesso em: 1º mar. 2021.
- BRETAS, Silvana Aparecida. **A criação da Universidade Federal de Sergipe: História, política e formação da comunidade acadêmica (1950-1970)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

BRITTO, Mário; FERNANDES, Zeca. **Jenner Augusto**: vida e obra. Aracaju-SE: Sociedade Semear, 2011.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza; FREIRE, Eliane Oliveira de Lima. O Jornal Gazeta de Sergipe - Uma contribuição a História da Mídia. *In*: **VI Congresso Nacional de História da Mídia**. Niterói: 200 anos de mídia no Brasil - Historiografias e Tendências, 2008.

CARVALHO, Aloysio. Geisel, Figueiredo e a liberalização do Regime Autoritário (1974-1985). **Dados** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 115-147, 2005.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação. *In*: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS; Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em revista**. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 5-10.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CHERVEL, André. Historia de las disciplinas escolares. Reflexiones sobre un campo de investigación. **Revista de Educación**, n. 295, p. 59-111, 1991.

CONCEIÇÃO, Claudileuza Oliveira da. **A Escola de Química de Sergipe**: o processo de formação de um campo profissional (1948-1967). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UFS, São Cristóvão, 2010.

CONCEIÇÃO, Sobral de Carvalho; ROCHA, Rosina Fonseca (Coords.). **Álbum Horácio Hora**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2004.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ECO, Umberto. **A definição de Arte**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

ELIAS, Norbert. **A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Evolução do ensino superior**: 1980-1998. Brasília: O Instituto, 1999. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/censo/1998/superior/evolucao\\_1980-1998.pdf](https://download.inep.gov.br/download/censo/1998/superior/evolucao_1980-1998.pdf). Acesso em: 21 dez. 2020.

FRANCO, Maria Aparecida Ciavatta. Acesso à universidade: uma questão política e um problema metodológico. **Educação e Seleção**, n. 12, p. 9-26, 1985.

FREITAS, Renan Springer de. O oficial e o institucional: os cursinhos no sistema de ensino. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 65, n. 151, p. 552-575, 1984.

GATTI, Bernadete A. Vestibular e ensino superior nos anos 70 e 80. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 80, p. 87-90, 1992. Disponível em:  
<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/323.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2021.

GROBA, Tiago Santos. **“Um lugar ao sol”**: Caderno da Bahia e a virada modernista baiana. 1948-1951. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, 2012.

JESUS, Danilo Mota de. **Uma história da Odontologia em Sergipe**: do ensino à estruturação do “campo” (1925-1975). 2018. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa, 1994.

LELIS, Isabel Alice O. M. Evolução histórico-legal do vestibular (1968 a 1983): do “Milagre” à Recessão. **Educação e Seleção**, n. 12, p. 27-46, 2013.

MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. **Entre fatos e relatos**: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991). 2016. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MANNHEIM, Karl. The Problem of Generations. *In*: KECSKEMETI, Paul (Ed.). **Essays on the Sociology of Knowledge**. London: Routledge and Kegan Paul, 1952. p. 276-320.

MING, André. Objeto ou referente dos signos estéticos: reflexões e discussões a partir da lógica de C. S. Peirce. **Estudos semióticos**, v. 13, n. 1, p. 89-99, 2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana**: uma crítica aos estudos de História da Educação. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/PPGED, 2003.

NEIVA JR., Eduardo. Imagem, História e Semiótica. *In*: **Anais do Museu Paulista**. 1993. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/HW3J3xtyj4kYFmJ3xGpwThM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2021.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados**: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954). Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

\_\_\_\_\_. **Disciplinas, docentes e conteúdos**: itinerários da história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962). Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2011.

OLIVEIRA, Nayara Alves de. **A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971):** origens e contribuições. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2011.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Revista Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informação>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. Apresentação. *In*: OLIVA, Terezinha Alves de; CABRAL, Otávio Luiz; SOARES, Rosane Bezerra. **Uma história em cartaz FASC**. Festival de Arte de São Cristóvão/SE. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

PEIRCE, Charles Senders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

\_\_\_\_\_. **Jenner: A Arte Moderna na Bahia**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Civilização Brasileira, 1974.

RIBEIRO NETO, Adolpho. O Vestibular ao longo tempo: implicações e implicâncias. *In*: **Anais do Seminário Vestibular Hoje**. Brasília: MEC/SESU/CAPES, 1987.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

SANTANA, Cléber de Oliveira. **O que a cegueira do tempo fez desaparecer: Fotografia e História da UFS (1968 – 1998)**. Monografia (Curso de História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2000.

SANTOS, Mislene Vieira dos. **Da ditadura à democracia: o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC) e a política cultural sergipana (1972-1995)**. 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

SANTOS, Patrícia Francisca de Matos. **José Aloísio de Campos: trajetória e representações sobre o seu reitorado na Universidade Federal de Sergipe**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SEVERO, Márjorie Garrido. A memória da formação de professores de Artes Visuais na Universidade Federal de Sergipe e os debates sobre a Base Nacional Comum Curricular. *In*: **8º Encontro Internacional de Formação de Professores e 9º Fórum Permanente de Inovação Educacional**. 2017. Disponível em: <https://45.65.201.106/index.php/enfope/article/view/5288/1823>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SILVA, José Calazans Brandão da. Discurso. **Revista do IHGS**, p. 57, 1965.

SOUZA, Josefa Eliana. **História e Memória**: Universidade Federal de Sergipe (1968-2012). São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

TAUNAY, Afonso E. **A missão artística de 1816**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

## **Jornais**

**A Cruzada**, Aracaju, 8 de janeiro de 1951.

**A Cruzada**, Aracaju, 4 de janeiro de 1952.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 29 de setembro de 1966.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 9 de janeiro de 1968.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 21 de janeiro de 1968.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 12 de julho de 1968.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 7 de dezembro de 1968.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 4 de janeiro de 1970.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 25 de janeiro de 1970.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 27 de janeiro de 1970.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 29 de janeiro de 1970.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 30 de janeiro de 1970.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 3 de fevereiro de 1970.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 4 de fevereiro de 1970.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 8 de janeiro de 1971.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 9 de janeiro de 1971.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 12 de janeiro de 1971.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 16 de janeiro de 1971.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 17 e 18 de janeiro de 1971.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 20 de janeiro de 1971.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 1 de janeiro de 1972.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 1 de janeiro de 1972.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 11 de janeiro de 1972.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 16 e 17 de janeiro de 1972.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 22 de dezembro de 1972.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 29 de dezembro de 1972.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 3 de janeiro de 1973.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 3 de janeiro de 1973.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 5 de janeiro de 1973.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 7 de janeiro de 1973.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 8 de janeiro de 1973.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 de janeiro de 1973.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 9 de janeiro de 1973.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 10 de janeiro de 1973.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 10 de janeiro de 1973.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 12 de janeiro de 1973.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 13 de janeiro de 1973.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 14 de janeiro de 1973.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 3 de janeiro de 1974.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 4 de janeiro de 1974.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 7 de janeiro de 1974.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 6 e 7 de janeiro de 1974.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 8 de janeiro de 1974.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 de janeiro de 1974.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 3 de janeiro de 1975.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 3 de janeiro de 1975.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 7 de janeiro de 1975.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 de janeiro de 1975.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 9 de janeiro de 1975.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 10 de janeiro de 1975.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 14 de janeiro de 1975.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 7 de janeiro de 1976.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 de janeiro de 1976.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 9 de janeiro de 1976.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 9 de janeiro de 1976.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 14 de janeiro de 1976.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 18 e 19 de janeiro de 1976.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 22 de janeiro de 1976.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 22 de janeiro de 1976.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 11 de fevereiro de 1976.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 9 e 10 de janeiro de 1977.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 12 de janeiro de 1977.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 11 de janeiro de 1977.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 14 de janeiro de 1977.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 15 de janeiro de 1977.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 4 de janeiro de 1978.

**Jornal da Cidade**, Aracaju, 7 de janeiro de 1978.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 7 de janeiro de 1978.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 13 de janeiro de 1978.

**Jornal de Sergipe**, Aracaju, 21 de janeiro de 1978.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 24 de janeiro de 1978.

**Jornal de Sergipe**, Aracaju, 21 de abril de 1978.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 6 de janeiro de 1979.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 8 de janeiro de 1979.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 9 de janeiro de 1979.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 10 de janeiro de 1979.

**Jornal de Sergipe**, 6 de janeiro de 1980.

**Jornal de Sergipe**, 8 de janeiro de 1980.

**Jornal de Sergipe**, 9 de janeiro de 1980.

**Jornal de Sergipe**, 11 de junho de 1980.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 6 de julho de 1980.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 6 de julho de 1980.

**Gazeta de Sergipe**. Aracaju, 25 de julho de 1980.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 7 de agosto de 1980.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 20 de dezembro de 1980.

**Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 26 de dezembro de 1980.

## **Documentos**

**Resolução nº 03/71 de 06 de outubro de 1971/CFE**. Brasília-DF, 1971 (cópia).

**Normas Gerais e Programas para o Concurso Vestibular UFS 1973**. CCCV/UFS: Aracaju, 1972.

**Normas Gerais e Programas para o Concurso Vestibular UFS 1974**. CCCV/UFS: Aracaju, 1973.

**Resolução nº 19 de 31 de julho de 1973/CFE**. Brasília-DF, 1973 (cópia).

**Cadernos de provas do vestibular UFS/1974**. Aracaju, 1974.

**Cadernos de provas do vestibular UFS/1977**. Aracaju, 1977.

**Cadernos de provas do vestibular UFS/1979.** Aracaju, 1979.

**Concurso Vestibular Unificado:** Instruções 1975. CCCV/UFS: Aracaju, 1974.

**Normas Gerais e Programas:** Concurso Vestibular UFS 1976. CCCV/UFS: Aracaju, 1975.

**Concurso Vestibular Unificado 1977:** Normas Gerais e Programas. CCCV/UFS: UFS, Aracaju, 1976.

**Normas Gerais e Roteiro de Estudos para o Concurso Vestibular de 1978.** CCCV/UFS: Aracaju, 1977.

**Manual do Candidato, 1979.** CCV/UFS: Aracaju, 1978.

**Manual do Candidato, 1980.** CCV/UFS: Aracaju, 1978.

**Contrato Celebrado entre a UFS e FCC para realização do Concurso Vestibular de 1979.** Aracaju, 1978.

**Manual de Inscrição para o Vestibular de 1977.** Aracaju, 1977.

**Ofício nº 156/78/PROGRAD/UFS.** Aracaju, 1978.

**Resolução nº 10/78/CEP/UFS.** Aracaju, 1978.

### **Leis, Decretos e Portarias**

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, da Reforma Universitária.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 68.508 de 13 de julho de 1971.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SERGIPE. **Portaria nº 111 de 27 de agosto de 1971.** Coleção “Gabinete do Vice-Reitor”. Arquivo Central da UFS. São Cristóvão-SE.

SERGIPE. **Resolução nº 983 de 06 de maio de 1874.** Compilação de Leis de Sergipe.

BRASIL. **Portaria nº 68.908 de 13 de julho de 1971.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 79.298 de 24 de fevereiro de 1977.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. **Portaria Ministerial do Ministério da Educação e Cultura nº 321 de 16 de maio de 1980.**

## Revistas

REVISTA ÉPOCA: mensário a serviço da Cultura e da Democracia. Aracaju-SE, 1948.

## Entrevistas

ALENCAR, Romualdo. **Entrevista concedida à autora.** Aracaju-SE, 27 de janeiro de 2022.

LACERDA, Paulo. **Entrevista concedida à autora.** Aracaju-SE, 15 de maio de 2022.

MENEZES, Wellington. **Entrevista concedida à autora.** Aracaju-SE, 3 de agosto de 2022.

MOREIRA, João Antonio. **Entrevista concedida à autora.** Aracaju-SE, 31 de maio de 2022.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Entrevista concedida à autora.** Aracaju-SE, 21 de agosto de 2020.

PINHO, Elias. **Entrevista concedida à autora.** Aracaju-SE, 1 de abril de 2022.

RIBEIRO, Eron. **Entrevista concedida à autora.** Aracaju-SE, 28 de novembro de 2020.

SANTOS, Edidelson. **Entrevista concedida à autora.** Aracaju-SE, 19 de março de 2022.